



Biblioteca da Câmara Municipal
de Barcelos, em nome da família do
Dr. Teotónio José de Fomeca
Cf.

José Teotónio de Azeredo Fomeca

O CONCELHO DE BARCELOS
AQUÉM E ALÉM-CÁVADO

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OPICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

TEOTÓNIO DA FONSECA

Da Associação dos Arqueólogos Portugueses

O CONCELHO DE BARCELOS AQUÉM E ALÉM-CÁVADO

I

AQUÉM-CÁVADO

RS. 2. 6:26



30. 11. 1948

BARCELOS

1 9 4 8

As monographias que se vão publicando acerca de diversas localidades do nosso paiz, constituem verdadeiramente os diversos capitulos da nossa historia. E só depois de se estudarem largamente nessas páginas soltas os usos, os costumes de cada terra, os factos alli occorridos, o modo como alli se manifestam as grandes convulsões que abalaram o solo da nossa pátria, só então é que se podem determinar as leis gerais que regulam a marcha dos acontecimentos, as que presidiram as grandes evoluções historicas, e as revoluções que perturbam o seu andamento regular. Fabricar theorias sem conhecer a multidão de pequenos factos de que se compõe um grande facto social, é transportar para o domínio da historia as phantasias de romance, é formular principios que a cada instante se encontram em aberta contradicção com a realidade.

M. PINHEIRO CHAGAS
Migalhas da Historia Portuqueza

SÓ EM BARCELOS HOUE ALARDO UM DIA
EM QUE O SOL PELOS CAMPOS DILATADOS
COM TERRÍVEL E FERA GALHARDIA
DEZASSETE MIL PEITOS VIU ARMADOS.

Manuel de Galegos — Poema Epitlamio —
oit. 81.

PREFÁCIO

BARCELOS AQUÉM E ALÉM-CAVADO, foi publicado em folhetins no hebdomadário local — «O Barcelense».

A primeira parte a ser publicada foi o Além-Cávado, que principiou em 1929, tendo terminado em 1933.

A segunda parte a ser publicada — Barcelos Aquém-Cávado — terminou em 6-9-1937, três dias antes do falecimento do Autor.

Resolvemos fazer esta publicação ao prefazer a 1.^a década de tão infaustosa data, apenas com as correções feitas nos folhetins pelo Autor.

Julgamos interpretar a vontade de nosso Pai, fazendo votos para que esta obra — apesar de se destinar a correr exclusivamente uma roda de amigos — seja a primeira pedra para um estudo desenvolvido desta terra, de que tanto gostou.

Deus queira que este livro sirva para reavivar e tornar eterna a saudade de Alguém que, sendo um apaixonado pela sua terra, foi também um exemplo de Amigo e de Pai.

Paços, 1947.

OS FILHOS



PRÓLOGO

I — ESBOÇO HISTÓRICO E SOCIAL

Não é fácil descrever na era pré-histórica este belo rincão por onde se estende o actual Concelho de Barcelos, nem tão pouco historiar o viver dos povos que o habitaram; as trevas do passado caem sobre a terra e encobrem essa quadra da vida do homem.

Os férteis campos de cores variegadas, os verdes prados bordados de árvores, onde se espalham as pujantes vides, que produzem o bom vinho de *enforcado*, as bouças e devesas, onde medram os carvalhos, os pinheiros, os sobreiros e os eucaliptos que cercam os vales amenos e formam nas encostas dos montes e outeiros o fundo escuro desses tão belos quadros campesinos, não existiam então.

Nesses lugares, alindados pela mão do homem em séculos sucessivos, havia apenas outeiros e montes escalvados, campinas e charnecas de ervagem silvestre, rasgadas por profundos sulcos que a acção desgastadora das águas abria, cercadas de intermináveis florestas de flora virgem, povoados de animais de fauna alguma já extinta ou emigrada.

A própria configuração do terreno alterou-se: onde hoje está uma elevação, seria talvez uma planície, algumas destas restos de lagos desaparecidos e os montes bailando mudaram do lugar em assombrosas convulsões subterrâneas.

O homem na escuridão da noite da história desce das árvores, surge das cavernas da terra e vai tímidamente construir a sua cabana em paliçadas nas margens dos lagos, ou nas eminências das serras para mais facilmente resistir ao ataque dos animais ferozes e dos outros homens seus semelhantes, tão ferozes como aqueles. « Homo homini lupus est ».

Devemos, porém, admitir que é este já o primeiro passo, ainda que vacilante, no caminho da civilização.

A existência do povo que primitivamente habitou esta parte da península pertence ao domínio da geologia.

No alvorecer da história vem da Ásia central um povo estabelecer-se aqui: são os *Iberos*, que dão o nome à península (1).

Mais tarde, navegadores *fenícios*, no seu espírito aventureiro e comercial, chegam às costas da península ibérica, a que dão o nome de « Span », banhadas pelo Mediterrâneo, transpõem em seguida as Colunas de Hércules e estabelecem as suas colónias junto das tribos semi-selvagens dos iberos das costas do Atlântico.

Na população piscatória da Póvoa de Varzim, quer alguém ver a continuação do elemento — *semito-fenício*.

Não foram os Fenícios opressores e conquistadores: estabeleceram-se principalmente no litoral e margens dos rios ao lado dos seus habitantes, entabulando com eles

(1) Era conhecida antes pelo nome de « Ophiusa ».

relações comerciais e iniciando-os na sua civilização rudimentar.

Este trabalho civilizador é, porém, interrompido por um desses cataclismos de subversão de nações ou sociedades que a história regista de tempos a tempos. Pelos desfiladeiros dos Pirineus passam as hordas dos *Celtas* em duas invasões sucessivas, espalhando-se pelo território ibérico, fixam-se neste e, misturando-se com os seus habitantes, formam a raça « celtibera ».

Os celtas, como os iberos, eram povos sem coesão política, vivendo em tribos independentes, não conseguindo constituir um estado forte e poderoso; eram pastores e agricultores que se regiam por leis e costumes próprios ou adquiridos nas colónias dos povos mais civilizados (os fenícios e depois os gregos) seus vizinhos.

Da passagem dos celtas pela península encontram-se muitos vestígios e não faltam eles também nesta pequena facha de território que nos propusemos estudar.

Os *Gregos*, seguindo a esteira das naus fenícias, aportaram à península hispânica e estabeleceram aí as suas colónias.

Ao longo das costas banhadas pelo oceano, nas margens dos rios que neste desaguam, escolhem pontos de apoio para o seu comércio.

Os nomes de algumas povoações e algumas palavras da nossa língua vão buscar sua origem à que falava este povo culto.

Os *Cartagineses*, iniciando, como os fenícios e os gregos, as suas relações comerciais com os povos da península, acabaram por os subjugar pela força das suas armas.

Da generosidade dos vencedores nasce porém o amor e a simpatia dos vencidos, o que tornou a *conquista romana*, que se lhe segue, difícil e demorada.

Dentre os povos da península foram os lusitanos (1) os que maior resistência ofereceram a esta conquista.

A península hispânica transforma-se então no teatro onde se representam os dramas heróicos das guerras e até das lutas civis romanas e só foi completamente subjugada por este grande povo depois das vitórias de César Augusto.

A civilização dos vencedores absorve então a dos povos submetidos, apagando por completo, física e moralmente, o tipo ibero — celta — púnico, fora dos recessos onde ele se isolou.

Não houve província do Império que tão completamente se *romanizasse*: religião, leis, costumes e língua, a tudo se adaptaram os seus antigos habitantes e no seu espírito tão radicada ficou essa transformação que, não obstante os factos históricos que posteriormente se deram, chegou até nós *renascida* a sua influência benéfica.

Abatidas as águias imperiais pela onda avassaladora dos bárbaros do norte, esta nossa linda terra barcelense sofre os efeitos destruidores daquela invasão.

Os *Vândalos* ocupam a Galiza, que se estendia até ao norte do Douro, da qual foram expulsos pelos *Suevos* no século v da era cristã.

Este povo escolheu Braga para capital do seu novo reino e o concelho de Barcelos caiu sob o seu domínio. Nas lutas dos suevos com os *Godos*, foram aqueles suplantados por estes, firmando-se desta maneira o seu domínio nesta parte da península em 415 da era cristã.

(1) A Lusitânia, segundo Estrabão, era atravessada pelos rios Mondego, Vouga, Douro, Lima e Minho.

Segundo Plínio, o norte do Douro pertencia à província Tarraconense, onde os romanos tinham um Convento Jurídico em Braga. Mais tarde Caracala isola da Tarraconense a Callaecia e a Astúria.

Poucos vestígios nos deixaram os godos aqui, a não ser algumas moedas e a influência na derivação de nomes próprios de povoações e de pessoas.

Aberta a porta de Ceuta, vencido o rei godo Rodrigo nas margens do Crisus, espalham-se os *Árabes*, vindos de África, por todo o território da península, excepto uma pequena extensão de montanhas nas Astúrias.

No seu primeiro ímpeto conquistador destroem e depredam as terras por onde passam; estabelecidos nelas, porém, tornam-se tolerantes e civilizadores.

Choram e lamentam os velhos cronistas da Espanha o furor e atrocidade dessa invasão; não parece, porém, à luz da história, que fosse tão latismável a sorte da península.

O rigor e revindicta dos invasores foi para os que opuseram resistência; para o povo pacífico usaram de toda a tolerância e brandura, continuando este a viver nas suas terras, regendo-se em grande parte por suas leis e costumes, formando assim o elemento moçárabe que tanta influência teve mais tarde nas nações neo-góticas.

Da passagem dos árabes por este concelho encontram os estudiosos e eruditos, na sua linguagem, costumes e inventos, abundante material para as suas investigações e o povo rude e ignorante a causa inspirativa das lendas, dos tesouros escondidos e das mouras encantadas.

De curta duração foi nesta parte da península o domínio deste povo.

Dos recessos dos pináculos das Astúrias, onde se tinham refugiado, desce um punhado de godos que pacientemente dá princípio à reconquista das terras perdidas.

Em breve todo o território ao norte do Douro é tirado aos moiros pelos godos, não dando tempo, pelo curto domínio daqueles, à transfusão do sangue semita na raça romana-goda predominante.

Desde o Douro ao Lima estende-se então a Terra da Maia, a qual mais tarde encurta os seus limites ao rio Ave.

No reino de Leão borbulha o Condado Portucalense para mais tarde se desmembrar daquele e formar o Reino de Portugal.

*

*

*

É bem agitado nos primeiros tempos da nacionalidade o viver dos portugueses; as guerras da reconquista e as lutas fratricidas entre os reinos cristãos roubam braços à lavoura e conservam a indústria em um estado rudimentar.

Àquelas causas acrescem ainda as lutas civis entre D. Afonso Henriques e sua mãe, e os combates e inimizades entre os barões poderosos e nobres famílias divididas por ódios e invejas.

D. Afonso Henriques rompe a luta nas desavenças com sua mãe, tomando os castelos de Neiva e Faria; foi em terras que constituem hoje o concelho de Barcelos que se soltou o primeiro grito da independência da pátria!

Posteriormente dão-se aqui, ainda que poucas, algumas batalhas e recontros: em 1220 fere-se nos campos da Várzea uma luta entre portugueses e leoneses; em 1373 dá-se o recontro entre castelhanos e portugueses, que teve seu epílogo no feito heróico do alcaide do castelo de Faria e, por fim, na segunda invasão francesa, esboçam-se aqui e acolá várias escaramuças com o inimigo.

Ao fundar-se a monarquia portuguesa, as terras entre Douro e Minho formavam uma grande comarca, que mais tarde no tempo de D. Manuel I, tomou o nome de província; é aqui que bem cedo se formou, como adiante veremos, o Concelho de Barcelos.

*

*

*

Em toda a parte e em todos os tempos encontramos os povos divididos em classes sociais, desde o escravo, desde o servo até ao homem livre, até ao cidadão no gozo pleno dos seus direitos, desde o oprimido até ao opressor.

A escravidão humana nasceu com a ideia de propriedade e permaneceu entre os povos, mesmo os que se diziam civilizados, quase até nossos dias.

O homem apropria-se da terra para satisfação das suas necessidades e, para a consecução desse fim, lança mão dos seus meios: domestica os animais que o podem ajudar e escraviza o homem seu semelhante para o transformar em máquina produtora e auxiliadora.

O escravo desce na escala social até ao último degrau: é comparado a um animal inferior e em algumas nações é até considerado como coisa.

Os primitivos habitantes desta parte da península sacrificam aos deuses os seus escravos e, revolvendo-lhes as entranhas palpitantes, dão largas a supersticiosas crenças.

O escravo entre eles, como entre todos os povos bárbaros, vivia uma vida de miséria e ignomínia.

Com a vinda dos Fenícios, Gregos e Romanos, ainda que mais civilizados, não melhorou sensivelmente o seu estado.

O cristianismo, que não extinguiu a escravidão, mas até a adoptou, com as suas ideias de igualdade e fraternidade, suaviza-lhe contudo um pouco a sorte.

Em Portugal a escravidão manteve-se até ao reinado de D. José I, cabendo ao grande Marquês de Pombal a glória de outorgar a liberdade no continente a todos os homens.

*

*

*

Acima do escravo houve sempre várias classes sociais que poderemos reduzir a três: sacerdotal, guerreira (nobreza) e povo.

O homem, admirando a majestosa harmonia do universo, aterrorizado pelas forças da natureza, vê em tudo um poder oculto, cujas manifestações o maravilham ou o encham de medo, surgindo então no seu espírito a ideia de Deus, desde o politeísmo até ao monoteísmo.

Adopta cerimónias religiosas para aplacar as iras desse poder sobrenatural e torná-lo propício à vida da humanidade: inaugura-se o culto da divindade.

Por outro lado o homem sente em si uma força misteriosa que o eleva acima dos outros animais e o faz repelir a ideia do seu completo aniquilamento espiritual: aparece o culto dos mortos.

Aqueles dos mais instruídos ou dos mais astutos tornam-se os intermediários dos deuses com os seus semelhantes arrogando para si qualidades quase divinas: forma-se a classe sacerdotal.

Existiu esta classe entre todos os povos em qualquer grau de civilização em que os encontramos, desde o *drúida* dos iberos celtas, que sacrificavam as suas vítimas nos troncos das árvores e celebravam os seus misteriosos ritos nas espessas e sombrias florestas, para eles lugares sagrados, desde os *sacerdotes* dos gregos e romanos que adoravam nos altares dos seus templos múltiplas divindades, guardas vigilantes das suas leis e preceitos, até ao *iman* e *moádi* maometano e o *padre cristão*, inculcando aos crentes e fieis das mesquitas e igrejas a ideia de um só deus.

É esta uma das classes mais predominantes na sociedade de todos os povos.

Ao formar-se a nossa nacionalidade o clero disputava largas honrarias e benesses.

Os poderosos prelados, envergando com igual facilidade as vestes eclesiásticas e a armadura guerreira, foram muitas vezes os companheiros e cooperadores dos grandes feitos dos nossos primeiros reis, quando não eram os seus antagonistas e rivais.

Dos extensos senhorios de terras, dos inúmeros direitos e contribuições, tirava o clero fabulosos réditos.

Se é certo que lhe falta a importância política e dominadora doutrora, o padre impera ainda no espírito e na consciência do povo crente e ainda é grande a sua influência moral.

*

*

*

As lutas e guerras constantes entre várias tribos e nações são a causa do aparecimento de certos homens que pela sua força se impõem aos seus concidadãos.

Os fracos acolhem-se ao valimento e protecção dos fortes, tornando estes ainda mais poderosos, os quais, tomando o governo e direcção dos povos, fôrnam mais tarde a aristocracia ou nobreza.

No princípio da nossa nacionalidade os nobres combatem unidos com a realeza em campo igual os inimigos da pátria.

Com o rodar dos tempos, porém, tornam-se algumas vezes rivais desta realeza e tentam até suplantá-la.

O rei vê-se então na dura necessidade de, aliando-se com o povo, vibrar-lhes terríveis golpes.

As Inquirições dos reis da primeira dinastia, os actos impolíticos e anti-patrióticos dos nobres no tempo de

D. João I, os insucessos das suas lutas com D. João II, D. João IV e D. José I são algumas das muitas causas da sua decadência.

Ricas casas existiram e poderosos senhores viveram neste concelho de Barcelos.

Os senhores de Honras e Coutos, os senhores de casas, ainda que não *honradas*, importantes e ricas, algumas na sua soberba afrontando até o poder real, outras mantendo com firmeza os seus privilégios e regalias, são outros tantos testemunhos da existência desta classe nesta terra.

*

* *

Todos os que não pertenciam a estas duas classes formavam uma outra numerosa que era a do povo.

Foi este sempre o leão adormecido e espezinhado por todos. Se às vezes acordava e tinha os seus assomos de ira e indignação, bem depressa caía na apatia secular e continuava a ser o ludíbrio das outras classes superiores.

Pastor ou agricultor, operário ou comerciante, esteve e ainda está subdividido socialmente em classes, umas tocando as imediatamente superiores e outras descendo às inferiores, nivelando-se quase com os escravos.

Ainda hoje, depois de divulgação dos ideais modernos, o povo não tem uma vida igual e uniforme: há ricos, poderosos, pobres e humildes e parece que sempre assim há-de ser, ainda que pese a alguns sociólogos modernos, porque haverá sempre ambiciosos e apáticos e portanto opressores e oprimidos; as grandes revoluções não são mais que mudanças de situação.

*

* *

A região de que nos estamos ocupando é essencialmente agrícola e os seus habitantes empregam geralmente a sua actividade no solo.

A grande indústria, a não ser na sede do concelho, não existe; apenas pequenas fábricas businam a sua laboração e nelas se ocupam os seus proprietários e um reduzido número de operários.

Há em quase todas as freguesias artistas das quatro artes civis, cada mestre com dois ou três subordinados: o ferreiro que faz e conserta utensílios de lavoura, o tamanqueiro, o sapateiro, o alfaiate, que suprem as necessidades locais, etc.

Aparecem-nos aqui e acolá indústrias curiosas e típicas que não deixaremos de mencionar, tais como: o chapeleiro de chapéus de palha grosseira, o fuseiro que faz fusos para as mulheres fiarem, o vassoureiro que faz vassouras de giesta e codeço, o carvoeiro que faz carvão de madeira, o peneireiro que faz peneiros e crivos para limpar os cereais, o oleiro que fabrica a tão apreciada louça de Barcelos e que tão conhecida se tornou.

A população agrícola está dividida em várias classes: começaremos de baixo para cima.

Criados de servir — Justam-se com o amo geralmente por um ano, mediante certa retribuição em dinheiro (a seco) ou a dinheiro e algumas peças de roupa (os usos), e ajudam este nos seus trabalhos caseiros e de campo, vivendo com ele na mesma casa, quase como pessoa de família.

Jornaleiro — É o trabalhador assoldado aos dias, mediante uma retribuição a dinheiro (a seco), ou mediante esta e algumas refeições (a de comer), para fazer todos os trabalhos agrícolas.

Caseiro—É aquele que, não tendo terras suas que cheguem para sustentação de sua família, toma de arrendamento a dos outros (senhorio), mediante certa renda (pensão sabida), ou por metade dos cereais que as terras produzirem e geralmente terço do vinho (de meias).

Lavrador—É o pequeno proprietário que trabalha com a família, criados e jornaleiros, quando os tem, nas suas terras, das quais vive e se sustenta.

Os criados de servir são geralmente tirados dentre os filhos solteiros dos jornaleiros e dos caseiros.

Os jornaleiros são constituídos pelos filhos dos mesmos jornaleiros e dos caseiros que constituindo família não têm bens próprios para trabalharem neles nem dinheiro ou crédito para se estabelecerem como caseiros.

Ser caseiro demanda ter algum dinheiro ou crédito para se estabelecer e pessoas de família necessárias para cultivar a terra.

Com o dinheiro compram-se os móveis e apeirias de lavoura e a crédito, se não há dinheiro, toma-se o gado *a ganho* que é preciso para o trabalho.

O capitalista compra o gado na feira e entrega-o ao caseiro que o sustenta e se aproveita do seu trabalho, dividindo os lucros ao vendê-lo, bem como o valor das crias.

Nestes negócios é raro haver pleitos; quando há interesses divergentes resolvem-se sempre a bem.

Superiores a estas classes há o *Capitalista* e o *grande Proprietário* que nada produz, vivendo dos seus rendimentos.

Inferiormente no último degrau da escala social há finalmente o *Mendigo* que vive da caridade pública.

A propriedade neste concelho, como em todo o Minho, está muito dividida e fraccionada; os pobres têm geralmente a sua casinha, às vezes bem pequena e de tabuado,

e o seu eirado, onde plantam as couves para o seu magro caldo; o resto supre-o, quando são válidos, o estipêndio do seu árduo trabalho.

Os pais criam os filhos conforme podem e na velhice geralmente são sustentados por estes.

O habitante do campo passa uma vida trabalhosa e fatigante.

Desde o romper do dia até à noite moureja sempre, quer à torreira do sol nos dias quentes do estio, quer pelos frios enregelantes do rigoroso inverno.

Ao bruxulear da manhã, antes que os passarinhos cantem, deixa o seu modesto leito e lá vai para o trabalho que interrompe durante o dia apenas para tomar o seu parco alimento e no verão descansar a sesta do meio dia às duas da tarde.

Para ele ainda não há os três oitos do socialismo moderno!

Aligeira porém as horas da sua constante lide com conversas e cantares alegres; trabalhar cantando é a melhor suavização da pena a que foi condenado o homem.

Além disso o nosso lavrador tem certos serviços que são para ele verdadeiras festas.

Valha-lhes isso ao menos! Enumeremos alguns:

As segadas. A ceifa da erva para forragem e a do centeio e trigo é feita muitas vezes *de rogo* ⁽¹⁾ e algumas até em dias santificados. No fim canta-se e dança-se.

Sachadas de milho. O milho sachá-se duas vezes: *decrua* e *arrenda*. Quando o trabalho aperta, faz-se uma sachada *de rogo*; é o pretexto para exercitar as gargantas, cantando, e a língua, dizendo mal dos outros.

(1) De rogo é o serviço feito sem remuneração pecuniária, por favor. Os vizinhos acodem a ele com gosto, aceitando apenas comida e bebida.

Malhadas ou *malhas*. A malhada do centeio e trigo é serviço violento, feito em dias de muito sol e calor.

Os malhadores são escolhidos entre os homens mais possantes e robustos da vizinhança, os quais empregam a força que podem, puxando pelos malhos e manifestam sua alegria e satisfação dando afoitos uníssonos.

É esta uma festa abundante de iguarias e vinho. Enquanto jantam, as raparigas da casa vão esconder entre a palha da eira o *ramo*, que é um ramo de flores acompanhado de pão trigo, chouriço ou doce, destinado ao primeiro dos malhadores que o encontrar.

Espadeladas. O linho espadela-se desde Agosto, mês em que é feito, isto é, triturado nos engenhos, até os primeiros frios do inverno.

É serviço feito só por mulheres, às vezes de dia e outras de noite.

Estas aparecem com os seus melhores trajes e arrecadas de ouro; sentam-se umas a par das outras em filas e trabalham, dando com a espadela no *espadeladouro* onde segura as *manadas* (1) do linho.

Durante o serviço cantam em coro várias modinhas, entremeadas sempre com o S. João.

«O S. João bem cantado a todo o tempo tem vez», lá diz a cantiga.

Nestas ocasiões aparecem os *máscaras*, conversados (2) das espadeladeiras, vestidos estapafúrdiamente, com a cara

(1) *Mão cheia de linho, operação que se faz no dia antes da espadelada.*

(2) *É o mesmo que namorados.*

Na aldeia conversada, referindo-se à rapariga, toma-se em sentido muito diferente de namorada.

Namorada é a rapariga que já teve filhos ou perdeu a sua boa fama com um rapaz.

coberta, falando de falsete (1), intrigando e pedindo as nozes e as maçãs.

As *esfolhadas* ou *desfolhadas*. Quando se junta muito milho cortado para descamisar, faz-se uma esfolhada, geralmente de noite.

Um dos melhores divertimentos deste serviço é o aparecimento da espiga *rainha*, milho vermelho dando o direito ao felizão que a encontrar, de abraçar todos os circunstantes.

No fim da esfolhada dança-se, canta-se ao som de violas e harmónicos, havendo uma pequena refeição. Aparecem também alguns mascarados.

São feitas *de rogo* algumas vezes as podadas da vinha, as acarretadas de pedra e madeira, as vindimas e as arrancadas de linho.

Nas arrancadas de linho, em algumas freguesias, há um costume interessante.

Um rapaz e uma rapariga, diante de todos, antes de principiar o serviço, deitam-se em cima do linhar, abraçam-se e rolam por cima do linho; chama-se a isto: *talhar uma camisa*.

É sobretudo interessante como o povo das nossas aldeias celebra algumas das suas festas, conservando os seus costumes e usanças antigas.

Descreveremos algumas.

O Natal. É a festa consagrada à família. Na noite do dia 24 para 25 de Dezembro, os membros de cada família reúnem-se na casa paterna para solenizar o nascimento de Cristo com uma ceia, a qual geralmente consta de bacalhau cozido, algumas vezes polvo gui-

(1) *Esganiçando a voz*.

sado e de qualquer guloseima, como rabanadas, mexidos (1), etc.

Os que *estão a servir* vêm na tarde desse dia, às vezes de bem longe, de cesto à cabeça ou saca às costas com as *consoadas*, que seus amos lhes dão, para assistirem à festa da sua família.

Finda a ceia ou se abanca à lareira, onde arde um bom trepo de madeira, que se não deve apagar em toda a noite, pois a essa fogueira vem Nossa Senhora aquecer-se com o seu amado menino, ou se vai até à Igreja assistir à *missa do galo*, que é dita à meia noite.

E assim passam em festa três dias de férias que no seu constante mourejar tomam para si estes incansáveis trabalhadores do campo.

Nas vésperas do Ano Novo cantam-se as *janeiras* e no dia 5 de Janeiro *os reis*.

Em uma ou outra freguesia há as *reisadas*, representação do nascimento de Cristo, a que também chamam *bailes*, uns representados nos terreiros das casas dos lavradores, pagos por estes, a que acorre toda a vizinhança, outros em barracões de madeira com entradas pagas.

O *Entrudo* ou *Carnaval*. O Entrudo nas nossas aldeias é estúpido e sensaborão, passando já à história em algumas freguesias os folguedos próprios dessa ocasião.

Em uma ou outra vez aparecem *os máscaras*, de cara entaipada, cobertos de andrajos, com o varredor do forno às costas, jogando laranjas, pós, farinha e até cinza.

(1) É um doce só conhecido no Minho, feito com pão trigo desfeito em água, ovos, açúcar e algumas vezes mel.

A *Páscoa*. É uma das festas mais encantadoras na aldeia.

No domingo, depois da missa, sai o *compasso* ou a *cruz*.

O pároco de sobrepeliz e estola e os mordomos de opa, precedidos de toque de campainha, percorrem a freguesia, entram em todas as casas a darem a cruz a beijar, a cumprimentarem todas as pessoas, recolhendo nessa ocasião os *folares* destinados aos párocos e às confrarias.

Em frente à porta de cada casa é costume juncarem o chão de flores e ervas odoríferas e em algumas armarem arcos de verdura.

Baptizados. O baptismo de um filho de lavrador é quase sempre festejado.

No regresso da igreja a madrinha da criança distribui o molete (pão trigo) por todas as pessoas que encontra pelo caminho e em casa dos pais há sempre abundante janturada.

Casamentos. Há casamentos de estrondo e espavento nas aldeias. É costume nessas ocasiões cada convida levar os *confeitos* e amêndoas cobertas com açúcar para atirar aos noivos no caminho e em casa durante o jantar. Travam-se às vezes verdadeiras batalhas em que há feridos . . .

Enterros. Há freguesias em que os enterros de pessoas abastadas são verdadeiras festas para aqueles que vão assistir, comendo e bebendo à tripa forra!

Aos padres que assistem aos officios dão a *colação*, que consiste em pão, queijo ou doce e vinho, além da *esmola* e uma vela de cera.

Sarrabulho. A morte do porco em casa do lavrador é sempre festejada com um jantar, para o qual são convidados os amigos e vizinhos.

Este povo é religioso por hábito e educação, cumprindo os preceitos da religião católica.

Paga ao seu pároco, confessa-se pelo menos uma vez por ano e assiste à missa aos domingos e dias santos de guarda.

O domingo é, como em toda a parte, o dia consagrado ao descanso.

Pela manhã o lavrador vai à missa em seus trajés domingueiros e, antes ou depois desta, demora-se no adro da igreja a conversar com os amigos.

O adro é uma espécie de *Bolsa* de cada freguesia; combinam-se ali transacções, destinam-se serviços, conversa-se sobre negócios da vida de cada um e às vezes sobre... a vida dos outros, principalmente as mulheres.

No decorrer do ano há por essas freguesias festas e romarias a vários santos.

As mais importantes são: S. Braz e S. João, em Barcelinhos; Santa Justa, em Negreiros; Santo Amaro, em Chorente; Senhora da Saúde, em Fralães; Senhora da Franqueira, em Pereira; Senhora do Socorro, em Areias de Vilar; S. Bento (duas por ano), na Várzea; Senhora das Águas Santas, em Santa Eulália de Rio Covo; Senhora das Necessidades, em Barqueiros; o Alívio, em Perelhal; Senhora da Portela, em S. Fins do Tamel, etc.

As procissões dos Passos em Barcelos, em Vilar de Frades, em Moure, em S. Miguel da Carreira, no Couto de Cambezes, em S. Veríssimo do Tamel, em Manhente, etc., são também muito concorridas.

Coroam porém todas estas as bem conhecidas festas de Cruzes na cidade de Barcelos, que tanta gente aqui chamam.

Em muitas freguesias e até na cidade usam-se ainda as *vigílias* ou *romeiros*, que são promessas feitas a santos em que as raparigas, geralmente até aos quinze anos, vão em rancho, cantando a Ave Maria e Glória Pater desde casa até à igreja ou capela em que está o santo.

* * *

Se este povo é religioso, não deixa porém de ser muito supersticioso, herança atávica de seus antepassados.

Apontemos algumas das suas superstições e crendices.

Bruxas e Feiticeiras. Há muita gente por aí que acredita ainda em bruxas e feiticeiras.

As bruxas são mulheres que por pacto feito com o diabo se tornam seres sobrenaturais.

Fazem arrelias aos pobres ignorantes que nelas crêem, mas contra isso têm eles remédios infalíveis que lhe ensinaram desde pequeninos. Assim *trejugam-se* (saiem fora do jugo) os bois que vão apostos ao carro? Deita-se a fralda da camisa de fora das calças e benze-se com ela em cruz os animais aflitos, voltando logo a canga ou jugo ao seu lugar.

Sente-se o efeito de um *mau olhado* quando se encontra uma mulher com fama de bruxa? Esfrega-se a testa com um alho *ígrime* (1), e fica-se como dantes.

Vêm-se bailar as bruxas nos altos dos montes quando chove e faz sol ao mesmo tempo?

Vêm-se perpassar à noite vultos na escuridão dos bosques e das devesas?

Ouvem-se em noites tempestuosas de inverno por cima dos telhados das casas as suas estridentes gargalhadas?

(1) Alho que não tem gomos ou dentes.

Faz-se uma *figa*, reza-se uma oração adequada e tudo desaparece como por encanto.

Deus deixou os males no mundo, mas também deixou os remédios, é crença geral e arreigada entre o nosso povo.

As feiticeiras são mulheres sábias e de *virtude* (também há alguns homens iméritos nestas intrujices) que por meio de cartas, peneiras, novelos ou deixando-se cair em êxtases fingidos, adivinham e predizem o futuro, dizem o passado e dão remédio para os doentes e ainda para certas e determinadas pessoas gostarem ou aborrecerem outras.

Não se admire porém o leitor de, por estas aldeias do Minho, haver quem acredite na existência dessas santas e sábias criaturas; leia os anúncios de jornais e revistas dos grandes centros da civilização e verá que lá também as há com horas marcadas para a consulta.

Lobisomens ou *Corredores*. Se do mesmo casal nascer uma série de sete filhos do sexo masculino e o mais velho não for padrinho do mais novo, ou a este faltar algumas palavras no baptismo, está sujeito a *correr o fado*.

É uma coisa bem triste correr o fado!

O condenado sai de casa sorrateiramente em certas noites, despe-se, deita-se no sítio onde se espojou algum animal e, tomando a forma deste, corre, corre por esses caminhos e campos até ao romper do dia. Então volta ao mesmo sítio, deita-se outra vez, recupera a forma humana, veste-se e recolhe sossegadamente a casa, a dormir o sono da manhã.

É um martírio obscuro para o pobre condenado!

Há um remédio infalível para terminar este fadário mas, dizem, muito perigoso para quem o aplica: é picar com uma aguilhoada o *corredor*. Se lhe acerta, este retoma a forma humana para jamais a perder; se não lhe

acerta, acontece ao operador uma grande desgraça, que não sei qual seja, mas deve ser terrível no dizer desta gente.

O *Diabo* e as *Almas Penadas*. Conta a Bíblia que o diabo uma vez se metera nos porcos de uma grande vara e os afogava em um lago ou rio, não nos lembra bem.

Ora o diabo actualmente não escolhe nas aldeias tão imundos corpos para se incubar; aloja-se de preferência nos corpos mais ou menos limpos de certas raparigas ou rapazes histéricos, para neles fazer as suas diabruras.

Para este mal há também remédio. . . é o exorcismo.

As almas dos que morrem desta vida nem sempre vão para o lugar que no outro mundo lhes é destinado pelas religiões; algumas vagueiam pela terra; umas aparecem de noite em certos sítios azados para esses *rendez-vous* e outras, encontrando a jeito algum corpo humano, recolhem-se a ele. Estas almas que são da pior espécie, pois nem o diabo as quis no inferno, praticam no seu novo domicílio verdadeiras tropelias.

São porém inquietos que não gozam das regalias do inquieto em geral; saem facilmente do seu intruso alojamento por uma simples intimação de feiticeira, mediante a satisfação de qualquer voto ou quantia, que, segundo diz essa feiticeira, ficaram a dever em vida.

Baptismo sobre a ponte de Barcelos. Quando uma mulher não vinga os filhos ou estes morrem durante o período de lactação, costumavam os pais irem acima da ponte que liga Barcelos a Barcelinhos, nas vésperas do novo parto e, com um vaso cheio de água e um ramo de oliveira, aí ao dar a meia noite, convidando o primeiro transeunte para padrinho, fazerem a cerimónia do baptismo, aspergindo o ventre intumescido da mãe.

A criança assim baptizada ficava viável e robusta, tendo-se salvo desta maneira muitas vidas preciosas!

É bom notar que a luz eléctrica, espancando as trevas da ponte, iluminou o cérebro dos nossos lavradores, tornando impraticáveis esses baptismos.

Moiras Encantadas e Tesouros escondidos. Há alguém que afirma ter visto as moiras encantadas, umas em figuras de cobras com grandes tranças de cabelo na cabeça, de lagartos, etc. e outras até em figura humana.

Guardam as tristes os tesouros que os da sua raça deixaram escondidos e encantados quando da sua expulsão pelos cristãos.

O melhor guia para encontrar esses tesouros e desencantar as moiras, é o livro de S. Cipriano (1).

Há por aí muitos sítios onde eles estão escondidos, uns em forma de objectos de ouro e pedras preciosas e outros em forma de cacos, bichôs, etc., segundo a imaginação de cada um.

Diga o leitor ao povo crente que isto não é verdade, que o menos que lhe pode acontecer é . . . rir-se da sua ignorância!

Procissão de Defuntos. Altas horas da noite os mortos levantam-se dos seus covais e vão fazer procissão em volta da igreja.

Ao mortal que tal vê, por mais destemido que seja, erguem-se-lhe os cabelos em pé, sente arrepios pelo corpo e fica tolhido para toda a sua vida.

Agora são mais raras essas procissões desde que os padres e fieis fazem aos domingos, antes da missa,

(1) Poucos são os felizes que possuem este livro; é raro no mercado. Conta um velho que viu um exemplar nas mãos de um padre de Bouro que veto a casa de seu pai para desencantar um tesouro, o que não conseguiu, por o tal padre... saber ler muito mal letra redonda.

a procissão dos defuntos em volta da igreja e . . . as sombras dos mortos são afugentadas pelo silvo das máquinas dos comboios e o businar dos automóveis nas estradas. Os velhos porém ainda contam essas histórias antigas.

S. Bartolomeu do' Mar. Este milagroso santo venera-se na igreja do Mar, concelho de Esposende, e é advogado contra o mal da gota (epilepsia) e o medo nas crianças.

Em algumas freguesias que vamos percorrer tem este santo muitos devotos.

Os pais costumam levar os filhos à sua festa, que se realiza no dia 24 de Agosto, dia em que *os diabos andam à solta.*

Vão em ranchos, uns a pé, outros de carro, fazem romagem ao santo, levando as crianças na mão um frango preto, dão em seguida sua esmola e vão finalmente tomar banho na praia que fica perto.

Com estas terapêuticas cerimónias ficam as crianças livres de todo o mal e destemidas para toda a sua vida.

Ar Ruim e Ar de Igreja. É frequente apanhar-se um ar ruim. Dormir descoberto, permanecer diante de uma porta ou janela aberta quando tocam às Ave Marias, etc. recebe-se um ar ruim e pode-se ficar tolhido para o resto da vida.

O remédio empregado para este mal é *talhá-lo*, o que qualquer feiticeiro ou mulher de virtude faz.

Quando se abre uma porta da igreja é conveniente não respirar o ar que nos primeiros instantes vem de dentro e por isso nessa ocasião toda a gente se afasta um pouco para o lado antes de entrar no templo.

Este hábito vem de quando se faziam os enterramentos nas Igrejas.

Cørrrem por aqui várias lendas, algumas bem interessantes; umas descritas em livros, outras transmitidas pela tradição popular.

Referir-nos-emos a algumas das mais importantes e que nesta ocasião nos ocorrem à memória.

Lenda da tomada do Castelo de Faria. Cercado este castelo pelos cristãos, os moiros do qual estavam senhores (1) defendiam-se valorosamente.

Em vista da resistência que os sitiados ofereciam, os moradores de Vilar de Figos lembraram-se de conduzirem de noite pela campina que se estende a noroeste do castelo um grande rebanho de cabras com velas acesas atadas aos chifres.

Os árabes, vendo aquele grande movimento de luzes e julgando que eram reforços que vinham aos sitiantes, abandonaram o castelo e fugiram.

Desde então os moradores daquela freguesia tomaram o nome de — Principais de Vilar de Figos, como ainda hoje são conhecidos, por serem os que mais concorreram para a conquista do castelo de Faria.

Lenda do Frade e do Passarinho. Quando o convento de Vilar de Frades era habitado pelos monges beneditinos, estando um dia no coro a comunidade rezando matinas, leu certo frade aquela passagem dos Psalmos que diz: mil anos à vista de Deus são como o dia de ontem que já passou!

(1) Alguns escritores dizem que o castelo de Faria foi fundação dos asturo-leoneses no século X; a lenda porém não se sujeita aos rigores da crítica histórica.

Não podia o bom do frade compreender o sentido daquele trecho sagrado. Acabados os officios divinos, foi passear para a cerca quando ali ouviu o canto de uma avezinha.

Começando a escutá-la atentamente, esta foi-se afastando vagarosamente, saltando de ramo em ramo, de árvore em árvore, e o frade seguindo-a foi até um sítio afastado para os lados do rio.

Chegados aí sentou-se o frade a ouvir aqueles suaves gorjeios até que passados breves instantes a pequena artista batendo asas, desapareceu e ele lembrando-se das suas obrigações voltou apressado ao convento.

Grande foi porém o seu espanto quando chegando ali encontrou tudo mudado e este habitado por frades de outra ordem.

Não menos admirados ficaram os novos moradores, que eram os Benignos ou Bons Homens de Vilar, por verem um monge beneditino dentro do seu convento, tentando introduzir-se na comunidade. Contava este que havia momentos tinha saído a passeio pela cerca e o que lhe tinha acontecido.

Vieram por fim todos à conclusão, por terem lido em velhos cartapácios, que há cerca de setenta anos desaparecera misteriosamente um monge daquele convento e que o desaparecido era este.

No sítio onde ele esteve tanto tempo encantado construiu-se uma ermidezinha que ficou sendo conhecida pela *capela do Passarinho*.

Lenda do Senhor do Galo. Sendo condenado a morrer na forca um nosso vizinho de além Minho, por crime que não tinha praticado, apegou-se com Nossa Senhora e com seu patrono Santiago para que o livrasse da pena que ia sofrer.

Numa inspiração súbita pediu para ir à presença do juiz que o recebeu estando a jantar.

O galego jurou que estava inocente e disse que como prova da sua inocência um galo assado, que estava em cima da mesa para a refeição do juiz, se levantaria e cantaria.

Operou-se o milagre e o condenado foi solto.

Em memória deste facto mandou erigir um padrão em frente à força na freguesia de Barcelinhos.

Este padrão encontra-se hoje no museu arqueológico das Torres.

Lenda do Areal de Vilar de Frades. Houve antigamente um homem muito rico e muito mau, que possuía uma quinta junto ao Cávado em Vilar de Frades.

Nunca na sua vida deu uma esmola aos pobres e quando morreu, como não tinha herdeiros, deixou o rendimento daquela quinta para sustento de uma matilha de cães, cujo dono era.

O castigo de Deus não se fez esperar; veio uma cheia tão grande ao rio que as águas, inundando a propriedade, a encheram de areia.

O sítio ocupado por aquela quinta, foreira aos cães é hoje o *areal de Gaíde*.

Lenda do aparecimento do Senhor da Cruz de Barcelos. Foi há muitos anos; há séculos que isto aconteceu.

Os pobres de então, como os de hoje, costumavam às tardes espalharem-se pelas bouças e devesas próximas à procura de lenha para os seus usos domésticos.

Uma velhinha em certo dia encaminhou-se para as margens inferiores do Cávado, por os outros sítios estarem muito batidos, em busca do ambicionado combustível e acertou ser boa a colheita.

Veio a calhar, pois naquela noite fazia a cozedura do pão.

Juntou um grande feixe, trouxe-o para casa e, enquanto preparava a massa, acendeu o forno e lançou ao lume a lenha.

Com grande espanto seu, parte desta saltou fora do forno e veio cair no soalho da cozinha.

Correu célere a novidade e um artífice reunindo-as, formou uma imagem de Cristo, que processionalmente foi levada para a nova capela construída no Campo do Salvador.

Essa imagem ainda hoje se vê denegrida do calor do fogo onde foi lançada.

Por aquela ocasião lavrava nos países do norte uma heresia iconoclástica que destruía e atirava ao mar as imagens dos santos expostas à veneração dos católicos.

Três imagens destas, levadas pelas correntes marítimas, vieram até às praias de Portugal; uma ficou em Fão, outra seguiu até Matosinhos e a terceira, arrastada pelo refluxo das águas do Cávado, veio parar às mãos daquela piedosa mulher.

Por aquelas três imagens terem a mesma origem o nosso povo ainda canta :

«O Senhor de Matosinhos
Mandou dizer ó de Fão
Que dissesse ó de Barcelos
Que eram todos três irmãos».

*

* *

Há também por aqui costumes extravagantes, a alguns dos quais nos vamos referir.

Quando morre alguém numa casa, os vizinhos e amigos vão passar a noite com os doridos e em volta do caixão umas vezes lembram as virtudes do morto e ou-

tros contam histórias para aligeirar o tempo. De manhã, tomam uma refeição ligeira e cada um vai à sua vida.

Nos enterros de pessoas abastadas usa-se, como dissemos, dar de comer a todos os parentes e pessoas que a eles vêm assistir. No fim do jantar, os convivas dão *as graças* e cada um reza por sua vez um Padre Nosso pela *alma de quem Deus levou*.

Para isso o dono da casa entrega um garfo à pessoa que lhe fica mais perto; esta faz a sua reza e passa-o em seguida a outra, que faz o mesmo no fim da sua oração e assim sucessivamente.

Oito dias depois há na Igreja as *obradas* a que concorrem todos os amigos e parentes. A família leva um cesto e na cerimónia o garfo é substituído por um ramo de murtas.

Quando casa um velho com mulher nova, na primeira noite, celebram este facto os vizinhos tocando cornetas, businas e dirigindo chufas por meio de funis aos noivos.

À meia noite do dia trinta e um de Dezembro há pessoas que vão ao alto dos montes e aí acendem uma fogueira ou facho para saberem onde ficam as *temporas* do ano seguinte.

Em algumas freguesias há o costume de *ir á caça do piupardo*.

Levam um *pacóvio* para um sítio ermo, de noite, onde o deixam com um saco aberto junto à boca de um cano, abertura de um muro ou de uma sebe para nele entrar o piupardo, que é um animal de pele muito rara ou penas de muito valor.

Os que se deixam ir neste conto são os simples que sustentam a abóbada destas crenças populares.

O desgraçado fica ali toda a noite enquanto os outros vão gritando por longe para, dizem, espantar a caça e se recolhem a casa, rindo da ingenuidade do logrado.

Encontramos, ainda que raramente, alguém na *micareme* com bancos ou pequenas escadas para ver *serrar a velha*. Estes são também como os que vão ao *piupardo* . . .

As crianças quando em pequenas são *rendidas* (herniadas) é costume entre o nosso povo fazer-se-lhe a seguinte operação: racha-se um vime ou carvalho cerquinho e passa-se a doente três vezes na manhã de S. João pela rachadura da árvore, dizendo uma oração própria; em seguida, unem-se e atam-se com um fio as duas partes da árvore e quando estiverem soldadas, a criança está sã.

Quando há uma mão ou pé exfiado liga-se por meio de uma agulha e um púcaro de água a ferver.

Lança-se a água em um alguidar e coloca-se no meio a vasilha com o fundo para o ar.

Se a água se recolher ao púcaro depois de arrefecer está salvo o doente.

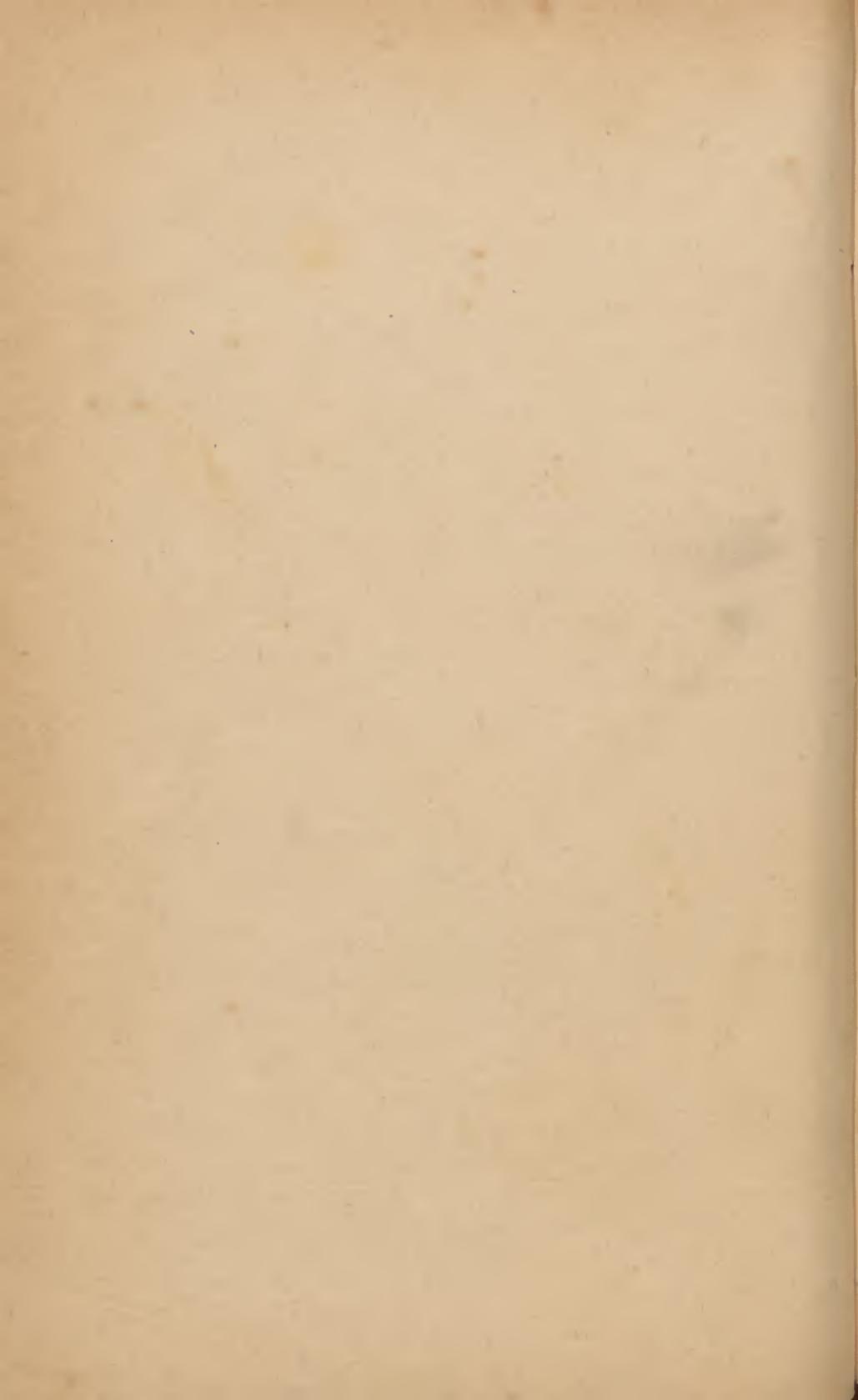
Estes actos são sempre acompanhados de orações ditas com muita fé.

E é assim que o nosso povo se cura de muitas das suas doenças.

É difícil ao pobre recorrer à medicina.

O médico do partido reside geralmente na sede do concelho, distante às vezes léguas do ponto para onde é chamado, e os remédios são dados gratuitamente no Hospital . . . em certos dias da semana.

Recorre, pois, aos *curandeiros* e às *personas de virtude* que lhe aplicam *medicina caseira* e algumas *rezas*.



O CONCELHO DE BARCELOS

O concelho de Barcelos, situado no coração do Minho, é um dos mais importantes do país e pertence ao distrito administrativo de Braga.

Barcelos no seu princípio e ainda em épocas posteriores era bem pequeno; encravado entre Faria e Penafiel de Bastuço, que lhe ficava ao sul, separados apenas pelo rio Cávado, Prado ao nascente, cujos limites vinham até bem perto da sua vila, ao ribeiro do Tamel ou Fontelo, e Aguiar de Neiva ao norte, pertencia à Terra de Neiva, mais tarde julgado do mesmo nome.

Não se pode determinar bem o seu primitivo alfoz, o qual se limitava talvez apenas à vila e arrabaldes.

D. Afonso Henriques deu-lhe em data indeterminada o primeiro foral, que foi confirmado em 1218 por D. Afonso II, e D. Manuel I concedeu-lhe em 1515 foral novo.

Trazidas as Justiças do Castelo de Neiva no séc. XIV, onde residiram até àquela época, para Barcelos, esta povoação aumentou e progrediu.

Dado, por carta de 3 de Fevereiro de 1372, ao concelho de Barcelos o julgado de Penafiel de Bastuço e o Couto da Várzea, e juntando-se-lhe a seguir os julgados de Aguiar de Neiva, Faria e Vermoim, transformou-se num dos maiores do país, o qual ainda em 1836 abrangia sete léguas de largo, de nascente a poente, e dez de

norte a sul, sendo limitado ao norte pelo rio Lima, ao sul pelo rio Ave e ao poente pelo oceano Atlântico (1).

Se grande foi o concelho de Barcelos, maior foi ainda a sua comarca.

Com as reformas do liberalismo, porém, fraccionou-se este concelho e comarca, ficando reduzidos, depois da remodelação administrativa de 1855 e da criação da comarca de Esposende em 1898, a 89 freguesias.

É constituído o actual concelho de Barcelos, bem como a sua comarca, por freguesias que pertenceram a quatro julgados: Neiva, Aguiar, Faria e Penafiel de Bastuço e a um concelho: Prado.

Abrangendo uma área de 363 quilómetros quadrados, é limitado ao norte pelos concelhos de Viana do Castelo, Ponte do Lima e Vila Verde, ao nascente pelo de Braga, ao sul pelos de Vila Nova de Famalicão e Póvoa de Varzim e ao poente pelo de Esposende.

Situado numa região fértil e essencialmente agrícola, dos vales e planícies por onde se estende este vasto concelho elevam-se montes e outeiros, que tornam tão linda e variada a sua paisagem.

Formou-se ao norte o grande maciço montanhoso, que separa a bacia orográfica do Neiva da do Cávado, constituído pelos montes de S. Gonçalo com 470 metros de altitude (a maior altitude do concelho), de Arefe com 408 metros, do Penedo do Ladrão com 416 metros, de Louzada com 312 metros e de Alheira com 320 metros.

Ao sul formou-se o maciço que separa a bacia orográfica do Cávado da do Este, constituído pelos montes de Airó com a altitude de 413 metros, da Saia com 303 metros, de Maio com 214 metros e da Franqueira com 298 metros.

(1) Abade do Louro — *Mem. Hist.*, pág. 175.

É este concelho banhado por vários rios, ribeiros e riachos, de entre os quais destacaremos pela sua importância o Cávado, Neiva e Este, desaguando os dois primeiros no oceano e sendo o último um dos tributários do Ave.

É recortado por uma rede de estradas, algumas das quais em tão mau estado que mal se lhes pode dar este nome, todas ligadas à sede do concelho por intermédio das seguintes: a n.º 4 de 2.ª classe de Famalicão a Viana do Castelo, a n.º 4 de 1.ª classe de Esposende, a n.º 6 de 2.ª classe da Póvoa de Varzim, a n.º 8 de 2.ª classe de Prado e duas camarárias: a n.º 5 das Fontainhas e a n.º 13 da Ponte de Anhel.

É atravessado de sul a norte pela Linha Férrea do Minho e Douro, da administração da C. P., que lhe dá serventia pelas Estações de Midões ao quilómetro 46, de Barcelos ao quilómetro 50 e do Tamel ao quilómetro 63 e pelos Apeadeiros de S. Miguel da Carreira ao quilómetro 43, da Silva ao quilómetro 54, de Carapeços ao quilómetro 57 e de Durrães ao quilómetro 65.

A sede do concelho de Barcelos é a cidade do seu nome, antiga e notável vila, situada nas margens do Cávado, 15 quilómetros a montante da sua foz.

A cidade de Barcelos, situada numa região linda e populosa como é o Minho, está ligada às sedes dos concelhos vizinhos por várias estradas e pela Linha Férrea do Minho e Douro, distando de Famalicão 18 quilómetros, da Póvoa de Varzim 22 quilómetros, de Esposende 13 quilómetros, de Viana do Castelo 30 quilómetros, de Vila Verde 24 quilómetros e de Braga, capital do distrito, 19 quilómetros.

O rio Cávado, correndo de nascente a poente, corta a meio o concelho de Barcelos, dando azo a que, neste nosso desprezencioso estudo, o dividamos em duas par-

tes: — *Aquém-Cávado*, tratando das freguesias ao norte do Cávado e — *Além-Cávado*, das que ficam ao sul daquele rio.

O actual concelho de Barcelos tem uma população global de 57.701 habitantes, sendo 25.694 do sexo masculino e 32.007 do sexo feminino, com uma densidade de população de 159 habitantes por quilómetro quadrado, sabendo ler 10.415 varões e 5.237 mulheres.

Existem pois 42.049 analfabetos: 15.279 do sexo masculino e 26.770 do sexo feminino! (1)

Fazendo justiça de tirar a estes números os menores que não atingiram a idade escolar e os incapazes de aprender a ler, resta ainda um número assombroso de pessoas privadas das primeiras luzes da instrução.

Tem-se trabalhado muito em Portugal, principalmente depois da implantação da República, em prol da instrução pública, quer melhorando a classe professoral, quer criando novas escolas e postos de ensino e instalando-os em edifícios apropriados.

Existem actualmente no concelho de Barcelos 87 lugares de professores oficiais e 18 postos de ensino.

Disseminados por todo o concelho, foram construídos 51 edifícios escolares, funcionando ainda 28 escolas em edifícios arrendados.

Alguma coisa se tem feito, como se vê, em Barcelos pela instrução pública, faltando porém ainda muito para reduzir ao mínimo essa grande vergonha nacional, o analfabetismo.

O espírito religioso dos barcelenses manifesta-se em grau muito elevado na edificação e veneração das igrejas paroquiais, santuários, inúmeras capelas, nichos ou almi-

(1) Vide 7.º Censo da População — 1930.

nhas, cruzeiros e outros padrões que se encontram espalhados por todas as freguesias deste concelho; e nas festas e romarias e outros actos religiosos, que frequente e periodicamente este povo promove e pratica naquelas casas de oração e nas muitas confrarias e inúmeras associações de carácter religioso que existiam e continuamente se estão formando.

Não podemos deixar de notar que, de envolta com a religiosidade deste povo, lavra entre ele ainda muita superstição e credice, o que não admira, pois estes males imperam ainda nos grandes centros de civilização e entre pessoas que têm obrigação de deles estarem libertos.

Quanto ao espírito associativo laico está ainda embrionário entre o nosso povo; poucas associações de beneficência e assistência e ainda menos associações de classes existem.

Instruído o povo, torna-se necessário desenvolver nele o espírito associativo para a luta pela vida e para as suas ordeiras reivindicações sociais.

Povo essencialmente agricultor, não existe a grande indústria, a não ser na sede do concelho, onde após a Grande Guerra tomou algum incremento; na aldeia apenas fábricas e de reduzida importância.

O mesmo dizemos do comércio: bons estabelecimentos na cidade; pequenos e geralmente pouco providos nas freguesias rurais.

As grandes transacções comerciais fazem-se nas feiras e mercados semanais dos concelhos vizinhos; na grande feira semanal de Barcelos, nas das Necessidades e Viatodos, nas anuais das Cruzes em Barcelos e nas da Várzea e Areias de Vilar.

Propusemo-nos estudar, freguesia por freguesia, todas as que constituem este grande e populoso concelho, um dos maiores do país.

Convém notar que não escrevemos para sábios e eruditos; o nosso fim é apenas compendiar despretenciosamente o que há já escrito e recolher tradições orais referentes a cada freguesia.

Posto isto vamos dar começo ao nosso passeio pelo concelho, seguindo a ordem alfabética das freguesias.

Vende do Neiva
Braga do Neiva
Abade do Neiva

Abade do Neiva

ABADE DO NEIVA, orago Santa Maria, era, como se vê das Inquirições de D. Afonso II de 1220, do padroado real.

D. Dinis, porém, em 1301, concedeu o padroado desta igreja ao Mestre Martinho, seu físico e cónego da Sé de Braga, passando mais tarde a ser abadia da apresentação da Casa de Bragança, sendo-o até 1834.

Em 20 de Setembro de 1310, o arcebispo D. Martinho de Oliveira, a instâncias do padroeiro Mestre Martinho, instituiu nesta igreja uma Colegiada, composta do Reitor e três Capelães.

O reitor tinha a cura de almas e com os capelães rezava todos os dias naquela igreja as horas canónicas.

O arcebispo outorgou estatutos à referida colegiada, deu-lhe rendas e estabeleceu-lhe obrigações, entre as quais a de missa em Fragoso, na ermida de São Vicente (1).

Esta freguesia era conhecida antigamente por *Santa Maria de Condevão* e *Santa Maria de Vado*.

Era também conhecida por *Santa Maria de Abade*, mas, como estava no jugado de Neiva e havia na comar-

(1) Mons. J. Augusto Ferreira — *Fastos Episcopals*, vol. II, pág. 108.

ca de Barcelos outra com igual nome de Santa Maria de Abade, esta no julgado de Vermoim, para se diferenciar uma da outra, tomaram respectivamente o nome do julgado a que pertenciam. Actualmente é conhecida pelo nome de Santa Maria de Abade do Neiva.

Os abades desta freguesia eram Ouvidores perpétuos do couto de Fragoso, onde punham juizes, levavam luttosa, gados do vento, coimas, etc.

Abade do Neiva vem nas Inquirições de 1220 e 1258.

Nas de 1220 vem com a designação = «De Sancta Maria de Abbade, de Terra de Nevia».

Nelas se diz que o rei tem aqui 8 casais; que de um prado em Vilar «V quartas vini». De Eixati, de Rial, de Quintana e da Costa quot homines talliaverint in monte de Laurino dabunt singulos alqueires panis. Et pectant vocem et columpniam. Et tenet istud domna Stephania».

Esta igreja tem sesmarias e algumas leiras. Templo tem 9 casais e uma quintana (a quinta do Faial?); Hospital, 2 casais; Carvoeiro, 2 casais menos um terço; Banho, 3 casais; Braga, 4 casais; Palme, 1 casal; Várzea, 3 casais e Tibães, um e meio.

Nas Inquirições de 1258 se diz: Item, *in parochia Sancte Maria Abbate*: que El-rey tem casais; na Costa Maa 4 casais do Regaengo de Quintana e deu el-rei por sua carta ao Snr. André e a Petro Amigo e a Domingos Pais e ao Snr. Juliano; que ha de levar o quinhão do pão de el-rei a Giizo ou a Barcelos.

Não deve o Rico Homem da Terra «y a filar con-doyto nem pousar y o Mayordomo de voz e caomia». Item achamos uns campos em Provezende em que o Juiz fez dous casais por mandado de D. Gonçalo Garcia.

Item Pedro Pais e Gonçalo Pires, disseram que viram em Amorim «inchouver o ganado e pousar o Mayordomo da terra; e que des quando y criarem filla do Snr. Mar-

tim Fernandiz, que non pousara y nem inchouveram o ganado».

Em sítio elevado, na meia encosta de um monte, sobranceiro à Estrada Nacional de Barcelos a Viana do Castelo, está o vetusto e majestoso templo que ficou sendo a Igreja Paroquial desta freguesia.

Abade do Neiva é fundação da rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, no ano de 1152 da era cristã.

D. Mafalda quis fundar aqui um convento, dizem, de freiras, o que não conseguiu por lhe sobrevir a morte.

Não concluiu a obra do mosteiro, mas o que ficou era de proporções grandiosas, restando-nos ainda a Igreja Paroquial actual, destinada a igreja do projectado mosteiro.

De estilo românico, conserva exteriormente as linhas da sua primitiva arquitectura.

Na sua fachada terminada em ângulo, em cujo vértice se ergue uma cruz de braços rectilíneos, existe uma pequena rosácea em três circunferências, ornamentada a exterior com miosotis e esferas. Outra rosácea semelhante se vê por cima do arco e telhados da capela mor.

Abre-se o pórtico em quatro arquivoltas de arco apontado, sucessivas e decrescentes, apoiadas em quatro pares de colunas de fustes lisos e capiteis historiados.

Existiu em frente um cabido ou galilé que em 1732 se mandava consertar, em acto de visita a esta igreja, de tudo o que for necessário para que não chegue a arruinar-se, o qual, ou por cair em ruínas ou por mandado retirar dali, desapareceu.

Os muros laterais da nave são coroados por medallhões, decorados com várias figuras, e mais abaixo corre uma cornija com mísulas cavadas superiormente para as-

sento dos caibros de um alpendre, que acompanhava o edificio de um lado e do outro.

Abre-se em cada uma das paredes laterais sua porta travessa; a do lado direito mais trabalhada e a do lado esquerdo muito simples e hoje tapada a pedra e interiormente no seu sítio colocado um altar.

As frestas deste lado ainda se acham intactas, ao passo que as do lado direito foram rasgadas em janelas para darem mais luz ao templo.

Na abside ao fundo vê-se uma linda janela geminada e do lado direito, exteriormente, junto ao ângulo da fachada, um arco tumular cavado na parede.

Deste lado direito da fachada, adiantando-se um pouco a esta, ligada ao edificio por uma porta ogival, ergue-se a velha torre fortaleza, cuja fundação se attribui à época de D. Dinis. Em 1734 mandava-se consertar um sino e abrir nesta torre dois campanários para o toque dos sinos ser ouvido em toda a freguesia.

Se este templo conserva por fora as linhas gerais da sua primitiva construção, como atrás dissemos, não succede o mesmo interiormente, devido às várias obras aí feitas sucessivamente.

A capela-mor é separada do corpo da igreja por um belo arco, sustentado por duas colunas de fuste liso e capitel coríntio. A tribuna é em bela talha renascença, os tectos em madeira pintada com ornatos e no centro uma alusão à eucaristia e as paredes escarioladas, revestidas até meio de azulejo moderno.

No pavimento ainda se conservam as três sepulturas, tendo a do meio, parece, um brasão apagado e inscrição que já se não lê.

Tinha esta freguesia mais sepulturas de pessoas importantes; a tampa de uma delas está hoje a servir de capeado de uma parede forra valo no Passal.

Ao lado direito da capela-mor está a sacristia, pequenina, sendo aumentada com um primeiro andar nas obras do fim do século passado.

O corpo da igreja é forrado a estuque com ornatos em gesso e as paredes rebocadas e caiadas.

Tem quatro altares, os dois primeiros em bela talha antiga e os outros em talha moderna, muito simples.

O baptistério em granito singelo; o púlpito e coro modernos. Este templo, como é sabido, primitivamente não tinha coro.

Em 1734 o visitador « manda fazer um coro na igreja, pois é preciso e necessário para as ocasiões das festas dela e para as endoenças da Semana Santa, pois sendo uma igreja de tanto preço, não é justo tendo o Santíssimo colocado na capela-mor esteja sem osobredito coro para nele louvar a Deus e parece indecente estarem os sacerdotes e música fazendo o dito louvor na mesma capela-mor por não terem outro lugar onde assistam e se achar a igreja com tudo no necessário para o culto divino e ter área bastante para a dita obra » (1).

Parece que o coro foi feito depois daquela data e passados alguns anos, pois as entidades encarregadas das obras não obedeciam prontamente às ordens dos visitantes.

Em 1744 manda-se pintar o tecto da capela-mor e rebocar e cair as paredes da mesma, como também todo o corpo da igreja, em que se encontram algumas frestas tapadas com ervas, pôr vidraças nas portas e rede de arame por fora.

Em 1754 acha-se necessário que o altar-mor seja alargado e os altares laterais pintados.

(1) *Esta freguesia com mais 25, era da visita do arcebispado do Neiva.*

As pias da água benta estavam fora das portas e manda-se então retirá-las para dentro.

Em 1756 dizia-se que desde 1732 estão capituladas sem ainda estarem feitas as obras seguintes: fundir o sino quebrado, fazer dois campanários na torre, reformar as paredes da igreja, rebaixar o supedâneo do altar-mor e fazer uns supedâneos para os colaterais, manda-se então dourar os retábulos destes, alargar a sacristia por ser muito pequena e fazer uma pia de água benta para a porta travessa.

Na visita de 1758 condena-se o costume de colocar na tribuna umas campainhas e tocá-las por meio de cor-deis, quando o Santíssimo estava exposto.

Manda-se reformar as paredes do adro e vê-se que os enterramentos eram feitos neste e na igreja.

Em 1780 encontra-se a igreja *primorosamente asseada*; em 1831, porém, acham-se já a igreja, a Fábrica e a Residência em *tal indecência* pela ruína que ameaça, que *não dá lugar a omitir e lembrar o mais necessário*, etc.

Em 1802 manda-se terraplanar o adro para a conservação das oliveiras ali existentes e fazer um paredão de suporte para a parte superior onde também há oliveiras.

Esta Igreja foi visitada em 1904 pelo arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha e na respectiva pastoral manda fazer obras de reconstrução na parede da frente que ameaça ruína, remover o soalho do corpo da igreja, etc.

Este templo é considerado hoje monumento nacional.

No pórtico, vê-se no chão, junto às escadas, uma pedra de armas abandonada, digna de figurar em um museu.

Por trás, junto à capela-mor, está a *Residência Paroquial*, que é uma das melhores que tenho encontrado nesta minha peregrinação por este concelho.

Do lado esquerdo a facear com a fachada do templo e na parte mais alta do adro, está o *Cemitério Paroquial*,

tendo no seu portão gravada a data 1802 e a seguir, à entrada do mesmo adro, a Casa das Confrarias.

É curiosa esta casa com seu varandim de quatro colunas e escada de pedra, terminado por uma sineira com seu sino.

Era aqui que se fazia a distribuição pelos pobres de uma sardinha e uma fatia de pão em certo dia do ano a troco de algumas rezas, legado hoje extinto.

Não tem esta freguesia Cruzeiro Paroquial. Existem as seguintes capelas:

Capela de Santa Margarida, ao fundo do Terreiro que se estende em frente à Igreja Paroquial, junto à estrada, com as costas voltadas a esta.

É baixa, pequena e antiga. Dentro é forrada a estuque com pavimento de pedra e o seu altar antigo de talha simples. É pública.

Capela de Santo Amaro, no lugar do mesmo nome. Ergue-se esta ermidazinha no centro de um adro fechado por parede com duas portas de serventia. Pequena, antiga, dos seus quatro cunhais sobressaem aos telhados quatro pirâmides, coroando os seus outões duas cruzes singelas apoiadas em seus grossos globos. Na fachada abre-se a porta principal, acompanhada de duas frestas e encimada por outra, hoje tapada por um grande e espaçoso alpendre, sustentado este por quatro colunas de pedra.

Do lado esquerdo está a sacristia, pequenina, bem proporcionada, tendo na sua parede da frente uma sineira, erma do seu morador.

Dentro, o altar é em artística e bem conservada talha, estilo renascença, digna de se ver.

Tecto de madeira pintada, coro e púlpito, pavimento de cimento, tudo muito asseado.

É pública. Nesta capela, adro e terreiro em frente, faz-se todos os anos, no dia do seu patrono, uma impor-

tante festa e romaria, muito concorrida de povo desta cidade.

Capela de São Lourenço, junto à casa do Faial, dentro dos muros da sua quinta.

É pequena e antiga, ainda que a sua frontaria fosse alterada pela sua reconstrução. Dentro, os tectos são de estuque liso e o altar de talha muito simples.

Na sua visita de 1761 acha-se bastante desprezada e desprovida de objectos do culto e em 1795 parece não haver paramentos e a pedra de ara estar inutilizada.

Chegou nos fins do século XIX a cair em completa ruína, sendo restaurada pelo Snr. Visconde da Barrosa, quando comprou esta capela e quinta do Faial.

Pertence hoje ao autor destas linhas.

Fora desta quinta, em frente ao seu portão brasado (brasão dos Viscondes da Barrosa) do outro lado da estrada, está um artístico cruzeiro pertencente a esta capela. Este cruzeiro assenta em uma coluna de capitel coríntio, tendo a três quartos de altura do seu fuste um escudo partido em pala com as armas dos Azevedos e Castros.

Esta quinta do Faial era pertença da Comenda de Cabo Monte da Ordem dos Templários, passando no tempo de D. Dinis para a Ordem de Cristo. No seu portão interior tem ainda a seguinte inscrição: = «CASA E QUINTA DO FAYAL PERTENÇA DA COMMENDA DE CABO MONTE NA ORDEM DE CRISTO».

Esta quinta foi aforada a Lourenço de Castro Alcoforado, no século XVII. Pelo casamento de D. Ângela de Castro com Manuel de Azevedo Ataíde, senhor da Honra de Barbosa, passou para os Azevedos Ataídes e nesta família andou, até que em 1903 foi vendida por o general Gaspar da Rocha Pais Werneck ao Snr. Visconde da Barrosa, José Ribeiro Lima da Costa Azevedo.

— Junto à casa existe um belo fontenário, tendo esculpido um escudo com a águia dos Azevedos.

Há nesta freguesia as seguintes *Alminhas*: as da Igreja, as de Amorim, as de Real, as de Santo Amaro e as do Faial.

Está situada na bacia orográfica do Cávado, na encosta dos altos montes que fecham o horizonte de Barcelos pelo norte, cujo ponto mais elevado é o pico de S. Gonçalo, e confronta pelo norte com a freguesia de Santa Leocádia do Tamel e a da Silva, pelo poente com a de Vilar do Monte, pelo sul com a de S. Martinho de Vila Frescainha e pelo nascente com a de Vila Boa e a de Lijó.

É banhada por dois riachos: o de Lage, que nasce nas poças de Bije, desta freguesia, e, atravessando a de S. Martinho de Vila Frescainha, vai lançar-se no Cávado, e o de Várzea, que nasce na poça do Rei, atravessa o lugar de Real e vai pela freguesia da Silva formar o ribeiro das Pontes, afluente também do Cávado, e é servida pela Estrada Nacional n.º 4, de Barcelos a Viana do Castelo.

As suas fontes públicas são: Alambique, Aldeia, Amorim, Arroteia, Brea, Caixa de Água, Carlos, Covelo, Igreja, Lage, Lamas, Linhares, Provezende, Santo Amaro e Vila Meã.

A sua população no século xvi era de 53 moradores; no século xvii era de 90 vizinhos; no século xviii era de 149 fogos; no século xix era de 659 habitantes e actualmente é de 823 habitantes, sendo 381 do sexo masculino e 442 do feminino, sabendo ler 165 varões e 39 fêmeas, havendo 619 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Monte, Fojo, Real, Barreiro, Quintã, Lage, Vila Meã, Santo Amaro, Cachadinha, Costa Má,

Pinheiro, Tanque, Castelo, Covelo, Faial, Amorim, Brea, Argufe, Mendim e Tourel.

Tem Escola Oficial mista com um lugar, que funciona em edificio arrendado; 3 lojas de mercearia e caixa do correio.

As suas casas mais importantes são: a do Faial, a dos Pereiras, a do Barreiro, a do Pinheiro, a dos Barretos, a da Torre, a do Castelo e a do Terreiro, etc., além de muitas outras casas e chalets de recreio dos seus proprietários.

Dos homens mais illustres, que nasceram nesta freguesia ou cujos nomes a ela andam ligados, destacaremos os seguintes:

Manuel de Azevedo Ataíde, filho de Francisco de Azevedo (dos Azevedos de S. João de Rei) e de D. Brites da Silva, neto paterno de Manuel de Azevedo, este filho bastardo de D. João de Azevedo, bispo do Porto, foi senhor da Honra de Barbosa, Comendador da Ordem de Cristo e Snr., pelo seu casamento com D. Ângela de Castro, da casa do Faial.

Manuel de Azevedo Ataíde (2.º), filho de Francisco de Azevedo Ataíde, Comendador de Cristo, Governador das Armas da Provincia de Entre Douro e Minho, neto do antecedente, foi Snr. da Casa do Faial, Comendador da Ordem de Cristo, Tenente General de Cavalaria, Sargento-Mor de batalha, servindo nas guerras da aclamação.

P.º José Valério Veloso, natural da freguesia de Barcelinhos, Cónego tercenário da Colegiada de Barcelos, Abade desta freguesia e Capelão do Duque de Dalmácia, quando das invasões francesas, a quem acompanhou a França e veio morrer no Porto.

O povo, em vista da apostasia deste padre e pouco patriotismo deste português, que aceitou honras e benes-

ses dos invasores do seu país e profanadores dos seus templos, fez justiça por suas mãos.

Assim escreve ele:

« Desgraçadamente toda a provincia sabe que me roubarão e queimarão quanto eu tinha de melhor em mobilia, titulos e papeis na residencia de Santa Maria d'Abade, na minha casa do Rego em Espozende, huma das melhores e mais bem ornamentadas daquela vila, e suas vizinhanças, não perdoando à Biblioteca, Instrumentos Mathematicos, e huma preciosa collecção de observações, e trabalhos Astronomicos que ali tinha deixado meu cunhado Custodio Gomes de Vilasboas, na sua passagem da Côrte para ocupar o Governo de Valença ».

.

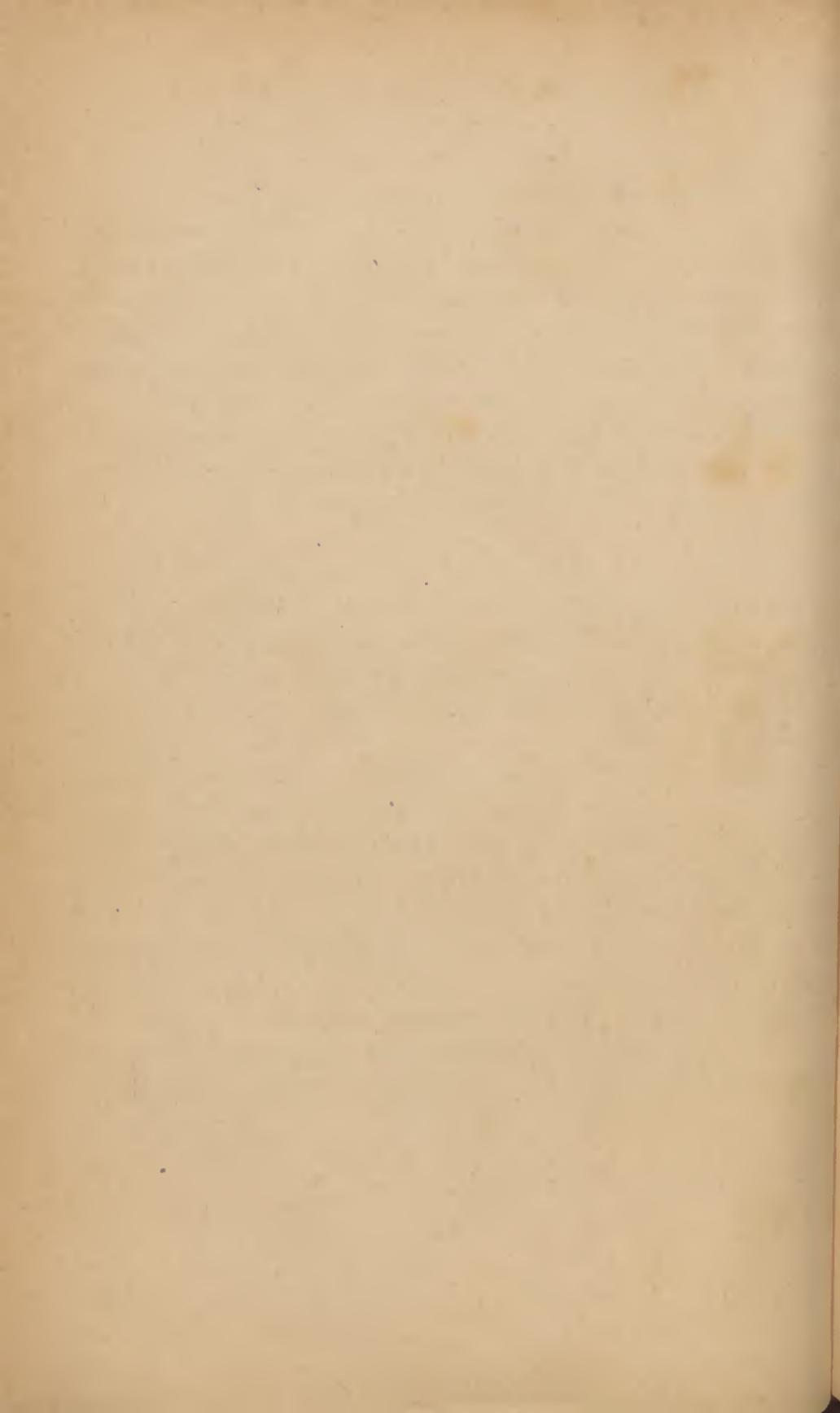
(José Valério Veloso — Memórias dos Factos populares na provincia do Minho em 1809, pág. 31, copiado do « Caderno de apontamentos para a Hist. do Concelho de Espozende », pelo Snr. José da Silva Vieira, 1915, páginas 18 e 19).

P.^e António Joaquim Pereira, natural desta freguesia, reitor de Viatodos (1886) e abade de Vila Boa, resignando este beneficio entrou para a Companhia de Jesus.

E assim muitos outros nomes illustres que na ocasião não me ocorrem.

No lugar do Castelo, dizem, aparecem vestígios de construções antigas, parecendo desta maneira confirmar o nome do lugar: castelo, crastelo, pequeno castro.

Tendo findado esta freguesia, seguindo a ordem pré-estabelecida, vamos dar uma saltada à seguinte — Aborim.



Aborim

ABORIM, orago São Martinho, era uma vigararia anexa ao convento de Carvoeiro.

Aborim, segundo o P.^e António Gomes Pereira, no seu livro *Tradições Populares*, páginas 319, vem de *Abovini*, genitivo do nome gótico Abovinus.

Em alguns documentos e livros antigos, esta freguesia é conhecida pelo nome de *Vorim*, *Avorim*, *Amorym*, etc.

Nas Inquirições de 1220 vem com a designação — «De Sancto Martino de Vorim» na Terra de Aguiar de Ripa de Lima.

Nelas se diz que esta Igreja é de Carvoeiro e de Palme e tem sesmarias; que Carvoeiro tem 7 casais; a Igreja de Cossourado 4 casais; Palme 1 casal e Hospital ⁽¹⁾ meio casal. Que o rei tem aqui reguengos e que dão de monte Celoiro de foro «viiiij quartarios, et debent persolvere v modios pro morabitino».

«Et homines de Portela qui fuerint talliare in isto monte debent dare singulos frangaos».

E os homens que moram fora do couto dão pela Páscoa 2 ovos e um frango ao Mordomo e vão ao castelo.

(1) Os Hospitalários, ordem militar mais tarde conhecida por Cavaleiros de Rodes e Cavaleiros de Malta.

E os homens que moram fora do couto vão à introviscada.

Nas Inquirições de 1258, 1.^a alçada, se diz: Item, *in parochia Sancti Martini d'Avorim* que *ha y el rey* seu regaengo. Fala-se nelas no lugar das Chãos, Redondo, Agarem, Socarreiro, Morouco, Zameiro, Ascariz, Trás outro, Cizeral, Longara, Varzeela, Monte Celoiro, etc.

Há inúmeras pessoas que criaram filhos d'algo « et estes davanditos amos escusam-se de voz e caomia et de anuduva » (1).

Que os homens que moram fora do couto dão vida (2) ao Mordomo de el-rei em cada mês cada um deles por si da qual vida houver e vão ao castelo, anuduva e introviscada.

Introviscada, entruviscada, introviscada ou troviscada, diz Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, no seu « *Elucidario* », tomo I, páginas 283, que era um dos direitos dominicais mui frequente nos princípios da nossa monarquia. Por ele era obrigado o enfiteuta, colono ou vasallo, não só a concorrer para se aprontar o trovisco que se havia de lançar no rio, sendo este o modo mais comum das pescarias daquele tempo, mas também devia concorrer para a merenda do senhorio e sua comitiva, quando fosse seu gosto ocupar-se, uma vez no ano, neste proveitoso divertimento.

(1) *Anuduva, adua, etc., era a contribuição de trabalho ou em dinheiro para a construção ou reparação de torres, muros, castelos, fossos e outras obras militares para a defesa da terra.*

(2) *Vida, o mesmo que sustento, comida, refeição. Pagava-se o direito de vida ao rei, aos senhorios das terras, aos seus mordomos ou feitores. Esta vida, ainda que ordinariamente se dava em cousas de comer, algumas vezes se dava em dinheiro,*

Sucedia, ainda que o senhorio não fosse à *entroviscada*, nem esta se fizesse, que sempre o dito foro ou direito se pagasse, mesmo depois de condenado aquele pernicioso modo de pescar.

Este foro ia desde as numerosas galinhas constantes do foral que em 1513 el-rei D. Manuel deu à terra de S. Fins de Paiva, no qual vai numerando os povos, segundo os casais que traziam, até àquele bem insignificante do foral de uma aldeia do concelho de Vila Pouca de Aguiar, junto ao rio Tâmega, o qual era muito antigo e se determinava « que quando o Rico Homem for no rio fazer troviscada, que eles lhe deem huma merenda de porretas com vinagre, sem mais outro fôro ».

Estes, como o leitor vê, pagavam os aperitivos; as grandes comezainas que o Rico Homem não dispensava receber eram pagas pelos outros seus vassallos.

Nas Inquirições, tanto de 1220 como nas de 1258, se encontra a cada passo imposto este direito dominical, principalmente em casais juntos a rios piscosos.

Existiu nesta freguesia a Honra de Aborim e mais tarde o Morgado do mesmo nome, que ambos andaram na família de Barbosas.

É esta família uma das mais ilustres pela sua nobreza e prosápias fidalgas.

Os de Barbosa vão na sua ascendência até Flávio Egica ou Flávio Witiza ou Teodofredo, não sabemos bem, rei de Espanha no domínio dos godos, e, por aí abaixo em uma descendência não decrescente em fidalguia, vem até D. Sancho Nunes de Barbosa, o primeiro que tomou este apelido.

Era ele filho do conde D. Nuno de Cela Nova e fez a quinta de Barbosa, junto a Paços de Sousa (hoje Penafiel), a qual ficou sendo um dos solares desta família.

Casou duas vezes: a primeira com D. Teresa Afonso, filha de D. Afonso Henriques, e a segunda com D. Teresa Mendes, filha de D. Mem Moniz de Riba Douro, senhora da casa honrada de Barbosa.

Pedro Fernandes de Barbosa, senhor da Honra e solar de Barbosa, serviu D. Afonso IV, esteve na batalha do Salado e tais feitos aí praticou que o rei fez-lhe mercê de dez maravedis e deu-lhe um foro sobre todos os filhos dos Judeus das Judiarias de Barcelos, Viana, Ponte do Lima e Braga, ainda que dizem já tinha antes esse tributo.

Quanto aos direitos sobre os Judeus da Judiaria de Barcelos, o abade do Louro, na «Memoria Historica», escreveu que foram concedidos por D. João II aos Morgados de Aborim, casa dos Barbosas, quando nela foi hospedado.

Dando como certo que este rei andasse por esta freguesia e fosse hospede do Senhor da Honra de Aborim, parece-nos mais provável que, em lugar de *conceder*, *confirmasse* os privilégios dos senhores de Aborim sobre a Judiaria de Barcelos.

Pagavam os Judeus de Barcelos, segundo aquele abade do Louro, um marco de prata por cada filho que nascesse; eram obrigados a hospedar o Morgado quando vinha à vila e a alcatifar a rua e a formar nela três arcos quando ele nela passasse.

Honrosos e nada deprimentes para quem os recebia eram estes direitos senhoriais dos Senhores de Aborim sobre a Judiaria de Barcelos e de outras terras em Portugal.

O marco de prata por cada Judeuzinho que nascesse em Barcelos faz lembrar a gorda galinha que todo o bom católico dá ao seu abade ou os emolumentos que todo o cidadão dá ao Conservador do Registo Civil por ocasião do nascimento de cada filho, e a rua da judiaria, hoje transformada em rua Infante D. Henrique, alcatifada, com

arcos de verdura, as suas duas cancelas abertas para dar passagem ao Senhor de Aborim a cavallo, ácompanhado de illustres damas em carros de bois ou outros meios de transporte então usados, dá uma vaga ideia, salvo o devido respeito, de uma procissão de corpus christi dos tempos da nossa mocidade!

Honrosos e nada deprimentes, repetimos, eram estes direitos senhoriais dos de Aborim sobre a judiaria de Barcelos e nada parecido aos privilégios que certo fidalgo de Lisboa tinha sobre as casas suspeitas daquela cidade!

Mas voltemos onde estávamos, séculos atrás, ao nosso Pedro Fernandes de Barbosa, que foi senhor da Honra de Aborim, pelo seu casamento com D. Chamoá Martins de Aborim, filha herdeira de Martim Rodrigues de Aborim, senhor daquela dita Honra.

Martim Rodrigues de Aborim fora Senhor da Honra de Aborim por a ter herdado também de seus pais e avós; era neto de Lourenço Fernandes de Aborim, senhor daquela Honra, e este filho de Silvestre de Encourados, de quem fala o conde D. Pedro.

Álvaro de Barbosa, descendente daquele Pedro Fernandes de Barbosa, nas partilhas que fez com seus irmãos, tocou-lhe o couto de Bandara, as casas da Barca do Lago e o tributo das judiarias de Barcelos, Braga, Ponte do Lima e Viana, o qual, suposto se extinguisse no tempo de D. Manuel com a expulsão dos judeus de Portugal em sua satisfação o rei lhe deu em troca certa quantia em cruzados.

Ora, como com aquelas partilhas ficasse muito atenuado o esplendor da sua casa, Álvaro de Barbosa vinculou em Morgado todos os bens com que ficou e os que herdou de sua mulher.

O vínculo de Aborim foi instituído, segundo dizem, em 25 de Agosto de 1478.

A casa acastelada de Aborim com seus telhados cercados de ameias, ainda que caminhando para a ruína, é um lindo solar de província.

Em um pequeno largo, ao lado direito do seu velho portão em arco, está a capela do Paço, antiga, de architectura simples e modesta.

Dentro, tem um altar em talha renascença, vendo-se no camarim a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, ladeada por as de outros santos.

Entre a casa e o portal estende-se um largo terreiro onde a torre do paço, destacando-se do corpo do edificio, parece que nos vem receber.

É esta baixa, de dois andares, com seus telhados ameados, subindo encostada a ela uma larga escadaria que dá acesso a um terraço, lajeado, que a cinge pelo lado do norte e dá comunicação para a outra parte do edificio.

Fecha esse páteo ao cimo da escadaria uma porta com o brasão dos seus antigos senhores.

Ao fundo do terreiro, em frente ao portão, levanta-se pròpriamente o paço com suas janelas, algumas geminadas, portas em arco e telhados guarnecidos de ameias; um encanto todo este conjunto.

Do lado do poente, no muro que fecha o terreiro, abre-se um tanque em que a água cai pelas narinas de um cavalo gravado em pedra.

Fica este solar no alto de uma trincheira, junto à Linha Férrea do Minho e Douro, que lhe cortou parte das traseiras e separou-o do resto da quinta. Pertence hoje esta casa e capela à Ex.^{ma} Senhora D. Joaquina da Costa Fezas Vital, moradora em Caminha.

A *Igreja Paroquial*, fica ao fundo de uma avenida que desde o Cruzeiro vai até ao adro.

É um edifício baixo, acachapado, com predomínio de estilo barroco.

Ao lado direito da fachada ergue-se um pequeno torreão para dois sinos.

Os telhados do templo foram há poucos anos, em 1931, reformados, sendo substituída a bela telha romana pela inestética telha francesa.

Deste mesmo lado direito estão a sacristia e a casa de arrecadação, abrindo-se entre as duas a porta travessa.

Em frente a esta porta foi construído um pequeno átrio coberto, tendo no pavimento a data 1931.

Dentro a capela-mor é forrada a madeira pintada, o pavimento em pedra e o altar e tribuna em talha antiga.

O corpo da Igreja é forrado também a madeira pintada, com vários quadros onde estão representados a Fé, a Esperança e a Caridade, e no centro a imagem do padroeiro São Martinho.

Os seus dois altares laterais são em talha moderna, o púlpito tem a data 1862, o pavimento é ainda em taburnos, o baptistério moderno e o coro com balaustrada antiga.

No pavimento, à entrada da porta principal, vê-se a repetida data 1931 das últimas e grandes reformas nesta Igreja.

Ao lado direito do templo e separado deste pelo adro está a *Residência Paroquial*, edifício modesto e sem pretensão a grandes comodidades.

No alto da avenida ergue-se o velho *Cruzeiro Paroquial*, que é bem interessante.

Na sua base foi aberta uma extensa inscrição que não pudemos ler por estar caiada de fresco e no cimo de uma coluna oitavada firma-se a cruz de pedra com a imagem de Cristo crucificado.

Ao lado direito desse cruzeiro está o *Cemitério Paroquial*, cujo portão ostenta a data 1886.

Além da Capela do Paço, a que já nos referimos, tem esta freguesia mais as seguintes:

A *Capela da Senhora da Lapa*, no lugar da Gandra a qual foi mudada do sítio onde esteve para próximo à Estrada de Barcelos a Ponte do Lima há uns vinte anos pouco mais ou menos e nessa ocasião ampliada. É pública.

A *Capela das Santas*, dedicada às onze mil virgens, junto à casa de Celeiró, a qual pertence hoje ao Ex.^{mo} Snr. Dr. Fernando Salazar.

Esta freguesia está situada na encosta nascente dos altos montes que de Carapeços se estendem por Quintiães e Santa Lucrécia de Aguiar, no vale do Neiva.

É servida pela estrada de Barcelos a Ponte do Lima que lhe passa no seu extremo nascente e por dois ramais: um que vai à casa de Celeiró e outro à casa do Snr. Dr. Félix Machado, da freguesia de Quintiães.

Para chegar, porém, ao centro da freguesia, à sua Igreja Paroquial e ao Paço só por caminhos velhos e escabrosos.

Atravessa-a a Linha Férrea do Minho e Douro, galgada em dois pontos por seus pontões de boa cantaria e está ainda dentro dos limites desta freguesia a Estação do Tamel, pela qual se serve a vila de Ponte do Lima. O tunel do Tamel, o mais extenso desta linha, com 980 metros de comprimento, está também em parte nesta freguesia.

Situada na bacia orográfica do Neiva, é banhada esta freguesia por um pequeno regato que nasce nos montes de Carapeços e vai desaguar naquele rio.

As suas fontes públicas são: a do Outeiro, a de Vide, a de Gaião e a da Caganita.

Confronta pelo norte com a freguesia de Quintiães, pelo nascente com a de Cossourado, pelo sul com a de São Fins do Tâmel e pelo poente com a de Carapeços e a dita de Quintiães.

A sua população no século xvi era de 33 moradores (1); no século xvii era de 70 vizinhos; no século xviii era de 60 fogos; no século xix era de 453 habitantes e actualmente é de 470 habitantes, sendo 206 varões e 264 fêmeas, sabendo ler 59 homens e 18 mulheres, havendo pois 393 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Gandra, Mourisca, Portela, Agrela, Portelinha, Pereira, Cubas, Celeiró, Áspera, Fonte, Picoto, Pegões, Outeiro, Vinha, Paço, Loba, Vivos, Calvário, Gova, Frião e Doimenta.

As casas mais importantes são: a do Paço de Aborim (solar dos Barbosas), a de Celeiró, a de Portelinha e a da Quinta.

Não há nesta freguesia Escola Oficial, mas em compensação existem cinco lojas ou *vendas*!

Tem Caixa do Correio.

Quando nos referimos ao Cruzeiro Paroquial dissemos que na sua base existe uma inscrição que não pudemos ler por estar caiada de fresco.

Chamaram depois disso a nossa atenção para a leitura de — Barcelos, Resenha Histórica, etc., do Snr. J. de Mancelos Sampaio, precioso livro publicado em 1927, onde a págs. 32 vem uma fotografia do Snr. A. Soucaux deste cruzeiro com a transcrição da tal inscrição.

(1) No Censo da População de 1527 vem — Em a freguesia de Sam Martinho d'Amorym 33 moradores — Julgado d'Aguyar.

A legenda é a seguinte: ESTA OBRA FOY FEITA POR DEVOÇÃO NO ANNO DA PESTE DE MIL QUINHENTOS E SESSENTA E SETE.

A este padrão dão nome de Cruzeiro de S. Sebastião. Corre na tradição que a Casa de Aborim tinha o direito de asilo; criminoso que se agarrasse a uma cadeia de ferro, que ainda há poucos anos existia na ombreira do portal de entrada daquela casa, livrava-se de ser perseguido pelas justiças daqueles tempos.

Aguiar

AGUIAR, orago Santa Lucrécia, era uma abadia da apresentação da casa de Aborim.

O nome desta freguesia vem do latim *Aquila-ris* (de aquila), relativo a águia. Aguiar é também apelido de família nobre, cujo tronco, segundo uns, foi Mendo Pires, senhor do Castelo de Aguiar, no tempo de D. Afonso Henriques, e, segundo outros, foi Pedro Mendes de Aguiar, contemporâneo daquele mesmo rei.

A freguesia de Santa Lucrécia de Aguiar vem nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, com a designação = «De Sancta Lurgicia», em Terra de Aguiar de Ripa de Limia.

Nelas se diz que o rei não é padroeiro, não tem aqui reguengo algum, não lhe pagam qualquer foro; que os desta freguesia vão ao castelo e que esta Igreja tem sessarias e 8 casais, Palme, 2 casais, Carvoeiro, 2 casais e São Lourenço, meio casal.

Das Inquirições de D. Afonso III, de 1258, consta o seguinte:

In Judicato de Aguiar: Item, in parochia Sancte Lurgice disserom: «que el Rey non est padrom; et dixerunt que est Couto per padroes. Item, dixerunt que os omees deste davandito Couto vam in anuduva; et se fazem voz ou caomia fora do Couto, pectam al. Rey a meya et ao Senhor do Couto a meya.

Item, in este Couto moram omees que se escusam per amadigos, que macar fazem voz ou caomia fora do Couto, que a non pectam nem vam in anuduva».

As Honras *por amadigo* eram muito frequentes entre nós e aparecem nos documentos antigos referências a elas como existentes em muitas freguesias deste concelho.

Amadigo era o lugar, povo, quinta, casal ou herdade que lograva os privilégios de Honra por nele se haver criado ao peito de alguma mulher casada o filho legítimo de um *Rico Homem* ou *Fidalgo honrado* (1).

Tornou-se o amadigo pelo andar dos tempos um grande abuso que se opunha aos interesses da real fazenda.

Um lavrador queria libertar o seu casal, pedia pois ao senhor de uma Honra próxima que desse um filho a criar a sua mulher; criava-o ela em sua casa e por ser ama de leite desse novo fidalgo ficava *honrada*, livre e isenta de tributos, não só a casa do lavrador, mas muitas vezes todo o lugar e vizinhança onde ele morava.

Estes privilégios foram abolidos por el-rei D. Dinis, em 1290.

A Terra de Aguiar do Neiva foi dada pelo Conde D. Henrique a D. Gueda «O velho», seu companheiro de armas (2).

D. Fernando pelos anos de 1367 fez mercê da Terra de Aguiar a Nuno Viegas «O velho» e D. João I doou-a em 2 de Fevereiro de 1389, em troca da Aldeia Nova da Beira, a Nuno Viegas «O Moço», que esteve em Aljubarrota, chamando-lhe *seu vassalo*.

(1) Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo — *Elucidário* — vol. 1, pág. 73, v. Amadigo.

(2) Dr. António Vilas boas Sampaio — *Nobiliarchia Portuguesa*, pág. 92.

Aguiar foi vila, à qual D. Afonso III deu foral em 12 de Julho de 1258 e D. Manuel foral novo em 4 de Novembro de 1512, e cabeça do Julgado do mesmo nome, pertencendo mais tarde à grande comarca de Barcelos.

Entrou este Julgado com outras muitas terras e jurisdições na doação que D. João I, em 8 de Novembro de 1401, fez a seu filho D. Afonso, 1.º Duque de Bragança e 8.º Conde de Barcelos, para casar com D. Brites Pereira de Alvim, filha do grande Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

Compunha-se o Julgado de Aguiar em 1527 de dezasseis freguesias, das quais ficaram a pertencer ao actual concelho de Barcelos, desde a Divisão Judicial de Portugal em 21 de Março de 1835, apenas as seguintes: Aborim, Aguiar, Balugães, Cossourado, Durrães, Panque, Mondim e Quintiães.

A antiga vila do Bolonhez e do Venturoso perdeu os seus foros e hoje é uma pobre freguesia sertaneja do ainda grande concelho de Barcelos.

Dentro dos limites desta freguesia, no alto do monte do Crasto (1), contraforte da serra de Arefe, existiu um castelo medieval, conhecido por Castelo de Aguiar.

Na linha guerreira do Castelo do Neiva, que se erguia na foz do rio do mesmo nome, serviam estas fortalezas de ponto de apoio na reconquista cristã e de baluartes de defesa da desmantelada vila de Barcelos.

(1) O próprio nome do monte parece indicar a existência de um castro romano ou até — quem sabe? — pré-romano.

Escavações que por ventura aí se façam devem confirmar a verdade desta opinião, como vem acontecendo no sítio onde esteve o Castelo de Faria.

O prestimoso Grupo Alcaides de Faria tem, no sítio onde esteve o Castelo de Aguiar, largo campo para as suas investigações arqueológicas.

Nem a história, nem a lenda porém relatam qualquer facto memorando que se desse junto aos muros do Castelo de Aguiar. Se o houve, caíu no olvido pelo descuido dos nossos maiores em narrar os feitos heróicos por eles praticados.

O castelo esteve no sítio hoje conhecido por Chã dos Castelos, lugar do Fojo, e ainda ali se encontram vestígios de muros e fossos.

É a única coisa que resta daquela fortaleza que a acção desgastadora do tempo e o vandalismo dos homens reduziu ao que se vê.

Encontrei alguém que me afirmou que há meio século viu umas construções em forma redonda, como moinhos de vento, que foram arrasadas.

Dos quatro baluartes de defesa da vila de Barcelos — Faria, Penafiel, Neiva e este de Aguiar — apenas vagos vestígios existem.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está situada perto da Linha Férrea do Minho e Douro, ao lado direito da entrada do tunel de Aguiar.

Esteve antigamente em uns campos, perto do lugar de Vila Nova, onde era talvez a antiga vila de Aguiar, mas foi mudada para aqui nos fins do século xvii.

Ergue-se este edificio no centro de um adro cercado por parede com duas portas de serventia.

Os cunhais dessas portas são rematados por grossas bolas em pedra.

Na sua frontaria alta, de estilo simples e sem arrebiques, abre-se uma larga janela por cima da qual está um pequeno nicho com a imagem da padroeira Santa Lucrecia. Ao lado esquerdo levanta-se uma sólida e bem construída torre e ao lado direito, junto à capela-mor, a sacristia.

Esta Igreja primitivamente era baixa, mas foi alteada há uns quarenta anos.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo no centro um quadro alusivo ao Sacramento. O seu altar é em talha simples pintada a branco e doirada.

Na parede do lado do evangelho abre-se um arco tumular onde se abrigava o carneiro dos senhores de Aborim, padroeiros desta freguesia.

O túmulo foi dali retirado há uns trinta anos e as cinzas nele contidas passadas para uma das quatro sepulturas com tampas de pedra, existentes no pavimento da Igreja, hoje cobertas pelo mosaico que o revestem.

Naquele arco tumular formou-se então a gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Os tectos do corpo da Igreja são também de madeira pintada, tendo no centro a imagem da padroeira Santa Lucrecia.

Os dois altares laterais, junto ao arco cruzeiro, são em bela talha doirada, pintada e restaurada em 1896, conforme se lê em uma inscrição existente no lado do evangelho.

Do lado direito está outro altar em talha moderna e muito simples e do lado esquerdo um grande oratório metido na parede com uma bellissima imagem de Cristo crucificado, na agonia.

O coro, púlpito e baptistério não são dignos de nota.

A *Residência Paroquial*, junto ao adro, foi há anos devorada em parte por um incêndio, estando a restante quase em ruínas.

Em um pequeno Largo de trás da Igreja ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*. No alto de uma coluna quadrada levanta-se uma cruz singela, tendo na base gravada a data 1621.

Mais ao nascente, na encosta do monte perfurado pelo tunel, está a *Capela de Santo António*. É uma linda capelinha de aldeia, pequenina, baixa, muito caiada.

Na sua frente estende-se um amplo alpendre de quatro colunas parapeiteado de pedra com bancos e pavimento também de pedra.

Do lado esquerdo, junto à porta principal em ogiva, está um belo púlpito redondo em pedra (escabelo) assente em uma pequena coluna. Ao centro desse púlpito tem gravado um escudo com um leão rompante encimado por uma águia estendida como timbre.

Por fora essa capelinha, tirando-lhe a sineira em ferro, é um encanto; dentro, porém, quem espreitar pelos dois buracos, em forma de óculos, abertos na porta sente uma decepção: o seu altar em talha antiga, mal cuidada, causa desolação.

É cercada esta capela por um amplo adro com paredes capeadas.

Na ombreira direita da porta da entrada desse adro tem a seguinte inscrição:

ESTA. OBRA. FOI. MANDADA. FAZER. PELO
DEVOTO. JOÃO. JOZE. DE. SOVZA. REZIDENTE.
NO BRAZIL. 1879.

Por trás da capela e adro está o *Cemitério Paroquial*, com a data 1889 no seu portão, onde se vêem dois bons jazigos.

No monte, por cima do tunel, à face de um caminho erguem-se nove cruces; na base de uma lê-se ANNO DE 1684 e na de outra 1683.

A *Capela de S. Sebastião*, no lugar de Pousada, é baixa, pequena e muita antiga.

Ao lado da linha férrea vê-se o cruzeiro de coluna oitavada e base redonda.

Há ainda as *Alminhas de S: Bento*.

Esta freguesia, situada na encosta nascente do Monte de Arefe, é banhada pelo rio Neiva e atravessada pela Linha Férrea do Minho e Douro de sul a norte. Está nesta freguesia o tunel de Santa Lucrécia que tem a extensão de 230 metros.

Confronta pelo norte com a freguesia de Carvoeiro, do concelho de Viana do Castelo, pelo nascente com a de Balugães, pelo sul com a de Quintiães e pelo poente com a Durrães e a de Fragoso.

A freguesia de Santa Lucrécia de Aguiar não vem no Censo da População de 1527; vêm as outras freguesias do Julgado e este com a população de 891 moradores.

No século xvii tinha esta freguesia 70 vizinhos; no século xviii tinha 73 fogos; no século xix tinha 475 habitantes e actualmente tem 402 habitantes, sendo 167 varões e 235 fêmeas, sabendo ler 53 homens e 19 mulheres, havendo 330 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Tulha, Vila Nova, Ponta das Tábuas, Pousada, Agrela, Quinta Nova, Igreja, Reboleira, Lousa, Pomaraço e Castelão.

As suas casas mais importantes são: a da Lousa, a do Bernardo, a do Costa, a do Zeferino e a do Carvalho.

Tem uma loja de comércio e Caixa do Correio.

A sua indústria reduz-se a algumas azenhas no rio Neiva.

Foi criada uma Escola Oficial, mas ainda não appareceu professor para reger a cadeira.

Dos homens mais illustres, que nasceram nesta freguesia ou cujos nomes andam a ela ligados, deixaremos no eterno descanso e esquecimento muitos, trazendo à luz da história apenas os seguintes:

Aires da Costa, Arcipreste de Barcelos, Cónego da Sé de Braga e Abade de Santa Lucrécia de Aguiar, em

que foi provido no ano de 1525. Em 1530 se lhe anexou a abadia de S. Pedro Fins do Tamel.

Faleceu em 1551. Escreveu Ceremonial da missa, Camones penitenciaes, impressos em Lisboa em 1548.

P.^e Manuel Vicente de Carvalho, natural desta freguesia e seu pároco durante muito tempo, onde faleceu há unş trinta anos.

P.^e Manuel Marques Maciel, nascido na freguesia de Durrães em 13 de Março de 1829, foi pároco de Aguiar e Arcipreste de Barcelos, tendo falecido em 8 de Julho de 1913.

Que mais diremos àcerca desta fraguesia?

Pouco.

As suas fontes públicas, que já nos ia esquecendo mencionar, são as seguintes: a do Paço, a da Assobida, a da Ribeira, a da Ponte, a de Pousada, a do Areal, a do Gaio, a da Quinta Nova e a do Passal.

Quanto a viação pública, Aguiar não tem progredido desde os tempos dos governadores do seu castelo e das justiças do seu Julgado.

Passava por aqui a antiga estrada do Porto a Galiza; ladeando Santa Lucrécia de Aguiar atravessava o Neiva e seguia pelo Cruzeiro de Algares, Carvoeiro, etc.

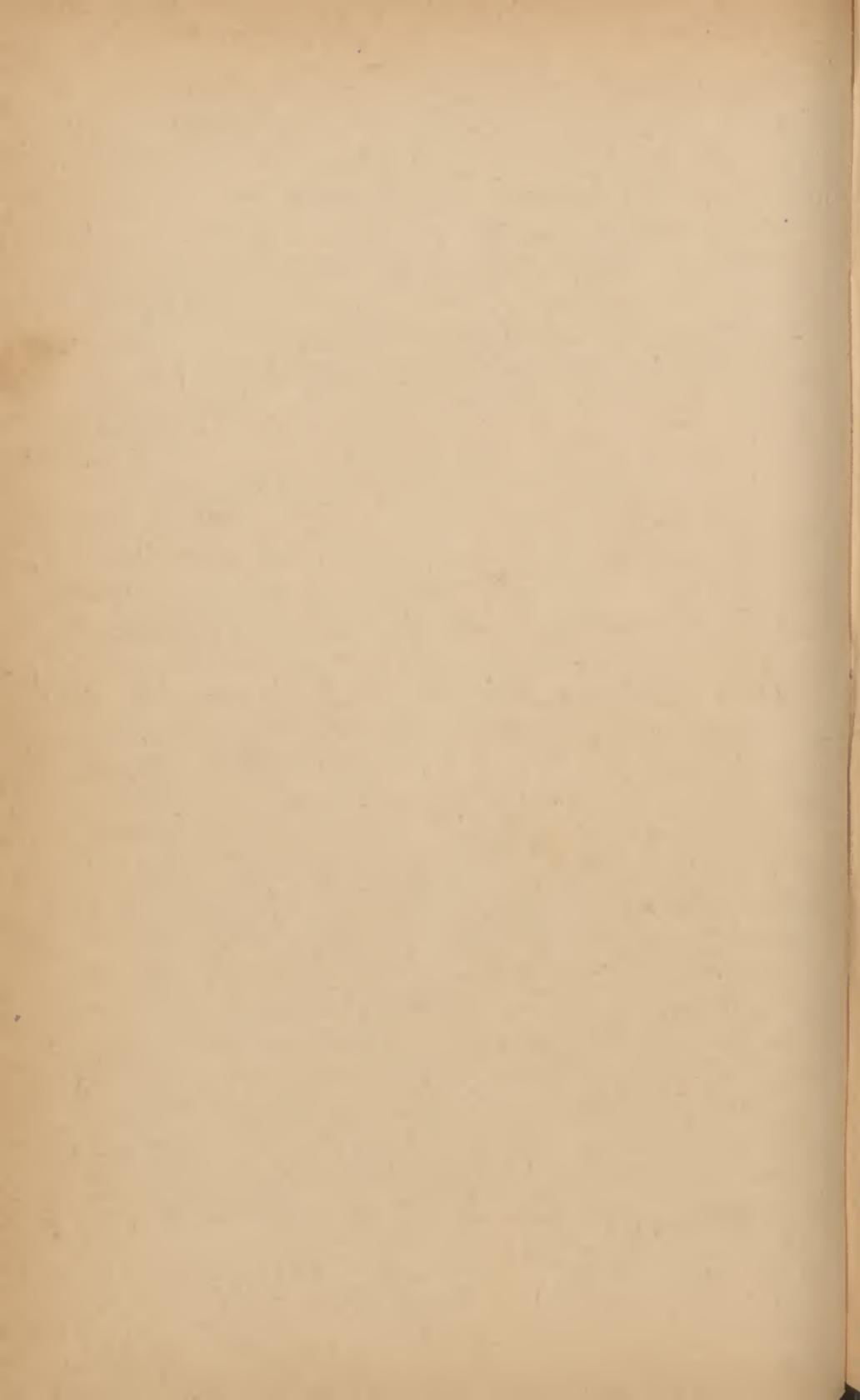
O macadame ainda aqui não entrou; para alcançar-mos o centro da freguesia temos de nos servir de meios de transporte usados nos saudosos tempos idos.

É certo que estamos constantemente a ver rodar na Linha Férrea do Minho e Douro comboios expressos, correios, ónibus, mercadorias e mistos, ascendentes e descendentes, mas se quisermos aproveitar as suas vantagens e comodidades, teremos de calcorrear três quilómetros, quer até à Estação do Tamel quer até ao Apeadeiro de Durrães.

A culpa disto porém, diga-se sem rebuço, não é das entidades encarregadas da distribuição de estradas e da criação de apeadeiros, as quais talvez até não tenham conhecimento da existência desta freguesia; a culpa é da sua má situação geográfica.

Bastava estar ela três quilómetros mais ao sul ou três quilómetros mais ao norte e já teria há muito estação ou apeadeiro, com as suas correlativas estradas.

Há algumas povoações com bem pouca sorte!



Aldreu

ALDREU, orago Santiago, era uma vigararia da apresentação do mosteiro de Palme.

Aldreu vem do nome próprio gótico *Alderredus* (1).

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem uma freguesia com a designação = «De Sancto Jacobo de Palmi», de Terra de Nevía, que julgamos seja esta de Aldreu.

Nelas se diz que o rei não tem ali reguengo algum e da qual não é padroeiro; que esta igreja tem sesmarias, Palme 11 casais e meio e Hospital 3 taligas de pão de renda.

Diz-se ainda mais: «et est ibi quedam mulier foraria et nubsit ibi in Cauto de Palmi, et posuit Rex domnus Sancius ut daret ei j-carneiro et esset quite. Et omnes vadunt ad castellum».

A freguesia de Aldreu estava compreendida no couto dos monges beneditinos de Palme, bem como a de Santo André, da qual falaremos quando tratarmos da actual freguesia de Palme.

(1) P.º António Gomes Pereira — *Tradições Populares*, pág. 321.

Quanto às actuais confrontações da freguesia de Aldreu tem havido as suas dúvidas e diferenças com as circunvizinhas, por não haver em muitas partes marcos divisórios.

A sua *Igreja Paroquial* era primitivamente em Aldreu e daí foi mudada no fim do século xvi (em 1575 segundo nos disseram) para o sítio a que hoje chamam Campos da Igreja Velha, conservando-se aqui perto de trezentos anos.

Era um edificio baixo, pequeno, mais pequeno que a actual Capela de Nossa Senhora do Pilar, com sua fachada voltada ao poente, terminada por uma sineira.

Foi assim que nos foi descrito por duas pessoas que ainda assistiram a alguns actos religiosos naquele templo.

Caída em ruínas, foi mandada construir a actual Igreja na Boa Vista, a qual fica ao lado direito da estrada que da Barca do Lago vai a Barroselas, começando a sua construção em 1853 e acabando só em 1862.

Situado em lugar elevado, de onde se disfruta um lindo panorama, é um belo templo ainda que interiormente um pouco pobre.

Da estrada sobe-se até ao adro por um bem lançado escadório.

Na parede do adro, de cada lado do escadório, tem gravada a seguinte inscrição: «ANNO. MDCCCLXIX».

Em cima o adro, largo e espaçoso, está cercado de parede, fortificada nos ângulos por pilastras que terminam umas em pirâmides e outras em grandes globos de pedra.

A entrada principal, ladeada de altas pirâmides, é defendida por um fojo com grades de ferro.

O templo, alto, de boa construção, tem um belo pórtico renascença, encimado por uma grande janela, que dá luz ao coro, e na parte mais elevada da sua frontaria abre-se um nicho com a imagem do padroeiro em pedra.

Ao lado direito da fachada ergue-se uma sólida e bem construída torre com relógio.

Atrás, do lado esquerdo junto à capela-mor, está a sacristia, proporcional ao resto do edifício.

Nos ângulos das paredes deste, sobrepujando os telhados, elevam-se altas pirâmides que dão graça à construção.

Tem duas portas travessas e sobre a porta principal a data 1862.

Dentro, bem iluminado por rasgadas janelas, ainda que não ostente riqueza, está bem conservado.

A capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo ao centro a imagem do padroeiro, ladeada pelas dos quatro evangelistas. A tribuna é em talha moderna pintada a branco e doirada.

Formando as escadas do supedâneo do altar vêem-se pedras com restos de inscrições e algumas ainda com datas gravadas, tais como 1692 — 667, etc.

Supomos que estas pedras fossem tampas de sepulturas para aqui trazidas.

A cadeira paroquial é em couro lavrado, tendo gravado nas costas um escudo bi-partido com as armas dos Pereiras e Castros.

Mostraram-nos aqui a cruz paroquial, floreada, em prata lavrada, que denota grande antiguidade, a qual nos disseram fora oferecida à freguesia pelo abade Queirós.

A sacristia é ampla e espaçosa, sendo o seu pavimento lajeado com pedras que contêm ainda números.

Dizem que essas pedras eram da extinta capela de S. Luís da quinta de Palme.

No corpo da igreja, entre as portas travessas e o arco cruzeiro, estão os quatro altares laterais em talha simples e moderna.

Do lado esquerdo, perto da pia baptismal, está metido na parede um oratório com a seguinte inscrição:
ESTE ALTAR MANDOU FAZER I PINTAR POR
SUA DEVOÇÃO MANOEL JOAQUIM D'ARAÚJO.

Tem esta Igreja coro, dois púlpitos e baptistério, este tosco e antigo que com certeza para aqui veio da Igreja velha.

À entrada da porta principal, no chão, está gravada em pedra a data—12—11—1862, talvez a da inauguração.

Esta Igreja e freguesia foram visitadas pelo arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha em 22 de Novembro de 1904, segundo consta de uma extensa inscrição em pedra de mármore metida na parede do lado do evangelho entre os dois altares laterais.

Do lado esquerdo do adro estão as casas da Junta de freguesia, tendo sobre uma das suas portas a data 1891.

O *Cruzeiro Paroquial* fica ao fundo do terreiro que se estende em frente da Igreja, do lado esquerdo da estrada. É alto, elevado, erguendo-se sobre uma alta coluna, a cruz de pedra com a imagem de Cristo crucificado e tendo na base a data 1891.

A *Residência Paroquial* fica ainda mais abaixo para o lado do poente.

No terreiro em volta do adro havia um Calvário cujas cruces, hoje a maior parte derrubadas, se espalhavam pelo monte acima na direcção da capela do Pilar.

As bases de algumas dessas cruces contêm inscrições difíceis de decifrar, vendo-se ainda em uma delas a data 1727.

A *Capela de Nossa Senhora do Pilar* fica no alto de um pequeno monte, ao lado nascente da Igreja Paroquial, quase nos limites desta freguesia com a de Fragoso.

Dali disfruta-se um panorama, ainda que um pouco triste, com suas belezas naturais.

Avista-se Viana, Santa Luzia, Vila de Punhe, Alvarães e por Santa Marinha de Forjães até aos montes de Fragoso que ficam ao nascente e sul.

O templo é pequeno mas bem proporcionado.

No centro de um adro, fechado por parede, com fojo na porta de entrada, ergue-se a sua fachada emoldurada em pedra bem trabalhada. Por cima da porta principal tem a data 1819 e por cima de uma janela, coroando a fachada, um nicho com a imagem da padroeira.

Do lado direito, junto à capela-mor, está a sacristia na parede da frente da qual se ergue uma pequena sineira.

Dentro é pobre. Tem apenas um altar em estilo barroco.

A capela-mor é forrada a estuque e o corpo da Igreja em madeira pintada. Tem coro e púlpito.

No adro, cercando o templo, existem umas velhíssimas oliveiras.

Esta capela serviu de matriz durante a construção da actual Igreja Paroquial.

Fora do adro, está um cruzeiro, sem cruz, o qual contém a seguinte inscrição: REM 1835.

Junto à casa de Palme existiu uma *capela* sob a invocação de S. Luís Rei de França, hoje desaparecida.

Há nesta freguesia os seguintes *Nichos* ou *Alminhas*: o de Santo António, junto à estrada, perto da Igreja, que nos dizem ser antigo; as alminhas na Agra de Igreja velha, abandonadas, as quais tem gravada na pedra a seguinte inscrição: ESTAS ALMAS MANDOU POR AQUI DOMINGOS JOSE FERNANDES ANNO 1871, e as alminhas de Meimar, abandonadas também, que tem gravado o ano de 1860.

No portão de entrada do *Cemitério Paroquial* vê-se a data 1907.

Esta freguesia, situada na bacia orográfica do rio Neiva, é banhada pelo ribeiro da Calaça, que nasce em Bustelo, freguesia de Palme, e vai desaguar àquele rio, e é servida pela estrada que da Barca do Lago, freguesia de Gemeses, do concelho de Esposende, vai à Estação de Barroselas.

Confronta pelo norte com a freguesia de Fragoso; pelo poente, com a de Forjães, do concelho de Esposende; pelo sul, com a de Palme e pelo nascente, com a dita de Fragoso.

As suas fontes públicas são: a do Carregal, a de Cima de Vila, a Nova e a de Brulhe.

A sua população no século xvii era de 94 vizinhos; no século xviii era de 102 fogos; no século xix era de 524 habitantes e actualmente é de 565 habitantes, sendo 243 varões e 322 fêmeas, sabendo ler 114 homens e 41 mulheres, havendo pois 410 analfabetos.

No Censo de 1527 a população desta freguesia vem englobada na do Couto de Palme. Assim diz = Jullguado de Nevia — O mosteiro e Couto de Pallme e freguesia: 90 moradores.

A sua actual população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Rio, Fontainha, Torre, Estrada, Santiago, Boavista, Bouça, Lages, Souto, Outeiro da Vinha, Aldeia, Brirais, Madorra, Sá e Donelo.

As suas casas mais importantes são a de Palme (brasonada, cujo brasão se encontra actualmente no pátio da casa do Ex.^{mo} Snr. Conde de Vilas Boas, nesta cidade), a do Souto, a da Bouça, a dos Buchos, a da Cruz, a dos Carvalhos, a do Quintas, a do Mendanha e a do Capitão.

Tem Escola Oficial em edificio arrendado, duas lojas de comércio, Farmácia e Caixa do Correio.

Efectuam-se nesta freguesia duas feiras anuais: uma no 1.º de Janeiro (antigamente em 31 de Dezembro) e outra no dia 25 de Julho, dia do seu padroeiro.

Tem uma Fábrica de destilação de vinhos e uma Cooperativa de lacticínios.

Há aqui uma indústria típica, interessante: a de fazer remos para barcos, pás de pau e vertedoiros (1), de que tudo exportam.

É curioso que em uma freguesia sertaneja como esta, longe do litoral ainda que perto de um rio, que actualmente não é navegável, se desenvolvesse semelhante indústria.

Dos homens ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, destacaremos os seguintes:

António de Mendanha Arriscado, nascido nesta freguesia, cavaleiro da Ordem de Cristo (1862), comendador de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (1865), Moço Fidalgo da Casa Real (1866) e último Morgado de S. Francisco (Barcelos).

Comendador Domingos Gonçalves de Sá, natural desta freguesia, falecido há poucos anos; foi senhor da Quinta de Curvos, em Santa Marinha de Forjães, Espo- sende, que vendeu ao seu actual proprietário.

José Joaquim de Queirós, natural desta freguesia, capitão de milícias e que viveu nos princípios do séc. XIX.

P.º Manuel Joaquim de Queirós, natural desta freguesia, a qual parou mais de 50 anos.

Encostada à parede do adro, do lado direito da Igreja desta freguesia, está uma sepultura em pedra com sua tampa partida de um dos lados, tendo nesse rebordo gravada uma cruz de Cristo, obra com certeza posterior à da sepultura.

(1) Vertedoiros, pá de madeira com que se despeja água dos barcos.

Chamaram a nossa atenção para aquele monumento funerário e para a água que continha dentro.

É crença do povo que essa água nunca seca e que aumenta e diminui de volume conforme as marés.

Vem aqui gente de muito longe com fé nesta água milagrosa lavar as suas feridas e apostemas, deixando como ex-voto dependuradas na parede do adro, junto à pia, como aqui chamam a esta antiga sepultura, pedaços de roupa.

Contou-nos uma simpática velhinha da vizinhança, que vindo uma família dos lados de Viana em procura do milagre daquela água e ficando admirada de ver a pia quase seca, algumas pessoas, que estacionavam no adro, lhe explicaram que se assim sucedia é porque a maré estava em baixo e, enquanto uns lhe gabavam as vistas que daqui se disfrutavam e lhe chamavam a atenção para certos pontos distantes em lugar oposto, outros faziam subir a maré.

Este facto aumentou mais a fé no poder miraculoso desta água, continuando a ser muito procurada pela humanidade enferma.

Esteve esta sepultura no adro da Igreja velha e já aí obrava milagres.

Quando foi da mudança da matriz para aqui quiseram levar esta sepultura, a *Pia de Santiago*, como também lhe chamam, para a Igreja de Palme, mas não foi possível; empregaram para a arrastar dez ou doze juntas de possantes bois, não conseguindo sequer movê-la do sítio.

Resolveram então trazê-la para o sítio onde está, no adro da nova Igreja, bastando para isso uma junta de pequenos toiros!

Foi assim que nos contaram este facto espantoso; se é mentira, vai pelo mesmo preço.

Alheira

ALHEIRA, orago Santa Marinha, era uma abadia da apresentação da casa de Bragança.

Alheira, etimològicamente de *alliaría*, quer dizer terra de alhos. Perto desta freguesia está o monte da Alheira, *mons alliaría*, como vem nos documentos antigos.

O abade da Alheira tinha o direito de apresentação do vigário na freguesia de Santiago de Nogueira, do concelho de Vila Nova de Cerveira, da qual era anexa.

O P.^e Carvalho, na sua *Corografia Portuguesa*, vol. I, pág. 194, diz que a freguesia de Nogueira é muito antiga, fundação de el-rei D. Afonso Magno, que a deu à Igreja de Santiago de Compostela.

Ignoramos como passou o direito de apresentação do seu pároco para o abade da Alheira.

Santiago de Nogueira era couto da casa de Bragança e aqui foi edificada uma torre — a Torre de Nogueira — solar da família deste apelido.

Alheira vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação = «De Sancta Marina de Leira», de Terra de Nevía.

Nelas se diz que o rei é o padroeiro; que esta Igreja tem sesmarias, Santa Maria de Galegos 3 casais, Hospital um morabitino de renda e que o rei tem em «Quintæla» meio casal menos uma oitava. Nos *foros e*

dádivas se diz mais: «Et quando Dominus (Rex) aut Ricushomo veniunt per ipsam terram dat eis clericus de ista ecclesia suum servicium. Hereditas que fuit de Sueiro Raiz est pausa de Maiordomo, et includunt ibi ganatum et pectant inde vocem et calumpniam, et habet illam monasterium de Manenti et ermavit illam, etc. sic perdit dominus Rex inde totum suum forum. Et vadunt omnes ad castellum».

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, 1.^a Alçada, se diz que, «*in Judicato de Nevia, in parochia Sancte Marine de Aleyra*», el-rei é o padroeiro, que esta freguesia costumava render para el-rei cada ano quarenta e cinco maravidis com duas ermidas que estão ali, e continua: «Item disserom que, quando don Joam Redondo teyve a terra, que Fernam Vaasquiz escudeiro fez omizio et pectou uno casal a esse don Joam Rotondus por esse omizio, et de o a seu irmão Martino Petri por outro, et esse Martinus Petri fez y una quintana. Disserom que, quando El rei ou o Ricomem que ten a terra ven pelo lugar, fazen li servizo desta ecclesia.

E in esta freeguisia entra o Mayordomo a Illj^{or} causas, scilicet: furto, e rouso, et merda in buca, et omizio.

Item, da ermida de Sancto Laurencio sum as tres partes condado et regaengo, e fazem servizo al Rey.

E vam a fazer o castelo».

Nestas Inquirições aparecem-nos os lugares de Rial, Quinteela, Paredes, Cortia^r da Buzaqueira, Cerzedo, Cortial de Vila, Cobal, Souto de Vila e Represa.

Existiu a freguesia de São Salvador de Regoufe, que em época que não podemos determinar se extinguiu e foi dividida por esta da Alheira e por a de São Pedro de Alvito.

Aparece-nos aquela freguesia nas Inquirições, mas já a não encontramos no Censo da População de 1527.

Nas Inquirições de 1220 vem com a designação = «De heremita de Sancto Salvatore de Regaufi », de Terra de Nevia.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum; que é padroeiro desta ermida e que esta Igreja tem sesmarias e São Pedro de Calvelo um casal.

Que «de ista collatione dant pro toto foro de renda iij. morabitanos, exceptis quatuor calumpniis, et vadunt ad castellum.

Et de ista heremita dant scorzo et fogaciam Regi vel Ricohomini ».

Nas Inquirições de 1258, 1.^a Alçada, se diz: «*in Judicato de Nevia*, item, *in parochia Sancti Salvatore de Regauffi* que «el Rey est padron e fazem li servizo da ecclesia. Et intra y Mayordomo a Illj^{or} cousas, scilicet: a omizio, et rouso, et furto, et merda in bucca. E vam a fazer o castelo ».

Vamos explicar algumas das palavras que vem nas Inquirições e documentos antigos. Algumas traduzem usos e costumes que hoje não existem, estabelecendo-se na legislação daquelas épocas afastadas penalidades para crimes banidos pela civilização.

Assim *servicium*, no sentido em que aqui é tomado, era um presente, um obséquio que o directo senhor esperava da generosidade dos seus colonos, que tendo obrigação de lhe fazer este mimo, não eram contudo obrigados em certa quantidade e qualidade.

A qualidade e quantidade desta oferta estava pois dependente da vontade do colono.

Vadunt ad castellum era o direito *castelático*. Era uma contribuição que os vassallos anualmente pagavam para a fábrica e reparação dos castelos dos respectivos territórios, quando o trabalho corporal nas obras militares não era preciso.

Voz, calunia e coima, eram certos direitos que andavam anexos à coroa e que consistiam em pertencer ao real fisco as penas e multas de certos crimes.

Scorzo era a vasilha de cortiça de sobreiro que levava seis canadas de vinho e *fogaças* eram bolos ou pão delgado cozinhado debaixo das cinzas ou rescaldo. Este pão ázimo era muito usado outrora por se fazer rapidamente.

Aplicou-se depois o nome de fogaça também aos bolos de pão levedado e cozido no forno.

Quatro e às vezes cinco delitos se costumava coimar nos forais dos séculos XII e XIII: *o omizio, o rouso, o furto, a merda in bucca e o arrombamento de portas com mão armada*.

Não era fixo, porém, o número destas coimas; havia forais que punham duas, outros três e outros até cinco.

Nas Inquirições relativas a esta freguesia põe quatro: *omizio, rouso, furto e merda in bucca*.

O omizio era morte de homem ou mulher feita por autoridade própria, proibida e castigada pelas leis.

Havia nos primeiros tempos da nossa nacionalidade o mau costume de cada um acoimar morte de parente, mas D. Afonso IV mandou por uma lei guardar o direito comum e que os culpados fossem castigados pelas justiças e não por autoridade própria. D. Afonso V acabou por uma vez com semelhantes coimas, desafios e vindictas entre todos os seus vassallos, mandando que todos os agravados recorressem às suas Justiças, mantendo apenas o costume de o marido matar o adúltero e a sua mulher que com ele se achar.

O rouso era o rapto violento de mulher ou a violência que se fazia a qualquer mulher que sem ser furtada era violenta e lascivamente contra sua vontade ofendida.

Excepto em raros forais, era severamente punido este acto mui principalmente, e sempre, quando *a rousada* fosse mulher casada.

D. Pedro I foi até ao ponto de condenar à morte o marido de Maria Rousada, de Benfica, quando soube que ele a tinha forçado antes de se casar com ela.

O *furto* é um acto criminoso que sempre, ainda que diversamente, foi punido.

Ainda hoje nas nações mais avançadas applicam-se àquele crime penas severas, conforme a sua gravidade.

Entre alguns povos e mesmo entre nós nos primeiros tempos da monarquia, costumava-se marcar com uma letra a fogo os criminosos.

A *merda in bucca* era uma das injúriãs maiores que antigamente se praticava e rigorosamente punida entre nós.

Os documentos antigos usavam dos termos: *stercus in ore, merda in bucca, lixo em boca, deostos*, etc.

Este crime felizmente caiu em desuso; apenas um ou outro mais malcriado limita-se a mandar . . . ao lixo a vítima, sendo até expressão agora muito usada por pessoas da boa sociedade que a querem tornar da moda.

Sobre a significação destes termos pode ver-se o «Elucidário» de Santa Rosa de Viterbo.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está situada no centro de um adro, vedado por parede com duas portas de serventia.

Ao lado esquerdo da sua fachada, modesta e simples, ergue-se uma alta e possante torre para os sinos, bastante desproporcionada com o resto do edificio.

Por trás dessa torre estão a sacristia e a casa de arrecadação da igreja.

À entrada da porta principal, no adro, vê-se no chão uma sepultura, cuja tampa contém uma extensa inscrição

quase apagada pela acção desgastadora do tempo e dos pés dos fieis.

Dentro o templo está bem cuidado.

A capela-mor é forrada a estuque, muito bem pintado e decorado, tendo no centro uma alusão ao SS. Sacramento.

O altar é moderno.

Debaixo do arco cruzeiro, a seguir à sepultura paroquial, está no pavimento uma pedra com a seguinte inscrição = A. D. MANOEL. MENDES. DA SYLVA Q MANDOV REFORMAR A ESTA IGREJA 1660 = Esta inscrição tem de curioso que o artista fez os RR como YY, o que embaraça um pouco a sua leitura.

O arco cruzeiro é todo forrado com um revestimento de madeira em talha antiga, bem trabalhada, à guisa de sanefão.

Os dois primeiros altares laterais são em bela talha estilo barroco e os outros dois a seguir são também na mesma talha antiga, mas metidos nas paredes.

Os tectos do corpo da igreja são em madeira pintada com várias decorações, tendo no meio um quadro com um coração.

Tem coro e púlpito, pobres e modestos é certo.

A pia baptismal em granito, está debaixo de um arco metido na parede.

Ao fundo de um comprido e estreito terreiro, que corre paralelo à fachada da igreja, está o *Cruzeiro Paroquial*, modesto e simples. Entre este e a igreja houve antigamente um calvário, vendo-se ainda nos seus lugares as bases das cruzes e estas mutiladas, arrumadas no adro a um canto.

O *Cemitério Paroquial* foi construído há poucos anos, uns oito, segundo me disseram, não tendo ainda grandeamento.

Em Sogilde há um cruzeiro mandado erigir por um devoto.

Esta freguesia tem as seguintes capelas:

Capela de São Lourenço, em um cabeço do monte da Alheira, donde se disfruta um lindo panorama.

É pública e nela se realiza todos os anos uma festa ao seu padroeiro.

A *Capela da Senhora do Rosário*, no lugar do Pinheiro. É pública.

A *Capela de São João*, junto à casa do Pinheiro. É particular e pertence à Ex.^{ma} Snr.^a D. . . .

Da antiga freguesia de São Salvador de Regoufe não se encontram actualmente nesta da Alheira vestígios da sua matriz nem quaisquer outros a não ser o nome do lugar de Regoufe, que se compõe de bem poucas casas.

Esta freguesia da Alheira, situada em terreno plano, com leves ondulações de pequenos outeiros, está uma parte na bacia orográfica do Cávado e outra na do Neiva.

É banhada ao norte pelo rio Neiva, regada e fertilizada por um pequeno ribeiro que nasce aqui e vai desaguar ao Neiva, e pelo ribeiro do Paço, que nasce também nesta freguesia e é afluente do ribeiro do Tamel, antigamente conhecido por ribeiro de Fonteló que, nascendo na freguesia de Roriz, vai lançar-se no Cávado junto à ponte dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.

As suas fontes públicas são: a fonte de Ana, a da Presa, a da Granja, a do Chafariz, a de Mãos, a do Olivai, a de Pereira, a de S. Paio, a do Penedo, a do Carneiro, a de Macedos e a de Sogilde.

Nesta freguesia, sobre o rio Neiva, existe a bem conhecida Ponte de Anhel, de origem romana, em três arcos, que hoje dá passagem à estrada de macadame n.º 13 de Barcelos a S. Julião de Freixo.

A freguesia da Alheira confronta pelo norte com o rio Neiva e a freguesia da Igreja Nova, pelo nascente com a de Cervães, do concelho de Vila Verde e a de Oliveira, pelo sul com a de Roriz e pelo poente com a de S. Pedro de Alvito e a de Panque.

É servida pela estrada municipal n.º 13 de Barcelos à ponte de Anhel. Chamam-lhe *estrada* mas tal é o seu estado que dentro do carro, quando a percorremos da última vez, deu-nos a impressão que íamos por um monte abaixo aos saltos!

No Censo da População de 1527 vem = no Jullgado de Neyva a freguesia de *Alheyra* = com 57 moradores; no século xvii era de 143 vizinhos a sua população; no século xviii era de 160 fogos; no século xix era de 728 habitantes e actualmente é de 909 habitantes, sendo 413 varões e 496 fêmeas, sabendo ler 121 homens e 42 mulheres, havendo pois 746 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Eira Velha, Bouça, Casal do Monte, Real, Pinheiro, Alheira de Baixo, Estrada, Igreja, Fonte, Além, Alheira de Cima, Cachada, Outeirinho, Granja, Regoufe, Ponte de Anhel e Sogilde.

As suas casas mais importantes são: a do Pinheiro (brasonada), com sua torre manuelina e grande parque, a de Proença na Ponte de Anhel (brasonada), a do Ourteiro de Baixo, a do Afonso, a de Real e a da Cal do Monte.

Tem três lojas de comércio, Caixa do Correio e Escola Oficial, mista com um lugar, que funciona em casa própria.

Corre na tradição que D. Branca de Azevedo, descendente da casa solar de Azevedo e casada na do Pinheiro, desta freguesia, foi a fundadora no século xvi da

Capela da Senhora do Rosário, deixando-lhe um legado com a obrigação de missas anuais e festa ao seu orago.

Corre igualmente na tradição que a mesma D. Branca de Azevedo fundou também a Capela de São Lourenço, no sítio assim chamado do monte da Alheira, deixando-lhe um legado.

Não parece porém ser verdade que ela fosse a fundadora desta última capela, pois a ermida de São Lourenço, nesta freguesia, já nos aparece nas Inquirições de 1258. Talvez fosse D. Branca de Azevedo uma das reformadoras desta capela.

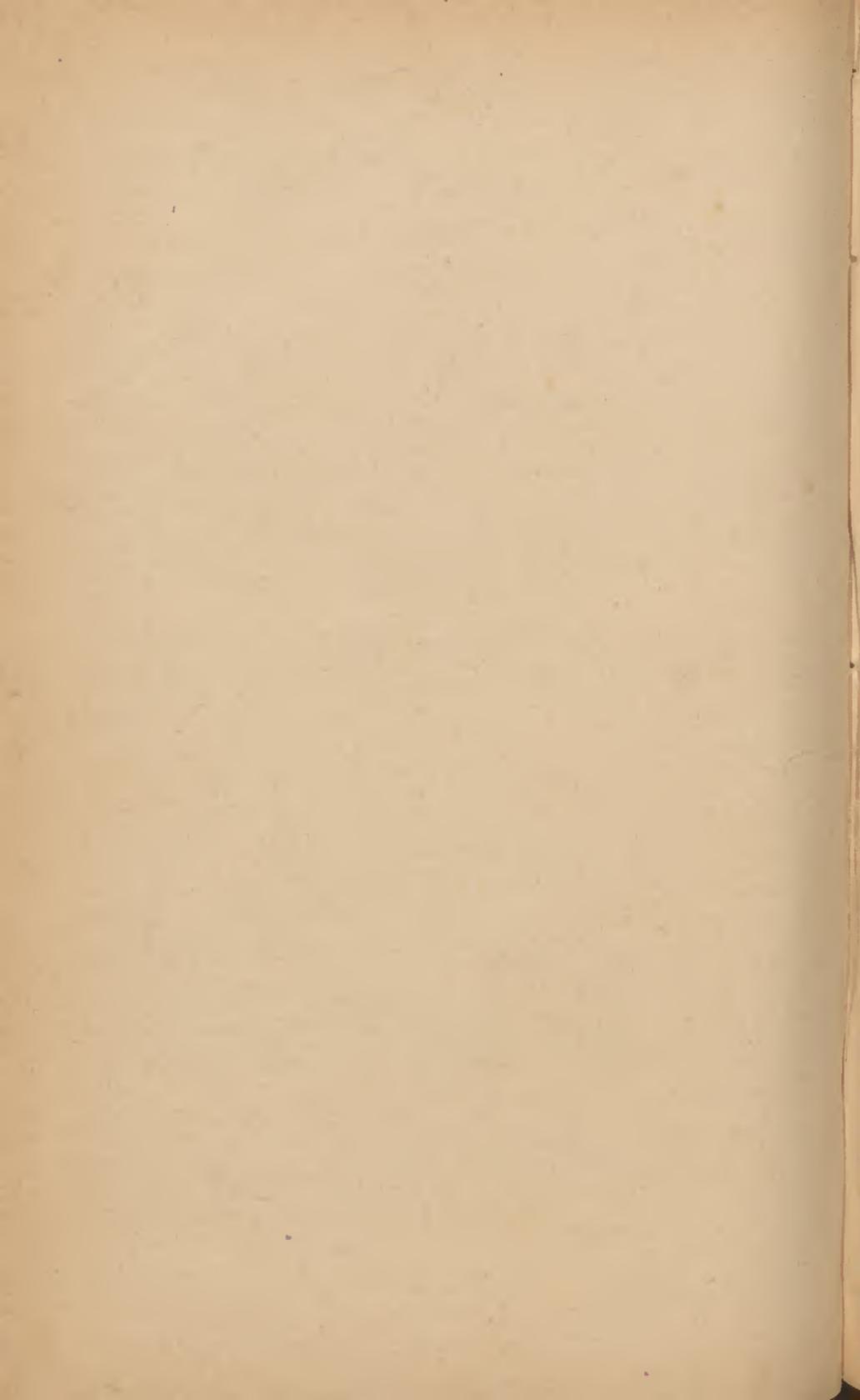
António José Lopes Alheira, natural desta freguesia, que viveu no meado do século XIX, foi médico distinto, professor na antiga Escola Politécnica e Deputado por Barcelos, promovendo o desenvolvimento das Caldas do Eirogo.

Houve uma antiga igreja na capela no lugar de Bustelo e ao sítio onde ela esteve chama-lhe o povo ainda «O Campo da Igreja». Ao poente deste sítio fica o lugar de Regoufe.

Existiu um Calvário, no sítio ainda hoje conhecido por este nome, que desapareceu há meio século.

Actualmente existe apenas um *Nicho* ou *Alminhas* nesta freguesia: são as do Outeiro.

No monte Lousado, limites desta freguesia e da de Panque, sobranceiro ao rio Neiva e perto da Ponte de Anhel, aparecem vestígios de uma povoação antiga, à qual se refere Jerónimo Contador de Argote nas «Memórias do Arcebispado» e Pinho Leal no «Portugal Antigo e Moderno».



Alvito (S. Martinho)

ALVITO, orago São Martinho, era uma abadia da apresentação da Mitra.

Alvito, etimològicamente vem de *Alvitus*, nome próprio gótico vulgaríssimo nos primitivos documentos relativos ao nosso país (1).

O P.^e Carvalho, na sua *Corografia Portuguesa*, vol. I, págs. 266, diz quando trata desta freguesia:—Aqui está uma torre já arruinada de que são senhores os Ferreiras da casa de Argenil: nela entemos viveu e foi senhor D. Godinho de Pousada de Tamel, a quem o Conde D. Pedro, ou seus copiadores, chamou Tamal, casado com D. Sancha Pires, filha de Pedro Soares, o «Escaldado», de que teve filha única, herdeira de sua casa, a D. Oureana Godins, mulher de Fernão Gonçalves, senhor e alcaide-mor de Azambuja, dos quais descendem não só os senhores daquela vila, mas os da Póvoa e Meadas, hoje incluída nos condes de Vale de Reis, os marqueses de Castelo Rodrigo e outros senhores e fidalgos. E esta se entende era a morada do conde D. Viga de Tamel, um dos sete condes a quem cegou o conde D. Mem Soares de Novelas, capitão general deste reino, antes de o ser, e todos sete estão sepultados em São Pedro de Atei—

(1) P.^e António Gomes Pereira—*Tradições Populares*, pág. 323.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, com a designação = «De Sancto Martino d'Alviti» de Terra de Nevia.

Nelas se diz que o rei tem aqui campos reguengos e deles dão o terço do pão; que desta freguesia não é padroeiro o rei e que esta freguesia tem sesmarias, Santa Maria de Galegos 3 casais e Hospital um «morabintinum» de renda.

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, 1.^a Alçada, se diz: = *In Judicato de Nevia, in parrochia Sancti Martini d'Alviti* el Rey non est padrom. Et vam fazer o castelo.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia, com sua fachada virada ao poente, é um templo baixo, pequeno e antigo, estando cercada de um adro vedado por parede com uma única porta de serventia ao nascente.

Em frente ao seu pórtico ogival estende-se um espaçoso alpendre ou galilé, sustentado por oito colunas com bases e capitéis diversamente trabalhados.

Por cima desse alpendre, na sua frontaria, encimada por uma cruz e ladeada por pirâmides nos cunhais, abre-se uma pequena rosácea que dá luz ao coro.

Ao lado direito, a facear com o frontispício, ergue-se um torreãozinho com um só sino e entre este e a sacristia, pequena mas proporcional ao resto do edifício, está a porta travessa.

Dentro, a capela mor é forrada a madeira, sendo o seu altar em estilo moderno.

No alto do arco cruzeiro, por cima do seu fecho e virado a este altar, tem pintada na parede a data de 1905, talvez a da sua última reforma.

O corpo da igreja é também forrado a madeira pintada, tendo dois altares de talha antiga.

O coro, púlpito e pia baptismal são antigos.

Sob o arco cruzeiro, a seguir à sepultura paroquial, está uma outra que tem a seguinte inscrição: S.^a de Antonio Barroso sua mulher Maria Rodrigues e seus herdeiros — 1650.

Ao lado esquerdo da igreja, separada desta pelo adro, está a *Residência Paroquial*, edificio de aspecto regular, mas muito arruinado.

Em um pequeno largo, formado pelo cruzamento de dois caminhos, ao nascente da matriz, ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, modesto e simples, tendo na base a data — 1644.

Perto desse cruzeiro, ao sul, estão umas *Almunhas*, as únicas que ora existem.

Situada no centro do vale do Tamel, esta freguesia é fertilizada pelo ribeiro de Bramil, que nasce na freguesia de Santiago do Couto e vai lançar-se no rio do Tamel, antigamente conhecido por rio de Fontelo, e confronta pelo norte com a freguesia de São Pedro de Alvito, pelo nascente com a de Roriz, pelo sul com a de Quiraz e pelo poente com a de Salvador do Campo.

As suas fontes públicas são: a de Lima, a dos Piscos, a da Coturela, a do Carvalhal, a de Alvito e a de Linhar.

Não é servida por estrada alguma, nem tem Escola Oficial, nem loja de comércio, nem Caixa do Correio, nem Cemitério; os enterramentos fazem-se actualmente no adro da igreja.

A população desta freguesia no século xvi era de 10 moradores; no século xvii era de 64 vizinhos; no século xviii era de 27 fogos; no século xix era de 118 habitantes e actualmente é de 139 habitantes, sendo 59 varões e 80 fêmeas, sabendo ler 24 homens e 12 mulheres, havendo pois 103 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Carvalhal, Piscos, Igreja, Gandarinha, Pinheiral, Coturela, Gaioso e Tabolado.

As suas casas mais importantes são: a do Brás e a da Gandarinha.

Esta freguesia é pequena em área e população, mas era uma das mais importantes em rendimentos para o pároco, sendo esse rendimento constituído por foros, inscrições e um grande Passal.

Foi seu último abade colado o *P.^e António Fernandes Pais de Vilas Boas*, o bem conhecido *abade Pais*.

Nascido nesta cidade em 5 de Dezembro de 1835, faleceu em Quiraz em 15 de Julho de 1912.

Ordenado de presbítero em 1861, foi pároco em S. Martinho de Galegos (1870), abade de Roriz e Quiraz (1872) e desta de São Martinho de Alvito (1900).

Prêgador Régio, Comissário da Ordem Terceira de S. Francisco (1905) e vereador da Câmara Municipal de Barcelos (1905), teve uma vasta colaboração nos seguintes jornais: «O Barcelense», «O Eco de Barcelos», «O Jornal do Povo», «Aurora do Cávado», «O Desengano», «Folha da Manhã», «A Lágrima», «O Comércio de Barcelos», «A Fé» e «Barcelos-Revista».

Usou dos pseudónimos de *Arqueólogo* e de *Panocrácio*.

Deixou várias crónicas publicadas em aqueles jornais, algumas muito apreciadas, tais como «Barcelos há 50 anos», «Coisas Velhas» e «Cartas d'Aldeia».

Alvito (S.. Pedro)

ALVITO, orago S. Pedro, era uma vigararia das freiras do Salvador do Campo e depois da Comenda de Cristo, sendo da apresentação do reitor de Salvador até 1834 (1).

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, com a designação — « De Sancto Petro d'Alviti » de Terra de Nevia e nelas se diz: que o rei tem aqui alguns campos reguengos, que não é o padroeiro dela e que esta Igreja tem sesmarias, Templo 1 casal e Manhente 1 casal.

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, se diz: *in judicato de Nevia, in parrochia Sancti Petri d'Alviti*, « que a erdade que foy de Maria Pelaiz, moler que foy de Fernam Ermigit, que por cousas que fez essa Maria Pelaia filou el Rey o seu quiniom da erdade e deitou la in Regaengo, e deu a in casamento a don Vicente Rodriguit, e foy senhor dela de manu del Rey 12 anos; et ora teen-na seus filios e seus netos de Maria Pelaiz, et non achamus por que a am.

Et intra y o Mayordomo a iiij.^{or} cousas: omizio, et rousso, et furto, et merda in bucca.

(1) *Pinho Leal — Port. Ant. e Mod. — vol. I, pág. 180. Paulo D. de Nisa — Port. Sacro e Profano, vol. I, pág. 39.*

Et vam a fazer o castello».

Aparecem nestas Inquirições os seguintes nomes de lugares então existentes: Casal do Ribeiro, Regaengo do Arco da Pedra, Outeiro, Salzido, Encourados, Boiva, Chousos, Caoso, Bouzoos, Mael, Campo mao, Agro de Savili, Quintana de Carapito, Quintana do Outeiro, de D. Urraca April.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está situada em sítio elevado, donde se goza um lindo panorama.

O edificio antigo desta Igreja era pequeno e baixo, sendo reformado e ampliado em 1884.

Está no centro de um adro com uma única porta de serventia ao lado. Na sua fachada muito simples tem por cima de uma rasgada janela a data 1884 da sua última reconstrução.

Ao lado esquerdo ergue-se a torre para os sinos, à qual se seguem as sacristias.

Na torre foi colocado um relógio que tem em volta do seu mostrador a inscrição seguinte: «OFERECIDO POR DAMIAO RODRIGUES DUARTE ROSA — 8-12-1910».

A capela-mor é forrada a madeira e tem pintada no centro uma custódia; o seu altar é moderno.

O corpo da Igreja é forrado a estuque, tendo pintada no centro a imagem do padroeiro São Pedro.

Tem dois altares laterais em talha antiga, sendo pintada esta Igreja em 1920, segundo uma inscrição que ali se vê.

Tem coro, dois púlpitos e baptistério, tudo muito simples.

Nesta freguesia existem actualmente duas capelas.

A *Capela de S. Sebastião*, no lugar de Leiroz, muito antiga, é particular e pertence ao Snr. Manuel Rodrigues Pinheiro.

A *Capela de Ginzo*, que sendo Igreja paroquial da freguesia do mesmo nome, é hoje capela pública e a ela nos referiremos quando tratarmos daquela freguesia.

O *Cruzeiro Paroquial* esteve antigamente no caminho que passava junto à Igreja, foi mudado há uns quarenta anos um pouco mais para o norte, para o sítio onde está, e pensa-se agora em o mudar novamente para outro sítio perto deste.

O *Cemitério Paroquial* ao norte da Igreja, perto do Cruzeiro, tem sobre o seu portão a data = 1890.

Existem ainda nesta freguesia as *Alminhas de Ginzo*, com uma grande inscrição que não pudemos ler por ser quase noite quando por lá passamos, e as de Rio do Porto, na margem deste ribeiro e junto a uma pequena ponte que o atravessa e dá comunicação para a freguesia de Ginzo.

A freguesia de São Pedro de Alvito, situada em planície, é fertilizada pelo rio do Porto, que nasce nesta freguesia e vai desaguar no rio do Tamel, afluente do Cávado, e é servida pela estrada que parte da nacional de Barcelos a ponte de Anhel e vem até à sua Igreja Paroquial.

Confronta pelo norte com a freguesia de Alheira, pelo nascente com a de Ginzo e a de Roriz, pelo sul com a dita de Roriz e Quiraz e pelo poente com a de São Martinho de Alvito e com a de Santiago do Couto.

As suas fontes públicas são: a de Fontão, a de Leiroz e a de Rio do Porto.

A sua população no século xvi era de 29 moradores; no século xvii era de 40 vizinhos; no século xviii era de 43 fogos; no século xix era de 137 habitantes e actualmente, com a de Ginzo, sua anexa, é de 458 habitantes, sendo 206 varões e 252 fêmeas, sabendo ler 71 homens e 29 mulheres, havendo pois 358 analfabetos.

Tem os seguintes lugares habitados, além dos da extinta freguesia de Ginzo, sua anexa, da qual adiante falaremos: Cruz, Aldeia, Reborido, Igreja, Quinta, Outeiro, Violante, Rio do Porto, Leiroz, Fontão, Perelo, Castilhão, Gaivas e Guerrelha.

As suas casas mais importantes são: a da Igreja, a de Leiroz, a de Castilhão, a dos Pinheiros, a dos Santos, a do Lugar, a de Carmona, a da Aldeia, a do Ledo e a de Durrães.

Tem uma loja de comércio, Caixa do Correio e Escola Oficial mista de um lugar, que funciona em edifício próprio. É este um bom edifício escolar, projecto do architecto Snr. Marques da Silva. Ao lado do seu grande salão tem uma boa e espaçosa casa para habitação do professor.

Foi construído no sítio onde esteve a residência Paroquial.

Existe nesta freguesia a casa e quinta de Carmona. *Francisco Machado Carmona*, filho de João Machado Carmona e de sua mulher D. Catarina de Faria, instituiu em 8 de Maio de 1639 o Morgado de Carmona.

Como fosse solteiro, ainda que com geração ilegítima, nomeou primeiro administrador desse vínculo seu sobrinho António Machado Carmona, casado com D. Estácia do Amaral, cujos descendentes continuaram nesse Morgado até José Machado Carmona Salter de Mendonça, casado com D. Maria Emília de Jesus Carmona, que foi o 10.^o e último Morgado de Carmona.

D. Maria de Abreu, também conhecida por D. Maria Machado, e D. Estácia de Abreu, irmãs do primeiro administrador do vínculo de Carmona, fizeram-lhe doação de vários prazos e anexaram em 1649 àquele vínculo as suas «Casas do Poio», na vila de Barcelos, que tinham sido cadeia ou cárcere público, as quais aquela D. Maria

Machado tinha herdado de seu tio o Dr. Lopo de Barros Desembargador da Casa da Suplicação.

Junto à Casa de Carmona, nesta freguesia, existia uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, a qual caindo em ruínas, foi a imagem da sua padroeira colocada na Igreja Paroquial onde se venera.

Erguia-se nesta mesma casa uma velha torre que foi demolida há uns trinta anos, quando da construção do actual edificio.

José Joaquim de Magalhães Varela, senhor da casa da Igreja, nesta freguesia, foi Capitão de Milícias e um dos bravos do Mindelo.

Preso por causa das suas ideias liberais, quando era conduzido por mar para o Porto, tomou o governo do barco e fugiu com os seus companheiros, para Vigo, indo dali reunir-se aos seus correligionários na ilha Terceira.

Foi depois Tabelião em Barcelos no regime liberal e faleceu em 13 de Junho de 1850.

António Manuel Duarte Salema de Amorim, nascido nesta freguesia em 27 de Fevereiro de 1801, foi Capitão de Milícias e senhor da casa de Castilhão, casou com D. Maria Madalena do Vale Amorim e faleceu em 1880.

P.^e Domingos Neiva Duarte Pinheiro, nascido em 21 de Maio de 1829, foi pároco desta freguesia durante muitos anos, mandou construir a nova Igreja em 1884, e concorreu também muito para a construção da estrada desta freguesia, tendo falecido em 26 de Dezembro de 1922.

Nos terrenos adjacentes à Igreja Paroquial apparecem vestígios de habitações romanas, principalmente tijolos e restos de olarias, tendo sido enviados alguns dos objectos encontrados para os museus do Porto.

No Museu municipal de Barcelos existe uma coluna e capitel da época romana que eram desta freguesia.

À freguesia de S. Pedro de Alvito está anexada civil e eclesiàsticamente a freguesia de

Ginzo

Ginzo, orago umas vezes Santo Antão e outras vezes São Salvador, era uma vigararia da apresentação do Prior da Colegiada de Barcelos.

Esta freguesia foi primitivamente do padroado real, passou mais tarde para a Casa de Bragança e desta para o Prior da Colegiada de Barcelos, conservando-se neste o direito da apresentação até 1834.

O orago desta freguesia aparece-nos, como dissemos, umas vezes Santo Antão e outras São Salvador.

Assim nas Inquirições de 1220 e de 1258 vem como padroeiro São Salvador; no Censo da População de 1527 e na Corografia do P.^e Carvalho vem Santo Antão.

O padroeiro actualmente é, porém, São Salvador, cuja imagem se venera no camarim do altar-mor da Igreja desta freguesia, venerando-se a de Santo Antão na capelinha ao lado daquela Igreja.

Ginzo deriva do nome próprio latino *Genisius*, variante de *Genesisius*, que figura na história eclesiástica dos primeiros séculos como actor pagão que se converteu ao cristianismo, quando estava a parodiar no palco o baptismo cristão (1).

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação = «De Sancto Salvatore de Ginzo» de Terra de Nevía e nelas se diz que o rei tem aqui alguns re-

(1) P.^e António Gomes Pereira — Trad. Populares, pág. 360.

guengos e trabalham neles homens desta freguesia e outros de fora dela e continuando :

« Et solet exire de isto Regalengo II modios per talligam de Pereira anial ».

« In Giizo est pausa, et quando pausat ibi Ricushomondant ei ipsi homines qui ibi habitant lineam pro ad coquinam, et debent levare illam usque ad portam palaccii. Et debent ire ad castellum. Et in iste ecclesia solebat sedere servizaria et dicunt quod iste dominus Rex Alfonso, qui modo regnat, fecit inde cartam quod non sederet ibi servizaria ».

O rei é o padroeiro e esta Igreja tem sesmarias e o Hospital, de renda, três quartos de pão.

Nas inquirições de 1258 se diz « *in Judicato de Nevia, in parochia de Sancti Salvatoris de Giizo* el Rey est padrom desta ecclesia, e que el Rey quando vem pela terra pousa in ecclesia, et os da vila levan li a lenia pora a cozinha ataes a porta do paacio ».

« E intra y o Mayordomo del Rey a Illj.^{or} cousas conoszudas, sicut supra dictum est — (omizio, et rouso, et furto, et merda in bucca) ».

« Item, o paazo est regaengo, et as cortinas d'arredor do paacio cum seus chantados condado et regaengo. Et in essa villa de Giizo ha montes por arromper que sum condado e regaengo. E vam fazer o castelo ».

Vem mencionados nestas Inquirições os nomes de sítios e lugares seguintes: Marco da Travessela, Leira das Fadas, Pedra da Pereira, Cabeceiras, Linhar Meão, Pomar de Dono, Trás os Moinhos, Pomar de Soeiro, Lodeiro, Agro dos Ramos, Cortinhal de Ginzo, Macieira, Tanaido, Cortinhas, Paços, Lagarteira, Recigosa, Eira de Ermigio, Fregião, Pomarino, Fonte de Campos, Bouzas de Meno, *Ermida de S. Fins*, Bouça da Carregosa, Bouça do Outeiro, etc.

O rei tinha nesta freguesia um Paço, onde pousava quando passava por aqui, o qual era celeiro e adega para recolher os direitos reais, egual aos que tinha em Barcelos e em Curvos.

Do Paço de Ginzo nem vestígios existem. Parece porém que deveria ser no lugar do Rego, pois esses terrenos eram foreiros à Casa de Bragança e no livro do registo paroquial dos baptismos do ano de 1790 apparece-nos escrito ainda o lugar do *Rego do Paço*.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia, hoje capela pública de São Pedro de Alvito, é um templo pequeno, baixo e modesto, sito no centro de um adro cercado por parede com uma porta de serventia.

Na sua fachada abre-se um pórtico romano, simples e sem ornatos, erguendo-se ao lado esquerdo um pequeno torreão para um sino e atrás, junto à capela-mor, a sacristia, e entre esta e aquele a *Capela de Santo Antão*.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo no centro a imagem do Salvador e sendo o seu altar antigo.

O corpo da igreja é também forrado a madeira com dois pequenos altares em talha antiga. O coro, púlpito e baptistério são também antigos.

Do lado do evangelho, abaixo do altar lateral, abre-se na parede uma interessante porta em arco redondo que dá comunicação para a *Capela de Santo Antão*.

Esta capela tem um belo altar em estilo barroco em que se venera a imagem daquele santo.

Esta imagem é de escultura antiquíssima e corre na tradição que veio da *Ermida de São Fins*, quando esta caiu em ruínas.

A ermida de S. Fins, à qual se referem as Inquirições de 1258, esteve no sítio hoje conhecido pelo nome de Poços de S. Fins, no monte de Lousado.

Em frente à igreja, com entrada pelo adro, está uma casa de humilde aparência, antiga *Residência Paroquial*, que foi vendida, pertencendo hoje a particular.

Um pouco ao norte da igreja, ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, simples, modesto e sem inscrição.

Confronta esta freguesia pelo norte com o rio Neiva, pelo nascente com a freguesia de Alheira, pelo sul com a de Roriz e pelo poente com a de S. Pedro de Alvito e a de Panque.

Não tem estrada, nem Cemitério, nem loja de comércio, nem Caixa do Correio, nem Escola Oficial.

É banhada pelo ribeiro do Porto, que a separa da freguesia de S. Pedro de Alvito, e tem apenas uma fonte pública, a do Rego.

O Censo da População de 1527, referindo-se a esta freguesia, diz: «Jullguado de Neiva — a freguesia de Santo Antam de Ginso — 20 moradores».

A sua população no século xvii era de 40 vizinhos; no século xviii era de 32 fogos; no século xix era de 145 habitantes e actualmente a sua população está incluída na de S. Pedro de Alvito à qual está anexa.

Tem os seguintes lugares habitados: Monte, Lugar Novo, Rego, Igreja, Moinhos, Regoufe, Carregosa, Frigom e Monteiro.

Como se vê pertencia a esta freguesia de Ginzo o lugar de Regoufe, nome de uma antiga freguesia, situada entre esta e a da Alheira, à qual já nos referimos quando estudamos esta última.

Não se sabe ao certo a data da extinção da freguesia de

Regoufe

Regoufe, orago São Salvador, vem nas Inquirições, como já dissemos, na freguesia de Alheira.

Ainda existe um missal antiquíssimo, com iluminuras de grande valor, que pertenceu à freguesia de Regoufe.

Desse missal obtivemos cópia de uma nota manuscrita que nele se encontra.

Vejamos: «He da igreja de Regoufe, anexa de S. Antão de Ginzo, Padroado do Ex.^{mo} Snr. Duque de Bragança, Estados, Coutos de Sua Casa. Ginzo d'Janeiro 1504.

Abade de Ginzo D. Payo de Melo e Castro de Bragança da mesma Real Casa».

*

«He de S. Antão de Ginzo. Salvador de Ginzo 25 de Janeiro de 1678. O Abade de Ginzo D. Gonçalo Pires da Maia Mendes e Vasconcelos Sueiro, Capelão fidalgo do Duque de Bragança Marquez de Vila Visosa, Conde de Barcelos e Ourem.

Hoje Rei de Portugal».

*

«Este missal he da igreja de Ginzo (Salvador). He estimável por mostrar a antiguidade velhíssima desta parochia e suas anexas antigas; ainda hoje os reguengos d'Alheira, S. Miguel de Roriz e S. Pedro d'Alvito vesinhos pagam para aqui seus disimos e pertenssem á Jurisdição desta antiga e Real parochia de juro.

Tudo isto consta dos tombos desta freguesia, a que me reporto, cujos se guardam nos archivos da mesma igreja e Real parochia».

Daqui se depreende que a freguesia de Regoufe ainda existia em 1504, mas já anexa à de St.^o Antão de Ginzo.

Em 1678 o missal é de St.º Antão de Ginzo por já ser extinta por certo a do Salvador de Regoufe, mas datada esta nota de S. Salvador de Ginzo.

Não se compreende bem.

Ninguém nos soube dizer onde esteve a matriz de Regoufe.

Por ainda existir aquele lugar de Regoufe, parte do qual pertence a Ginzo e parte à Alheira, devia ser ali que esteve a igreja paroquial da freguesia daquele nome e junto a umas Alminhas, que talvez fossem construídas para atestarem o lugar onde esteve essa igreja.

Extinta a freguesia de Regoufe, foi esta dividida, pertencendo parte à de Alheira e parte à de S. Pedro de Alvito.



Arcozelo

ARCOZELO, orago São Mamede, era uma abadia da apresentação da Mitra.

Arcozelo deriva de *arcu-cellus*, pequeno arco.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, com a designação = «De Sancto Mamete de Arcozelo», da Terra de Nevia e nelas se diz que o rei não é o padroeiro, não tem aqui reguengo algum, nem foro porque é couto e que esta Igreja tem sesmarias, Hospital 11 casais, uma quintana e sesmarias, Manhente 5 casais e Banho um quarto de casal.

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, se diz: «*De Judicato de Nevia in parrochia Sancti Mameti d'Arcozelo*» = que el Rey non est patronus desta ecclesia, ca est Couto por padroes, et el Rey nom *ha* y nichil».

Pelas Inquirições se depreende que esta freguesia teve o privilégio de couto que depois perdeu.

A sua *Igreja Paroquial* esteve primitivamente em uns campos dentro da actual quinta da Igreja.

Em um desses campos ainda se vê espetada na terra uma pedra de forma cilíndrica com uma cavidade na extremidade superior, a qual parece ter sido pedra de ara fixa, como antigamente se usava nos templos.

O povo diz que essa pedra marca o sítio onde era a capela-mor da matriz de Arcozelo.

Próximo desse local, um pouco ao poente, erguem-se umas casas de humilde aparência que eram a antiga Residência Paroquial.

A Residência, o campo onde esteve a Igreja e outro que era Passal, sendo incluídos naquela quinta da Igreja, foram trocados pelo terreno e casa mais ao norte, à actual Residência e Passal.

A *Igreja Paroquial* actual foi construída nos princípios do século XVIII.

Era um edificio baixo e acanhado, tendo sido porém alteado e ampliado nos fins do século XIX. É de arquitectura muito singela.

Ao lado esquerdo da sua frontaria ergue-se uma torre para os sinos, muito sóbria de cantaria, tendo por baixo das sineiras a inscrição que diz: F. 1905.

Atrás, junto à capela-mor, está a sacristia.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo um altar em bela talha doirada.

O pavimento nesta parte é em mosaico, vendo-se nele, sob o arco cruzeiro, a data da sua colocação — 1913.

O corpo da Igreja é forrado a estuque, tendo junto ao arco dois altares laterais, também em talha antiga doirada. Do lado direito, acima da porta travessa, foi há poucos anos colocado um outro altar em estilo moderno.

Tem coro, púlpito, este em boa talha antiga doirada, e baptistério.

Interiormente, por cima da janela que dá luz ao coro, lê-se a seguinte inscrição: « RECONSTRVIDA POR T. L. MONTEIRO EM 1884 ».

É a data da reforma e ampliação da Igreja.

Em um pequeno largo em frente a esta, ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, muito simples, levantando-se a cruz de hastes redondas sobre um globo de pedra que coroa a coluna. Na base, pareceu-nos ver a data 1690.

Detrás da Igreja, em uma pequena elevação de terreno ao norte, foi construído o *Cemitério Paroquial*, tendo sobre o seu portão a data 1887.

Esta freguesia, situada no feracíssimo vale do Tamel, donde se disfruta um esplendido panorama, é fertilizada pelo ribeiro de Crujes ou de Fora, que nasce na freguesia de Santa Leocádia do Tamel, e pelo do Lombão, que nasce na de São Fins do Tamel, os quais juntando-se ao que vem da de Alheira, formam o rio Tamel, antigamente conhecido por Fontelo, afluente do rio Cávado.

É servida pelas estradas de Barcelos a Ponte do Lima, pela Ponte de Anhel, e pela que vai desta cidade à de Braga por Prado, além de outras transversais: uma que liga aquela pela Ponte de Arcozelo a São Veríssimo do Tamel e outra que da Estação dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro de Barcelos passa pelo Beijão.

Tem as seguintes pontes: a de Arcozelo, a de Crujes, que dá serventia à estrada de Ponte do Lima e a das Pontes, que serve a de Braga.

Há apenas duas fontes: a do Ribeiro e a do Grilo.

Esta fonte tem por cima esculpida em uma pedra a seguinte inscrição: «PERTENCE. D. ROSA. C. VIEIRA. ESTA. AGVA. QUE. FOI. TIRADA. PELLO. CAPP.^m JOÃO. JOSE. GRILLO. NO. ANNO. D. 1818».

As confrontações desta freguesia são pelo norte com a de São Veríssimo do Tamel e a de Lijó, pelo nascente com a de São Veríssimo do Tamel, pelo sul com o rio Cávado e pelo poente com a de Barcelos e a de São Martinho de Vila Frescainha.

Se estas confrontações nunca mudaram, o mesmo se não pode dizer quanto às suas demarcações. Assim, esta freguesia absorveu algumas casas à de São Veríssimo do Tamel e perdeu muitas que foram incluídas na de Barcelos.

Os limites de Arcozelo que ainda vão até à estrada de Barcelos a Viana do Castelo, estendendo-se até perto do Recolhimento do Menino Deus, vinham antigamente pelo Campo da Senhora do Ó, hoje Campo da Liberdade, à Pedra do Couto, abrangendo ainda parte da Cerca do Hospital, iam pela quinta da Granja, que então pertencia à freguesia de São Veríssimo do Tamel, ao rio Cávado.

Estes limites recuaram porém ultimamente, ficando o Campo da Liberdade a pertencer todo a Barcelos e seguindo pelas alturas pouco mais ou menos do meio da Avenida Alcaldes de Faria em direcção ao rio, de maneira que o Cemitério Municipal ainda fica todo em Arcozelo.

No antigo Campo da *Senhora do Ó* havia uma *capelinha* daquela invocação. Hoje dessa capela apenas apparecem vagos vestígios em um prédio confrontante com aquele campo.

Viam-se ainda há pouco tempo as ruínas da *Capela de Santa Marta*, na quinta do mesmo nome, junto à Linha Férrea do Minho e Douro.

Esta quinta fazia parte da Comenda de Chavão, da Ordem Militar de Malta ou dos Hospitalários de São João de Jerusalém.

Abrangia esta quinta, além das terras que ainda lhe pertencem, os terrenos occupados pela Fábrica de Serração Domeneck, a Estação de Barcelos e outras casas e terrenos ao poente daquela Linha Férrea.

Em um pequeno outeiro, ao sul da Estação, junto à passagem de nível da estrada que vai para o Beijão existiu esta capela, que há anos começou a cair em ruínas e hoje completamente desapareceu.

Ainda há pouco tempo se podia fazer uma ideia dela, da sua architectura simples, com porta ogival e vestígios de uma bem proporcionada galilé ou alpendre.

No Museu Municipal de Barcelos existem armados o pórtilo ogival desta capela, a cruz que encimava a sua fachada, um escudo da Ordem de Malta e um galheteiro em pedra (século XVI) com a cruz de Malta.

Junto a esta capelinha estava um portal de serventia da casa dessa quinta, o qual foi demolido por 1908.

Na verga da sua porta via-se a seguinte inscrição:=
«ESTA. OBRA. MÃDOV. FAZER. O. COMEDA-
DOR. F. I. DE. FARIA. DE. ANDRADE. COMEDA-
DOR. DE. CHABOM. E. S. MARTA. FIDALGO DA.
CASA. DEL REI. DOM. SEBASTIOM. NO. SEGVN-
DO. ANO. QVE. EMTROV. EM RENDA. 1562».

Existem nesta freguesia as *Capelas de São José* na casa da Quinta de Igreja, pertencente à Ordem Religiosa das Irmãs Franciscanas de Maria e a de S. Rafael nas casas que servem de Hospital às mesmas Irmãs.

Há apenas umas *Alminhas*, as da Calçada.

A população desta freguesia no século XVI era de 30 moradores; no século XVII era de 66 vizinhos; no século XVIII era de 62 fogos; no século XIX era de 479 habitantes e actualmente é de 1.399 habitantes, sendo 680 varões e 719 fêmeas, sabendo ler 272 homens e 131 mulheres, havendo pois 996 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Rego, Crujos, Estrada, Seixo, Calçadas, Senhora do Ó, Granja, Pontes, Souto, Penedos, Estrada de Baixo, Ribeiro, Quinta de Santa Marta, Quinta, Bajoinde, Torgos, Largo da Estação, Rua Elías Garcia, Avenida Alcades de Faria e Torgas.

As suas casas mais importantes são: a da Igreja, a de Santa Marta, a de Touguinha, a do Beijão, a de Santo António e a *vila* Alice.

Em uma dependência da casa da Igreja esteve metido na parede um belo escudo bi-partido com as armas

dos Antas e Castros (de seis arruelas) o qual nos dizem pertencia à família dos Castros Negreiros, senhores daquela quinta, que o tinham trazido para ali da sua casa de Poiares.

Esse escudo acha-se hoje na quinta da Touguinha, pertencente ao Ex.^{mo} Snr. Dr. António Ferreira Pedras, distinto advogado nesta comarca, casado com a Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Glória Brochado Ferreira Pedras, descendente daqueles Castros Negreiros.

Tem esta freguesia Escola Oficial mista com um lugar, que funciona em edificio próprio, duas Caixas do Correio, 13 lojas de comércio, barbearias, duas Pensões, etc. e nela está a Estação de Barcelos do C. de F. do M. e D.

É esta freguesia uma das mais industriais, tendo as seguintes fábricas: a de Serração Domenech, duas de Destilação de vinhos, a de Moagem do Cávado, a de Serração Coutinho & C.^a e uma de Cerâmica.

Dentro dos limites da freguesia de Arcozelo foi construída a Cadeia comarcã de Barcelos.

Em 1926 o nosso ilustre patricio Snr. Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca, residente nos Estados Unidos do Brasil, mandou construir o edificio desta cadeia, dotando-o com todo o mobiliário, roupas e ferramentas para o trabalho dos presos. Foi escolhido o local junto à estrada de Barcelos a Viana para a sua construção.

É um bom edificio, próprio para o fim a que se destina, onde os presos recebem ar e luz a jorros, rodeado de uma ampla cerca na qual trabalham, distraem-se e recebem o sol do bom Deus.

Tem esta cadeia grandes dormitórios, casas de banho, enfermarias, oficinas de trabalho para cada sexo, aposentos para menores e no andar superior quartos para presos de categoria social, bem mobilados e com relati-

vas comodidades, além da habitação para o carcereiro, escritório e outras dependências.

O delinquente sendo assim tratado reconhecerá que a sociedade não é tão má como a julgava, pois não o separou de si com ódio e para satisfação de uma vingança, mas como um doente que era preciso tratar; será assim o começo da sua cura, da sua regeneração.

Tudo isto se deve à benemerência talvez bem esquisita e única em Portugal de um barcelense!

O Estado deveria considerar um pouco sobre este humanitário gesto e mandar arrasar os velhos antros que servem de prisões, não deixando construir outros, e edificar cadeias como a de Barcelos.

Para complemento desta obra de regeneração social está a funcionar neste edifício uma Escola devida à iniciativa do seu professor Snr. Manuel Dias Fernandes, que gratuita e altruistamente ali vai ministrar a instrução aos pobres encarcerados.

Em 1558 foi confirmado pelo Cabido, *sede vacante* por morte do arcebispo D. Baltazar Limpo, na abadia de Arcozelo e sua anexa São Simão de Vila Frescainha, *António Perestrelo Brandão*, clérigo de ordens menores e aluno da Universidade de Coimbra.

Este aluno da Universidade de Coimbra entende-se devia ter habilitações de sobra para naquele tempo ser abade desta freguesia.

Pela antiquíssima Constituição da Igreja de Braga, para um clérigo ser provido em benefício eclesiástico exigia-se apenas que soubesse o latim, de modo que pudesse entender ao menos à letra o que lesse.— Não possam ser providos em Igreja Paroquial ou Capela senão aqueles que souberem ler e contar e entender ao menos ao pé da letra, diz aquela Constituição.

Não se exigia muito e ainda algumas vezes os Prelados dispensavam nestas Constituições para o provimento daqueles lugares!

José Joaquim de Almeida, era natural desta freguesia como diz Eugénio Chardron quando lhe dedica a edição do livro «Raridade Bibliográfica» do Dr. Pereira Caldas, publicado em Braga em 1871.

Era José Joaquim de Almeida amador bibliográfico e coleccionador famoso de livros antigos, salvando-os de destruição frequentes vezes, possuidor de uma escolhida livraria em Braga; por todos estes títulos é que aquele editor lhe dedica a obra a publicar.

Foi abade desta freguesia por 1640 *André de Faria Mariz*, filho de Baltazar Cicio de Barcelos Cogominho e de D. Grácia de Matos Faria, desta cidade, e irmão de D. Fr. Francisco de Faria, bispo de Martiria e Coadjuutor do arcebispo de Braga D. Sebastião de Matos e Noronha, de João Faria Cogominho, de Cristóvão Cogominho de Faria e ainda outros.

Estes Cogominhos Farias, amigos e apaniguados do arcebispo Matos, seguiram o partido do rei de Castela quando da restauração de 1640.

Chegando a Barcelos a notícia da revolução feita em Lisboa, proclamando a independência da pátria, os barcelenses trataram imediatamente de aclamar rei o Duque de Bragança, que também era Conde Duque de Barcelos.

João de Faria Cogominho e seu irmão abade de Arcozelo André de Faria Mariz acaudilharam um grupo de maus portugueses, tentando contrariar o impulso generoso dos barcelenses, e de tal modo procederam que deram causa a sangrentas lutas de que aquele abade e seu irmão saíram tão comprometidos que tiveram de expatriar-se.

André de Faria Mariz fez testamento, legando à sua freguesia uns pequenos terrenos com a obrigação de uns responsos.

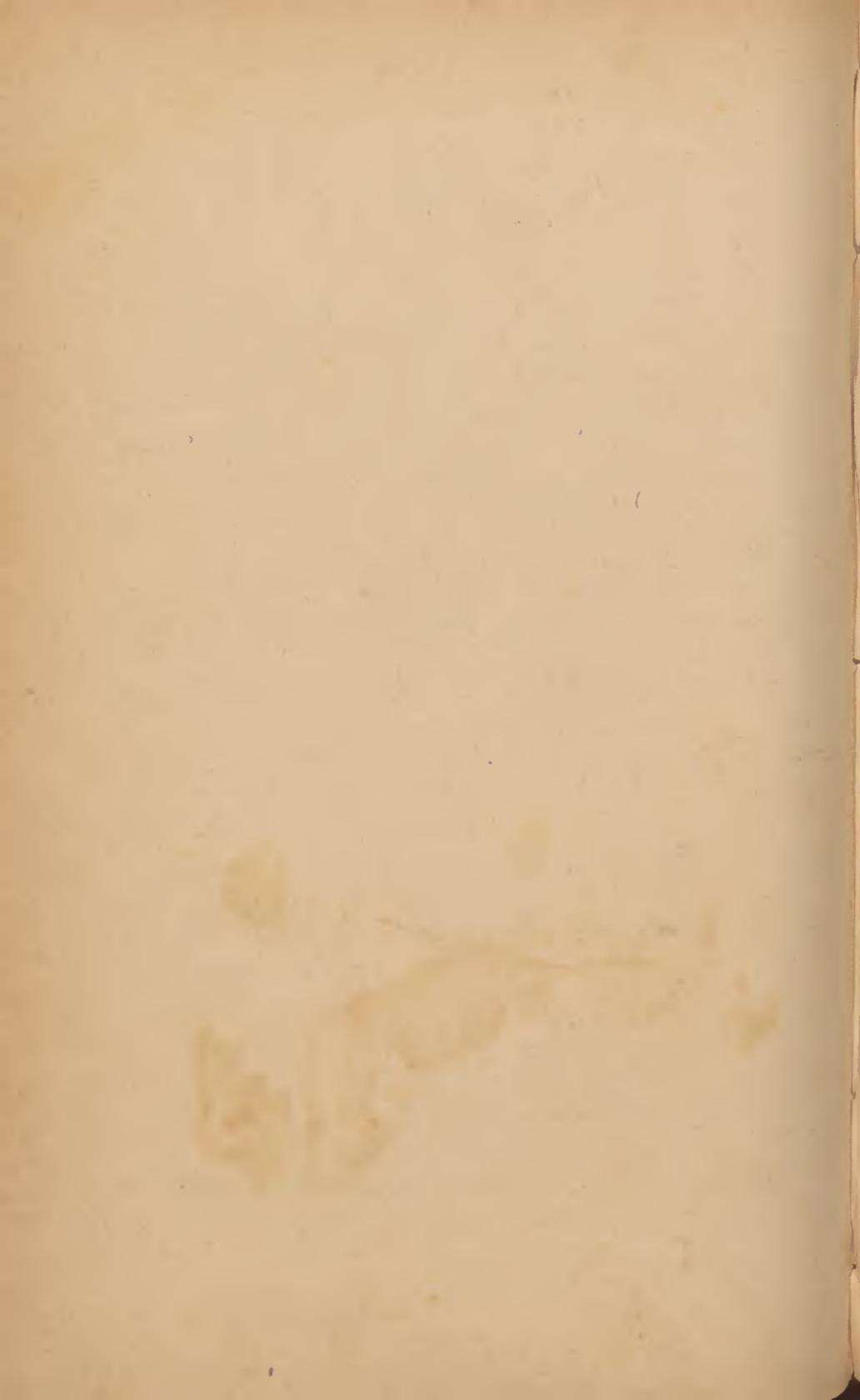
Não obstante a pouca importância desse legado, ainda hoje se reza na igreja de Arcozelo por alma do abade Mariz.

Os outros irmãos deste abade que, como é sabido, entraram na conspiração contra a vida de D. João IV, com o arcebispo Matos, tiveram todos um triste fim.

O bispo de Martiria, descoberta a conspiração, fugindo à borrasca que se aproximava, foi preso na estrada de Coimbra a Braga, e levado para a Torre de Belém, onde esteve encarcerado muitos anos. Morreu no convento de S. Vicente de Fora, para onde tinha sido removido.

Cristóvão Cogominho de Faria, sendo encarcerado no Limoeiro em Lisboa e julgado, foi enforcado a 9 de Setembro de 1641.

E assim encarcerados, executados ou no exílio, morreram os principais membros desta família.



Areias (S. Vicente)

AREIAS, orago São Vicente, era um curato da apresentação do mosteiro de Vilar de Frades.

O nome de *Areias* vem de um grande *areal* que há junto ao rio Cávado, em frente a esta freguesia, dando esse areal também o nome a outra, que fica na margem oposta do rio, que é Areias de Vilar.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação = «De Sancto Vicentio de Arenis», de Terra de Prado.

Nelas se diz: que o rei tem aqui alguns reguengos, que não é padroeiro e que esta igreja tem sesmarias, a igreja de Braga tem voz e calúnia, fossadeira e directuras, Vilar de Frades 4 casais.

Nas Inquirições de 1258 se diz: = «*in Judicato de Prado = in parochia Sancti Vicentii de Areas*», que *hay* regaengos que se aven cum Mordomo de Prado, e levam no pam a Prado et dam a meia do chantado; da devesa de Lourentim e da Enfesta leva inde el Rey a sesta, e deven a ir a joizo do Joiz de Prado.

Toda esta freguesia tinha o isento de couto: metade pertencia ao couto do mosteiro dos monges beneditinos de Cervães e a outra parte ao mosteiro também beneditino de Manhente.

Este convento extinguiu-se, passando a abadia secular da apresentação do Convento de São João Evangelista

de Vilar de Frades, ao qual ficou a pertencer o couto de Manhente.

O mosteiro de Cervães extinguiu-se e passou também a abadia secular, da apresentação do arcebispo de Braga, e o couto de Cervães ou de Vilar de Areias, como era conhecido, ficou a pertencer ao arcebispo.

Existe junto ao cruzeiro da capela de Santo André uma pedra em forma de marco espetada na terra e outra junto àquela capela com os seguintes dizeres gravados em uma das faces viradas ao sul: «Braga 1703». Dizem que há outra em Monte de Bois, limites desta freguesia e da de Manhente.

Não podemos asseverar, mas parece-nos que essas pedras marcavam nesta freguesia a parte que pertencia a Cervães (couto do arcebispo de Braga) e a que pertencia ao couto de Manhente (do convento de Vilar de Frades).

Esta freguesia era do concelho de Prado, o qual vinha quase até à vila de Barcelos, ao ribeiro do Tamel ou de Fontelo, passando para o concelho de Barcelos, juntamente com as outras, por decreto de 21 de Março de 1835.

A sua *Igreja Paroquial* esteve primitivamente no lugar da Aldeia (perto do qual existe ainda um cruzeiro, que era o antigo paroquial) sendo, nos fins do século XIX, porém, mudada para o sítio onde está.

É esta um edificio grande, alto e de boa pedraria, levantando-se ao lado esquerdo da sua fachada uma sólida torre para os sinos, com seu relógio, seguindo-se-lhe a sacristia e mais dependências da igreja.

Na sua frontaria de cantaria bem lavrada, tem por cima da porta principal gravado o ano de 1899, data em que terminaram as obras da sua construção.

Ergue-se este edificio no centro de um pequeno larço, ao lado esquerdo da estrada que vem até aqui.

Dentro, está belamente pintado e decorado; é um dos templos mais ricos deste concelho.

A sua capela-mor é forrada a estuque artisticamente pintado.

Ao centro tem um quadro alusivo ao Sacramento, ladeado, aos quatro cantos, das imagens dos evangelistas.

Nas paredes, belamente pintadas, tem do lado da epístola um escudo com as armas dos Cunhas, encimado pelas insignias episcopais, em homenagem ao arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha, e do lado do evangelho as armas pontifícias.

O seu altar é em talha moderna, mas ricamente pintado e doirado.

O corpo da igreja é também forrado a estuque, tendo ao centro pintada a imagem do padroeiro São Vicente.

Tem dois altares laterais em talha estilo moderno, dois púlpitos em talha doirada, coro sustentado em arco abatido e pia baptismal de mármore muito bem trabalhada.

Está o baptistério metido na parede, debaixo de um arco, tendo ao fundo uma escultura em gesso, representando o baptismo de Cristo, e por dentro do arco, no alto, as armas reais.

No vestibulo, entre o guarda-vento e a porta principal, tem no tecto a escultura em gesso representando a Fé.

Por cima da janela que dá luz ao coro vê-se pintada a data da inauguração desta igreja — 1900.

Na sacristia estão dependurados na parede dois retratos: um do Conselheiro P.^o Domingos José de Sousa e outro de seu irmão o Snr. João José de Sousa Sobrinho, residente na Baía.

Ao lado esquerdo da igreja, separada desta pelo adro, ergue-se a *Residência Paroquial*.

No dia 7 de Outubro de 1900 foi a bênção da igreja e inauguração da residência, edificios mandados construir

pelo Conselheiro P.^o Domingos José de Sousa, benfeitor desta freguesia.

Este acto foi revestido de toda a solenidade, assistindo a ele o arcebispo de Braga, o bispo do Porto, o governador Civil de Braga, o presidente da Câmara Municipal de Barcelos, administrador do Concelho, muito clero e povo.

O *Cruzeiro Paroquial* está ao norte da igreja, à margem da estrada que vem até esta.

Não tem inscrição alguma nem data; é de linhas altas e esguias, pecando pela sua simplicidade.

O *Cemitério Paroquial* está à direita da igreja, ao fundo da sua capela-mor.

Por cima do seu portão de ferro tem as letras = C P S V A = e a data 1893.

Ao fundo, em frente a este, ergue-se o Jazigo-capela que o conselheiro P.^e Domingos José de Sousa mandou construir para si e família.

No gavetão em que repousa o corpo deste benemérito está pintado um escudo e insignias de pessoa eclesiástica com as armas dos Sousas e por baixo deste o seu nome, data do nascimento e morte.

A *Capela de Santo André*, no lugar do mesmo nome, é a única capela que existe nesta freguesia.

Esta capela é um templo baixo, largo e atarracado, sita na parte mais elevada de um pequeno outeiro.

Ao lado direito da sua frontaria, ergue-se um pequeno torreão para um sino e atrás, junto à capela-mor, a sacristia.

Dentro, é pobre; na capela-mor, forrada a madeira com pintura antiga, tendo no centro o icone do santo padroeiro, tem altar com retábulo em talha estilo moderno; no corpo da igreja, forrado também a madeira pintada,

tem dois altares laterais, em talha simples e moderna, coro e púlpito.

Está este templozinho no centro de um pequeno adro, incompletamente fechado, só com parede por dois lados, estendendo-se na sua frente um grande terreiro, ao fundo do qual se ergue o cruzeiro desta capela.

Na base deste tem a seguinte inscrição: «Sancto André Anno de 1865»; fuste estriado e capitel sem ornatos.

Nesta capela e terreiro faz-se todos os anos uma romaria a S. Brás, cuja imagem se venera em um dos altares laterais.

Esta freguesia, situada em planície nas margens do Cávado, confronta pelo sul com aquele rio, pelo nascente com a freguesia da Lama, bem como pelo norte e pelo poente com a de Manhente e é servida pela estrada de 2.^a classe de Barcelos a Montalegre por Prado e por um travesso que dessa estrada vem até à igreja.

As suas fontes públicas são: a do Souto, a de Covelas e a de Matias.

O P.^o Carvalho na sua Corografia Portuguesa diz que nesta freguesia há uma fonte, «que na manhã de São João é buscada de doentes, de que muitos sarão».

Não sabemos se ainda existe essa fonte ou qual é das que acabamos de mencionar, cujas águas tinham tão miríficas propriedades na manhã daquele festivo dia.

A população desta freguesia no século xvii era de 40 vizinhos; no século xviii era de 39 fogos; no século xix era de 390 habitantes e actualmente é de 489 habitantes, sendo 203 varões e 286 fêmeas, sabendo ler 110 homens e 83 mulheres, havendo pois 296 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Santo André, Portela, Eidos, Quingosta, Monte, Seixos Alvos, Tomadias, Souto, Carvalho, Aldeia, Passal e Penida.

As suas casas mais importantes são: a do Eirado do Monte, a do Soutelo, a de Seixos Alvos, a da Penida, Aldeia, Eido e a do Macedo.

Tem 2 lojas de mercearia, Caixa do Correio, uma fábrica de serração e 14 pequenas olarias.

É nesta freguesia e ainda em outras deste concelho que se fabrica a chamada louça de Barcelos, vendida em quase todo o país.

Esta indústria é muito antiga nesta freguesia; já o P.^o Carvalho em 1706 na sua Corografia Portuguesa, quando se refere a ela, a págs. 222 diz: «aqui se fazem os melhores quartos e púcaros de beber, que deste grosseiro barro na Província se obrão».

Os produtos das suas olarias estão agora muito aperfeiçoados, principalmente os vasos, jarras, bilhas, bustos, estatuetas, etc.

Para estas e outras indústrias que se exercem em várias freguesias, faz falta a criação de uma Escola Industrial, na sede do concelho, onde os artistas se educassem e aprendessem o que lhes fosse útil à sua arte.

Intuição artística e habilidade têm-nas eles de sobra; o que lhes falta é a educação das suas faculdades nativas.

Mas esta freguesia tem sido muito olvidada até quanto à instrução primária, pois nem uma Escola Oficial tem; quem quiser aqui aprender a ler vê-se na necessidade de ir procurar o ensino nas escolas das freguesias vizinhas.

A que miséria chegou uma população de perto de meio milhar de habitantes!

Houve um benemérito que dotou esta freguesia do que há de melhor quanto ao serviço religioso, mandando construir a igreja, a residência e o cemitério; falta porém outro que, dirigindo a sua atenção para a instrução, mande construir uma escola, pelo menos, o que seria uma obra de grande importância para esta progressiva freguesia.

Luz eléctrica já a tem e há muitos anos, cuja energia é fornecida pela Sociedade de Electricidade do N. de Portugal, da sua fábrica da Afurada, que lhe fica próxima.

Esta fábrica está do outro lado do rio, entestando o açude em terrenos já desta freguesia.

Para distribuição da luz aos seus moradores foi construída uma *cabine* em frente à Igreja, do outro lado da estrada.

Nasceu nesta freguesia aos 19 de Janeiro de 1849 o Conselheiro *P.^e Domingos José de Sousa*, que cantou missa em 1874 e foi aqui pároco durante muitos anos.

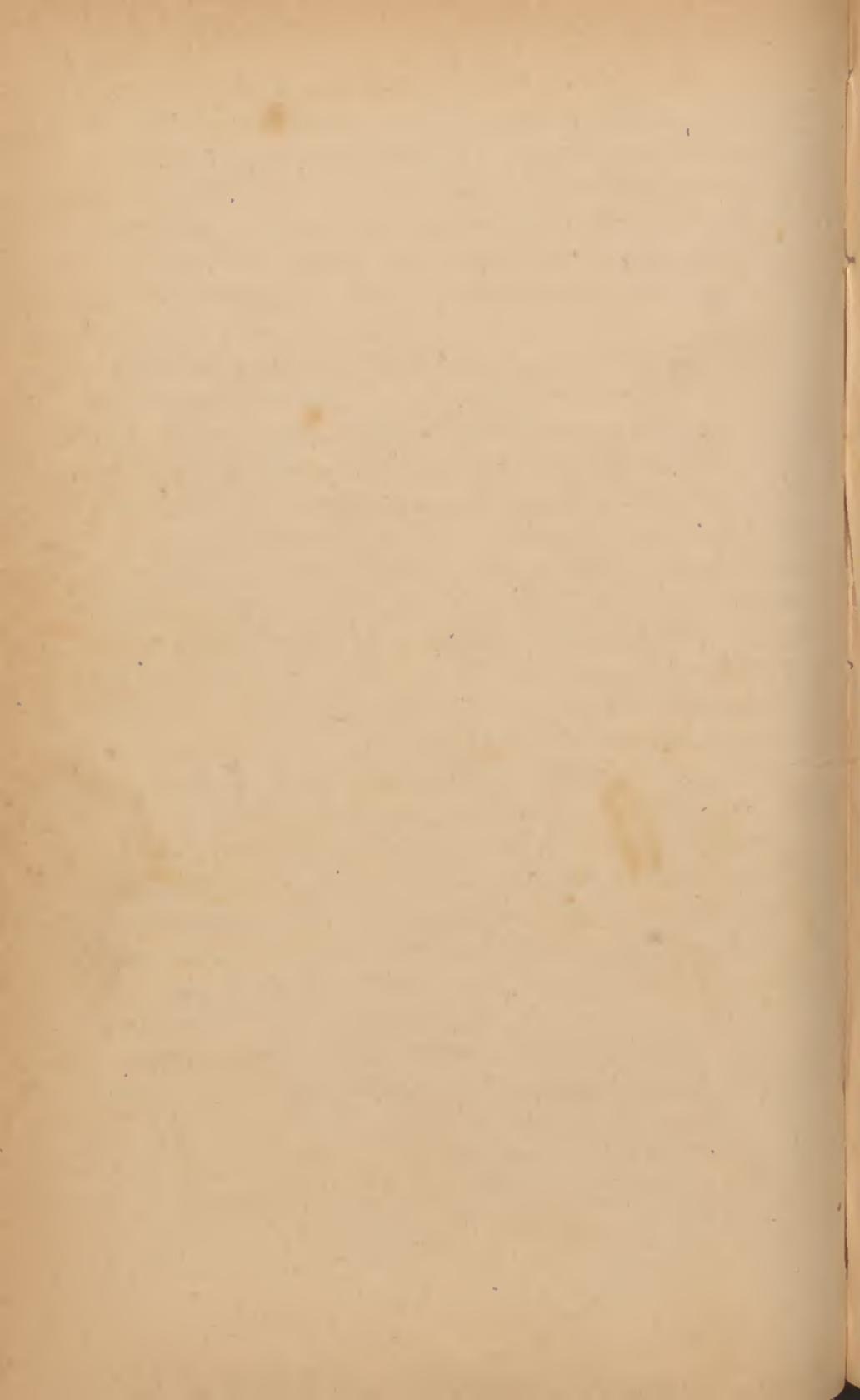
Senhor de grandes haveres, herança de um tio residente no Algarve, deu largas aos seus sentimentos filantrópicos.

Mandou edificar na freguesia da sua naturalidade a Igreja Paroquial, a Residência, o Cemitério, deu princípio a um Bairro Operário, iniciando a construção em 1903 de uma série de casas, promoveu a abertura da estrada até à igreja e foi um dos que mais trabalhou para conseguir o benefício da iluminação eléctrica.

Benfeitor da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, tem o seu retrato na galeria daquela instituição de caridade.

Presidente da Câmara Municipal de Barcelos em 1908, agraciado pelo governo, em 1901, com a carta de conselheiro e por Sua Santidade, em 1902, com as honras de Monsenhor Protonotário Apostólico, foi convidado para bispo de Évora, lugar que não aceitou por falta de saúde.

Faleceu na sua casa de Barcelos, à ruá Barjona de Freitas, em 22 de Junho de 1914, sendo sepultado no jazigo que tinha mandado fazer no Cemitério da freguesia de São Vicente de Areias.



Balugães

BALUGÃES, orago São Martinho, era uma abadia da apresentação da Mitra de Braga por concurso sinodal.

Balugães, segundo o P.^o António Gomes Pereira, deriva de um genitivo gótico terminado em *anis*, *Baluganis* (1).

Pinho Leal (2), quando trata desta freguesia, diz que *Balugães* ou *Balugões* é plural de *baluga*, espécie de borzeguins e assim aqui, pela sua terminação em *ães*, quer dizer terra onde há ou se fazem muitas *balugas*, borzeguins ou botas altas com atacadores.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, com a designação = «De Sancto Martino de Barugaes — in Terra de Aguiar de Ripa Limia».

Nelas se diz que o rei tem aqui um «casale heremum»; que dão vida ao Mordomo, vão ao Castelo e à introviscada; que o rei não é o padroeiro, que esta Igreja tem sesmarias e 6 casais, Carvoeiro 4 casais e uma «quintana» e Palme 2 casais.

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, 1.^a Alçada, se diz: «*In Judicato de Aguiar — in parochia Sancti*

(1) *Tradições Populares*, pág. 302.

(2) *Port. Ant. e Moderno*, vol. 1, pág. 316.

Martini de Barugaes — el Rey non est padrom. Item, dixerunt que os omees desta collatione pectam voz et caomia al Rey, se a fazem; et vam in anuduva et ao castelo e a intorviscada; et dam senos frangaos por Sancto Johanne de cada fogo, e por Pascua 2 ovos: e dam cada mes vida ao Mayordomo del Rey cada uno per si de qual vida achar ».

Há nesta freguesia várias Honras por amadigo que mencionam « Et per estes devanditos amadigos non fazem foro al Rey ».

Aparecem-nos nestas Inquirições nomes de vários lugares, sítios e herdades daqui, tais como: Congusto, erdade da Cal, Gandera, Ribeiro, Barrio, Barugais, Mompirle, Fogiaco, Agro de Nevia, Talioo, Enfesta, Emproa e erdade da Barata.

Em uma baixa, no princípio da encosta do monte da Caramona, está a antiquíssima *Igreja Matrix* desta freguesia.

No centro de um pequeno adro, cercado por parede, ergue-se este pequeno templo, que denota muita antiguidade.

Na sua frontaria baixa, modesta e encimada por uma cruz, abre-se uma pequena rosácea, dando entrada a este templo um belo pórtico românico de três arcos sobrepostos, tendo no exterior uma inscrição incompleta e da qual apenas se vêem as seguintes letras = SA CRA VITIS ACCLA.

Atravessa a frontaria em toda a sua largura, por baixo dos arcos do pórtico em que aqueles se apoiam, um belo friso de pedra lindamente lavrado.

Em frente ao pórtico estende-se um alpendre ou garlilé, parapeiteado e com assentos de pedra, sustentado por oito colunas com base, fuste e capitel lisos.

Ao lado direito ergue-se da fachada deste templozinho, por cima do telhado, uma pequena e erma sineira e correm nas paredes laterais do corpo da igreja as cornijas sustentadas por filas de cachorros lisos.

A capela-mor e sacristia ao lado direito parecem ser obra mais moderna.

O pavimento da igreja é mais baixo que o adro, descendo-se para ele por dois degraus.

Dentro, este templo é pequeno e baixo. A capela-mor, forrada a madeira pintada com o icone do seu Pai-droeiro ao centro, tem altar moderno em talha simples.

No corpo da igreja, forrado a estuque, há dois altares laterais: o do lado da epístola moderno e o do lado do evangelho em talha antiga.

O púlpito, também em talha de madeira, tem a seguinte inscrição: «MANDOV PINTAR VM DEVOTO ANO DE 1789».

O coro e o baptistério são tão simples que não merecem nota.

É raro exercer-se aqui o culto depois da transferência da matriz para o templo da Aparecida.

Ao lado sul do adro, a facear com a igreja, levanta-se um pequeno torreão para dois sinos e ao lado deste está arrumada no chão uma pedra redonda que devia ter servido de base a um púlpito ou escabelo dos que ainda hoje se vêem em algumas igrejas debaixo do alpendre à entrada da porta principal.

Junto daquele torreão e separada da igreja pelo adro ergue-se a velha e antiquíssima *Residência Paroquial*, quase em ruínas.

Na verga da sua porta principal virada ao adro tem gravado um escudo com as armas dos Almeidas e a seguinte inscrição: «DO P. DALMEIDA Ab 157 X».

Em frente à igreja, ao fim de um largo caminho, er-
gue-se um pequeno *cruzeiro*, que é o paroquial.

Daqui, à margem de uma calçada em direcção ao sul
até ao lugar do Calvário, segue-se uma fila de cruces de
pedra, via sacra, estando de pé ainda umas dez.

No sítio da Castanheira, hoje bouça de mato e pinhei-
ros, existiu um outro calvário, pertencente à Capela da Apa-
recida, do qual apenas se vêem agora as bases das cruces.

Templo de Nossa Senhora da Aparecida — Este ma-
jestoso santuário, erigido em honra de Nossa Senhora,
está situado em mais de meia encosta do monte da Cara-
mona, em lugar alto e elevado, donde se disfruta um
bello panorama.

Circundado de um adro fechado por parede, a sua
grande fachada é amparada por duas possantes e sóli-
das torres.

Por cima de três rasgadas janelas que dão luz ao
coro, abre-se no centro um nicho com a imagem de
Nossa Senhora.

Por baixo das janelas tem de cada lado uma pedra
com sua inscrição.

A primeira, do lado esquerdo, contém os seguintes
dizeres: = «TEVE PRINCIPIO ESTA DEVOÇÃO DE
NOSSA S^a DA APARECIDA NO ANO DE 1704 EM
QVE APARECEV AO SIMPLES E MVDO JOÃO O
QVAL DESDE ENTÃO COMEÇOV A FALAR PVBLI-
CANDO A DITA APARIÇÃO E DAHI SE TOMOV
PREZ.^{te} INVOCACÃO —».

A do lado direito diz o seguinte: = «ESTE TEM-
PLO SE PRINCIPIOV NO ANO DE 1707 E SE ACA-
BOV NO ANO DE 1729 COM ESMOLAS DOS FIEIS
DEVOTOS E A DONDE ELAS NÃO CHEGARÃO A'
CVSTA DO RD. ABADE DESTA FREGVESIA FRAN-
CISCO TEIXEIRA TINOCO.—»

Dentro, na capela-mor, forrada a estuque, eleva-se a majestosa tribuna do altar em rica talha estilo barroco, venerando-se ao centro, no seu camarim, a imagem de Nossa Senhora da Abadia.

Foi ali posta esta imagem para não retirar da sua capelinha a de Nossa Senhora da Aparecida e para assim fazer-se concorrência à Abadia de Bouro muito visitada de romeiros na ocasião da sua festa.

No supedâneo do altar está uma pintura em madeira, representando a ceia de Cristo.

A banquetta é em prata e tinha este templo um formoso candelabro também em prata que foi para o Bom Jesus da Cruz em Barcelos e uma rica capa de asperges que foi para a Sé de Braga.

O corpo da igreja é também forrado a estuque, em forma de abóbada boca de canhão.

Tem dois altares laterais antigos cujos retábulos são no mesmo estilo da tribuna do altar-mor.

Em um destes, no do lado do evangelho, tem a seguinte inscrição: «PINTADOS NO ANNO DE 1911».

Mais abaixo, deste lado, vê-se um outro pequeno altar que ali foi colocado há poucos anos.

O amplo e espaçoso coro é sustentado por um arco abatido; tem púlpito em madeira com talha e pia baptismal em granito com os seguintes dizeres gravados na pedra: «ANNO DE 1927».

É esta a data da mudança da matriz da velha igreja para este templo.

A sacristia é por trás da tribuna do altar-mor para a qual se entra por uma porta e um corredor ao lado da capela-mor.

Em frente e voltada a este templo, separada por um largo terreiro, está a antiga *Capela de Nossa Senhora da Aparecida*.

É esta um edificio pequeno e baixo, ainda que já tenha sofrido obras de ampliação e reforma.

Foi construída esta capela em cima de um penedo onde appareceu Nossa Senhora ao simples e mudo João, que recuperou a fala, segundo reza a inscrição copiada existente na fachada do Santuário.

No camarim do seu único altar venera-se a antiga imagem de Nossa Senhora da Aparecida, das mãos da qual vai uma fita de seda até à escultura do miraculado João, que está fora do altar junto à parede lateral da capela, do lado do evangelho.

É esta capela forrada a estuque e está muito limpa e asseada, vendo-se nas paredes muitos votos e promessas.

Realiza-se aqui todos os anos em Agosto uma das importantes romarias deste concelho, chegando a render o prato a quantia de sete e oito contos!

Nas costas desta capela e por cima do penedo da aparição, foi construída uma pequenina *Capela* onde se venera a imagem *do Senhor dos Passos*.

A devoção do povo para com esta imagem parece porém que é pouca, pois a sua imagem e morada acham-se muito desprezadas.

Entre esta capela e a de Nossa Senhora existe um corredor muito baixo e estreito, cavado no penedo, pelo qual, segundo é crença geral, só pode passar quem estiver em graça.

Atendendo ao nosso grande corpo de pecador não tentamos a experiência; receamos ficar mal perante os nossos companheiros de excursão e ainda mais perante a clavicularia da capela que sorridente nos contemplava e parece nos desafiava à prova.

Ao lado direito destas capelas e separadas delas pelo adro vêem-se umas casas de humilde aparência: são as *Casas da Novena*.

Na verga da sua porta de entrada para o adro tem esculpida a seguinte inscrição: = «FEITA PELO ABADE MANOEL EMILIO PEREIRA DA CVNHA E DEVOTOS».

Este abade era dos Pereiras da Cunha, de Paredes de Coura, e concorreu para que se fizessem estas casas para nelas se abrigarem os romeiros que daquela terra e doutras distantes vinham fazer as suas novenas a Nossa Senhora.

Junto ao adro do Santuário, do lado esquerdo deste, está o *Cemitério Paroquial*, tendo no seu portão a data 1888.

Ao fundo, em frente a este, ergue-se a Capela-Jazigo da família Abreu Novais — 1906.

Do adro desce em frente ao Santuário e por trás das capelas um grande escadório, ladeado de pujantes carvalhos, até a uma pseudo estrada que da de Viana do Castelo por Barroselas a Vila Verde vem até aqui.

No lugar de São Bento, no cruzamento das estradas, ergue-se a *Capela de São Bento*.

É um templo pequeno e modesto.

Do lado esquerdo sobrepuja a beirada do telhado uma pequena sineira com seu sino.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque, tendo um único altar com retábulo antigo onde se venera a imagem do seu santo padroeiro.

O arco cruzeiro é em ogival floreado, um mimo de arte.

Devia ter sido este o pórtico da antiga capela antes desta ser acrescentada, o qual ainda conserva os sinais das grades de vedação.

Por baixo deste arco existe, atravessada no pavimento, uma sepultura em cuja tampa se vêem algumas letras. Informam-nos que esta sepultura pertencia à casa da Cancela dos Ponces de Leão.

O corpo desta capela, obra com certeza mais moderna, é forrado a madeira.

Na parede do lado direito corre um coro de ferro e do lado esquerdo vê-se o púlpito também em ferro, obra muito moderna.

Fora, no adro, encostada à capela do lado sul, encontra-se a base de uma cruz de pedra em que se lê o seguinte: «MANDOV FAZER O REV^{do} ABADE FRANCISCO TEIXEIRA TINOCO NO ANNO DE 1727».

A haste e a cruz estão dentro da capela, piedosamente ali recolhidas depois dos iconoclastas de há vinte e tal anos a terem derrubado.

Em uma casa por trás desta capela está um nicho com a imagem da *Senhora da Cabeça*, em pedra, de grande devoção entre este povo.

Esta freguesia está situada a meio da encosta, nascente sul, do monte da Caramona e estende-se ainda pelo fértil vale, que, por não lhe conhecermos outro nome, denominaremos do Neiva.

É banhada pelo rio Neiva e pelo ribeiro Nevoinho que nasce em Cabaços, concelho de Ponte do Lima, e é afluente daquele rio.

Existem nesta freguesia duas pontes: a dos Ferrinhos, sobre o Nevoinho, e a de Sabariz sobre o Neiva.

Tem as seguintes fontes públicas: a do Pocinho, a da Cal, a do Lainho, a das Castanheiras e a de Quinguste.

Esta freguesia é servida pelas estradas de Barcelos a Ponte do Lima e pela de Viana do Castelo por Barroselas a Vila Verde, cruzando-se no lugar de São Bento.

Confronta pelo norte com a freguesia de Poiães e a de Vitorino dos Piães, do concelho de Ponte do Lima, pelo nascente com a dita de Poiães e a de Cossourado, pelo sul com a de Santa Lucrécia de Aguiar e a de Durrães e

pelo poente com a de Carvoeiro, do concelho de Viana do Castelo.

A sua população no século xvii era de 90 vizinhos; no século xviii era de 64 fogos; no século xix era de 390 habitantes e actualmente é de 576 habitantes, sendo 252 varões e 324 fêmeas, sabendo ler 65 homens e 35 mulheres, havendo pois 476 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Rua do Monte, Ribeiro, Souto, Pires (das), Eira Vedra, Quinguste, Monte, Castanheira, Aparecida (da), Cancela, São Bento, Pocinho, Lagoa, Reguengo, Peneda e Algaes.

As suas casas mais importantes são: a de São Bento, a da Carranca (brasonada), a do Magalhães, a do Ribeiro, a do Souto, a do Machado em Algaes e a da Cancela.

Tem esta freguesia duas lojas de mercearia, uma de ferragens, duas serralharias, duas padarias, Caixa do Correio e Escola mista de um lugar que funciona em edificio arrendado.

Da illustre casa de São Bento saíu uma pléiada de homens illustres que marcaram no seu tempo; foram eles o Conselheiro *Dr. José de Abreu do Couto de Amorim Novais* e seus irmãos, *Dr. Luís*, *Dr. Francisco* e *Dr. João*, dos quais tratamos em outras freguesias.

É natural desta freguesia e foi senhor da Casa de São Bento *Manuel Inácio de Amorim Novais*, filho de Luís do Vale Amorim Barbosa e de D. Bernardina Gomes Ferreira de Matos, casado com D. Francisca Gomes de Abreu do Couto, filha de Joaquim Gomes de Abreu do Couto, capitão de cavalaria, da casa de Regalados, e de D. Ana de Sales.

No alto do monte da Caramona, limites desta freguesia e da de Carvoeiro, vêem-se os vestígios de uma

grande povoação, cercada de uma linha de defesa dupla, que precisamente se pode determinar pelos restos das muralhas que ainda existem.

Cercavam estas uma grande área de terreno, aparecendo neste, na encosta e no alto do monte, restos bem visíveis de paredes de casas, algumas circulares, a maior parte cobertas de terra e pedra solta.

Na encosta nascente, dentro da circunvalação e ainda nesta freguesia, conserva-se uma lage, cavada largamente, vendo-se nela uma pequena cavidade mais funda quase ao centro e em volta daquela concavidade vários regos e sulcos na pedra, convergindo todos a uma espécie de bica; era esta pedra, segundo dizem, uma ara de sacrificios das antigas religiões.

No pendor sudoeste da montanha, já na freguesia de Carvoeiro, existe um outro penedo com uma pequena cavidade, a que o povo chama a *Pègada da Moira*, e mais ao poente vê-se uma laje com duas cavidades a par, em forma de assentos ou cadeiras.

A sua parte inferior, destinada talvez a apoiar os pés quando assentados, acha-se marretada e em parte destruída.

O povo atribui todos os monumentos de épocas afastadas aos mouros e julga na sua eterna ingenuidade que foi debaixo deles que estes esconderam os seus tesouros, quando da sua expulsão pelos cristãos. Daí os ambiciosos de riquezas, que sempre os houve, revolverem o solo e destruírem as obras legadas pelos povos primitivos nos-
sos antepassados.

Foi com certeza o que se deu com os tais assentos a que acabamos de nos referir.

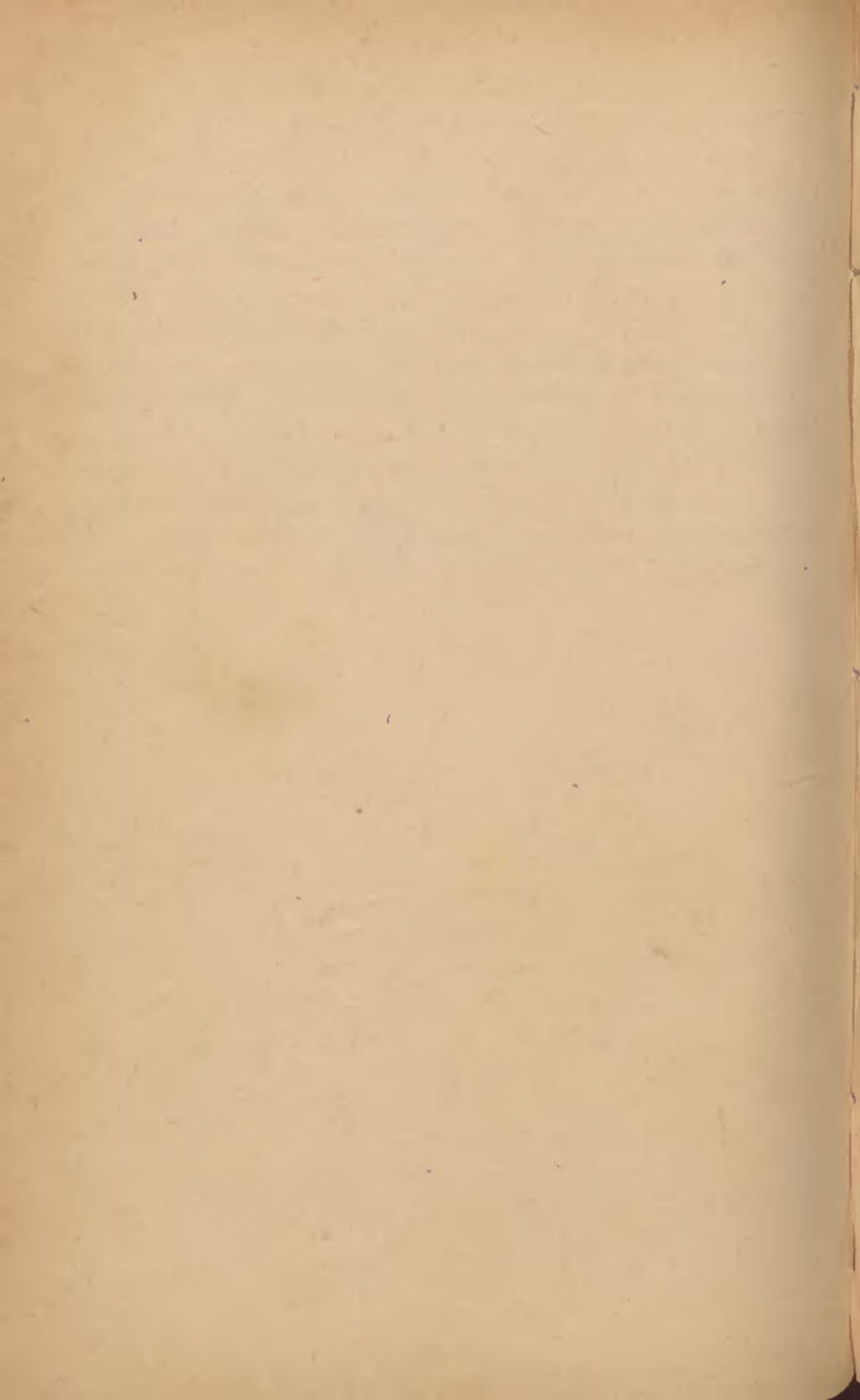
E eis o que resta daquela antiga povoação que, segundo dizem, se chamou *cidade de Carbona*, do muito carvão que neste monte se fazia, a qual legou o seu nome

a Carvoeiro, havendo também quem lhe chame *Caramona*, que em espanhol quer dizer *Cara linda*.

Quanto ao seu verdadeiro nome não sabemos; quanto à sua existência e à sua importância ninguém pode duvidar, vendo os vestígios que dela ainda existem, a grande área circuitada pelas suas muralhas e a grande quantidade de pedra solta que ali existe envolta com terra.

Cá em baixo, já na planície, nas Giestas, apareceram há poucos anos vestígios de uma povoação romana: mós, tijolos, pesos e outros objectos de olaria, que o nosso presado amigo Afonso Novais conserva cuidadosamente.

Nas Torrelhas, em uma escavação que ali se fez, appareceu um esqueleto humano que, dizem, era de um soldado francez, morto pelo povo quando as tropas de Lorges por aqui passaram no regresso de Ponte do Lima.



Barcelos

BARCELOS, orago Santa Maria Maior, Nossa Senhora das Neves ou Nossa Senhora da Assunção, foi primitivamente do padroado real, passando depois para o da casa de Bragança.

Era uma abadia, o seu pároco intitulava-se *Abade de Santa Maria Maior de Barcelos*, denominando-se assim ainda nos primeiros tempos desta igreja ser elevada a Colegiada. Passou porém mais tarde a ser governada pelo Prior da mesma Colegiada, coadjuvado nesse serviço pelo Cónego Cura até 1859 e dali em diante pelos seis beneficiados até 1 de Dezembro de 1869, data em que por lei foi suprimida a Colegiada.

De facto, porém, esta só terminou em 1915 com a morte do seu último cónego, o Prior José de Amorim Pereira Leite.

Barcelos, segundo uns, vem de *Barra Celani* ou *Barca Celani*, barra ou barca do rio *Celano* (Cávado); segundo outros de *Barca Coeli*, nome de uma barca que fazia serviço neste rio; segundo outros de *Bracia* ou de *Vercelli* e ainda segundo outros de *Barc-ellus*, de origem fenícia, que quer dizer barca pequena.

Não são também conformes os escritores quanto à origem e fundação desta povoação: uns remontam-na aos Gregos; outros aos *Cartagineses*; outros aos *Romanos*;

outros aos *Galo-Celtas*, aos *Barcinos* ou aos *Celerinos*, povos que habitaram esta parte da península, e por fim outros, para não estarem a architectar hipóteses, dizem que a origem e fundação de Barcelos se perde na noite dos tempos, não se podendo determinar a época da sua fundação nem tão pouco qual o povo seu fundador.

Dizem mais os escritores antigos que esta povoação foi completamente arrasada nas lutas entre os povos bárbaros que avassalaram o nosso território e que os Árabes a reconstruíram e reedificaram.

O que é certo, porém, é que, quando despontou no horizonte o sol da nossa nacionalidade, iluminou já o velho casario deste burgo.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem a freguesia de Barcelos com a designação = «De Sancta Maria de Barcellos», de Terra de Nevia.

Nestas Inquirições se diz: que o rei é seu padroeiro; que tem aqui alguns reguengos; que devem fazer a ramada ao rei da devesa régia e que aqueles que possuírem bestas devem fazer carriagem ao rei, assim como se contém na sua carta e pagam voz e calumpniam.

«Et modo est villa in renda pro ccv morabitinos».

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, 1.^a Alçada, se diz:

«In Judicato de Nevia Item, in parrochia Sancte Marie de Barcelos, que el Rey est padrom et senhor da ecclesia e da vila. E am de fazer al-Rey a ramada da devesa d'el Rey de Barreiros».

Et se el-Rey quiser fazer fossado (1), aqueles que ouverem beschas devem a fazer carreira al-Rey, scilicet:

(1) Fossado era a expedição militar ou cavalgada para talar ou colher os frutos e novidades que o inimigo tinha agricultado. Para esse fim apoderavam-se do campo, entrincheirando-se em valos ou

se for a Toy darem li meio maravedi e vida (1) et cevada; et se fôr a Coimbra j maravedi et vida et cevada; et se fôr a Trancoso ou a Bragancia lj maravedis et vida et cevada, et non li filiarem nichil do seu (a).

E os Mayordomos que esta vila trouxerem am a dar ao Senhor a primeira lamprea que y ouver».

Fala-se aqui em Cima de vila, Fundo de vila, Casal de Nique, Pesegal e Ribeira.

«(a) Item, estes sum os foreiros desta vila per cabeça, scilicet»: (mencionam-se alguns nomes e no fim concluem) «e estes sum foreiros del-Rey da vila de Barcelos et do Couto cum toda sua geerazom».

Barcelos orgulha-se de ser sede do primeiro condado territorial português.

D. Dinis, por carta de 8 de Maio de 1298, fez conde donatário de Barcelos a D. João Afonso Telo de Meneses.

Segue-se uma série de seis condes (2) até que D. Afonso Telo de Meneses, 6.º Conde de Barcelos, morre na batalha de Aljubarrota, combatendo pelos castelhanos, e então D. João I deu este condado ao seu amigo e condestável do reino, D. Nuno Álvares Pereira.

fossos, mantendo-se na defensiva e guardando as costas aos que se ocupavam na apanha dos frutos, novidades e forragens.

Havia o tributo da fossadeira que pagavam aqueles que, tendo obrigação de irem ao fossado uma vez por ano, não iam, aplicado para as despesas que no dito fossado se faziam.

(1) Vida, sustento, comida, refeições. Esta vida ainda que ordinariamente se dava em cousas de comer já guisadas, como caldo, carne, leite, filhós, etc., algumas vezes se pagava a dinheiro ou em cousas comestíveis não guisadas.

(2) Sobre este assunto e outros veja-se o bem elaborado trabalho do Snr. J. Mancelos Sampaio no seu livro já citado *Barcelos Resenha*.

Este, em 1401, dotou sua filha D. Brites Pereira de Alvim para casar com D. Afonso, filho bastardo de D. João I, além de muitas outras terras, com o condado barcelense.

D. Afonso foi pois o 8.º Conde de Barcelos, sendo elevado em 1442 a 1.º Duque de Bragança.

Barcelos no século XVI foi ainda elevado a ducado, começando desde 1572 a usarem o título de Duques de Barcelos os herdeiros daquela casa.

Pela aclamação de D. João IV, 3.º Duque de Barcelos e 8.º de Bragança, ficaram a pertencer aqueles títulos ao príncipe herdeiro.

O rei D. Carlos I, quando viajava no estrangeiro, usava sempre o título de Conde de Barcelos, talvez pelas iniciais serem as mesmas de Carlos de Bragança.

D. Afonso, 8.º Conde de Barcelos e 1.º Duque de Bragança, foi o grande reformador e restaurador de Barcelos, que muito engrandeceu.

À vila, terra aberta e sem defesa guerreira, mandou cercar de muralhas.

Eram estas muito altas e de forte resistência, tendo os adarves guarnecidos de graciosas ameias de defesa, fechando um amplo polígono irregular, limitado pelas ruas Faria Barbosa, Largo da Porta Nova, rua Barjona de Freitas, rua do Poço, Largo da Fonte de Baixo, viela das Vivandeiras e rua Duque de Bragança, fechando na torre da Ponte, donde partiam.

Aqui elevava-se uma alta torre com uma porta sobre a ponte e duas para o interior: uma para a rua hoje denominada Faria Barbosa e outra para a rua Duque de Bragança.

Entre as duas portas laterais dessa torre, a Câmara Municipal mandou construir em 1631 a fonte de Santa Mónica, guardada no Museu Arqueológico Municipal.

Seguindo dessa torre para o nascente, a primeira quadrelha das muralhas ia até ao Pessegal, à margem do rio, e aí terminava em uma pequena torre, cujos vestígios se vêem ainda no quintal da casa do Ex.^{mo} Snr. Conde de Vilas boas; perto ficava um postigo — o do Pessegal — que era por assim dizer a porta da traição desta fortificação.

A alguns metros deste postigo subia a muralha em linha recta para o norte até ao sítio onde está o edificio do Banco de Barcelos, seguindo daí para noroeste até à torre da Porta Nova (1).

Ainda se ergue ali essa torre, de architectura sólida, mas muito simples, de quatro pavimentos, coroada primitivamente de ameias de defesa e hoje de adorno, desde que para ali mudaram a cadeia (entre 1631 a 1636).

Era a antiga residência do alcaide, foi considerado monumento nacional e está destinada à instalação de museu e biblioteca municipal.

Dessa torre seguia para noroeste um lanço de muralha que ia terminar na Porta Nova, que dava serventia da rua Direita, hoje D. António Barroso, para o arrabalde de Cima de vila.

Sobre o arco dessa porta abriu-se um oratório onde estava a imagem da Senhora da Abadia.

Da Porta Nova seguia a muralha a mesma direcção noroeste e pouco adiante voltava para o poente, seguindo depois em linha recta e paralelamente à Rua D. António Barroso até à travessa do Apoio, onde se encontrava outra torre e a porta do Vale, por cima da qual se venerava a imagem de Nossa Senhora da Esperança.

(1) *Parte desta muralha foi demolida para dar passagem à rua Faria Barbosa e parte ao norte derruiu, pelo meio dia, em um domingo do dia 29 de Dezembro de 1935.*

Da porta do Vale partia de novo a muralha, atravessava a rua Barjona de Freitas e, descrevendo uma curva, passava junto à rua do Poço, ao Largo da Fonte de Baixo, à viela das Vivandeiras, descia sobre a margem do Cávado e ia terminar, como dissemos, na Torre da Ponte.

Primitivamente os muros de Barcelos tinham apenas três portas, as três torres já descritas e dois postigos: o da Fonte de Baixo e o do Pessegal.

Mais tarde, porém, foram abertos mais os seguintes: o da Ferraria, 1631, que dava saída à travessa da rua Direita, antiga rua da Ferraria, o da rua das Velhas, hoje rua Duque de Barcelos, 1635, também conhecido por o da Feira (1).

Fr. Pedro de Poiares no seu livro «Tractado Panegyrico», edição de 1672, diz «tem a villa bons muros e nelles sete portas, quatro mais principais e trez de menos serviço».

O Censo da População de 1527 diz:

«A villa de Barcellos he do Senhor Duque etc. He villa bem cerquada de muros e torres fortes e tem por fortaleza os paços do Duque e jaz peguada no Rio Cavado tem hua ponte de pedra muy fermosa que say dos paços e pasa contra a cidade do Porto pera o arrabalde de Barcellinhos».

Daquelas muralhas ainda existem restos, desde o Largo dos Malheiros até à torre da Porta Nova; na parte que dá para o largo da Fonte de Baixo e Vivandeiras; e sobre o rio, nos quintais das casas da rua Faria Barbosa.

Junto à torre da ponte, cujos sinais se vêem ainda nesta, estava o castelo que servia de residência dos Con-

(1) Vide Dr. António Ferraz in *Barcelos Revista*, n.ºs 4 e 5 — Abril de 1909.

des, quando vinham a esta vila, mandado também construir por aquele D. Afonso, 1.º Duque de Bragança.

Comunicava este castelo com aquela torre, e por um passadiço com a Igreja Matriz, que servia de capela ducal.

Do palácio dos condes-duques de Barcelos existem apenas as paredes inteiras de uma parte dele e uma alta chaminé dos seus fogões.

O terreno em que assentava este edifício foi cercado de muros com ameias na gerência de uma câmara da presidência do Dr. José Novais em 1890.

Servem estas ruínas históricas de Museu Arqueológico Municipal, iniciado pelo Snr. Dr. Miguel Fonseca, quando presidente da Câmara, o qual já tinha sido criado em 1903.

Da torre da Ponte apenas existem vestígios, como dissemos, junto a esta; abalada pelo terramoto de 1755, derruída e caíu por terra em 24 de Janeiro de 1800, impedindo por alguns dias o trânsito na ponte.

A parte da muralha desde a Ponte até à Fonte de Baixo foi demolida em 1811.

A torre do Vale já tinha sido demolida em 1797 e a muralha desde a Fonte de Baixo até aquela torre foi-o em 1857.

Em 1867 foi demolido o postigo da travessa do Apoio.

Já porém em 1806 alguns moradores desta vila conseguiram aforar parte das muralhas junto aos seus quintais, aproveitando-as para recreio próprio.

E assim foi desaparecendo esta fortaleza guerreira da idade-média que, diga-se de passagem, junto aos seus muros nunca feito memorável algum se deu.

Quanto à ponte que liga esta vila a Barcelinhos, dizem uns que é romana, outros que foi fundação de D. Afonso, podendo porém assentar-se que, se não é

romana, deve ser obra anterior a este conde, que apenas a reconstruiu (1).

Tinha ameias nas suas guardas de pedra e era estreita e de pavimento lajeado.

Em 1881 foi mandada alargar, substituir as suas guardas de pedra por outras de ferro e o seu pavimento calçadado.

Esta ponte está assente sobre cinco arcos, e é defendida do ímpeto das grandes cheias por fortes cortamares.

✕A *Matriz* recebeu também a influência benéfica de D. Afonso, o grande reformador e propulsor do engrandecimento da sua vila de Barcelos.

Muito do que aquele templo tem de bom e belo se deve a ele e aos seus imediatos sucessores.

Continuou-se no século XVI a sua bela restauração até que com o advento do século XVIII e ainda no século XIX sofreu novas reformas e aformoseamentos ao gosto da época.

Últimamente tem-se feito ali grandes obras, tentando restituí-lo à sua antiga architectura, fazendo-se para isso muitos estudos, dando-se largas infelizmente a muitas fantasias.

Está este templo no alto da rua Barbadão, entre os Paços do Concelho e o antigo palácio dos Condes-Duques de Barcelos, separado destes edifícios por seus largos.

De estilo românico, transições para o gótico, a sua fachada ergue-se virada ao poente, na qual entre dois botaréus ou contrafortes se abre um belo pórtico em cinco arquivoltas de arcos apontados, sucessivas e decrescen-

(1) Esta ponte já existia no primeiro quartel do século XIV. Mons. J. Augusto Ferreira = *Fastos Episcopais*, vol. III, pág. 231 = Nota 2.^a.

tes, apoiadas em quatro pares de colunas de fustes lisos, bases e capitéis historiados.

Terminando a fachada em ângulo, abria-se primitivamente no centro uma rosácea, que foi substituída no século XVIII por janelas rectangulares, sendo estas ultimamente tapadas e aberta nova rosácea.

O aspecto desta fachada ficou muito alterado com o levantamento da nave central, até ao primeiro arco, o que foi bastante para a desfear.

Ao lado direito da igreja ergue-se a torre dos sinos, sem cúpula e sem ameias.

Por trás da torre ainda se vêem vestígios do passadiço que dava comunicação desta igreja para os paços ducaes.

Dentro, o templo é de três naves, separadas por arcos apontados, suspensos por feixes de quatro colunas de fustes lisos e capitéis historiados.

As paredes interiores do templo e os fustes destas colunas foram no século XVIII revestidos de azulejos dos quais a maior parte foram mandados retirar pelas últimas obras, e restituídas aquelas colunas à beleza primitiva do seu granito, ficando o resto à espera de outra rajada de bom senso e bom gosto que os mande retirar e colocar em sítio apropriado.

A capela-mor com sua abside quadrangular, mandada reconstruir pelos alicerces da antiga, é majestosa.

A sua abóbada em pedra tem no fecho central o monograma de Cristo = IHS = acompanhado na orla por estes dizeres = ESTA OBRA FEZ BARCELLOS NA ERA DE MSIV (1504), em belos caracteres góticos.

Em um dos fechos laterais lê-se a inscrição = M. F. GIL DA COSTA.

Por aqui se infere que a abóbada desta capela é obra posterior à do Duque D. Afonso e que não foi mandada fazer pelos duques seus sucessores.

Pelas últimas obras realizadas foi retirada dali a rica tribuna estilo barroco e colocada na capela do Sacramento e substituído o cadeiral dos cônegos pelo que estava no coro.

Na ocasião de substituição do cadeiral apareceram nas paredes duas portas em arco que dão comunicação para as capelas laterais.

O altar é baixo, sem retábulo e sustentado por colunas.

Veneram-se nesta capela duas imagens de subido valor artístico e arqueológico.

No centro, a de Nossa Senhora da Assunção, padroeira desta freguesia, em estilo barroco, e do lado direito, a de Nossa Senhora da Franqueira, trecentista, em estilo gótico, que da sua capela do alto do monte da Franqueira, em Pereira, foi mudada para esta igreja no século XVIII.

Do lado direito da capela-mor, em frente à nave desse lado, está uma capela ultimamente restaurada, também em abóbada de pedra.

No centro dessa capela, no chão, vê-se uma sepultura em cuja tampa tem gravado um escudo com as armas dos Barbosas e por baixo os seguintes dizeres: AQUI JAZ MANOEL BARB. FALLECEV A 25 DE JANEIRO DE 1596. ESTE JAZIGO PERT. A SEOS DESCEND.^{tes}.

Deste lado segue-se a primeira capela lateral, que é do Sacramento. É ampla e nela está a rica tribuna que era da capela-mor, tendo nas paredes quatro telas representando os evangelistas. Os seus tectos são em madeira formando caixotões.

A esta segue-se uma outra capela de abóbada em pedra, em forma de boca de canhão, seguindo-se mais dois altares laterais.

Deste mesmo lado ao entrar a porta principal está o túmulo dos Pinheiros, sob um arco metido na parede.

Este túmulo tem a seguinte inscrição: «SEPULTURA DE ALVARO PINHEIRO CAPITA DESTA VILLA E DE SEVS ACIDENTES E DECIDENTES».

No fecho do arco vê-se um escudo esquartelado com as armas dos Pinheiros, Aldanas, Pereiras e Lobos.

Do lado esquerdo, junto à capela-mor, a enfrentar com a nave desse lado, está uma capela de abóbada e altar de pedra, que sofreu também a influência das últimas reformas neste templo.

Da parte de fora dessa capela, junto ao seu arco, foi metido na parede um oratório por cima do qual collocaram uma pedra, que estava em uma capela demolida, representando um escudo encimado com a tiara papal e com duas chaves cruzadas.

No campo desse escudo lê-se o seguinte: SACRA ECCLETTIA LATE RANENCIS.

Está em seguida o órgão que foi retirado do coro e para aqui mudado há poucos anos.

Fica em frente da capela do Sacramento e está no sítio onde era uma capela lateral que foi cortada há poucos anos para alargamento da Praça Municipal. Segue-se-lhe uma pequena capela de abóbada em forma de boca de canhão, exactamente igual à do outro lado.

A esta capela seguem-se mais dois altares, sendo o último, junto à porta travessa, o dos Reis Magos.

O arco que abriga este altar é fechado por um escudo esquartelado com as armas Teixeiras, Barros, Tinocos e Costas. Diferença uma moleta de prata e timbre o dos Teixeiras.

Em baixo, no paquife, 1612, data da concessão deste brasão.

Este altar era cabeça do Morgado do Perdigão, vínculo instituído em 1519 com a designação de *Capela dos Reis Magos*.

Tinham os Morgados do Perdigão sepultura privativa que desapareceu quando do soalhamento da igreja, no século XIX, sendo então recolhidas as cinzas nela encontradas em um pequeno sarcófago debaixo do altar e há poucos anos foi sobre aquele colocada uma pedra com a seguinte inscrição = SEPULTURA DOS MORGADOS DO PERDIGÃO.

Foi 1.º Morgado do Perdigão António Teixeira e última D. Luciana da Silva Fonseca Teixeira de Barros.

Todos estes altares laterais estavam primitivamente encostados aos pilares dos arcos que separam as naves, sendo no século XVIII metidos nas paredes laterais.

Tem esta igreja duas portas travessas: uma que dá para o terreiro das Torres e outra para a Praça Municipal.

As três naves são forradas a madeira em caixotões e actualmente não tem coro; o coro que existia foi demolido e as rasgadas janelas substituídas nas obras que estão correndo por frestas geminadas, guarnecidas, bem como as rosáceas, com artísticos vitrais, adquiridos em 1930 em Barcelona.

A pia baptismal em granito reocupou o seu antigo lugar, a qual tinha sido substituída, no século XIX, por uma outra moderna em mármore.

Foram pelas últimas obras retirados os dois púlpitos metidos nos pilares dos arcos. Servem-se agora de um púlpito portátil de madeira em estilo gótico.

Todas estas obras ali realizadas foram da iniciativa do zeloso prior desta freguesia Snr. P.º Joaquim Alexandre Gaiolas, com a cooperação de várias pessoas e entidades desta cidade e sob a direcção de engenheiros e architectos diplomados.

Se o iniciador da restauração da matriz de Barcelos não viu ainda realizado o seu sonho, restituída a igreja a toda a sua primitiva beleza, não foi por falta de per-

sistência e tenacidade da sua parte, mas por não ser ajudado e compreendido por quem competia.

A sacristia é do lado direito, entre a primeira capela deste lado e a do Sacramento. É grande e espaçosa.

Tem um bom lavabo em pedra e no centro uma mesa de pedra, tampa de uma sepultura, no reverso da qual ainda se vêem vestígios de um brasão e de uma inscrição quase apagados.

Este templo foi classificado monumento nacional por decreto de 15 de Outubro de 1927.

Foi aqui criada uma Colegiada em 1464, com boas rendas, chegando a ter treze Cónegos.

Estas rendas, porém, foram cerceadas para aumentar as da Patriarcal de Lisboa e as da Real capela de Vila Viçosa.

As dignidades desta Colegiada eram apresentadas pela casa de Bragança e coladas pelo Ordinário.

O prior apresentava os benefícios da massa da Colegiada, isto é, os párcos nas freguesias de Barcelinhos, Courel, Faria, Gilmonde, Ginzo, S. Martinho de Vila Frescainha, Milhazes, S. Paio do Carvalhal e Vilar de Figos. X

O *Cruzeiro Paroquial* desta freguesia esteve ao fundo da antiga rua da Igreja (hoje rua do Barbadão), no cruzamento desta rua com a do Terreiro (hoje Duque de Bragança).

Na Praça Municipal, entre a Igreja Matriz e os Paços do Concelho, mandou a Câmara Municipal construir um chafariz em 1630, encimado por uma cruz.

Para ser colocado ali esse chafariz foi mudado o Pelourinho do Concelho, que estava nesse largo, que também se chamou da Picota, para o Largo da Porta Nova, onde se conservou até 1865.

Neste ano, resolvendo a Câmara Municipal regularizar a rua Faria Barbosa na sua embocadura com o Largo

da Porta Nova, mandou derrubar o pelourinho, ficando dispersas as peças que o compunham, de modo que a base foi para obras fora da vila, o fuste aplicado a poste de candieiro de iluminação pública e a gaiola metida em uma parede qualquer.

Em 1905, devido às investigações e instâncias do falecido Dr. António Ferraz, administrador do concelho, a Câmara Municipal, da presidência do Snr. Dr. José Ramos, reconstituiu e mandou colocar o seu antigo pelourinho ao lado poente dos Paços dos Condes Duques de Barcelos.

Está completo, não lhe faltando até as correntes de ferro que cingem o fuste, encontradas em um esconderijo da torre da Porta Nova.

É um dos mais belos monumentos do seu género com a sua cúpula ou *gaiola* em estilo gótico.

Tem esta freguesia às seguintes igrejas e capelas: A *Igreja do Bom Jesus da Cruz*, no campo da República, teve sua origem no aparecimento da primeira cruz no solo desta vila, no arrabalde de Cima de Vila, que também se chamou Campo do Salvador, em 20 de Dezembro de 1504.

Em breve esta cruz foi coberta com uma abóbada de pedra, firmada em quatro pilares, nos quais se sustentavam quatro arcos.

Para colocar ali a imagem do *Senhor da Cruz*, adquirida posteriormente na Flandres, taparam-se os arcos dos lados norte, nascente e poente, abrindo-se deste lado uma porta virada ao souto de carvalhos que existia no sítio onde hoje estão as casas.

Dividiram assim esta ermida em duas e na do lado nascente formaram um altar com seu retábulo em que se dizia missa e para a qual se entrava pelo arco da parte sul.

Em volta desta segunda ermida fizeram uma arcaria coberta com telhado e suspensa em colunas de pedra.

Em 1705 se deu princípio ao majestoso e grandioso templo que hoje existe.

Está cercado de adro parapeiteado de boa pedra lavrada, contraforteado por grossos pilares terminados por volumosas bolas de pedra.

À entrada da porta principal do templo tem de cada lado a sua inscrição=EXTRVCTUM. ANNO. MDIV=e do outro lado=REFORMATVM ANNO MDCCV—.

É esta igreja em forma de cruz latina, toda formada em sólidas abóbadas de pedra, tendo ao centro um grande zimbório.

Tem três altares em rica talha renascença doirada, e dois púlpitos e coro de balaustradas de madeira com incrustações de metal.

No arco que forma o braço esquerdo da cruz tem a seguinte inscrição gravada na pilastra=ANNO. MDIV DECEMBRIS. XX. DIE. FERIA. VI. HORA. DIEI. IX. PRIMA. CRVX. APPARVIT. IN. HOC. SOLO. ET. BREVIS. SEPTA. SACELLO. SOLIVM. FVIT. CHRISTO. DOMINO. PRINCIPATVM. BAJVLANTI. QVI. POST. GEMINVM. SECVLVM. AD. SEMPITERNI. MEMORIAM. TEMPORIS. ELEEMOSINIS. ET. IMPRENSIS. PVBLICIS. HÆC. BASILICA DEDICATVR.=.

Ao lado da capela-mor estão as duas sacristias; na do lado do evangelho venera-se a Senhora das Angústias e na do lado da epístola a imagem do Senhor dos Passos.

A Igreja da Misericórdia—No tempo do Duque D. Teodósio II, pai do rei D. João IV, resolveram os moradores de Barcelos edificar um convento de freiras, sob a invocação da Senhora da Conceição.

Escolheram o sítio do Campo da Feira, um pouco mais abaixo onde hoje está a igreja do Terço, arrabalde da Ca-

pela do Espírito Santo, e começaram as obras, as quais não se sabe porque motivo em breve pararam.

Em 1641 foram cedidas essas obras aos frades bernardos de Fiães para ali estabelecerem um convento com a obrigação de nele terem uma aula de latim.

Como os de Fiães nunca se aproveitassem dessa concessão, nasceu a ideia de darem aquelas obras aos religiosos capuchos do convento do Bom Jesus da Franqueira para mudarem para aqui aquele seu convento.

Estes frades aceitaram a doação, mas não encontrando o sítio cómodo demarcaram novo convento no local onde hoje está o Hospital, lançando a primeira pedra em 22 de Agosto de 1649, sendo os lavradores de dentro duma légua em volta da vila obrigados a acarretarem a pedra.

Não se efectuou a mudança do convento da Franqueira: os frades continuaram lá, vindo porém povoar o seu novo convento, onde se conservaram até 1834.

A igreja está actualmente ao centro do edificio, ligando o Asilo de Inválidos, que fica à esquerda, com o Hospital, à direita.

A sua fachada assenta em três arcos que fecham o átrio em frente à porta principal.

No alto da fachada tem um nicho em que se venera a imagem da Senhora da Conceição em pedra e abaixo, no mesmo plano das janelas que dão luz ao coro, tem três nichos: o do centro com as imagens de Nossa Senhora em visita a Santa Isabel, o do lado esquerdo com a imagem de S. Francisco e o da direita com a de S. Boaventura.

Templo amplo e suficientemente espaçoso, é de estilo pobre. Tem três altares: o altar-mor e dois laterais. Ao lado esquerdo, abaixo do altar lateral, abre-se uma pequena capela no mesmo estilo da igreja.

Tanto a capela-mor como o corpo da igreja são forradas a estuque em forma de abóbada.

Tem dois púlpitos e coro, donde assistem aos actos religiosos os asilados e doentes convalescentes.

Pertence esta igreja actualmente à Irmandade da Santa Casa da Misericórdia.

A sudoeste deste edifício, faceando com o antigo Campo da Feira, ficando a capela-mor já na cerca do convento franciscano, foi mandada construir pela Venerável Ordem Terceira de S. Francisco a *Igreja dos Terceiros* em 1734, cujas obras só se completaram no reinado de D. Maria I.

As torres ficaram incompletas, concluindo-se em 1648 apenas a do lado esquerdo, a qual em um dia sereno de 1912 derruiu e caiu por terra.

Templo amplo, o maior desta freguesia, despido porém de arte e beleza architectónica, foi demolido em 1931 e os seus materiais applicados na nova igreja de Santo António da Cidade.

A Igreja do Terço — Foi esta igreja das freiras beneditinas de Barcelos.

Está situada no Campo da República (Campo da Feira), a facear com a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

A sua porta principal é ao lado, e no sítio onde geralmente está esta porta nos templos, fica o coro de baixo e de cima.

Tem na sua frente para a Avenida, cinco rasgadas janelas e na parte exterior de cada lado da porta a sua lápide em granito com as seguintes inscrições: — do lado esquerdo = JOANE. V. IMPERANTE. PETRI. II. PLACITO. ANNVENTE. HOC. MONIALIVM. AD. AETERNAM. TEMPORIS. MEMORIAM. DIVO. BENEDICTO. DEDICATVR = e do lado direito = RODERICVS. II. HISPANIARVM. PRIMAX. QVI. OPVS. ERIGENDVM. CVRAVIT. SACRO. PONTIFICALI. RITV. PRIMVM. LAPIDEM. POSVIT. XIV. AVGVSTI. DIE. ANNO MDCCVII =.

Dentro, a igreja é espaçosa e sumptuosa; tem tres altares: o da capela-mor e dois laterais, encostados às paredes do arco cruzeiro, todos em rica talha ricóco doirada.

Os tectos são de madeira em caixotões, tendo pintados em cada um os Passos e Vida de São Bento.

As paredes estão revestidas de artísticos azulejos com passagens, emblemas e sentenças extraídas da Bíblia e da Regra beneditina.

Em frente à porta destaca-se na parede o púlpito em riquíssima talha doirada.

Na capela-mor, por cima da porta do lado do evangelho, tem pintada no azulejo a seguinte inscrição = ANNO DOMINI MDCCVII DIE VERO XIV AVGVSTI D. RODERICVS DE MOVRA TELLES ARCHIEPISCOVVS BRACHARENSIS HISPANIARVM PRIMAX HVIC ŒDIFICIO PRIMVM INJECIT LAPIDEM = e por cima da outra porta do lado da epístola = ANNO DOMINI MDCCXIII DIE VERO VIII JVLII IDEM D. RODERICVS DE MOVRA TELLES ARCHIEPISCOVVS BRACHANENSIS HISPANIARVM MONIALES IN HOC A SE FVNDATVM COENOBIVM A BRACHARA TRANSTVLIT ET RECLVSIT =.

Esta Igreja passou em 1834 para a posse do Estado mas, porque só mais tarde fossem transferidas as duas únicas freiras ali existentes para o convento de S. Bento de Viana do Castelo, foi cedida por portaria de 1 de Maio de 1846 à Irmandade do Terço, da qual tomou posse em Novembro do mesmo ano.

Igreja do Recolhimento do Menino Deûs—Está situada esta Igreja na rua Dr. Manuel Pais, à saída da cidade pela estrada de Viana do Castelo.

A fundação desta Igreja e Recolhimento anexo deve-se à iniciativa da preta Vitória, escrava de um mercador da rua Direita desta vila.

Adquirindo esta boa mulher uma imagem do Menino Deus, pô-la no estabelecimento do seu senhor, a qual crescendo tanto a devoção e as correlativas esmolas, foi mudada mais tarde para a Igreja Matriz.

Aí aumentou ainda mais a devoção, a ponto que a escrava Vitória pensou em mandar edificar uma capela particular, obtendo para isso permissão do arcebispo de Braga em 6 de Outubro de 1725.

Resolveu por fim ir mais longe: edificar um templo e um Recolhimento para educar moças donzelas.

Realizando o seu projecto, foi o Menino Deus trasladado para a sua nova igreja em 27 de Setembro de 1733, havendo na véspera grandes festejos, com corrida de toiros, danças e folguedos públicos.

A entrada para este templo é exactamente como a do Terço: de lado.

Por cima do pórtico está um nicho com a imagem do menino Deus em pedra.

Dentro é pobre; tem três altares: o mor e dois laterais em talha simples.

Tem um púlpito e dois coros.

Pertence actualmente à Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, desde que para aqui foi mudada, em 1931, da sua extinta igreja.

A *Igreja de Santo António da Cidade* é sita entre a Avenida Alcaldes de Faria e o Campo da Liberdade, com a sua frente para a antiga Pedra do Couto.

Edifício de estilo ultra moderno, foi construído com esmolas e donativos dos devotos, empregando-se nas suas obras os materiais da demolida Igreja dos Terceiros.

Eleva-se a sua alta fachada, amparada do lado direito por uma ainda mais alta torre, no centro de um adro fechado por parede com duas portas de serventia.

Em seguida à torre abriga a porta travessa um pequeno alpendre sustentado em colunatas.

Dentro, é forrada a madeira com caibros e traves à vista, sendo os altares, o mor e quatro laterais em talha muito simples.

Tem dois púlpitos e coro.

É pública e projecta-se fazer desta igreja a matriz da nova freguesia em que se pensa dividir a cidade.

• *A Capela de S. José*—É muito antiga esta capela, não se sabendo ao certo a época da sua fundação.

Tinha primitivamente a invocação de Santa Maria Madalena, sendo conhecido pelo mesmo nome o Campo que a rodeia.

Em 1680 teve esta capela grandes obras.

A sua baixa fachada é sobrepujada por um nicho com a imagem de Santa Maria Madalena e ao lado direito eleva-se um pequeno torreão para dois sinos, seguindo-se-lhe a sacristia e casa de arrecadação.

Dentro, é forrada a madeira pintada, tendo três altares, o mor em talha moderna e os dois laterais em estilo renascença.

Tem coro e púlpito.

À entrada da porta principal servem de pavimento pedras que foram tampas de sepulturas.

Em uma, por baixo de uma inscrição de difícil leitura, vê-se a data 1684 e em outra os seguintes dizeres =S. DE FR.^{ca} DA SILVA E SEVS ERDEIROS.

É pública esta capela.

A Capela de S. Bento da Buraquinha—No mesmo Campo de S. José, na embocadura da rua Cândido Reis com este Campo, está a capela de S. Bento da Buraquinha, fundada pelo Dr. Gaspar Pinto Correia, Cónego Cura da Colegiada de Barcelos.

O fundador, por testamento de 20 de Julho de 1655, deixou-lhe o rendimento de três casas térreas sitas no Campo da Feira, com a obrigação de serem alugadas a gente pobre, marcando-lhes alugueis módicos.

Esta capela é pequena, com uma só porta e um único altar em estilo renascença.

Pertence à Confraria do Senhor Bom Jesus da Cruz.

A *Capela de S. Francisco*, na antiga rua dos Mercadores, hoje S. Francisco, foi cabeça do vínculo do mesmo nome, instituído em 11 de Setembro de 1509 por Inês Anes da Costa.

Esta capela foi construída por Fernão Anes da Costa, Secretário do Duque de Bragança D. Fernando, por mandado de sua irmã, a dita Inês Anes da Costa, a instituidora daquele vínculo, e o que tem de mais notável é o seu pórtico gótico.

Junto a esta capela existiam umas casas que serviam de hospedaria aos frades franciscanos, quando passavam por Barcelos.

Diogo da Costa, Escudeiro de El-Rei, Juiz Ordinário, o que fez em 20 de Dezembro de 1504 o auto do aparecimento da primeira cruz em Barcelos, foi o 1.º Morgado de S. Francisco, sendo o último, António de Mendanha Arriscado.

Aquelas casas e capela de S. Francisco estão hoje na posse de pessoa estranha àquela família.

A *Capela de S. Bento*—Ao lado sul da casa da Barreta, a facear com o seu portão ameado e armoriado, ergue-se esta capela, pertencente ao antigo Morgado d'Agrela, fundado por Manuel Carvalho d'Eça, abade de Abadim.

Esta capela, onde se não exerce culto há muitos anos, é particular e pertence à Ex.^{ma} Senhora Viscondessa da Fervença.

A Capela de Sant'Ana, junto à Casa do Benfeito.

Esta capela exteriormente, bem como a casa, de puro estilo D. João V, foi mandada construir por António de Matos de Faria Barbosa.

Dentro, é forrada a madeira. Tem coro e púlpito. Pertence à illustre família Matos Graça.

A Capela do Bom Sucesso, junto à casa do mesmo nome, no sítio da Granja, em frente ao Cemitério Municipal, é pequena, de boa pedraria, elevando-se ao seu lado esquerdo uma pequena sineira.

Dentro, o seu único altar é em estilo ricóco.

Os tectos são em estuque e tem coro e púlpito.

No pavimento existe uma sepultura com a seguinte inscrição: AQUI JAZ CONSTANTINO ALVARES PEREIRA ANNO 1796 e fora da porta está uma outra sepultura sem inscrição nem data.

Pertence ao Snr. Jaime Valongo esta capela.

A Capela de S. Sebastião, sita na rua Manuel Viana.

Esta capela esteve no Largo do Souto, no adro da actual Igreja Paroquial de Barcelinhos. No século XVIII foi mudada para a rua dos Carvalhos, que também se chamou S. Sebastião e actualmente rua Manuel Viana, junto às casas que hoje são do Estado e onde está instalada a G. N. R.

Esta capela está profanada desde 1910, servindo de armazém.

A Capela de Santo André, ao poente da Fonte de Baixo, era muito antiga, pois já existia em 1464 e junto a ela funcionou a Gafaria ou Hospital de Lázaros.

Fr. Pedro de Poiares faz referência a esta capela no seu *Tratado Panegírico*.

Foi demolida nos fins do século XIX.

Capela de Nossa Senhora da Conceição, na Cerca do Hospital.

Naquela Cerca, no seu canto sul, existiu um cemitério, erguendo-se ao norte desse cemitério uma capela de boa pedraria.

Dentro, tem altar com retábulo em talha simples e pobre e é forrada a estuque.

Esta Capela foi secularizada, não se exercendo nela actos de culto, servindo às vezes de morgue ou depósito de cadáveres de pessoas falecidas no Hospital.

As ossadas existentes nesse cemitério foram removidas para o Cemitério Municipal em 1912. A capela pertence à Irmandade da Misericórdia. Esta capela foi comprada em 1936 pela C. M. para ser colocada no Cemitério Municipal.

A *Capela dos Sagrados Corações*, junta ao extinto Colégio da mesma denominação, é sita na rua Duque de Bragança, em frente ao Solar dos Pinheiros.

Exteriormente ainda tem a forma de capela, mas foi secularizada em 1910. Pertence hoje ao Estado.

Havia várias capelas nesta freguesia que desapareceram, de algumas das quais nem vestígios existem.

Mencionaremos algumas: Assim, ao sul do Campo 5 de Outubro, entre este e o da República, existiu a *Capela do Salvador*, uma das mais antigas desta freguesia, que derruiu na *Trabucana de S. Sebastião*, tremenda tempestade que se desencadeou nesta região em 20 de Janeiro de 1616.

No sítio onde existiu esta capela foi erigido um cruzeiro.

Construiu-se depois, mais ao sul, já no Campo da República, uma outra *capela*, a do *Espírito Santo*, ficando aquele cruzeiro nas costas desta capela, que foi demolido quando da construção do convento das freiras-bentas, que lhe ficava a nascente, em 1707.

A capela do Espírito Santo foi aumentada com átrio e alpendre, mandando-se fazer sepulturas para os pobres em 1669.

Esta capela foi demolida nos princípios do século xviii.

Entre esta capela e as actuais casas do Campo da República havia uma ruela que se chamava *rua do Espírito Santo*.

A *Capela de Nossa Senhora da Conceição* que estava a facear com as casas que fecham a poente o Campo da República, foi demolida nos meados do século xix.

A *Capela de Santa Maria*, na rua do mesmo nome, que depois foi da Misericórdia e hoje Visconde São Januário, estava junto ao antigo Hospital, fundado no tempo de D. Manuel I.

Na parede da porta de entrada do antigo Quartel Militar, hoje da Administração do Concelho, ainda se vê uma cruz a indicar o sítio onde esteve esta capela.

Como fosse pequena para as necessidades do culto, a Irmandade da Misericórdia resolveu mandá-la demolir e construir uma igreja na Praça Municipal, sendo lançada a primeira pedra para a construção dessa igreja em 1593.

A *antiga Igreja da Misericórdia*, na Praça Municipal. Esta igreja era suficientemente grande e estava no mesmo lugar onde hoje é a sala das sessões da Câmara Municipal com entrada para aquela praça.

No altar-mor venerava-se a imagem de Santa Gertrudes com sua irmandade, instituída por José de Almeida Bezerra, da casa de Pereiró, freguesia de São Paio do Carvalhal.

Tinha dois altares laterais junto ao arco cruzeiro e mais abaixo duas capelas: uma do Morgado de Vila Cova e outra do Morgado d'Agrela.

Esta igreja foi demolida por 1869, encontrando-se porém ainda vestígios dela, como o arco cruzeiro, etc.,

quando das obras na sala das sessões da Câmara Municipal em 1931.

A *Capela de Santiago*, no Largo da Porta Nova, em frente à antiga cadeia, das janelas da qual os presos ouviam missa, mandada dizer todos os domingos para aquele fim pela Irmandade da Misericórdia naquela capela, foi demolida, quando da construção do edifício dos Armazéns de Santiago, nos princípios deste século.

Ainda existem nesta freguesia os seguintes *Nichos* ou oratórios públicos: o do Senhor do Bonfim, no Largo do Benfeito; o do Senhor dos Aflitos, na rua do Poço; três oratórios da Paixão de Cristo: um na rua Duque de Bragança, outro na rua Manuel Viana e outro na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

O *Cruzeiro Paroquial* esteve no cruzamento da rua Mártires da República com a Duque de Bragança, em frente à Igreja Matriz e ao lado do solar dos Pinheiros.

Na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra (antiga Pedra do Couto), junto ao edifício do Convento, esteve um cruzeiro com a imagem de um Cristo sem barbas.

Este cruzeiro foi mandado retirar dali e recolher no Museu Arqueológico Municipal.

O *Cemitério Municipal* está, como dissemos, na freguesia de Arcozelo, ao fundo da Avenida Dr. Sidónio Pais.

No alto do seu portão vê-se a data = 1877.

A freguesia de Barcelos confronta pelo sul com o rio Cávado, pelo nascente com a de Arcozelo, pelo norte com a de São João de Vila Boa e pelo poente com a de São Martinho de Vila Frescainha.

É atravessada por várias estradas. A ponte sobre o Cávado dá comunicação com a outra parte da cidade (Barcelinhos), estando ligada aí por várias estradas com todas as terras ao sul e nascente, como Braga, Vila Nova de Famalicão e Póvoa de Varzim; pelas Avenidas Alcai-

des de Faria e Dr. Sidónio Pais pela estrada de Prado e Vila Verde com aquelas povoações; pelo Campo da Liberdade e pela estrada de São Julião de Freixo com Ponte do Lima; pela rua Dr. Manuel Pais e pelas estradas de Ponte do Lima (Tamel) e Viana do Castelo com aquelas povoações e pelo Campo de São José com Esposende.

É servida pela *Estação de Barcelos* dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.

Tem as seguintes fontes públicas e chafarizes: a fonte de Baixo, a das Fontainhas, o chafariz do Campo da República, o do Campo de S. José, mudado para ali da Praça Municipal em 1933, o do Largo do Apoio, o da Praça D. Pedro V, o do Campo 5 de Outubro e o do Largo do Tanque.

Em frente a este chafariz, metida na parede do quintal da casa do Sindicato Agrícola (antiga casa do Tanque), está uma pedra com a seguinte inscrição: =

EXPENSIS PUBLICIS ANNO MDCXVIII — REFORMATUS ANNO MDCCCLXIX.

Tem ainda os fontenários da Avenida Dr. Sidónio Pais e do Campo da Liberdade.

No Passeio das Obras, construção do fim do século XVIII, existem dois fontenários, cujas águas caíam respectivamente em seu tanque construídos na parte posterior daquelas obras. Hoje só existe um daqueles tanques, por o do nascente ter sido demolido.

Fr. Pedro de Poiães, no seu tratado Panegírico, editado em Coimbra em 1672, diz que a vila de Barcelos tem as seguintes fontes: a de Baixo, de muito boa água, outra no fim da rua das Velhas, a que chamam o Cano, «fonte de muito boa água e de mui bastante bondade».

No meio da torre da ponte, continua o mesmo autor, está outra fonte e outra no Campo Salvador, indo da vila para a quinta da Bagoeira.

O Passeio das Obras, monumental obra estilo D. João V, de aformoseamento do Campo da República, lado sul, foi mandado construir nos fins do século XVIII.

Por baixo desse monumento estava o chamado «quintal das Barrocas», terreno que fora aforado a particular e que a Câmara de 1928 comprou, sendo transformado por uma vereação qualquer em Largo. Ao nascente desse largo estão em construção outras *obras* (actualmente suspensas), que ninguém percebe.

A população desta freguesia no século XVII era de 500 vizinhos; no século XVIII era de 742 fogos; no século XIX era de 4.185 habitantes e actualmente é de 4.062 habitantes, sendo 1.702 varões e 2.360 fêmeas, sabendo ler 1.009 homens e 985 mulheres, havendo 2.068 analfabetos.

A actual população da cidade, que compreende toda esta freguesia e parte das de Barcelinhos, Arcozelo e São Martinho de Vila Frescainha, é de seis mil habitantes aproximadamente (1).

A cidade de Barcelos tem as seguintes ruas e largos, a maior parte sitos nesta freguesia: rua Duque de Bragança, Mártires da República, Fundo de Vila, Vivandeiras, São Francisco, Visconde de Leiria, do Poço, da Barreta, Barjona de Freitas, Travessa do Apoio, Traz do Muro, rua Visconde São Januário, D. António Barroso, Travessa da rua Direita, rua Filipa Borges, da Madalena, Miguel Bombarda, Gomes Freire, São Vicente, D. Diogo Pinheiro, Cândido Reis, Dr. Manuel Pais, Traz das Freiras, Avenida D. Nuno Álvares Pereira, Combatentes da Grande Guerra, Dr. Oliveira Salazar, Alcaldes de Faria, (parte em Arcozelo), Dr. Sidónio Pais, rua Elias Garcia, (parte em Arcozelo),

(1) No 7.º Censo da População vem só a população da freguesia de Barcelos e não a da cidade.

Olivença (toda em Arcozelo), Cândido da Cunha, Travessa dos Alcaldes de Faria, rua Bom Jesus da Cruz, Duque de Barcelos, Travessa Duque de Barcelos, rua Manuel Viana, Infante D. Henrique e Faria Barbosa e os largos Fonte de Baixo, Apoio, Praça Municipal, Dr. Martins Lima, Benfeito, Campo 5 de Outubro, da República, da Liberdade, Largo Marechal Gomes da Costa (Arcozelo), Bom Sucesso, Porta Nova, José Novais, Malheiros e do Tanque.

Em Barcelinhos, como dizemos quando tratamos desta freguesia, tem esta cidade as seguintes ruas e largos: José Falcão, Emídio Navarro, Penedos, Brito Limpo, Alcaldes de Faria e Esperança e os largos: da Ponte, Souto, e Dr. António Ferraz (1).

Vamos, seguindo o esquema das outras freguesias, mencionar os edificios mais importantes desta; principiando pelos *Paços do Concelho*, onde funcionam quase todas as Repartições Públicas: Câmara Municipal, Tribunal Judicial, Registo Civil, Finanças, Tesouraria Pública, Correios, Telégrafos e Telefones, Filial da Caixa Geral dos Depósitos, Administração do Concelho, Polícia, etc.

Este edificio antigamente era muito reduzido e só tomou as proporções grandiosas que hoje tem depois das obras e ampliações de 1849, das do fim do século XIX e das do principio deste.

Tinha uma só torre, a do poente, e a sua frontaria para a Praça Municipal era sustentada em arcos, cujos vestígios ainda hoje se vêem.

(1) O Sr. Bento Antas da Cruz publicou em o jornal «O Barcelense», desta cidade, uma série de artigos sob o título — *Barcelos em Tempos Idos ou Roteiro Histórico da Vila de Barcelos e Zona Urbana de Barcelinhos* — em que menciona as ruas, largos e lugares dos arrabaldes com a sua nomenclatura antiga e actual.

É um edifício imponente, ameado, com duas torres e ocupa quase um quarteirão.

Em parte deste edifício esteve a Misericórdia com seu Hospital, até ser mudada para o antigo convento de S. Francisco, no Campo da Feira, e posteriormente àquela mudança, na parte que dá para a rua Visconde de São Januário e rua de São Francisco, o quartel do Batalhão de Infantaria até ser retirado desta cidade.

Depois deste facto esta parte do edifício está sendo apropriada à instalação de Repartições Públicas.

O *Palácio dos Condes Duques de Barcelos* (ruínas das Torres). As paredes denegridas, que se vêem no morro sobranceiro à ponte sobre o Cávado nesta cidade, são as ruínas do palácio mandado construir por D. Afonso, 1.º Duque de Bragança e 8.º Conde de Barcelos.

Mandou este duque também cercar a sua vila de muralhas com torres, sendo uma à entrada da ponte que liga esta freguesia com a de Barcelinhos, tendo comunicação esta torre com o palácio que lhe ficava superior.

Deste edificio hoje apenas existem algumas paredes e uma alta chaminé; a torre que fechava as muralhas derriu em 1800.

«Causa dó—diz António Lopes de Figueiredo na sua *Noticia Bibliographica*, em 1873, a pág. 78, referindo-se a este palacio—ver o abandono a que se acham votadas estas preciosas reliquias da pristina nobreza desta notavel villa».

O morro em que assentam estas ruínas foi cercado de paredão e muralha ameada nos fins do século XIX pela Câmara da presidência do Dr. José Novais, tendo porém há pouco tempo sido retiradas as ameias e a sua pedra empregada nas obras da Igreja Matriz.

Nestas históricas ruínas funciona o *Museu Arqueológico Municipal*; pertenciam à Casa de Bragança, mas fo-

ram cedidas à Câmara Municipal de Barcelos por el-rei D. Carlos I para ali ser construído um *Castelo*, delineado por um distinto architecto, que felizmente se não fez, e nele instalada a Biblioteca e Museu Municipal.

O Solar dos Pinheiros. O Dr. Pedro Esteves, casado com D. Isabel Pinheiro, mandou fazer a parte sul destas casas e colocar ali um brasão.

Consta esse brasão de um escudo no meio do qual está outro mais pequeno com quatro chaves pendentes de um cordel, tendo em volta a inscrição em letras góticas: «Estas casas mandou o Dr. Pedro Esteves fazer no ano do Senhor de 1448».

Álvaro Pinheiro Lobo, 1.º Morgado de Pouve, filho daquele Dr. Pedro Esteves, acrescentou o Solar dos Pinheiros de Barcelos na parte poente, mandando fazer as duas torres, colocando na do sul o escudo que aí se vê virado ao poente: no 1.º as armas dos Pinheiros, que tomam todo o lado direito; no 2.º as armas do Dr. Pedro Esteves e no 3.º as dos Lobos.

Este edificio foi considerado Monumento Nacional e pertence ao Ex.º Sr. Engenheiro Francisco Manuel de Meneses Pinheiro.

A Casa Meneses Vilas boas. — Estas casas, sitas na Rua Faria Barbosa, encostadas às antigas muralhas sul da vila, pertencem à nobre família Vilas boas da casa solar de Airó.

Serviram de Paço à rainha D. Maria II na sua viagem ao norte em 1852, quando do seu regresso de Viana do Castelo.

No pátio de entrada desta casa encontra-se uma bela pedra de armas encostada a uma parede que, segundo nos informam, era da casa de Palme, da freguesia de Al-dreu, pertencente a esta família.

A *Casa dos Gayos* — Ao poente da casa anterior, na mesma rua, está a casa dos Gayos.

Na sua fronteira ostenta um brasão ali mandado colocar pelo Dr. Manuel José da Costa Felgueiras Gayo e mais abaixo vê-se uma lápide em mármore com os seguintes dizeres: «Casa que foi do linhagista Felgueiras Gayo — 1750-1831».

Esta casa pertence hoje, por compra, ao Snr. Conselheiro Sá Carneiro.

Na mesma rua, esquina para o largo dos Malheiros e rua Manuel Viana, está a *Casa dos Carvalhos Mendanhas*, que foram administradores do Morgado de São Francisco.

Esta casa pertence hoje ao Estado e nela está aquartelada a Guarda Nacional Republicana.

No largo dos Malheiros, esquina para a rua Faria Barbosa, está a *Casa dos Malheiros*, que pertenceu à família deste nobre apelido e hoje à família Guimarães.

Em frente a esta casa, na rua Faria Barbosa, existe a *Casa do Tanque*, propriedade do Sindicato Agrícola.

Na mesma rua Faria Barbosa, na descida para o Pessegal, está a *Casa do Rio*, que foi do Dr. António do Rego de Faria Barbosa, político de grande preponderância do seu tempo, e hoje pertence à família Roriz Pereira.

Na rua Infante D. Henrique, esquina da rua Manuel Viana, existe a *Casa Simões Lira*, hoje pertencente à família Salazar.

No largo da Porta Nova o edifício do *Banco de Barcelos*; no largo José Novais, esquina para a rua Duque de Barcelos, está a *Casa do Barão da Retorta* (brasonada). Esta casa pertence hoje à família do Conselheiro José Novais e nela funciona a Creche Santa Maria.

Serviu esta casa de paço a D. Maria II quando aqui se acolheu na noite do incêndio da casa Simões, na rua Barjona de Freitas.

No mesmo largo José Novais, está a *Casa Machados da Maia* (brasonada), em estilo manuelino, ameaçada, hoje pertencente ao Snr. Dr. José Ramos.

Em frente ao Passeio das Obras, na rua Faria Barbosa, está a *Casa da Bagoeira*, dos Farias Machados, muitos anos unida à casa das Hortas de Braga, e que hoje pertence ao Snr. Aparício Alves Pereira.

No campo da República, do lado poente, destaca-se a *Casa dos Peixotos*, que pertence actualmente ao Snr. Armando Leite.

No campo 5 de Outubro, lado poente, vê-se a *Casa dos Sousas* (brasonada), que contém um rico recheio, na qual está instalado um verdadeiro museu de escultura e pintura dos melhores mestres portugueses. Pertence hoje ao Snr. José de Beça e Meneses.

No largo do Benfeito, ergue-se a *Casa do Benfeito* (brasonada), puzo estilo D. João V, pertencente à família Matos Graça.

Na rua D. António Barroso está a *Casa dos Barretos*, pertencente hoje ao Snr. José de Beça e Meneses.

Na rua Barjona de Freitas, esquina da rua Filipa Borges, está a *Casa Simões*. Esta casa serviu de paço a D. Maria II, quando da viagem ao norte em 1852, na sua passagem para Viana do Castelo.

Na noite de 6 para 7 de Maio desse ano, estando a família real deitada, ardeu completamente aquela casa, que foi mandada reconstruir por ordem da rainha. Pertence à família Salazar.

A *Casa da Barreta*, com sua capela e portal brasonado, é na rua da Barreta.

Era do antigo Morgado de Agrela e actualmente pertence ao Snr. Visconde da Fervença.

No largo do Apoio existe ainda a *casa* que foi do *Alferes Barcelense* (brasonada) e actualmente pertence

ao Snr. Júlio Gonçalves Ramos e ao lado a *Casa de Carmona*.

Esta casa foi de D. Maria de Abreu e D. Estácia de Abreu, que em 1649 a uniu ao vínculo Carmona, como se disse na freguesia de S. Pedro de Alvito. Actualmente pertence aos herdeiros de António Machado Carmona.

Na rua de São Francisco estão as *casas dos Carvalhos* (brasonada), que hoje pertencem à família Santos Terroso, e na mesma rua, em frente ao largo do Apoio, as *casas* que foram de *D. Nuno Álvares Pereira* (brasonada, escudo com a cruz floreteada dos Pereiras), pertencentes ao Snr. Capitão Manuel da Silva Freitas.

Este edificio tem na sua frontaria a seguinte inscrição: « Casa do condestavel dõ nunalvares pereira ».

Na mesma rua, mais ao poente, estão as *casas dos Brandões* (brasonada), que pertencem actualmente à família Miranda Avis, desta cidade.

Na rua Duque de Bragança, em frente à rua São Francisco, estão as *casas dos Arriscados Mendanhas*, que hoje pertencem ao Snr. Augusto Bandeira e mais ao norte, as *casas dos Costas Chaves* (brasonada), pertencente à viuva Vale, desta cidade.

Na Fonte de Baixo está a *Casa da Ordem*, que hoje pertence à Santa Casa da Misericórdia.

Na rua Visconde São Januário, em frente à porta da Administração do Concelho, está a *Casa dos Cogominhos*, condenada a desaparecer em breve para dar passagem ao Snr. Progresso, que é pessoa muito barriguda e embirra com as velhas ruas estreitas, nas quais por acaso algumas tradicionais casas como esta, tiveram a infelicidade de serem construídas.

Para não tornarmos mais fastidiosa a leitura deste livrinho, terminamos esta já longa lista das casas mais importantes desta freguesia.

Não poderemos, porém, deixar de nos referir ainda a mais algumas, que, apesar de pequenas, quer pela sua arquitectura e estilo, quer por nelas se terem dado alguns factos, se tornaram notáveis.

Assim no largo Dr. Martins Lima, em frente ao Teatro, existe uma, outra na Praça Municipal e outra no Campo 5 de Outubro, que pelo seu aspecto exterior se destacam das outras.

Esta última tem na verga da porta a data = 1615.

A estas três casas foi-lhe tirado há pouco tempo o reboco que cobria a sua fronteira ficando a descoberto a beleza singela da sua pedraria.

No Campo da República, lado poente, existe uma casa de vulgar aparência, mas que tem na sua fachada uma lápide com a seguinte inscrição: «Nesta casa nasceu o Tenente Coronel Vila Chã Leite, mutilado e herói da Grande Guerra».

Existem nesta freguesia dois monumentos: um na Avenida Combatentes da Grande Guerra, erigido aos mortos desta guerra. Compõe-se de um obelisco encimado pelas armas nacionais com a cruz de Cristo. Na sua base tem a seguinte inscrição: «AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA DE 1914—1918», e mais abaixo: «PELA JUNTA DA FREGUEZIA — 1930».

O outro monumento é a estátua a D. António Barroso, erigida na Praça Municipal, em frente ao edificio da Câmara, nas costas da Igreja Matriz.

Em cima de um pedestal de granito da região, eleva-se em tamanho natural a figura em bronze do santo bispo e grande missionário, de batina e ampla capa, descoberto e de pé, em atitude de abençoar.

No pedestal, na frente e em baixo, contém dois quadros em bronze, representando povos de várias raças em oração e inferiormente a seguinte inscrição: «DILA-

TANDO A FÉ, O IMPERIO—Luziadas Cant. I Est. II»
e aos pés da estátua: «A D. ANTONIO BARROSO.
MCMXXXI».

Dos lados, no mesmo pedestal, tem gravado as datas mais importantes da vida do glorificado. Assim do lado direito: «MDCCCLIV», a do seu nascimento e do lado esquerdo: «MCMXVIII», a do seu falecimento.

Na parte posterior a inscrição: «EREGIDO POR SUBSCRIÇÃO PUBLICA».

Do sopé do plinto desta estátua desce até à rua Faria Barbosa um grande escadório com patamares e guardas em pedra, ao qual o povo pôs o nome de *São Braz Rico*, comparando a sua magnificência supérflua com a pobreza do escadório que dá acesso à capelinha de S. Braz, em Barcelinhos.

A inauguração desta estátua foi em 5 de Setembro de 1931, por ocasião do 1.º Congresso Missionário Português, realizado nesta cidade.

Tem esta freguesia 11 lugares de professores nas escolas masculinas, femininas e infantis, que funcionam no edificio escolar do Campo da Liberdade e no antigo Colégio dos Sagrados Corações, à rua Duque de Bragança.

Está em construção um sumptuoso edificio na Avenida Combatentes da Grande Guerra, que a Câmara Municipal destina a *Liceu* ou *Escola Industrial*.

Há ainda o *Colégio de Sant'Ana*, que funciona na casa do Benfeito, dirigido por Irmãs Missionárias de Maria, em que se ensinam as primeiras letras e habilitam meninas até ao 5.º ano dos liceus e o *Colégio Alcaldes de Faria* onde se ministra instrução a rapazes até ao 5.º ano dos liceus. Existe ainda o *Recolhimento e Asilo da Infância Desvalida do Menino Deus*.

Quanto a comércio e indústria houve tempo, ainda nos princípios deste século, em que Barcelos vivia,

como era costume dizer então, apenas da *sua feira e do Tribunal*; o comércio era pequeno e a indústria quase nula.

Em 1904, porém, fundou-se em Arcozelo, próximo à Estação de Barcelos, a Fábrica de Serração Juan B. Domenech, que ainda hoje existe.

Depois da guerra, desde 1918 em diante, é que mais se desenvolveu a indústria desta cidade.

Assim, actualmente funcionam aqui duas fábricas de malha de seda, uma de fiação de algodão, azenhas junto à ponte sobre o Cávado, a Fábrica de Moagem do Cávado, que conquanto na freguesia de Arcozelo, está dentro das barreiras da cidade.

Além daquela fábrica de serração Domenech, há ainda a de São José, a da Granja e a de Coutinho, Ld.^a

Há finalmente uma fábrica de blocos de cimento para construções, e várias carpintarias, marcenarias, sapatarias, tamancarias, padarias, pastelarias, três garagens reparadoras de automóveis, etc.

Quanto ao seu comércio, tem esta freguesia bons estabelecimentos em todos os ramos de negócio. Enfim, tornou-se uma terra muito comercial e industrial.

Efectua-se nesta cidade, às quintas-feiras, no Campo da República e no Campo da Liberdade, uma das mais importantes *feiras* do país e anualmente, no dia 3 de Maio, a importantíssima *feira de Cruzes*.

O *mercado diário* fazia-se antigamente no largo do Apoio, passando depois para o largo da Porta do Vale e em seguida para o da Porta Nova.

Em 1867 foi construída a *Praça D. Pedro V*, começando desde então a funcionar ali o mercado diário.

Tem esta cidade Estação Telégrafo Postal e, desde Maio de 1932, Telefones.

A iluminação pública era a petróleo (nas noites em que não havia luar), passando porém desde 1917 a ser iluminada a cidade a luz eléctrica.

Além de algumas fontes e nascentes, a água é fornecida a esta cidade pela Empresa Borges e pela Câmara Municipal.

Esta, para reforçar as nascentes que possui nos montes ao norte, cujas águas são recolhidas nos reservatórios do Faial, estabeleceu em 1929 a Elevatória do Cávado, com resultados menores que os previstos.

Tem esta cidade um bom *Hospital*, administrado pela Irmandade da Santa Casa da Misericórdia. Vê-se que este ramo de assistência é muito antigo em Barcelos.

Nas Inquirições de 1220, quando se trata da freguesia de São Paio do Carvalhal, aparece-nos a referência à *Albergaria de Barcelos*.

Sabe-se que em 1464, em Casal de Nil, junto à Capela de Santo André, existiam umas casas com suas dependências, pertencentes à *Gafaria*, hospital de lázaros ou leprosos.

No reinado de D. Maria I instituiu-se um *Hospital* com igreja e porta para a rua de Santa Maria, que mais tarde passou a chamar-se rua da Misericórdia e em nossos dias rua Visconde de São Januário, o qual era administrado por *Juizes e regedores* da vila.

Estabelecida pouco depois a Irmandade da Misericórdia nesta vila, foi-lhe entregue aquele hospital.

Como as rendas do hospital fossem pequenas e a gafaria havia muito tempo não tinha doentes, D. Manuel, por carta de 12 de Maio de 1520, uniu os bens da gafaria ao hospital.

Para alargar o seu hospital a Irmandade da Misericórdia mudou a sua capela em 1593 da rua da Misericórdia para a praça Municipal.

Em 1834 foram extintos os conventos em Portugal e incorporados os seus bens na Fazenda Nacional.

Por influência do Visconde de Leiria, o governo ce-
deu em 1836 o convento dos frades Capuchos à Irman-
dade da Misericórdia para nele estabelecer o seu hospital.

Adaptado ao fim a que era destinado, sofreu poste-
riormente aquele edifício algumas obras, sendo uma das
mais importantes a de 1910.

Em 1932, a Irmandade da Misericórdia mandou cons-
truir na cerca do Hospital um *Balneário* público.

Em 1888 fundou-se o *Asilo de Inválidos* para ambos
os sexos, sob a administração daquela Irmandade, e cons-
truiu-se para isso um edifício próprio ao lado esquerdo
da Igreja.

Há nesta freguesia outro asilo, o *Recolhimento e Asilo
da Infância Desvalida do Menino Deus*.

Nos princípios do século XVIII a preta Vitória fundou,
junto à estrada que ia para Viana, hoje rua Dr. Manuel
Pais, o *Recolhimento do Menino Deus*, a que vulgarmente
chamavam *das Beatas*, do hábito da primitiva Ordem de
São Francisco.

Extintas as Ordens religiosas, passou esta casa a ser
administrada por uma Comissão nomeada pelo Governador
Civil do Distrito e transformada em casa de educação
de meninas pobres com a denominação de *Recolhimento
e Asilo da Infância Desvalida do Menino Deus*.

Em 1929 passou a administração desta casa para a
Venerável Ordem Terceira de São Francisco.

Há duas *Creches*: a de *Santa Maria*, que funciona
na antiga casa Barão da Retorta, instituída em 1928 pela
Ex.^{ma} Senhora D. Maria José Novais Pinto da Fonseca,
e a *Creche D. António Barroso*, que funciona no edifício
do *Recolhimento*, fundada em 1932.

Em 1934 fundou o Ex.^{mo} Senhor João Duarte, junto à sua fábrica de tecidos de malha, um *Lactário*.

A *Sopa dos Pobres*, instituição fundada em 1918, funciona actualmente no edifício do Recolhimento.

Existe nesta cidade o *Círculo Católico de Operários*, associação fundada em 1904, com sua sede na rua D. Diogo Pinheiro, por iniciativa do Ex.^{mo} Sr. P.^e Bonifácio Elias Barbosa Lamela, seu actual director.

Na sede desta Associação há sala de espectáculos e salas para outros divertimentos lícitos, onde os associados se divertem e instruem.

A *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Barcelos* foi fundada em 1883 e possui edificio próprio.

Antes desta Associação havia a *Companhia da Bomba*, criada por Real Resolução de 22 de Março de 1826, havendo já nesta vila duas bombas adquiridas em Londres.

O *Teatro Gil Vicente*, no Largo do Dr. Martins Lima, começou a construir-se em 1893, sendo a sua inauguração em 1903.

A *Associação Comercial* foi fundada em 1890 e o *Grupo Alcaldes de Faria*, sociedade de estudos arqueológicos, em 1929.

Em 1933 fundou-se o *Rancho Minhoto*, grupo coreográfico.

A *Associação de Classe dos Empregados do Comércio* fundou-se em 1926.

O *Sindicato Agrícola* fundou-se em 1916 e a *Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra* em 1930.

Tem uma *Assembleia*, sociedade de recreio, fundada por 1872.

Há ainda algumas sociedades de *sport*, como *Foot-Ball* e *Tenis* com seus respectivos campos, etc.

Há actualmente apenas dois jornais semanais: «O Barcelense», que se publica aos sábados e o «Notícias de Barcelos», que se publica às quintas-feiras.

A antiga e importante vila de Barcelos foi elevada à categoria de cidade por decreto de 30 de Agosto de 1928 e classificada como *Estância de Turismo* por decreto de 30 de Agosto de 1933, sendo a área de jurisdição da respectiva comissão todo o concelho.

Dos homens mais importantes desta antiga vila que não vem mencionados em qualquer tratado a ela referente, destacaremos os seguintes:

Dr. Eduardo da Silva Salazar, falecido em 1 de Janeiro de 1901 com 56 anos de idade. Advogado distintíssimo, foi Vice-Presidente da Câmara Municipal de Barcelos em 1872, Procurador à Junta Geral do Distrito, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, etc.

Gonçalo Alfredo Alves Pereira, natural desta freguesia, nascido em 1851 e falecido em 1925.

Esteve 14 anos em Pernambuco, onde seguindo a vida comercial adquiriu fartos haveres.

Voltando à pátria deu largas à sua beneficência: sustentou durante anos uma aula nocturna de instrução primária; fez doação ao Estado de cem contos no tempo da boa moeda para acrescentar ao Hospital de alienados um pavilhão no qual tivesse sempre lugar cinquenta doentes deste concelho; em 1907 entregou a uma Comissão de barcelenses uma avultada quantia para com ela fundar, instalar e sustentar um Asilo Escola Agrícola, cujos estatutos foram aprovados em 1911; fez vários donativos ao Hospital da Misericórdia desta cidade, ao Recolhimento do Menino Deus, aos Bombeiros de Barcelos e ainda a várias outras instituições do país e Brasil, etc.

Tenente Coronel Francisco Vila Chã Rodrigues Leite, nascido em Barcelos em 1882 e falecido em 1927; assentou

praça em 1905, sendo promovido a alferes, concluído o seu curso da Escola de Guerra, em 1908, fez parte no posto de capitão do C. E. P. a França na Grande Guerra.

Gravemente ferido na batalha do 9 de Abril de 1918, caiu prisioneiro dos alemães.

O seu procedimento militar mereceu-lhe vários elogios e louvores, foi promovido a major por distinção, e condecorado com a cruz de guerra de 2.^a classe e com o grau de cavaleiro da Ordem da Torre e Espada.

Em seguida ao armistício voltou à pátria sendo promovido a Tenente Coronel e reformado nesse posto em virtude dos ferimentos que recebeu em campanha, que o deixaram mutilado.

Foi Governador Civil substituto do Distrito de Braga, Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, da Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia, etc.

Dr. Luís José de Abreu do Couto Amorim Novais, nascido em Balugães, na casa de São Bento, em 1853, formou-se em Direito em 1876.

Em 1885 foi nomeado Tabelião da Comarca de Barcelos, para onde tinha vindo advogar após a sua formatura e daqui transferido em 1907 para a do Porto, onde faleceu em 1917.

Foi um jurisconsulto muito apreciado e publicou alguns trabalhos notáveis sobre assuntos jurídicos.

Mereceu ser sócio da Sociedade de Geografia, sócio correspondente da Associação dos Advogados e Notários de Lisboa, do Instituto Portuense de Estudos e Conferências, etc.

António de Matos de Faria Barbosa, foi Superintendente das Caudelarias de Barcelos, Coronel dos Voluntários Realistas de Barcelos, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real e senhor da casa

do Benfeito, nesta vila, que reedificou bem como a sua capela em estilo D. João V.

João Carlos de Saldanha Oliveira Daun, 2.º Conde de Almoester, nasceu nesta freguesia em 1858, assentou praça em cavalaria, e era capitão quando morreu em 1897 com 23 companheiros em combate no Humbe (África Ocidental).

Era neto do 1.º Duque Marechal Saldanha e herdou o título de Conde de Almoester de seu tio o 1.º Conde deste título, tendo sido agraciado em 1871.

P.º Domingos Joaquim Pereira, nascendo nesta freguesia em 1800, liberal convicto e de uma família liberal, foi muito perseguido pelos *miguelistas*.

Tesoureiro-mor, Sacristão-mor e Mestre de Cerimónias da Colegiada de Barcelos, foi despachado após a implantação do regime liberal para abade da freguesia do Louro, concelho de Vila Nova de Famalicão, onde faleceu.

Escreveu, além de um folheto sobre a venda dos Passais Eclesiásticos, muitos artigos em jornais, a «Memória Histórica da vila de Barcelos, Barcelinhos e Vila Nova de Famalicão, edição de Viana, 1867, e «Crónica Abreviada».

Manuel José Pinto de Oliveira, natural desta freguesia, escreveu «Tratado dos Preteritos e Supinos da Lingua Latina» — Coimbra, 1822.

António do Rego de Faria Barbosa, nasceu em 30 de Janeiro de 1800 e faleceu em 19 de Junho de 1880.

Foi senhor da casa do Rio, político notável no seu tempo e que muito fez a Barcelos.

Dr. António de Matos e Silva, senhor da casa do Benfeito pelo seu casamento com D. Rosa Maria Clara de Azevedo Barbosa de Almeida, foi Desembargador da casa da Suplicação por 1760.

Jaime Siuve de Seguiet, nascido nesta freguesia em 1860, foi um escritor notável.

Escreveu desde 1887 no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* a crónica «Ver, Ouvir e Contar», e foi autor, sob o pseudónimo de Iriel, do livro que publicou «Feira de Pariz», etc.

Alberto Malheiro de Magalhães Vilas Boas, natural desta freguesia, onde nasceu em 1850 e faleceu em 1877.

Além de muitas poesias dispersas em jornais de Lisboa e Porto, existe o livro «Sombras do Vale», edição de 1873, «Ramos Desfeitos», versos inéditos e «Lira Quebrada», também inédito.

Albino José Rodrigues Leite, nascido em Vieira do Minho em 1868, veio para Barcelos aos dez anos de idade, onde faleceu em 5 de Abril de 1930.

Foi vereador da Câmara Municipal, mesário da Santa Casa da Misericórdia, Director e Tesoureiro do Banco de Barcelos, um dos Fundadores do Grupo Alcaides de Faria, Redactor da «Folha da Manhã» e de «O Barcelense», semanários desta vila, durante muitos anos.

Além de muitos artigos em jornais, escreveu e publicou «Para o Lavrador», propaganda e incitamento agrícola — 1915.

António Cândido da Cunha, nascido nesta freguesia em 1886, professor de pintura na Academia de Belas Artes do Porto, *artista de nostálgicos poentes*, deixou vários quadros, produções de verdadeiro mestre que era na pintura.

E quantos outros daqui naturais ou que nesta vila passaram grande parte da sua vida e a esta terra deram os maiores dos seus esforços, engrandecendo-a material e moralmente, cujos nomes ora não nos lembra ou deles não temos dados para a sua biografia.

Ao correr da pena citaremos ainda o *Dr. António Martins de Sousa Lima*, médico distinto, poeta e publicista apreciado, um sincero e dos mais antigos republicanos desta vila, *Manuel Viana*, *P.^e Augusto Cunha*, alma de artista, o *Dr. Rodrigo Augusto Cerqueira Veloso*, natural da Barca e falecido em Lisboa em 1913, viveu muitos anos em Barcelos, onde foi por vezes Administrador do Concelho e Advogado distintíssimo. A sua obra literária é grande, escrevendo inúmeros artigos em jornais de várias localidades do país e redactor e director de alguns, entre os quais, da «Aurora do Cávado», publicada em Barcelos, que teve como colaboradores os nossos mais distintos poetas e prosadores.

Publicou um volume com o título «Folhas ao vento», 1863, e um grande número de folhetos desde 1906 até 1911.

E de mais não me lembra . . .

Campo

CAMPO, orago São Salvador, era uma reitoria da apresentação do arcebispo de Braga.

Corre na tradição que nesta freguesia houve em tempos primitivos um convento de freiras, que morreram todas de verem um bicho e se assim foi, diz o P.^e António Carvalho na sua «Corografia Portuguesa», vol. I, pág. 226, quando trata desta freguesia, devia ser basilisco e ele que as viu primeiro.

Felizmente esse lendário e jectatório réptil, que tantos estragos fez nas pobres freiras do Salvador do Campo, desapareceu desta boa terra barcelense e parece que a sua raça se extinguiu, pois não consta que se fizesse sentir a sua maléfica acção.

O que é um facto é que esta freguesia apparece-nos no decurso da história, Comenda de Ordem de Cristo, com as suas anexas Santiago do Couto e São Pedro de Alvito, e assim se manteve até à extinção das Ordens militares religiosas em Portugal.

Vem nas Inquirições de 1220 com a designação = «De Sancto Salvatore de Campo», de Terra de Nevia.

Nelas se diz: que o rei não tem aqui reguengo algum.

«Et in Seximir debet Malordomus mittere ganatum quando illum pignorat. Et omnes qui morantur in ista collatione dant singulas gallinas et vadunt facera castel-

lum, et pectant vocem et calumpniam, et dant omnes in-
simul ij carneiros».

Dizem mais que o rei não é padroeiro e que esta igreja tem sesmarias e 5 casais e um quarto.

Nas Inquirições de 1258, 2.^a Alçada, se diz: «*In Judicato de Nevia, in parochia Sancti Salvatoris de Campo*» que entra nesta freguesia o Mordomo a quatro caomias conhecidas e vão fazer o castelo.

O arcebispo de Braga, D. Fernando de Guerra, não se limitava a reunir *Sinodos* diocesanos na sede do seu arcebispado para o bom governo do mesmo; ia também ao encontro do clero rural e em pontos centrais reunia o clero de uma região.

Chamavam-se a estas assembleias *Calendários*, a que o arcebispo presidia pessoalmente ou se fazia substituir por outrem.

Em 28 de Agosto de 1419 reuniu-se na igreja do Salvador do Campo um calendário, onde acorreu o clero do julgado de Faria e Aguiar de Neiva, presidido pelo arcediago de Vermoim, e nele se fez uma concórdia sobre votos, dízimos, etc. (1).

É da tradição que o mosteiro beneditino do Salvador do Campo foi em Casal Meilho, não aparecendo porém vestígios naquele lugar da sua construção.

Extinto o mosteiro nos fins do século XIII, princípios do século XIV, não, com certeza, por todas as suas freiras terem morrido de susto ao verem o terrível bicho de que falam alguns velhos cronistas, mas talvez à míngua de recursos para a sustentação do mesmo, a *Igreja Paroquial*, que deveria ter sido a do mosteiro, caindo em ruínas, foi mudada para o sítio conhecido por Bouça da Cruz.

(1) *Mons. J. Augusto Ferreira = Fastos Episcopais = vol. I, pág. 279.*

No terreno onde esteve esta velha matriz ainda se encontram restos da sua existência: materiais de construção, ossadas humanas, etc., ignorando-se, porém, a data da sua mudança para o lugar da Igreja, onde está.

Eleva-se este sólido e bem construído templo no centro de um adro vedado por parede com três portas de serventia.

Mostram ainda as paredes daquele templo a sua bem trabalhada silharia a descoberto de qualquer reboco.

Ao lado esquerdo da fachada ergue-se uma bem proporcionada torre para os sinos e atrás desta uma pequena sacristia.

Pela sua construção a capela-mor parece ser obra mais recente do que o resto do edifício.

Dentro, esta capela é forrada a estuque com pavimento a mosaico e paredes revestidas até certa altura de belos azulejos antigos.

O altar é em linda talha renascença, encerrando a tribuna uma tela em que é representada a ressurreição de Cristo.

O tecto do corpo da igreja, forrado a madeira pintada, contém cinco quadros: o do centro com a imagem do padroeiro desta freguesia São Salvador, ladeado por quatro telas com as imagens dos Evangelistas.

Esta obra foi feita em 1864, segundo se lê em uma inscrição por cima do coro, que é a seguinte = 10 — 1864 — 2.º =.

Tem quatro altares laterais com retábulos em estilo moderno, púlpito com resguardo em madeira pintada e pia baptismal moderna em mármore.

Ao sul da igreja, separada desta pelo adro, está a *Residência Paroquial*, edificio de regular aparência e digno do fim a que se destina.

O *Cruzeiro Paroquial* fica um pouco distante da igreja, do outro lado da estrada.

Ergue-se este sobre uma coluna lisa, de capitel coríntio, sem data nem inscrição na base.

Entre o cruzeiro e a igreja, também do outro lado da estrada, está o *Cemitério Paroquial*, ostentando sobre o seu portão a data = 1919.

Há ainda as *Alminhas do Picão*, junto à casa do mesmo nome e uma Cruz de pedra, no largo à entrada do adro, que mostra o sítio onde esteve metida uma caixa para receber esmolas, a qual foi arrancada.

Nesta freguesia há uma única *Capela*, que é a de *Santo António*, junto à casa de Crestes.

Esta pequena capela, de um só altar, com porta virada ao nascente, é encimada na sua frontaria por uma sineira e ladeada nos cunhais por duas pirâmides em granito.

Ao lado direito da sua única porta vê-se uma pedra, que foi metida na parede, com a seguinte inscrição = ESTA CAZA MANDOV FAZER D. BRITES DE MENEZES SENHORA DESTA QVINTA ERA DE 1600.

Pertence actualmente a capela e quinta de Crestes ao meu prezadíssimo amigo e condiscípulo Dr. Alberto Magalhães Barros Judice Queiroz, muito digno Desembargador da Relação de Lisboa, que as herdou de seus antepassados.

A casa de Crestes foi, segundo a autorizada opinião de José Machado (1), do insigne poeta Francisco Sá de Miranda, um dos corifeus da renascença em Portugal.

Era filho bastardo de Gonçalo Mendes de Sá, cónego da Sé de Coimbra, neto paterno de João Gonçalves de

(1) Vide «O Poeta de Neiva», daquele autor.

Crescente, Cavaleiro Fidalgo, e de sua mulher Filipa de Sá, moradores em Salvador do Campo, do concelho de Barcelos.

Como se vê *Crescente* do João Gonçalves é a palavra *Crestes* da quinta com intercalação apenas de uma sílaba e, segundo a inscrição acima copiada, a casa de Crestes foi feita (não seria reformada?) por D. Brites de Menezes, em 1600. Ora, vivendo nessa época a bisneta daquele poeta e sua herdeira, D. Brites da Silva Menezes, casada com o infeliz Diogo de Azevedo Coutinho, o pobre louco que morreu com a mania de tocar sino, não repugna acreditar que esta fosse a D. Brites da inscrição.

Confirma-nos tudo isto, pois, na opinião que Crestes fosse do poeta Sá de Miranda.

Esta casa e capela passou por compra no século xvii para a família do seu actual possuidor.

A freguesia do Salvador do Campo está situada no fértil vale do Tamel, estendendo-se no sentido longitudinal de norte a sul, e confronta pelo nascente com a de São Martinho de Alvito e a de Quiraz, pelo sul com a de Lijó, pelo poente com a de São Fins do Tamel e pelo norte com a de Santiago do Couto e a de Cossourado.

É fertilizada pelo ribeiro de Linhar, que a banha no seu limite sul, o qual nasce na freguesia de São Pedro de Alvito, onde tem o nome de Ribeiro do Porto, e é afluente do ribeiro Fontelo ou Tamel.

As suas fontes públicas são: a do Casal, a de Vales e a de Casal Moinho.

É esta freguesia servida pela estrada recentemente construída que liga a de Barcelos à vila de Ponte do Lima, por S. Julião de Freixo, no lugar da Pojeira em Lijó, com a que de Barcelos também vai àquela vila por Balugães, na Senhora da Portela em S. Fins do Tamel.

Aquela estrada ao passar nesta freguesia galga o ribeiro Linhar em uma pequena ponte de pedra.

A sua população no século xvi era de 43 moradores; no século xvii era de 80 vizinhos; no século xviii era de 145 fogos; no século xix era de 484 habitantes e actualmente é de 526 habitantes, sendo 217 varões e 309 fêmeas, sabendo ler 57 homens e 38 mulheres, havendo 431 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Fonte, Casal, Monte, Rato, Quinta, Leiras, Vales, Gandra, Ponte, Crasto Antigo, Crasto do Monte, Casal Meilho, Crestes, Merouços, Seixomil, e Galiães.

As casas mais importantes são: a do Rato, a de Crestes, a do Picão, a de Casal Meilho, a de Braga, a do Enes, a de Félix Barbosa, a do Paulino e a de Pias.

Tem esta freguesia Escola Oficial para o sexo masculino, com um lugar, que funciona em edifício arrendado, Caixa do Correio e uma loja de mercearia.

Foi colocado como pároco desta freguesia e suas anexas São Pedro de Alvito e Sant'Iago do Couto, em 20 de Dezembro de 1643, *João Miranda*, achando-se estas freguesias vagas pela renúncia de Mestre Rodrigo, como diz José Machado no seu livro «O Poeta do Neiva», a pág 353, e sucedendo-lhe na parochialidade destas freguesias seu filho bastardo *Jorge de Miranda*, que tinha tomado ordens de missa em 1506.

Foi este abade do Campo o fundador da *Capela dos Passos*, da freguesia de Santa Leocádia do Tamel.

O *Dr. José Joaquim Duarte Paulino do Vale*, filho de António Duarte Paulino e de sua mulher D. Maria Joaquina, era natural desta freguesia e faleceu em Barcelos aos 4 de Outubro de 1911, com 70 anos de idade.

Foi médico municipal, Sub-Delegado de Saúde em Barcelos e Clínico do Hospital da Misericórdia durante muitos anos, sendo um grande benfeitor desta instituição de caridade, à qual deixou todos os seus haveres, que eram muitos.

O seu retrato encontra-se na galeria dos benfeitores daquela Casa e foi dado a uma das enfermarias do mesmo Hospital, o nome de — «Dr. Paulino».

Sua mulher, D. Elvira Alvarenga do Vale, foi também uma das benfeitoras daquela Casa de caridade.

P.^e Bento José da Mota, natural desta freguesia, foi pároco durante muitos anos na freguesia de S. Paio de Antas, concelho de Esposende, a quem nos referimos no livro «Esposende e o seu Concelho», quando tratamos da freguesia de Antas.

Carapeços

CARAPEÇOS, orago S. Tiago, era uma abadia da apresentação do arcebispo de Braga.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, com a designação = «De Sancto Jacobo de Carapezos», de Terra de Nevía.

Nelas se diz: que o rei não tem aqui reguengo algum; «et vadunt ad castellum, ergo de cauto et de quintana de Menendo Sanchiz, et non pectant de illa vocem nec calumpniam»; que o rei não é o padroeiro desta igreja e que esta igreja tem sesmarias, Tibães 4 casais e uma sesmaria, Carvoeiro 2 casais, Manhente 3 casais e Hospital um moio de renda.

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, 1.^a Alçada, se diz a respeito desta freguesia: «*In Judicato de Nevía, Item, in parochia Sancti Jacobi de Carapezos, que el-rey non est padron desta ecclesia, ca est Couto. Item . . . (fala em Carapetinos, Caridi, Real e Souto, lugares desta freguesia) et intra y Mayordomo del Rey a iiii.^{or} caomias; et vam ao Castello. Item, ouvrom dizer que in Carapetinos inserrava y o ganado o Mayordomo del Rey*».

É sita nesta freguesia a casa e quinta de Carapeços, de que trata o conde D. Pedro, Título 25, a qual foi depois conhecida pelo nome de quinta da Madureira, composta, segundo diz o P.^e Carvalho na sua Corografia Por-

tuguesa, a fl. 226, volume I, «de muitas fazendas, matas, montes e sabidos».

Foi senhor dessa quinta João de Carapeços, casado com D. Maria Martins de Carvalho, e depois o Infante D. Pedro, conde de Barcelos, que a deu a Pero Coelho, grande valido e do conselho del-rei D. Afonso IV.

Sendo este Pero Coelho um dos assassinos de D. Inês de Castro, D. Pedro I, para vingar aquela morte, mandou-lhe arrancar, durante um banquete em Santarém, o coração pelas costas estando vivo.

Não contente com isso, este rei confiscou-lhe, juntamente com todos os seus bens, esta quinta da Madureira, que foi comprada pelo arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira.

Este arcebispo, fazendo dela prazo, passou-a por venda para os Figueiredos de Chaves.

A casa e quinta da Madureira, andando ultimamente nos Alcoforados da casa da Silva, da freguesia da Silva, do concelho de Barcelos, foi doada pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Antónia de Sousa da Silva Alcoforado ao falecido arcebispo de Braga D. Manuel Vieira de Matos para nela estabelecer uma casa de repouso para os alunos do Seminário daquela cidade.

As voltas que algumas casas dão!

Foi nesta freguesia, na chã de São Miguel, segundo a opinião do Sr. José de Meneses, no seu livro «Ninharias», corroborada pelo Sr. Major J. Mancelos, no seu «Barcelos Resenha», que se deu em 1373 o recontro entre portugueses e castelhanos.

Lavrava cruenta guerra entre Castela e Portugal; Henrique II de Castela invade o reino pelas Beiras e pusera a Lisboa apertado cerco reforçado pela esquadra do almirante Boccanegra, que para isso subira o Tejo.

O Entre Douro e Minho fora invadido por Pero Rodrigues Sarmiento, adiantado de Galiza, que em tremenda algara marchava sobre a cidade do Porto, talando e destruindo as terras por onde passavam e «chegarom ataa Barcelos» (1).

Saindo-lhe ao encontro o esforçado conde de Ceia, D. Henrique Manuel, tio do nosso Rei D. Fernando, foi derrotado, fugindo em seguida para Ponte do Lima.

Nuno Gonçalves, alcaide do Castelo de Faria, deixando este entregue à defesa de seu filho Gonçalo Nunes, foi em auxílio do conde de Ceia, mas como chegasse tarde, quando aquele conde já estava derrotado, casu em poder do inimigo e prisioneiro foi levado junto do seu castelo para aconselhar o filho a que o entregasse aos castelhanos.

Deu-se então o feito heróico daquelle alcaide, ao qual nos referimos quando tratamos do castelo de Faria.

É pois nesta freguesia de Carapeços que aqueles escriptores localizam o mal sucedido combate do conde de Ceia com os castelhanos e o aprisionamento do heróico alcaide de Faria, Nuno Gonçalves, pelos mesmos.

Há porém outros que são de opinião que esses factos não se deram nesta freguesia, mas sim na dos Feitos, deste concelho, à qual nos referiremos e exporemos as razões que a fundamentam, quando tratarmos desta freguesia.

Consta que a *Igreja Paroquial* de Carapeços esteve primitivamente no lugar do Cruzeiro, ao nascente e pouco distante da actual.

A construção desta deve ser do século XVIII, não podendo afirmar porém se foi nessa ocasião ou antes a sua mudança.

(1) *Fernão Lopes—Chronica d'El Rei D. Fernando, cap. LXXVIII.*

Está o actual templo situado em terreno elevado, no principio da encosta do monte, e no centro de um pequeno adro vedado por parede com três entradas.

Ao lado direito da sua fachada em boa cantaria ergue-se uma sólida e bem construída torre para os sinos.

Atrás, de cada lado da capela-mor, estão as sacristias: do lado direito a da Confraria do Sacramento e do lado esquerdo a Paroquial.

Os cunhais deste templo são terminados por graciosas pirâmides e os outões encimados por cruces, que lhe dão uma certa imponência.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo ao centro um quadro alusivo ao Sacramento, ladeado aos quatro cantos do tecto pelas imagens dos evangelistas, também pintadas.

O altar é em talha moderna e simples, tendo no pavimento dessa capela, além da sepultura paroquial, duas com tampas de pedra, mas sem inscrições.

O corpo da igreja é forrado a estuque liso, tendo ao centro pintada a imagem do padroeiro Santiago.

Tem dois altares laterais junto ao arco cruzeiro em talha simples e a seguir duas capelas.

A capela do lado direito é a do Sacramento, forrada a estuque e com altar moderno. Do lado do evangelho dessa capela vê-se metido na parede um pequeno altar em que se venera a imagem do Senhor dos Passos, que é antigo e em talha renascença.

Esta capela exteriormente tem metida na parede uma cruz em pedra em que se lê na base a data 1854, talvez a da sua reconstrução.

A capela lateral do lado esquerdo é conhecida por capela da Madureira; pertencia àquela casa, sendo doada há poucos anos à freguesia.

Actualmente está modernizada; forrada a estuque, o altar moderno e muito simples.

No pavimento ainda se vê uma sepultura em cuja tampa nos dizem tinha gravado um brasão que foi mandado picar pelo abade Coutada para apagar os vestígios da origem daquela capela!

Ao desbaste deste abade escaparam ainda algumas letras da inscrição que passamos a copiar = MADV-REIRA — FIDALOSA — MÓRAN — 1597 =.

O coro da igreja, púlpito e pia baptismal são obra modesta.

À porta travessa, servindo de soleira, está uma pedra, que talvez fosse tampa de sepultura, com restos de inscrição ilegível, na qual apenas podemos decifrar a palavra «Pias» . . .

Em frente à Igreja, em um largo caminho, que vai até ao cemitério, ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, simples, modesto e sem inscrição.

O *Cemitério Paroquial* foi construído em 1925.

Até então faziam-se os enterramentos no adro, onde se vêem ainda algumas sepulturas com tampas de pedra e inscrições.

A *Residência Paroquial*, edifício de regular aparência, fica ao lado esquerdo da igreja com comunicação pelo adro e por um interessante pátio com seu alpendre.

No parapeito desse pátio vê-se gravada a seguinte inscrição: «BERNADO ABBAS BRACHARENSIS—1759».

O abade da inscrição deve ser o P.^e Bernardo de Barros, sucessor do P.^e Manuel Ferreira Velho e de Fr. Braz, paroquiando este a freguesia aí por 1729.

A não ser um pequeno oratório particular na casa dos Machados, a linda capelinha da casa de Pias, recentemente construída e também particular, não existem actualmente capelas nesta freguesia.

Houve a *Capela de São Miguel*, na chã do mesmo nome, hoje completamente em ruínas.

Existe apenas um montão de pedras a atestar o sítio onde esteve esta capela.

Houve ainda a *Capela de Santa Catarina*, no lugar de Santa Catarina.

Desta capela hoje nem vestígios há, pois uma junta de paróquia antiga vendeu a sua pedra.

Há ainda os seguintes padrões religiosos e *Alminhas*: as de Mamoá, as de Santo António e Senhor do Peito Furado.

As alminhas de Santo António, no lugar da Quinta, compõem-se de dois nichos metidos na parede de uma casa particular, um em que tinha um painel de alminhas hoje quase apagado e ao lado outro com a imagem em escultura de Santo António.

O *Senhor do Peito Furado* é um padrão muito interessante. Na esquina de uma casa de aparência modesta, virada ao caminho, vê-se uma cruz de pedra com a imagem de Cristo crucificado, tendo esta no peito um buraco, o que dá o nome ao Senhor.

Na base tem uma cruz gravada, fechada em redondo, tendo esta de um lado um animal esculpido que talvez seja um leão e doutra uma peça qualquer que não podemos determinar.

Na orla do campo vê-se gravada uma inscrição que não soubemos ler, a não ser no final AVE MARIA.

Esta freguesia situada em planície estende-se pela encosta do monte de Carapeços, ramificações do da Figueiró e São Gonçalo, que a separa da de Fragoso.

Tem as seguintes fontes públicas: a da Preguiça, a da Gramosa, a do Monteiro e a da Arcosa.

É banhada pelo regato da Coutada, que nasce nesta freguesia e é afluente do ribeiro de Tamel.

É servida pela estrada de Barcelos a Ponte do Lima por Balugães e pela Linha Férrea do Minho e Douro, Apeadeiro de Carapeços, no cruzamento da estrada com a linha férrea ao quilómetro 57.

Confronta pelo norte, com a de Aborim e a de Quintiães; pelo nascente, com a de S. Fins do Tamel e a do Salvador do Campo; pelo sul, com a de Lijó e a da Silva; e pelo poente, com a de Santa Leocádia do Tamel e a de Fragoso.

A sua população no século XVI era de 55 moradores; no século XVII era de 105 vizinhos; no século XVIII era de 120 fogos; no século XIX era de 642 habitantes e actualmente é de 875 habitantes, sendo 409 varões e 466 fêmeas, sabendo ler 126 homens e 32 mulheres, havendo pois 717 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Quinta, Pias, Boucinha, Soutelo, Santa Catarina, Pás, Souto da Velha, Capela, Rio, Coutada, Pimenta, Sobreiro, Monte, Olival, Pedregal, Costa, Igreja, Fonte Nova, Moinhos, Coval, Picota, Bocal, Mamoá, Areosa, Sabaris, Câmera, Caride, Pedroga, Areeira, Gramosa, Porrido, Picarreia, Ufe, Estrada de Ufe e Máris.

As suas casas mais importantes são: a de Pias, a da Madureira, a do Pimentel, a dos Machados, a do Baptista, a da Gramosa, e a de Coval.

Tem quatro lojas de comércio, duas alfaiatarias, uma sapataria e um Armazém de venda de vinhos por junto.

Tem Caixa do Correio e Escola para o sexo masculino, de um lugar, que funciona em edificio arrendado. Este edificio está junto ao adro da igreja paroquial e pertenceu antigamente à Confraria do Sacramento. Por uma questão qualquer entre o pároco desta freguesia de então e a Confraria, foi levada à praça esta casa que foi arrematada por preço módico, em Lisboa, por um soldado da

Armada, natural desta freguesia, que por acaso lá se encontrava.

Eis o resultado de uma intriga de sacristia: ficar a Confraria do Sacramento desta freguesia sem a sua casa.

Pinho Leal, no «Portugal Antigo e Moderno», vol. II, páginas 102, diz correr na tradição que a primitiva matriz desta freguesia foi na capelinha de S. Miguel, na chã do mesmo nome, onde ia um clamor todos os anos no dia 29 de Setembro.

Não contestamos essa asserção, pois a tradição oral que corre àcerca de factos que se deram no mesmo lugar onde ela se conserva é tão verdadeira e às vezes mais do que algumas histórias escritas.

Pode ser que a primitiva matriz fosse na antiquíssima capela de S. Miguel, passando depois para o sítio que indicamos e por fim para onde está.

Cossourado

COSSOURADO, orago Santiago, era uma reitoria da apresentação da Mitra.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o Arcebispo de Braga na apresentação dos párocos desta freguesia dava a alternativa ao Papa.

Cossourado foi também conhecida antigamente por Courado e no Censo da População de 1527 vem com o nome de Encosoyrado.

Cossourado, diz o P.^o António Gomes Pereira no seu livro «Tradições Populares», a pág. 345, que parece derivar do latim *Cossus Auratus*, o primeiro dos quais é bastante vulgar nos autores romanos.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação=«De Sancto Jacobo de Cossoirados» de Terra de Aguiar de Ripa de Limia e nelas se diz que: «Noluit venire Valascus Egee, qui est abbas, quia filiavit illam per forciam, et venerunt parrochiani F... F...» etc.; que o rei não tem aqui reguengo algum; que não é padroeiro desta igreja e que ela tem sesmarias e 18 casais e meio, Carvoeiro 7 casais, Hospital 2 casais e algumas entradas e São Romão um casal.

Nas Inquirições de 1258 se diz que «*In Judicato de Aguiar — Item, in parrochia Sancti Jacobi de Cosoyrados*»=El-Rey non est padrom, et que est Couto per podroes.

Item, dixerunt que os omees deste davandito Couto vam in anuduva del Rey; et se fazem caomia fora do Couto, pectam al Rey a meya, et outra meya ao senhor do Couto.

Mencionam vários nomes de pessoas que criaram filhos de algo e diz: — «et estes davanditos non vam in anuduva, nem pectam voz nem calumpnia, et escusam se per estes davanditos amadigos».

Esta freguesia pelo rodar do tempo perdeu o isento de couto e aparece-nos Comenda da Ordem de Cristo.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia é um edificio de regular aparência, no centro de um adro fechado, com duas portas de serventia.

Ao lado direito da sua fachada simples e modesta, eleva-se uma bem proporcionada torre para os sinos.

Atrás, deste lado, erguem-se a casa da arrecadação e a sacristia da confraria das Almas e do lado esquerdo, junto à capela-mor, a sacristia paroquial.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque belamente pintado, tendo ao centro uma inestética clarabóia que a desfeia; o pavimento é em mosaico e o altar em talha simples e moderna.

O corpo da igreja é em três naves, separadas por seis arcos, três de cada lado, apoiados em grossas colunas de granito.

Na primeira coluna do lado do evangelho acha-se gravada no fuste a seguinte inscrição: «Em qualq.^r altar desta igr.^a, em qualq.^r dia sam privilegiadas as missas de df.^{os} que dos seus estatutos md.^a dizer a conf.^a das Almas pela alma de qualq.^r seu confrade por decreto conced.^o p.^a sempre do S. P. Bened.^o XIV em 22 7bro de 1749 Annos».

É forrado a estuque liso e sem pintura; tem um pequeno altar, estilo moderno, junto ao arco cruzeiro, do

lado esquerdo, e dois altares que fecham as naves laterais, um de cada lado.

Tem ainda três altares arrimados às paredes laterais e dois oratórios.

Na nave central, firmado no primeiro pilar do lado direito e em frente ao da inscrição, está o púlpito; o coro é em madeira e a pia baptismal em granito da região sem ornatos.

Era esta igreja primitivamente pequena, sendo reconstruída e acrescentada com as duas naves laterais.

A obra mais importante ali realizada foi em 1883, segundo consta de uma acta da Junta de Paróquia desta freguesia.

Nessa ocasião foi arrancada do sub-solo muita pedra, alguma bem lavrada, da qual ainda se conserva parte no adro.

Em frente à igreja estão as casas da Confraria do Sacramento e ao norte destas a *Residência Paroquial*.

O *Cemitério* fica ao poente da igreja, tendo sobre o seu portão a data = 1885.

Em um largo, atrás da igreja, distante desta uns cem metros, ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, belo padrão que denota muita antiguidade.

Compõe-se de uma coluna lisa com capitel bem trabalhado e cruz de hastes redondas.

Parece que veio este cruzeiro para aqui doutro lugar, não só pela inscrição que adiante copiamos, mas ainda pelo pedestal em que assenta, que é de época relativamente recente.

Na base virada ao norte tem a data 1575: ao poente: «ESTA OBRA FIZERÕ OS MANCEBOS»; ao lado sul: «DE COSORADO POR DEVACON» e ao nascente: «REEDIFICOVCE ANNO 1712».

Em frente a este cruzeiro está a *Capelinha de São Simão*.

Corre na tradição que esta capela esteve no alto do monte de São Simão desta freguesia e que em um ano de muita estiagem, *em que quase secou o Neiva*, o povo destas vizinhanças foi em procissão de penitência àquela ermida, voltando de lá a suas casas já debaixo de chuva e continuando esta salvaram-se as colheitas.

Em vista do milagre os moradores de Cossourado resolveram mudar a morada do seu santo protector do ermo onde estava para sítio mais central, em que viviam.

Está esta capela, baixa mas bem proporcionada, cercada de adro, para o qual se sobe por um pequeno escadório.

Na fachada abre-se um nichozinho em que se venera a imagem em pedra do padroeiro.

Perto desta capela, ao nascente e à face dum caminho em direcção ao monte, vêem-se ainda cruces e restos de outras que formavam um Calvário.

No alto do monte, no sítio da capela de São Simão, ficou um cruzeiro, onde o povo destas redondezas, nas ocasiões das grandes calamidades vai em procissão de penitência e clamores.

A Capela de Nossa Senhora da Conceição é sita no lugar da Gandra e tem oratório, altar de pedra, coro e sacristia.

Na frontaria desta capela vê-se a imagem da padroeira em azulejo colocado na parede e por baixo a inscrição: «N. S.^a da Conceição — 1850».

Ao lado esquerdo ergue-se uma pequena sineira, tendo por baixo um nicho, sem imagem ou painel, e entre este e o seu único sino vê-se uma pedra com a seguinte inscrição: «N. S.^a DA CONCEIÇÃO. ESTA CAPELLA

MANDOV EDIFICAR O P.^e BERNARDO ANTONIO DA ROSA A. 1850».

Existiu no monte de Castro uma *Capela da Senhora da Conceição* que foi demolida e os seus materiais aproveitados na construção desta, que é particular e actualmente pertence ao Snr. P.^e Miguel António da Rosa.

Capela de Santa Marta, junto à casa do mesmo nome, é muito antiga. Foi porém reformada em 1896, sendo nessa ocasião substituída a sua porta em arco, do qual ainda se vêem vestígios, por a existente rectangular e o seu retábulo em madeira de bela talha antiga por oratório em pedra. Por cima tem gravada a cruz de malta. Esta capela e quinta é hoje possuída pelo Snr. Joaquim José Martins.

A capela e quinta de Santa Marta faziam parte de um casal, pertença da Comenda de Chavão, da Ordem de Malta.

Por uma procuração passada em Lisboa aos 23 de Dezembro de 1836 ao Snr. Joaquim José Martins, antepassado do actual possuidor desta capela, para reunir todos os itens do prazo de Santa Marta, nesta freguesia, sabemos que o último Comendador de Chavão foi António Pereira Coutinho de Vilhena Meneses.

No lugar do Giestal há um Cruzeiro bem proporcionado, em cima de um pedestal com cinco degraus, coluna lisa e capitel.

Na base da coluna do cruzeiro tem a data 1680. Dizem que este cruzeiro pertencia à capela de Santa Marta.

A *Capela do Souto*, orago Bom Jesus na Agonia, é moderna e foi mandada edificar por Manuel Luís Ferreira em 1837. Pertence à família Baptista.

Capela de Santa Maria da Cadavosa, construída à face do caminho, estrada velha de Braga a Viana Foz do Lima, é muito antiga.

Pequenina, com um alpendre debaixo do qual está um púlpito de pedra à entrada da porta, tem sacristia e altar com retábulo em bela talha renascença.

Esta capela, dizem, pertencia ao convento de Bouro e os antepassados dos actuais representantes da família Caridade, empossando os terrenos adjacentes, ficaram com o direito à sua veneração.

Existem apenas umas *Alminhas* no lugar de Navió metidas na parede de uma casa particular.

Esta freguesia situada parte em planície e parte na encosta do monte de Cossourado, prolongamento do monte Louzado, está na bacia orográfica do rio Neiva, que a atravessa, bem como o Nevoinho, afluente deste.

Confronta pelo norte, com a de Balugães, a de Poiares e a de Ardegão, estas duas do concelho de Ponte do Lima; pelo nascente, com a de Panque e a de Mondim; pelo sul, com a de S. Pedro de Alvito e a do Couto; e pelo poente com a de Aborim, a de Quintiães e a de Santa Lucrécia de Aguiar.

É servida apenas nas suas extremidades pela estrada de Viana a Braga por S. Julião de Freixo e pela de Barcelos a Ponte do Lima por Balugães.

Existem nesta freguesia as seguintes pontes: a da Cavadosa, a de Levandeira e a da Avelreira sobre o Neiva e a de Caridade sobre o Nevoinho.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Reguengo, a do Casal, a do Monte, a de Macieira, a de Orade, a da Gala, a de Albergaria e a do Souto do Rego.

A população desta freguesia era no século xvi de 91 moradores; no século xvii era de 185 vizinhos; no século xviii era de 180 fogos; no século xix era de 720 habitantes e actualmente é de 948 habitantes, sendo 404 varões e 544 fêmeas, sabendo ler 158 homens e 37 mulheres, havendo 753 analfabetos.

Acha-se esta população distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Paço, Bouças, Quintela, Barreiro, Calvário, Pousada, Pedreira, Cal, Casal Portelo, Cova, Reborido, Monte, Portela, Souto, Giestal, Gandra, Agrelo, Quintas, Macieira, Cruzeiro, Casal Porteiro, Fonte, Cadavosa, Navió, Rogadouro, Grimancinhos, Forjão, Aveleira, Alvagada, Pedrosas, Armel, Fulão, Pombarinho, Orade, Irmige, Revolta, Levandeira, Carregal, Eiró, Corredoura, Chouso e Roça.

As suas casas mais importantes são: a do Souto, a do Martins, a do Caridade, a dos Rosas, a do Agrelo, a da Cadavosa e a de Armel.

Tem escola oficial de 2 lugares, que funciona em uma sala da Residência Paroquial, com entrada pelo adro da igreja.

Há nesta freguesia 2 lojas de comércio, Caixa do Correio, uma fábrica de serração, um engenho de serrar madeira e vários moinhos no rio Neiva.

Entre os naturais desta freguesia salienta-se em santidade *Fr. Agostinho do Espírito Sancto*, tratando como venerável irmão Boaventura Maciel Aranha em os seus *Cuidados Da Morte E Descuidos da Vida*, tomo I, publicado em Lisboa no ano de 1761.

Era natural também desta freguesia, vivendo ainda em nossos dias, o *P.^e António da Silva Rosa*, nascido aos 20 de Agosto de 1844 e falecido aos 15 de Setembro de 1915, tendo sido várias vezes vereador da Câmara Municipal de Barcelos.

Esta freguesia foi, como dissemos, Comenda da Ordem de Cristo, tendo ainda nos marcos que a estremam das freguesias confrontantes gravada a Cruz de Cristo.

O último Comendador de Cossourado foi *António José de Sousa Manuel Meneses Severim de Noronha*, Moço Fidalgo da rainha D. Maria I, Gentil Homem da

Câmara de el-rei D. João VI, Copeiro mor, Estribeiro Mor, Par do Reino, Ministro de Estado, Ministro Plenipotenciário, Ajudante de Campo de el-rei D. Pedro V, Duque de Terceira, 7.º Conde e 1.º Marquês de Vila Flor, etc., nascido aos 18-3.º-1792 e falecido em Lisboa aos 26-4.º-1860.

A mina de prata que houve nesta freguesia e a que se referem o Dicionário A. Costa e o P.º Carvalho na sua «Corografia Portuguesa», mandada fechar por D. João IV, era, segundo nos informam, no monte de S. Simão.

Ainda por aqui se acredita que naquele monte estão tesouros escondidos. Não há muito que um homenzinho desta freguesia foi para ali cavar e afirma que existe lá um sino de . . . prata.

Contou-nos isto um simpático camponês, enquanto repousávamos da longa caminhada da estrada à igreja, sentado em uma pedra no adro e ele aguardava o fim de um baptizado para subir à torre e tocar . . . os sinos de bronze.

Por informações colhidas ulteriormente, temos a acrescentar que a sacristia da Confraria das Almas pertence também à do Sacramento e que a Casa que dissemos pertencer à Confraria do Sacramento é também propriedade da das Almas, tendo cada confraria a sua sala própria para as sessões.

Na visita que fizemos à Igreja Matriz desta freguesia, escapou-nos copiar uma inscrição que está na face do oratório do Senhor dos Passos e da Senhora da Soledade por cima da pia da água benta ao entrar a porta travesa, lado sul.

Pessoa, porém, que se interessa por estes nossos singelos e despreziosos estudos, veio remediar esta nossa falta, enviando-nos a cópia dessa inscrição. Diz

ela: «ESTA CAPELA SE FES ACVSTA DE HVS DEVOTOS NATVRAIS DESTA FRG.^a E MORADORES EM LX.^a E DERAO MAIS TUNICA RESPLANDOR DE PRATA CORTINAS NO ANNO DE 1714».

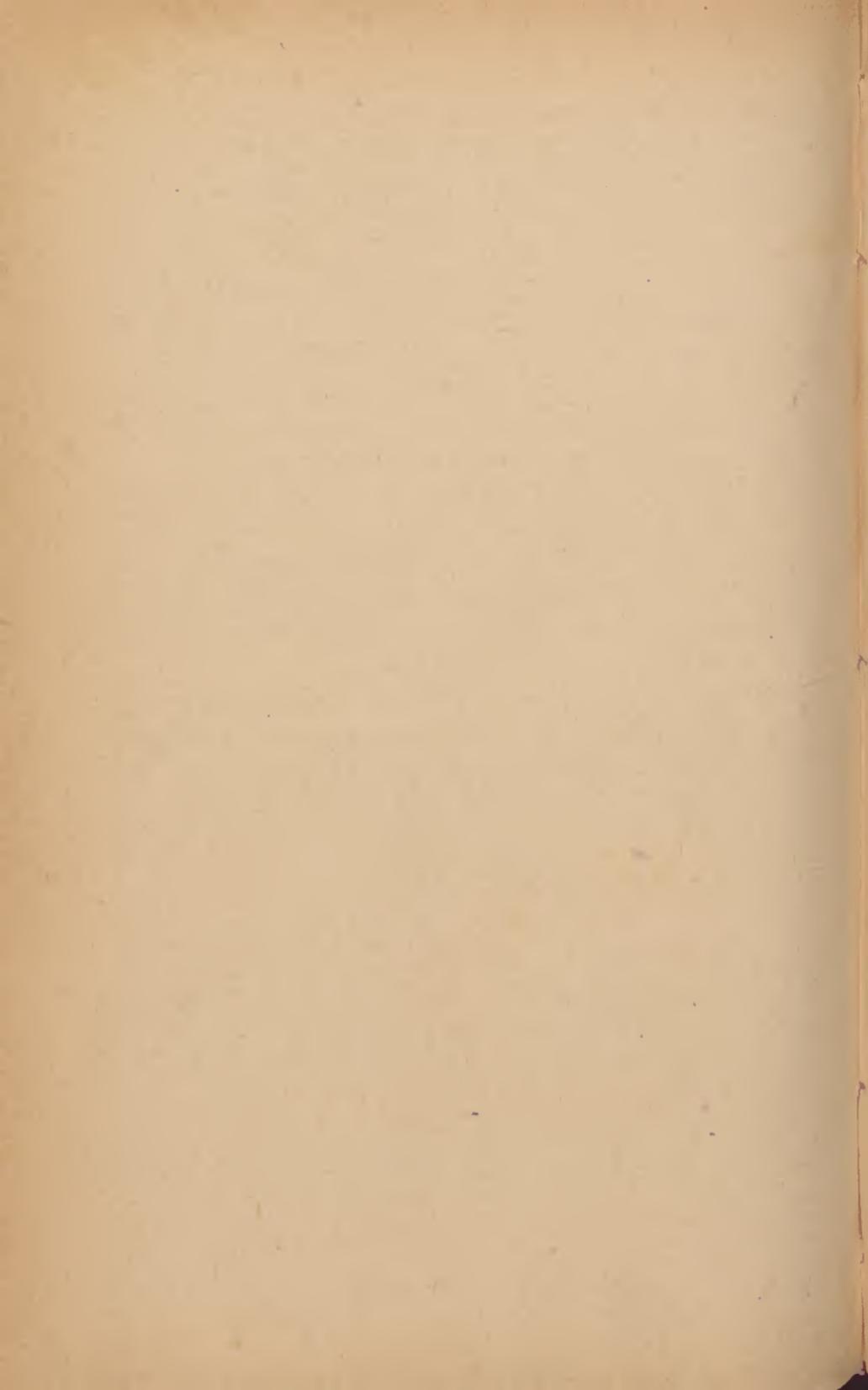
Este nicho encontra-se vazio e à cerca deste facto contam-me a seguinte história:

No verão de 1933, por ocasião da grande estiagem, fizeram uma procissão de penitência, *ad petendam pluviam*, da igreja ao sítio onde esteve a Capela de S. Simão, no alto do monte, e quando iam a tirar as imagens que estavam naquele nicho para os andores, estas se *desfizeram em pó*, nada se aproveitando delas!

Quanto à actual *Capelinha de S. Simão*, temos a acrescentar que é antiga.

Era a *Capela de Santa Ana*, cuja padroeira cedeu o lugar e o nome ao santo trazido do alto do monte, ficando ainda a imagem daquela santa exposta à veneração em um oratório ao lado do altar.

Quanto à imagem em pedra de S. Simão que se vê no nicho por cima da porta desta capela, foi mandada fazer e ali colocada por José Luís Ferreira, entre 1893 e 1895, sendo seu escultor António Lopes Ferreira.



Couto

COUTO, orago Santiago, era primitivamente do mosteiro beneditino do Salvador do Campo, passando pela extinção daquele mosteiro a ser uma vigararia anexa à Comenda do Campo e da apresentação do reitor daquela até 1834.

A freguesia do Couto era conhecida antigamente por *Couto do Tamel* e em eras mais afastadas por *Santiago do Couto de Cidi*.

Nas Inquirições de 1220 vem esta freguesia com a designação = «De Sancto Jacobo de Tamial» de Terra de Nevia e nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum porque é couto; que o rei não é o padroeiro e que esta igreja tem sesmarias. A igreja de Galegos tem 3 casais, Banho, 1 casal, Manhente, 1 casal, S. Pedro de Calvelo, 1 casal e S. Salvador, meio casal.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258 vem com esta última designação.

Nelas se diz: *In Judicato de Nevia: Item in parochia Sancti Jacobi de Cauto de Cidi* «que est Couto est (sic) per padroes, et que non fazem al Rey nen uno foro, ergo que dam cada ano al Rey de renda 4 mavedis».

A sua *Igreja Paroquial* ergue-se no centro de um pequeno adro vedado por paredes com três entradas.

Edifício modesto, denota porém muita antiguidade, principalmente o corpo da igreja, sendo a capela-mor de construção mais recente.

Na sua fachada, baixa e modesta, abre-se um pórtico ogival encimado por uma pequena janela rectangular que não condiz com o resto do edifício.

É interessante a porta travessa do lado sul, em estilo manuelino, e a fresta aberta ao seu lado na parede.

Não queira porém o leitor ver os rendilhados e imponências do estilo predominante da época em que foi construída; tudo é simples e modesto, em harmonia com a humildade do edifício.

Ao lado direito da fachada vê-se uma lápide *encaixilhada* em pedra, com os seguintes dizeres: «HO LICENCIADO PEDRO DE MIRADA MANDOV FAZER ESTA EGREJA E ASETO DELLA E. 1592».

A pedra desta inscrição acha-se muito bem caiada e as suas letras pintadas a tinta preta, ficando muito bem legível, excepto a palavra «PEDRO» em que o pintor não cobriu todos os sulcos das letras na pedra, ficando «PEOPCE».

Ao lado esquerdo da fachada, encostada a esta, ergue-se um pequeno torreão para dois sinos, construído em pedra lavrada, tendo por baixo das sineiras a seguinte inscrição: «J. B. M. O — 1911», que quer dizer: José de Beça e Meneses ofereceu 1911.

Atrás deste torreão está a Sacristia Paroquial.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo ao centro do tecto a imagem do padroeiro Santiago.

O altar é em talha simples, mas antigo.

O corpo da igreja é forrado a estuque, tendo ao centro a imagem em gesso do padroeiro e a seus pés a data 1911.

Tem dois altares laterais em talha singela, coro, púlpito e pia baptismal em granito sem ornatos, mas antiga.

No pavimento ainda se conserva o enquadramento das sepulturas, com seus taburnos e as duas do centro com tampas de pedra estão abrangidas pela seguinte inscrição: «BEÇA SOVSA E MENESES», pertencentes à casa do Couto.

Ao norte da igreja, pouco distante desta, está o *Cemitério Paroquial*, construído há uns quatro anos, ainda sem portão nem gradil.

Ao sul, no fim de uma calçada, junto à estrada, ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, sem data nem inscrição, mas parece ser antigo.

Perto deste está a actual *Residência Paroquial*.

Esta freguesia está no extremo norte-poente do vale do Tamel, bacia orográfica do Cávado.

Confronta pelo norte com a freguesia de Mondim e a de Cossourado, pelo nascente com as de S. Pedro e S. Martinho de Alvito, pelo sul com a de S. Martinho de Alvito e a de Salvador do Campo e pelo poente com esta do Salvador do Campo.

É banhada pelo ribeiro do Porto que nasce em S. Pedro de Alvito e é afluente do rio Tamel.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Santo António, a de Casais, a das Latas, a de Midos, a da Igreja e da Mara.

É servida pelo travesso de estrada que da do Salvador do Campo, lugar de Crestes, vem até ao centro desta freguesia, e em parte pela estrada particular da casa do Couto que liga com a estrada de Barcelos a Ponte do Lima, no alto da Portela, em S. Fins do Tamel.

A sua população no século xvi era de 19 moradores; no século xvii era de 44 vizinhos; no século xviii era de 28 fogos; no século xix era de 173 habitantes e

actualmente é de 206 habitantes, sendo 90 varões e 116 fêmeas, sabendo ler 26 homens e 7 mulheres, havendo 173 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Casais, Aldeia, Latas, Portelinha, Cerca, Passal, Monte e Midas.

As suas casas mais importantes são: a do Couto, a do Nogueira e a do Machado.

Não tem esta freguesia estabelecimento algum comercial, nem indústria, nem Caixa do Correio; o seu povo serve-se da Caixa do Correio da freguesia do Salvador do Campo.

Não há também Escola Oficial; funciona aqui há poucos anos apenas um Posto de Ensino.

A casa mais importante desta freguesia é a do Couto, quer pela sua antiguidade, quer pela extensão da quinta que a circunda, da qual é seu actual proprietário o Ex.^{mo} Snr. José de Beça e Meneses, da Comissão Administrativa da Câmara Municipal.

Esta casa há séculos que anda na família dos Sosas.

Constantino de Sousa e Meneses, Sargento-Mor, Governador e Capitão-Mor da Ilha de São Miguel, Moço Fidalgo da Casa Real e Morgado da Torre de Vila Verde, termo da Barca, comprou em 1679 a quinta do Couto, foreira à Comenda do Salvador do Campo, a seu tio Francisco de Sousa e Meneses, que a tinha herdado de sua mãe D. Francisca de Sousa.

O último proprietário desta casa foi *José de Beça e Meneses*, descendente do sobredito Constantino de Sousa e Meneses, legando-a a seu bis-sobrinho do mesmo nome, seu actual proprietário.

Creixomil

CREIXOMIL, orago Santiago, era abadia da apresentação da Casa de Bragança.

Creixomil é derivado do genitivo do nome próprio gótico *Creixemiro* ou *Greixemiro*.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação: «De Sancto Jacobo de Creiximir», de Terra de Nevia.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum; que «in Calveli (hoje Calvelhe) est una quintana, unde dant Regi 2 morabitanos de renda» . . . «Et de uno casali de Balneo medium morabitanum. Et de quandam hereditate de Covas» . . .

Et omnes isti vadunt ad castellum».

Que o rei não é padroeiro desta igreja, que esta tem sesmarias e quebradas, Várzea, 3 casais, Tibães, 3 casais, Banho, 2 casais, Freiria de Évora, 4 casais e a quarta parte desta igreja, Hospital, 2 casais, Vairão, casal e meio e Adaufe, 1 casal.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258, 1.^a Alçada, se diz: *In Judicato de Nevia, in parrochia Sancti Jacobi de Creiximir* que el Rey non est padrom desta ecclesia. Item, de Creiximir, do rio aquem, tod omem casado que y morar ou molier viuva que fezerem searas de cebolas am a dar al Rey segnas restes de cebolas, et recebe as o Mayordomo de Barcelos.

Item de Calvili dam al Rey cada ano 2 maravedis de renda et segnas restes de cebolas; et estas cebolas dam aos Mayordomos de Barcelos e os 2 maravedis dam ao Mayordomo de Nevia; et pectarem 4 caomias se as fezerem, scilicet, merda in buca, furto, et rouzo et homizio.

Et vam ao castello. *Item*, das Covas dam al Rey 1 soldo de renda, et respondem a 4 calumpnias, et vaudunt ad castellum.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia esteve um pouco mais ao poente da actual, no sítio, dizem, onde é a eira da casa que foi do Vale Lima. Devia ter sido mudada para o sítio onde está, talvez no século XVIII.

É esta um templo amplo e espaçoso, cercado de adro com uma única entrada ao lado norte. A sua frontaria virada ao poente está abafada por umas casas particulares das quais o separa apenas alguns metros de adro.

Por cima da porta principal, estilo renascença, abre-se uma pequena rosácea e ao lado esquerdo da fachada ergue-se uma possante torre para os sinos, tendo esta na verga da sua porta de entrada a data 1807.

Atrás da torre, junto à capela-mor, foram construídas as sacristias: em uma vê-se um cofre forte metido na parede e em outra um lavabo de pedra.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque, tendo ao centro a imagem em gesso do padroeiro Santiago, sendo o altar em talha antiga dourada.

Tem esta capela do lado do evangelho na parede a seguinte inscrição: «ESTA EGREJA FOI RESTAURADA EM 1910 A 1911 POR INICIATIVA E A EXPENSAS DO REVERENDO ABBADÉ ANTONIO GOMES DA COSTA E DUMA COMISSÃO DE BENEMERITOS» e do lado da epístola esta outra: «HAEC EST DOMUS DEI, DOMUS MEA, DOMUS ORATIONIS VOCABITUR DICIT DOMINUS: IN EA OMNIS QUI PETIT

ACCIPIT, QUI QUAESIT INVENIT ET PULSANTI APERIETUR LAUDATE DOMINUM IN AULA SANCTA EJUS».

O corpo da igreja é também forrado a estuque ornamentado com florões, tendo metidos nas paredes quatro altares, dois de cada lado.

Tem púlpito de madeira (em cujas guardas estão esculpidos os dizeres: FIDES EX AVDITV AVDITVS AVTEM PER VERBVM CHRISTI), duas portas travessas, coro e pia baptismal antiga.

O *Cruzeiro Paroquial* ergue-se ao norte da matriz, em um pequeno largo que fica ao lado esquerdo da estrada que vai para o lugar do Outeiro.

É de construção simples, tendo na base, que parece mais antiga que o resto, a data 1775.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de Calvelhe*, no lugar do mesmo nome, orago Senhora da Lapa, é particular e pertence ao Snr. Félix Joaquim Rodrigues.

Capela da Senhora do Rosário, no lugar do Carvalhal, que dizem ser fundada por uns brasileiros no século XVIII, reformada em 1928 por alguns devotos, é pública.

Está esta capela no centro de um adro com uma única entrada e seu fojo.

Na sua frontaria baixa abre-se a porta principal, estilo renascença, e por cima uma pequena janela rectangular. Ao lado esquerdo ergue-se um torreãozinho para dois sinos, tendo por cima da sua porta uma pedra com a seguinte inscrição: «D. 17. — M. 8 — A. 1873».

Dentro, a capela-mor, tendo ao seu lado esquerdo uma proporcional sacristia, é forrada a estuque vendo-se no centro pintada a imagem da padroeira N. Senhora do Rosário.

O seu altar é moderno, tendo por cima da tribuna gravados em madeira os seguintes dizeres: «RESTAURAÇÃO 1926 A 1928».

O corpo da igreja, forrado a madeira pintada com dourados, tem dois altares laterais e do lado esquerdo, metido na parede, um nicho com a imagem do Senhor da Cana Verde. O sanefão que cobre o arco cruzeiro contém a data — 1870. Tem este templo coro e púlpito com guardas de ferro.

O seu Cruzeiro demora perto, ao sul, não tendo data nem inscrição.

Ainda mais ao sul, ficando muito distante da matriz, está o *Cemitério Paroquial* que tem sobre o seu portão a data 1909.

Existem nesta freguesia as seguintes *Alminhas*: as do Cruzeiro, as de Cergude e as do Ribeiro.

Creixomil está situada em planície, na bacia orográfica do Cávado, parte ainda nas fraldas do monte da Serra, que fica ao norte.

É fertilizada pelo ribeiro da Anta ou da Ventosa, que nasce na freguesia de Vilar do Monte e vai desaguar ao Cávado.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Calvelhe, a de Fonte Boa, a do Manelo, a do Salgueiral, a do Cidral, a do Souto de Água, a da Levada, a da Devesa de Cergude e a da Igreja.

É servida pela estrada municipal que da nacional n.º 29 de Esposende a Braga se bifurca nos Manteiros, indo um ramal pela igreja até ao lugar do Outeiro e outro até à capela do Rosário.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Vilar do Monte, pelo nascente com a de São Pedro de Vila Frescainha e a de Mariz, pelo sul com a de Perelhal e pelo poente com a de Vila Cova.

A sua população no século xvi era de 42 moradores; no século xvii era de 80 vizinhos; no século xviii era de 80 fogos; no século xix era de 390 habitantes e actualmente é de 492 habitantes, sendo 231 varões e 261 fêmeas, sabendo ler 145 homens e 39 mulheres, havendo 308 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Reguengo, Lata, Ventosa, Olheiro, Ribeiro, Carvalhal, Aldeia, Outeiro, Cruzeiro, Calvelhe e Campelos.

As casas mais importantes são: a dos Manteiros, a do Enes, a da Laranjeira, a de Valentim Ferreira, a do Sousa, a do Martim, a do Vale, a do Mendes, a das Eiras e a de Calvelhe.

Tem Escola Oficial mista com um lugar, que funciona em casa própria.

Não tem estabelecimento comercial algum, nem Caixa do Correio; o povo desta freguesia serve-se da Caixa Postal de Perelhal.

Creixomil é terra da boa laranja, de grande nomeada.

Existiu aqui, em uma bouça, no sítio das Campas, uma sepultura conhecida pela *Campa do Frade*.

As pedras que a cobriam foram retiradas daquela bouça e recolhidas no Museu Arqueológico Municipal das Torres, em Barcelos, e no seu lugar o Snr. José António de Sousa, dono da propriedade, mandou colocar outras para não se perder a memória daquele antiquíssimo monumento.

Ao lado do portal da casa dos Manteiros, junto à estrada que vai para a igreja, está uma cruz de pedra, simples, como as da via-sacra, e do outro lado de um caminho, encostada a uma parede, uma pedra sobre o comprido e arredondada em uma extremidade, tendo nessa parte gravada uma cruz.

Informaram-me que essa pedra fora maior e que tinha sido cortada não havia ainda muito tempo.

Assemelha-se a marco de freguesia ou de propriedade pertencente a alguma Ordem religiosa militar.

Perguntando o que significavam aquelas cruzes disseram-nos que estavam ali para comemorar a morte de um *frade*.

É costume no sítio onde se dá a morte violenta de uma pessoa colocar-se uma Cruz.

Ora, pelo menos a primeira cruz não quererá indicar o sítio do encontro de Rui Ferreira com o seu antagonista abade de Creixomil, transformando-se o *frade* da tradição oral no *padre* do conto?

O abade de Creixomil, fidalgo e possante, como diz Camilo, sabendo que era procurado por Rui Ferreira, não viria até aqui de espada em punho travar o duelo do qual resultou a sua morte?

Tudo pode ser.

Felgueiras Gayo, no seu «Nobiliário», existente no cartório da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, conta o caso que se deu entre aquele Rui Ferreira e o abade de Creixomil, e Camilo Castelo Branco nas «Noites de Insónia», no capítulo com o título «Voltas do Mundo», romantiza-o.

Aires Ferreira, que viveu no tempo de D. João III, descendente da casa de Cavaleiros e senhor da casa de Argemil, na próxima freguesia de Mariz, tinha três filhos varões.

Todos eles foram para a Índia praticar proesas, «crimes, façanhas que os Coutos e Barros chamaram proesas», como diz este escritor.

Um dia, o primogénito Rui Ferreira de Mendonça recebeu uma carta do pai em que este, queixando-se do abandono em que o tinham deixado os filhos, narrava

que o abade de Creixomil o afrontara e ousara pôr-lhe as mãos nas barbas.

O filho, dementado com a leitura desta carta, foi pedir licença ao vice-rei para vir ao reino desafrontar seu pai, mas esta fora-lhe denegada.

Não desistiu porém e começou a negociar clandestinamente passagem.

Sabendo disso o vice-rei mandou-o prender até que as naus levantassem âncora.

Os navios saíram a barra, demorando-se porém algum tempo fora à espera de monção.

Rui Ferreira foi solto, correu à praia e, vendo as naus paradas, arrojou-se à água e nadou até elas.

Avistado, o capitão, que lhe quisera dar passagem oculta, mandou uma lancha e recolheu-o a bordo.

Tinha bracejado 4 horas e cortado duas léguas de mar!

De Lisboa veio a Creixomil e bateu à porta do abade, enviando-lhe o seu nome.

O abade desceu ao terreiro empunhando a espada de cavaleiro, seguindo-se o duelo.

Dentro em pouco este caiu trespassado pela espada do experimentado guerreiro da Índia, ouvindo ainda as vozes abafadas de ódio:

— «Perro! não pozesses as mãos nas barbas de um velho!»

Limpa a espada, foi Rui Ferreira a Argemil beijar as mãos de seu pai e partiu de novo para a Índia.

«E lá foi ceifar novos loiros...»

Não sabemos quem tinha razão na causa deste conflito: se o abade, se o morgado.

Os contemporâneos deram porém razão a este e aplaudiram o feito do filho.

Morto Aires Ferreira, voltou ao reino o primogénito a impossar-se da sua importante casa e ninguém lhe to-

mou contas do acto que tinha praticado contra o abade de Creixomil.

José Augusto Vieira, no «Minho Pitoresco», informa que nesta freguesia appareceu um machado pré-histórico, cuja gravura publicou; é de bronze, com duas asas.

Pedro do Vale, natural desta freguesia, foi para o Brasil, tendo sido ali cobrador dos quintos no tempo de D. João V, e voltou ao reino riquíssimo, cavaleiro da Ordem de Cristo.

D. António de N. S.^a Delgado, abade de Creixomil, foi um dos benfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, onde tem o seu retrato.

Em um artigo publicado em «Barcelos-Revista», volume II, n.º 15, assinado por W, se diz que *Filipa Borges*, filha de Martim Borges, natural da freguesia de Creixomil, termo de Barcelos, casara com Luís Vicente, filho de Gil Fernandes, natural de Guimarães, onde exercia o officio de ourives, e deste casamento nascera em 1475 o bem conhecido poeta Gil Vicente.

Uma vereação municipal confirmou esta asserção, dando o nome de «Filipa Borges» à rua ou estrada que atravessa a parte urbana da vila em direcção a esta freguesia.

Não conhecemos documento algum que nos leve a seguir a opinião que Filipa Borges fosse do Creixomil de Barcelos, quando é certo que ela tinha outro Creixomil junto aos muros de Guimarães para nascer e o ourives daquela vila, ali à porta de casa, mulher para casar.

Com isto não queremos, porém, de forma alguma, tirar a Gil Vicente a costela barcelense, nem à freguesia de Creixomil a glória de ser o berço da mãe daquele insigne poeta.

Durrães

DURRÃES, orago São Lourenço, era uma vigararia da apresentação do abade da freguesia de São Pedro Fins do Tamel.

O P.^e António Gomes Pereira diz que na «Corografia» do P.^e Carvalho esta freguesia aparece com a designação de *Dorrães* e *Dorlães*. Pela desinência vê-se que é o genitivo dum nome provável gótico, significando portanto granja ou quinta do Snr. *Durra*, *Dorra* ou *Dorla*.

Esta freguesia com a de Carvoeiro, contígua, mas já no concelho de Viana do Castelo, formava o Couto dos monges beneditinos de Carvoeiro.

Carvoeiro tomou o nome de uma grande cidade que houve no alto do monte de Balugães, sobranceiro a esta freguesia, cujos vestígios ainda se encontram dentro dos limites desta última freguesia, chamada *Carbona*, pelo carvão que ali se fabricava, e conhecida mais tarde pelo nome de *Caramona*.

Esta povoação antiquíssima foi destruída na invasão árabe e o convento de Carvoeiro foi fundado ou reedificado no ano de 885 da era cristã por D. Paio Guterres.

Tinha este mosteiro umas doações régias que lhe davam a freguesia de Carvoeiro e a de São Lourenço de Durrães por couto.

D. Paio Guterres foi senhor absoluto deste couto com característicos direitos feudais.

Entre estes apparecem-nos vestígios do tributo de *osas*, de *pernada*, ou de *marcheta* usada em algumas nações da Europa na idade média. Se alguma mulher casasse sem sua licença e sem lhe pagar certo tributo perdia as suas casas e terras.

D. Paio Guterres deu ao mosteiro este couto que o teve de mero e misto império.

O abade era Juiz e Ouvidor, sem escrivão, que terminava e julgava verbalmente os pleitos entre os moradores, sem apelação nem agravo.

Nomeava Porteiro e Achegado, que penhoravam pelas dívidas ao mosteiro e mandavam pôr em leilão os bens, e no crime era preciso licença do abade para os queixosos irem querelar a Barcelos.

Tudo quanto os habitantes deste couto possuíam de bens de raiz era colónia do convento, nem qualquer tomada do monte era sua, e, quando queriam doar ou trespassar alguma propriedade a outro, a largavam nas mãos do abade para que das suas a desse a quem queriam.

A *Igreja Paroquial* da freguesia de Durrães está em sítio elevado, na encosta nascente do monte Arefe.

Foi construída no centro de um pequeno adro com duas entradas. A sua frontaria é simples; está encostada a uma sólida torre para os sinos que a ampara do lado esquerdo.

De cada lado da capela-mor tem sua sacristia e do lado esquerdo desta capela, na parede exterior, vê-se uma pedra muito antiga, que com certeza não é da época da construção do actual templo, com uma inscrição indecifrável.

A antiga matriz desta freguesia, segundo corre na tradição, esteve no alto do monte de Arefe.

Informam-nos que, do arquivo paroquial nada consta, de um documento particular se infere que a igreja paro-

qual desta freguesia foi construída ou reedificada no século xv, antes de 1500.

Fará referência aquela pedra a este facto?

Seria nessa época a mudança da igreja do monte de Arefe para o sítio onde está?

O edificio actual é porém muito mais recente; pela sua construção se vê que deve datar do século xviii ou quando muito do século xvii.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, com um quadro ao centro alusivo ao Sacramento, ladeado a cada canto por quadro representando passagem da Paixão de Cristo. O altar é em talha antiga dourada.

O corpo da igreja é forrado também a madeira pintada, com o icone do padroeiro São Lourenço ao centro.

Tem quatro altares laterais: os dois junto ao arco cruzeiro modernos e os outros, que se lhes seguem, o do lado do evangelho em bela talha antiga e o do lado da epístola em talha muito singela.

No pavimento vêem-se ainda duas sepulturas com tampas de pedras, sem inscrições; baptistério, coro e púlpitos são muito vulgares e simples.

O *Cemitério Paroquial*, ao lado nascente do adro e para o qual se desce por umas escadas de pedra, tem sobre o seu portão a data—1909.

Ao fundo, em frente ao portão, foi construída, em estilo românico, ampla e espaçosa, a Capela-Jazigo do falecido Conselheiro Amorim Leite.

O *Cruzeiro Paroquial*, ao lado nascente da igreja, à face da estrada, é de base e coluna rectangular e sobre o capitel desta ergue-se uma cruz dupla.

Na base tem em uma face a data 1656 e nas outras a seguinte inscrição: ESTA OBRA MANDOV ERGVER JOÃO MACIEL.

Não existe capela alguma pública e das particulares apenas uma que pertence à Ex.^{ma} Snr.^a D. Bernardina Luísa Novais Leite.

Esta freguesia, situada nas margens do rio Neiva, tem as seguintes fontes públicas: a de Vila, a da Várzea, a de Vilar, a de Novais, a de Suzana, a do Espinheiro, a do Amial e a do Paço.

É servida pela estrada que de Viana do Castelo vai para Braga por Balugães e Vila Verde e por um ramal que desta estrada vem até à igreja, galgando o rio Neiva em um pontão no campo do Forno.

Confronta pelo norte com a freguesia de Carvoeiro, do concelho de Viana do Castelo, pelo nascente com a de Balugães, pelo sul com a de Santa Lucrecia de Aguiar e pelo poente com a de Fragoso e Tregosa.

A sua população no século xvi era de 50 moradores; no século xvii era de 60 vizinhos; no século xviii era de 52 fogos; no século xix era de 410 habitantes e actualmente é de 561 habitantes, sendo 261 varões e 300 fêmeas, sabendo ler 82 homens e 15 mulheres, havendo pois 464 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Fojo, Corujeira, Espinheiro, Castelos, Rio, Souto, Campo do Forno, Carvalhinhos, Lages, Vilar, Monte, Cruzeiro, Igreja, Costa, Novais, Mota e Sertão.

As suas casas mais importantes são: a de Malta, a do Conselheiro Amorim Leite e a de Domingos Gomes.

Tem Escola Oficial para o sexo masculino com um lugar, que funciona em edifício próprio, Caixa do Correio, 2 lojas de comércio, uma padaria e 5 engenhos de serrar madeira.

É servida esta freguesia pela Linha Minho e Douro no apeadeiro de Durrães.

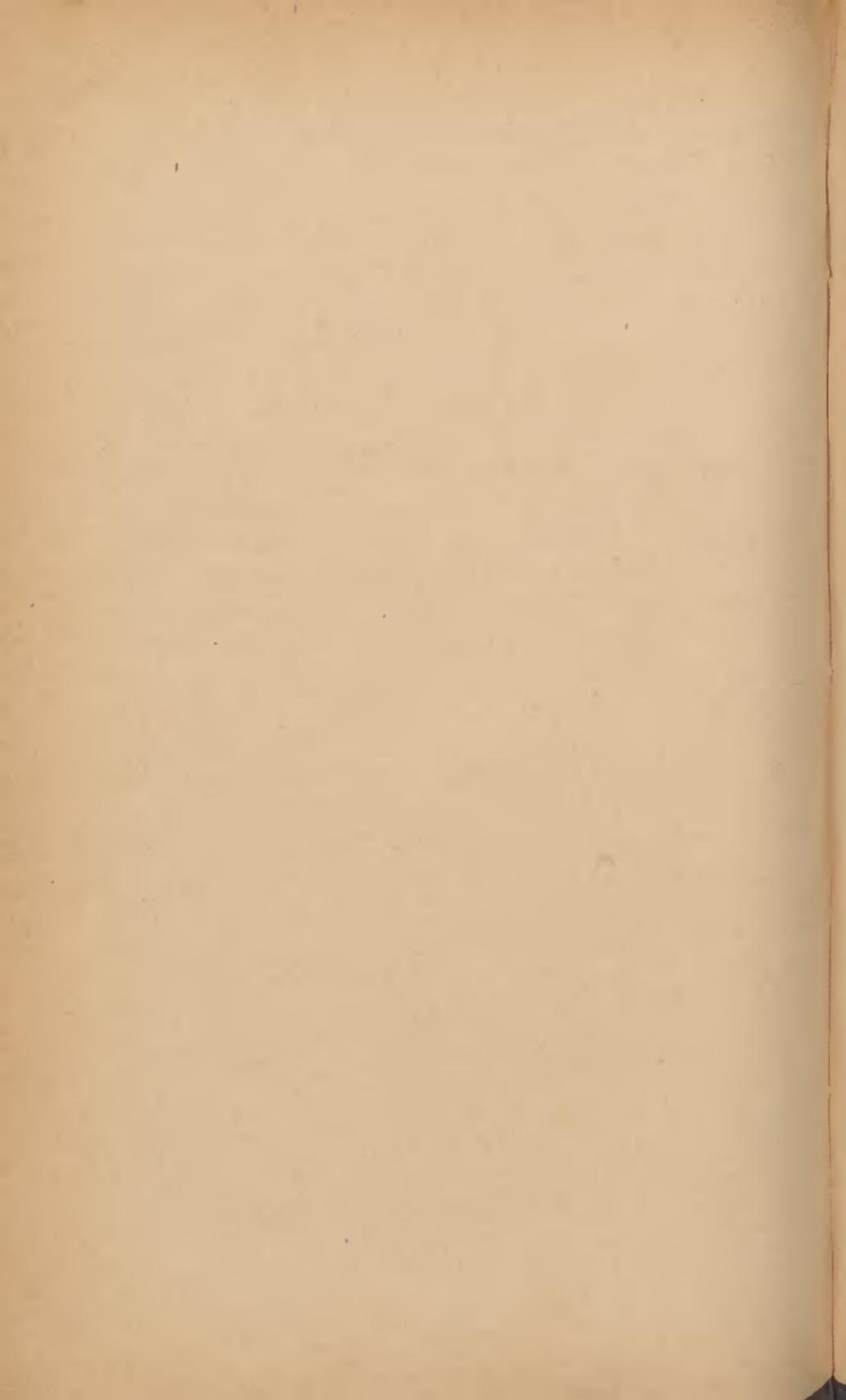
Ao sul deste apeadeiro foi construído um viaduto, conhecido por *viaduto de Durrães*, que é a obra neste género mais alta e elegante de toda a linha.

Tem 16 arcos iguais. A máxima altura é de 22 metros e a extensão total é de 180 metros.

Era natural desta freguesia o *Conselheiro Manuel Inácio de Amorim Novais Leite*, filho de Francisco Xavier Leite de Abreu Carneiro, oficial do exército legitimista, e de D. Josefa do Vale Amorim Novais.

Nasceu em 1860 e faleceu no Porto em 15 de Outubro de 1929.

Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, agraciado com a carta de conselheiro, foi Administrador do concelho de Barcelos, Governador Civil dos distritos de Leiria e Braga, e conservador do Registo Predial nas comarcas dos Arcos de Valdevez e de Vila Verde.



Feitos

FEITOS, orago Santiago, era uma vigararia da apresentação do convento dos Loios de Lamego.

O Dr. Pedro Tavares, vigário *in solidum* da freguesia de Santiago dos Feitos, fez renúncia da sua igreja a favor dos Loios do convento de Santa Cruz de Lamego, ao qual o Papa Pio IV em 1567 anexou *in perpetuum*, sendo padroado deste convento até 1834 (1).

Esta freguesia era primitivamente conhecida pelo nome de Santiago de *Echate*, cujo nome ainda hoje se liga a um lugar da freguesia de Vila Cova, que abrangia o da Seara, onde esteve a antiga matriz de Echate (2).

Com a mudança da igreja daquele lugar para o sítio onde está, tomou a freguesia o nome dos Feitos, talvez por nele haver muitos fetos, plantas a que o povo chama feitos, se não de algum feito, façanha, que aqui se desse.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem esta freguesia com a designação = «De Sancto Jacobo de Eixati», de Terra de Nevía.

(1) *Fr. Francisco de St.ª Maria — Ceo Aberto na Terra, capítulo XIV, pág. 415.*

(2) *Bento Antas da Cruz — Ensaio para os Anais do Município de Barcelos, Parte primeira, edição de 1932, pág. 14.*

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum e que «vadunt ad castellum. Et in cauto in quodam loco dant eciam Regi 2 morabitanos de renda».

Que o rei não é padroeiro e que esta igreja tem sesmarias, Bouro, 2 casais, e Palme, 4 casais.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258 se diz: «*In Judicato de Nevia. Item, in parochia Sancti Jacobi de Exati frio*» que o rei não é padroeiro e que vão ao castelo.

A freguesia dos Feitos esteve anexa à de Palme 60 anos, adquirindo a sua independência só em 1905.

O visitador desta freguesia em 1666 diz que a igreja estava em sítio deserto, passando um ribeiro entre ela e o seu lugar principal, tornando-se difícil a assistência religiosa, principalmente na ocasião das grandes cheias, e que o vigário deixara de habitar a Residência por insuficiente, e por isso ordenava que a igreja fosse construída no povoado.

Em 1670 ainda estava no lugar da Seara, mas em 1676 já era benzido o novo templo pelo arcebispo de Braga, D. Veríssimo de Lencastre, sendo então vigário dos Feitos o P.^e João de Faria.

As obras, porém, só terminaram em 1689.

Da igreja velha não existem vestígios, aparecendo da antiga residência apenas alguns restos de paredes.

A actual matriz está no lugar da Igreja, dominando-o; cercada de um diminuto adro para o qual se sobe por um pequeno escadório, com duas portas de serventia, fechada a da frente com umas cancelas de ferro, é edificio pequeno, baixo e de humilde aparência.

Por cima da sua porta principal abre-se uma janela rectangular que veio substituir, segundo nos informam, um óculo ou rosácea que ali existia.

Ao lado direito da fachada ergue-se um pequeno torreão para dois sinos e ao lado esquerdo da porta sobressai uma pedra com a data da conclusão das obras — 1689.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, sendo a tribuna do seu altar muito simples, sem talha.

O corpo da igreja é também forrado a madeira pintada, tendo dois altares laterais de talha muito simples.

Do lado do evangelho existe a *Capela da Senhora dos Milagres*, forrada a estuque, com altar simples e moderno, e a seguir vê-se dependurado na parede um pequeno oratório.

Coro, púlpito e baptistério são muito simples.

A pia baptismal é antiga; em granito da região, veio da igreja velha, mas foi mandada *alisar*.

Ao lado esquerdo da capela-mor ergue-se a sacristia, pequenina, proporcional ao resto do edifício.

Vimos ali uma cruz processional muito antiga, em cobre e de valor arqueológico.

Ao fundo do adro, com entrada por este, foi construído o *Cemitério Paroquial*, ainda sem gradil nem portão, no qual se começaram a fazer os enterramentos em 1930.

A meio da calçada que vai da estrada n.º 4 até à igreja está o *Cruzeiro Paroquial*, simples e modesto, tendo na base a inscrição: FOI R. F. EM 1918.

Este cruzeiro foi mudado nesse ano de um pequeno largo junto à estrada velha mais para baixo, para o sítio onde está.

Não existe capela alguma nesta freguesia; houve a *Capela de São Mamede*, na encosta do monte do mesmo nome, mas derruiu, existindo hoje apenas restos das paredes. Há duas *Alminhas*: as do Rio e as da Estrada, que ambas estavam à margem da antiga estrada, sendo as últimas mudadas para junto da estrada n.º 4.

Esta freguesia, situada em terreno acidentado, estende-se por uma fértil planície em elevada altitude entre a Serra, ao norte e o monte de São Mamede, ao sul, donde se avista o mar numa grande extensão.

É fertilizada pelo ribeiro de São Gonçalo que tem por afluente o regato da Cruz e ambos unidos vão desaguar ao Cávado na freguesia de Perelhal.

Este ribeiro é alimentado ainda pela nascente dos Três Amieiros, que afluí à superfície da terra na agra de Tantos Mil.

Existem nesta freguesia as fontes públicas de Nabais e do Rio.

É servida pela Estrada Nacional n.º 4 de Famalicão a Viana do Castelo.

Passava nesta freguesia a antiga estrada do Porto a Santiago de Compostela.

Parece que além da Portela do Ladrão essa estrada se bifurcava em dois ramais: um por junto da Fonte dos Mortos e outro pela Igreja Paroquial actual, juntando-se adiante outra vez.

Pela antiga Estrada Real passou nesta freguesia, segundo a tradição, a rainha D. Mafalda, a rainha Santa Isabel, indo em piedosa romagem a Santiago de Galiza, el-rei D. Manuel I em 1505, a rainha D. Maria II e seu marido D. Fernando, o príncipe real D. Pedro e o infante D. Luís, indo para Viana em Maio de 1852, e no seu regresso a Barcelos.

A freguesia dos Feitos confronta pelo norte com a de Fragoso e a de Palme, pelo nascente com a de Santa Leocádia do Tamel e a de Vilar do Monte, pelo sul com a de Vila Cova, e pelo poente com esta de Vila Cova e a dita de Palme.

Em 16 de Dezembro de 1763 foi feito o tombo da demarcação da freguesia dos Feitos.

A sua população no século xvii era de 40 vizinhos; no século xviii era de 25 fogos; no século xix era de 142 habitantes e actualmente é de 185 habitantes, sendo 70 varões e 115 fêmeas, sabendo ler 31 homens e 11 mulheres, havendo 143 analfabetos.

Esta freguesia não vem no Censo da População de 1527.

A sua população actual está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Feitada, Eiras, Rio, Sião e Nabais.

As suas casas mais importantes são: a da Eira de Baixo, a do Carolo, a da Cachada e a da Poça.

Tem Escola Oficial mista com um lugar, que funciona em edificio próprio. Na padieira da porta de entrada lê-se a seguinte inscrição: «C. M. B. 1930-1931».

Tem Caixa do Correio, mas não tem estabelecimento algum comercial.

Quem vem de Barcelos para esta freguesia, pela estrada, passa por uma garganta entre o monte de S. Mamede e os outros que se elevam a nascente deste a que o povo chama *Portela* ou *Penedo do Ladrão*.

Disfruta-se daqui um dos mais belos panoramas: todo o vale do Cávado desde Braga até ao monte de S. Félix, Póvoa de Varzim e foz daquele rio, além de parte do concelho de Famalicão.

O nome dado a esta portela não é moderno: já em 1763, quando da demarcação dos limites da freguesia dos Feitos, há referência à *Portela do Ladrão*.

Existe neste sítio, do lado esquerdo da estrada, um penedo que tem na parte superior uma cavidade em que cabe à vontade um homem deitado: é o *Penedo do Ladrão*.

Dizem que era dali que o ladrão (não houve apenas um, mas uma dinastia que durou séculos) espreitava os viandantes, e mais tarde as *diligências*, à frente dos quais saía de arcabuz em punho para roubar.

Conta a lenda, e a lenda é a história romantizada, que o bandido, não sabemos qual o da dinastia, foi morto por uma mulher.

La ela de cesto à cabeça com o jantar para o seu homem quando, ao passar na Portela, lhe saíu o malfeitor.

Tartamudeou que não levava objectos de valor; a única coisa que lhe podia dar era de beber e, poisando no chão o cesto, ofereceu-lhe uma cabaça cheia de bom *vinho verde*, pois naquela época ainda não havia do *americano*.

Enquanto o bandido punha à boca a cabaça, ela, armada de uma faca, cortou-lhe rapidamente a gorja e... foi de uma vez um ladrão.

Hoje, neste sítio e em todos os outros de nomeada antiga, já não há ladrões; desceram aos vales e ao povoado.

«Tudo vai passando, até a poesia dos bandidos», como diz José Augusto Vieira em «O Minho Pitoresco».

Na descida da estrada, ao entrar na veiga que se estende a poente, existe a *Fonte dos Mortos* e a seguir o sítio de *Tantos Mil*.

É tradição nesta freguesia que em tempos remotos se dera aqui uma grande batalha.

Bento Antas da Cruz, em artigos publicados em «O Barcelense», localiza aqui o recontro entre o Conde de Ceia D. Henrique Manuel de Vilhena, por parte dos portugueses, e o Adiantado de Galiza D. Pedro Rodrigues Sarmiento.

O aprisionamento de Nuno Gonçalves, Alcaide do Castelo de Faria, que ia em socorro do Conde de Ceia, devia dar-se pois neste lugar ou perto dele, talvez antes da Portela do Ladrão.

As tropas francesas em 1809 passaram nesta freguesia de regresso de Ponte do Lima ao Porto.

Acamparam aqui, não se dando porém qualquer resistência por parte dos portugueses.

O povo, abandonando as casas, fugiu para os montes vizinhos e os invasores limitaram-se a *fazer mão baixa* no que encontraram nas casas.

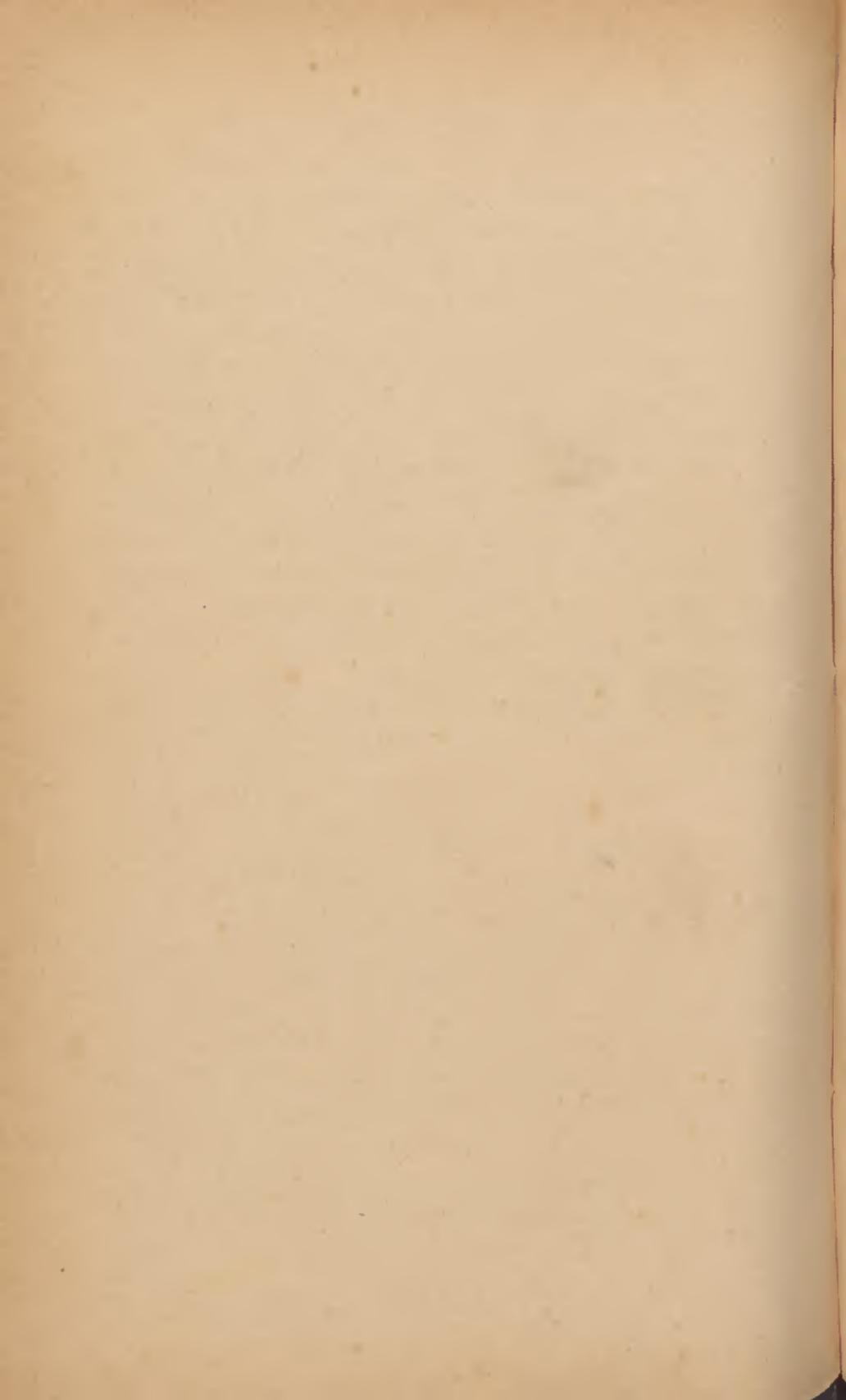
Morreram alguns soldados doentes e estropiados, sendo enterrados em vários sítios que o povo ainda hoje aponta.

Em Setembro de 1903 efectuaram-se nesta freguesia, na de Palme e na de Fragoso, as manobras militares a que assistiram o rei D. Carlos e o infante D. Afonso, sendo ministro da guerra nessa ocasião Pimentel Pinto.

No alto do monte de São Mamede, antigo monte de Echate, há vestígios de muralha e na Ferração há também vestígios de habitações de povos primitivos: aparecem ali alicerces de casas, muitos tijolos, etc.

Informam-nos que há poucos anos existia ali um *dólmen*, que foi destruído.

Nos Cotos do Carvalhinho, perto da Ferração, vêem-se penedos com covas redondas, feitas pela mão do homem.



Fragoso

FFRAGOSO, orago São Pedro, era uma vigararia da apresentação da casa de Bragança.

D. Afonso Henriques coutou a ermida de São Vicente de Fragoso por carta de 4 de Dezembro de 1127 (II non. decemb. 1165 (1)), confirmada por D. Afonso III, por D. João V e por D. José I, a qual foi mais tarde registada no livro das Doações aos 18 de Abril de 1848.

Naquella carta de D. Afonso Henriques estabelecem-se os limites do couto de Fragoso que iam «de Cardoso pelo termo de Quintiães, depois pelo termo de Feração, depois pelo termo de Palme e por entre ambas as Foces e, atravessando o rio, iam a rio Seco e pelo termo antigo a que chamam a Carraria, tornava a Cardoso».

Estes são os limites de São Vicente de Fragoso que eu, Afonso Infante, estabeleço. E assim desde este dia ou tempo, seja este termo ou Couto isento do meu direito e entregue ao vosso direito ou domínio para a dita Ermida».

El-rei D. Dinis deu a ermida de São Vicente de Fragoso, juntamente com o padroado de Abade do Neiva, como se disse quando tratamos desta freguesia, a Mes-

(1) A. Herculano — *História de Portugal*, liv. I — Nota XII.

tre Martinho, seu físico e cónego da Sé de Braga, por carta datada de Santarém aos 10 de Novembro de 1311 e o arcebispo D. Martinho de Oliveira, instituindo na Igreja de Santa Maria de Abade uma Colegiada, estabeleceu-lhe obrigações, entre as quais a de missa na ermida de São Vicente de Fragoso.

São Vicente de Fragoso ficou constituindo, pois, uma freguesia, como se vê das Inquirições.

E assim nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem esta freguesia com a designação = «De Sancto Vincencio de Fragoso» de Terra de Nevia.

Nelas se diz: «Gunsalvus Petri abbas, *solus juratus quia non habet ista ecclesia parochianos, dixit quod Rex nullum habet ibi Regalengum*».

«Quod de ista ecclesia debent facire unam candelam, que ardeat pro toto anno pro anima domini Regis, et sic de singulis annis. Et debent ibi tenere unum capellanum, qui dicat missam cotidie in perpetuum pro anima Regis».

Que esta igreja é do rei e dizem mais que esta igreja tem aqui 5 casais.

As Inquirições de D. Afonso III de 1258 dizem: «*De Judicato de Nevia—in Couto Sancti Vincentii de Fragoso*» que el Rey don Alfonso, filho del Conde don Anrique et da Raina dona Tarasia, coutou Sanctus Vincentius de Fragoso per divisoes et per sua carta so tal preito, scilicet: que quantos morarem in este Couto am a dar cada ano una candeia que arza cada dia a totalas oras; et el Rey est padrom e senhor desse davandito Couto et de ecclesia; e o prelado que essa davandita ecclesia teiver *ha* de cantar cada dia y a missa, et dizer totalas oras por alma desse davandito Rey don Alfonso et da Rayna domna Tarasia, et de todos los outros Rex que depos el veerem de sua geerazom».

«Et estes davanditos omees que in esse Couto moram dam al Rey cada ano de renda 12 maravedis.

Item, os bataleiros pousam in esta davandita ecclesia de Sancto Vincentio et fazem se ende erdeiros.

Item, dixerunt que Sanctus Petrus jaz in este Couto et non serve al Rey».

Nestas últimas Inquirições aparecem-nos as duas freguesias: S. Vicente de Fragoso, sem paroquianos, e S. Pedro de Fragoso, que ficava dentro dos limites do Couto, aparecendo-nos, porém, S. Pedro nas de 1220 com a designação = «De Sancto Petro de Fragoso» de Terra de Nevia.

Dizem elas que nesta freguesia não há reguengo algum, que o rei não é padroeiro e que esta igreja tem sesmarias e 1 casal, Mosteiro de Vilar, 2 casais, Palme, 11 casais, a igreja é sua, e Hospital, 1 casal.

No Censo da População de 1527 não vem nenhuma destas duas freguesias com o seu nome, mas = no Jullgado de Neyva a freguesia de Samta Maria de Fraguoso com 84 moradores e a de Cardoso com 33 moradores.

A designação de Santa Maria de Fragoso, que nos aparece mais vezes em documentos posteriores, talvez fosse mudança temporária do orago S. Pedro, pois é certo que a actual freguesia de S. Pedro de Fragoso é constituída actualmente pelas antigas de S. Vicente, S. Pedro e parte da de Cardoso, tendo como orago a Cadeira de S. Pedro em Antioquia.

Fragoso, nos velhos clássicos da língua, significa lugar cheio de *barrancos*, *covas*, *altos* e *baixos* e moderadamente *íngreme*, *alcantilado*, *escarpado* (1).

(1) P.ª António Gomes Pereira — *Tradições Populares*, pág. 353.

O couto de Fragoso, pelo decorrer dos tempos, veio a pertencer à Casa de Bragança.

Os Ouvidores perpétuos deste couto eram os abades de Santa Maria de Abade do Neiva; eram estes que faziam Juizes, levavam as lutas, gados do vento e coimas, com a circunstância não usada e contra as Ordenações do Reino de el-rei não ter nelas a terça.

Vinha escrever a este couto um Escrivão de Barcelos, por distribuição.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia não esteve sempre no sítio onde está.

É da tradição que esteve no sítio da Seara, mas, como a freguesia alargasse os seus limites para o norte, principalmente depois da anexação de Cardoso, foi mudada para onde hoje se encontra.

Em 1770 fez-se medição pelo Juiz do Tombo e nela se diz que a igreja era de naves com quatro arcos por banda e partia a dita igreja por todos os lados com adro, que a dita igreja, com capela-mor sem tribuna, tinha ao lado direito a sacristia e ao lado esquerdo outra casinha em que se guardava a fábrica da confraria do Sacramento e no seu corpo tinha quatro altares laterais, coro por cima da porta principal, púlpito, pia baptismal e um campanário com seu sino.

Junto estava a Residência Paroquial, contígua ao adro.

Hoje esta igreja acha-se completamente transformada e alterada.

É um templo amplo e espaçoso, no centro de um pequeno adro cercado de parede com duas portas de serventia.

No alto da sua elevada frontaria tem gravada em pedra a data 1911 e ao lado direito daquela ergue-se uma bem construída torre para os sinos, com relógio.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque ainda em obras e tem uma rica tribuna estilo renascença que era da igreja matriz de Caminha.

O corpo da igreja é também forrado a estuque, tendo ao centro uma tela com a imagem de S. Pedro e sítios marcados para outras que ainda não estão colocadas.

Tem lugares para seis altares (dois junto ao arco cruzeiro e quatro laterais) púlpitos, coro e baptistério.

Deve ficar um templo grandioso, iluminado por amplas e rasgadas janelas.

Ao lado direito está sendo construído um grande salão que servirá de sacristia.

Na parede da igreja deste lado tem uma pedra com a seguinte inscrição: FOI REEDIFICADA ESTA IGREJA EM 1873 A EXPENSAS DO BEMFEITOR JOSÉ ZEFERINO PEREIRA DA SILVA A QVEM O REITOR DOMINGOS MARTINS RVA PONTES E MAIS MORADORES DESTA EM SINAL DE GRATIDÃO DEDICÃO ESTA MEMORIA. P. N. A. M.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de S. Vicente*, que era a antiga ermida de S. Vicente, na encosta norte do monte Arefe, à qual D. Afonso Henriques fez couto.

O edificio desta capela denota antiguidade, sendo, contudo, pelas sucessivas reformas, alterada a sua architectura primitiva.

Sobre a padieira da porta tem a data — ANO DE 135 — e sobre o arco interior os enigmáticos caracteres = LLIM.

Esta capela foi matriz da antiga freguesia de S. Vicente de Fragoso, estando hoje sob a administração da Junta.

É da tradição que a rainha Santa Isabel aqui orou e descansou quando foi em peregrinação para Santiago de Compostela.

Há junto a esta capela uma nascente de água. O povo considera-a milagrosa, leva-a para longes terras e com ela dá lenitivo aos seus males. Esta água, dizem, tem ainda a propriedade de levedar o pão sem fermento.

A água cai em um tanque que tem no fundo uma cruz e ao qual chamam o *poço de Santa Isabel*.

Corre na tradição que foi nele que a Rainha Santa saciou a sede quando por aqui passou na peregrinação a Compostela.

A *Capela de Santo António*, junto à casa de Espregueira, fundada por António Martins dos Santos, fica entre aquela casa e o seu portão de entrada estilo D. João V.

O portão tem a data 1714 e a capela, na padieira da porta, 1776.

Ao lado direito desta, vê-se a seguinte inscrição gravada em pedra:

ESTA CAPELLA MANDOV FAZER ANTONIO MIZ SANTOS E PARA ELA ALCANÇOU DO SVMO PONTIFICIE PIO VI INDVLGENCIA PLENARIA PERPETVA QVOTIDIANA PARA TODOS OS FIEIS CHRISTAOS Q. DEPOIS DE COMVNGAR A VISITAREM E ALTAR PRIVILEGIADO PERPETVO QVOTIDIANO PARA TODAS AS MISSAS Q. NELE SE DICEREM POR DEFVNTOS... JUNHO DE 1781.

Do lado esquerdo da mesma porta vê-se outra:

ESTA CAPELLA DE SANTO ANTONIO ESTA VNIDA E AGREGADA A BAZILICA DE S.^{to} JOÃO DE LATRÃO DE ROMA COMPARTICIPAÇÃO DE TODAS INDVLGENCIAS QVE LOGRAM OS FIEIS CHRISTAOS QVE VIZITAM ESTA CAPELLA COMO SE PESSOALMENTE FOSEM A' DITA IGREJA DE ROMA QVE SÃO TODOS OS DIAS 60 A. 8 ANOS E OTRAS TANTAS CORENTENAS DE INDVLGENCIAS

E REMISSÃO DA TERCEIRA PARTE DOS PECADOS
E MVITAS PERPETVAMENTE QVE CONSTÃO DA
BVLA SENDO PONTIFICIE PIO 6.º EM 23 DE DE-
ZEMBRO DE 1783.

Dentro, foi este templozinho muito bem restaurado. O retábulo do altar é em estilo renascença, tendo por baixo deste o corpo incorrupto de S. Justino, mártir do tempo de Dioclesiano.

Tem coro, púlpito e na parede os azulejos de uma via sacra com a data 1796 e quatro quadros com várias iconografias a óleo.

Esta capela é particular e pertence ao Ex.^{mo} Snr. Engenheiro Bernardo Espregueira.

Capela de N.^a Senhora da Conceição, no centro de um pequeno adro no lugar da Ponte, ao lado esquerdo da estrada da Barca do Lago a Barrozelas, é pequena.

No alto da sua frontaria tem gravadas as letras — M C M —, que quer dizer que foi fundada em 1900.

É particular e pertence ao Snr. P.^e Joaquim Félix Machado.

No pináculo do monte Arefe existiu uma capela dedicada ao S. Gonçalo, dando este nome ao monte por que também é conhecido.

Esta capela foi porém caindo em ruínas, sendo há anos demolida, da qual restam apenas vestígios. A imagem do padroeiro, em pedra, foi levada para a igreja paroquial de Quintiães, onde se venera.

É este monte a parte mais elevada do concelho, a sua maior altitude, e dele se goza o panorama mais extenso e surpreendente destes sítios.

Era nos cumes dos montes, por se considerarem talvez mais perto de Deus, que os nossos antepassados eregiam aos santos das suas devoções as brancas ermi-

dinhas, marcos miliários da sua fé, que tanto nos enlevam e encantam.

E não me posso furtar agora à tentação de aqui transcrever, para amenizar um pouco esta grande maçada histórica e geográfica em que andamos envolvidos, aqueles versos de Guerra Junqueiro:

*Alvas capelinhas, sempre milagrosas
Sois nessas alturas para os olhos meus,
Como ninhos virgens de orações piedosas,
Miradouros brancos de luar e rosas
Donde as almas simples entrevêem a Deus.*

Mas deixemos o alto de S. Gonçalo, a sua vizinha Feração, onde ainda se encontram vestígios de extintas povoações, S. Vicente e desçamos cá abaixo a continuar com o Fragoso da planície.

Em um largo em frente à actual Matriz ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, simples e modesto. Tem na base a data 1520.

Ao lado da estrada que vem até esta igreja encontra-se outro cruceiro que tem a data 1904.

Há nesta freguesia as seguintes *Alminhas*: as de Sá, as do Engueiro, as do Reiro, as da Barrosa, as da Ponte e as da Breia.

O *Cemitério Paroquial* foi mandado construir em 1906.

Esta freguesia, situada em planície nas margens do Rio Neiva e cercada a nascente e sul pelos altos montes Arefe, Vilar, Corgo, Calvário e Barrosa, confronta pelo norte com as de Vila de Punhe e Capareiros, do concelho de Viana do Castelo, pelo nascente com a de Tregosa e de Durrães, a de Santa Lucrécia de Aguiar, a de Quintiães, a de Carapeços e a de Santa Leocádia do Tamel, pelo sul com a dos Feitos e a de Palme e pelo

poente com a de Aldreu, a de Forjães, do concelho de Esposende e a de Alvarães, do concelho de Viana do Castelo.

É fertilizada pelo rio Neiva, que a atravessa, e pelo ribeiro de S. Vicente, que nasce no monte Arefe, nesta freguesia, e é afluente daquele rio, desaguando em Ambas as Fozes, e ainda por quatro ribeiros: o do Fulão, o da Agra de Mourinha, o do Casal e o do Prado.

Tem as seguintes fontes: a do Casal, a de Lagarelhã, a da Fontainha, a de Tumarém, a da Presa, a do Corgo, a de Feito Ribes, a de Água Levada, a da Malhada, a do Fijô, a do Ribeiro, a da Cal de Rendes, a da Aviosa, a de Casais, a de Couto Pomar, a da Poça Grande, a do Barranho, a de Sá, a das Mourinhas, a de Salgueiros, a do Reiro, a de Passainha, a de Fontela, a de Goelas, a de Covas Boucal, a de Lagoinha Ponte, a de Espregueira, a das Carvalhas e a da Portela.

É servida por duas estradas, uma que vai da Barca do Lago à estação do Caminho de Ferro de Barrozelas e outra que vem de Esposende por S. Paio de Antas, Forjães, até à Igreja, tendo o seu cruzamento no lugar da Breia.

A estrada da Barca do Lago a Barrozelas, passando a ponte sobre o Neiva, bifurca-se seguindo por parte desta freguesia a Alvarães, ao Apeadeiro daquele nome, e a ligar com a de Viana do Castelo a Braga por Vila Verde.

O rio Neiva nesta freguesia é galgado por uma antiga ponte de dois arcos, modernizada no pavimento e com gradil de ferro colocado em 1883.

A sua população no século xvi, as duas freguesias Santa Maria e Cardoso, era de 117 moradores; no século xvii, a freguesia de S. Vicente de Fragoso, era de 231 vizinhos; no século xviii, Fragoso S. Pedro era de

226 fogos; no século XIX era de 1068 habitantes e actualmente é de 1.286 habitantes, sendo 557 varões e 729 fêmeas, sabendo ler 168 homens e 52 mulheres, havendo 1.066 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Ruão, Guilhufe, Água-Levada, Senra, Vinhal, Casinhas, S. Vicente, Redondinho, Goiva, Sá, Mourinha, Covelo, Rocio, Mámoa, Bouça, Quinta, Beirão, Costa, Reiro, Cortinhas, Penas, Barrosa, Neiva, Alvas, Além da Ponte, Ponte, Breia, Santiago, Bouça Grande, Penedo, Carvalhas e Outeiro.

As suas casas mais importantes são: a de Espregueira, a de Jaques da Ponte, a da Quinta da Barranha, a da Minhoteira, a da Barrosa, a das Carvalhas, a de Guilhufe, a do Covelo e a da Lagareilha.

Tem 3 lojas de comércio, 2 Caixas de Correio, Escola Oficial mista com 2 lugares, que funciona em edificio arrendado.

Laboram nesta freguesia muitas azenhas e moinhos de moer milho.

Dos homens mais ilustres cujos nomes andam ligados a esta freguesia, destacaremos os seguintes:

Fr. Agostinho de Fragoso, natural desta freguesia, filho de Salvador Vaz e de sua mulher Isabel Alvares, lavradores abastados, estudou preparatórios no colégio dos Jesuitas em Braga e concluiu os seus estudos na Universidade de Coimbra.

Pregador afamado, foi um varão insigne em letras, virtudes e castidade.

«Deu-lhe Deus os dotes de formosura, gentileza e descrição», diz o seu cronista.

Tomou o hábito de S. Francisco aos 11 de Janeiro de 1619, tendo sido antes convidado para entrar na Companhia de Jesus.

Duas vezes Guardião, saiu Defenidor no Capítulo celebrado em Vila Viçosa aos 12 de Maio de 1652.

Nomeado Visitador da Província do Santo António, Fr. Agostinho de Fragoso escusou-se desse cargo com o pretexto dos seus achaques.

Faleceu no convento do Monte da Franqueira em 1666, com 47 anos de Religião e 67 de idade.

Às grandes virtudes a que nele sobrepujou mais foi a da castidade, não obstante os muitos ataques que sofreu por parte de várias mulheres desavergonhadas.

Morreu virgem e o seu confessor declarou «que nem ainda o mais leve pensamento contra a castidade lhe achara em toda a sua vida».

Os cronistas às vezes chegam a ser indiscretos!

Zeferino Pereira da Silva, natural de Quintiães, Juiz de Direito substituto em Barcelos, senhor da casa de Espregueira nesta freguesia, faleceu em 1874.

P.^e António Joaquim de Queiroz, natural desta freguesia, onde faleceu em 1912, foi abade de Torres Vedras, Vigário Geral da Vara, etc.

Dr. José Afonso de Espregueira, bacharel formado em Matemática e Filosofia pela Universidade de Coimbra, nascido em Viana do Castelo em 1832, onde faleceu em 1884, era filho do Comendador Mateus dos Santos Barbosa, da casa de Espregueira, desta freguesia, e de D. Teresa Carolina Afonso Barbosa.

Exerceu vários cargos em Viana.

Foi um dos mais entusiastas fundadores do Teatro Sá de Miranda, daquela cidade, proprietário e redactor de «A Aurora do Lima», jornal fundado em 1855.

Conselheiro Manuel Afonso de Espregueira, cujo nome anda ligado à Casa de Espregueira, desta freguesia, bacharel em Matemática pela Universidade de Coim-

bra e Engenheiro de Pontes e Calçadas pela Escola de Paris, nasceu em Viana do Castelo em 1835.

Assentou praça em 1850, chegando a general de brigada em 1899, e em 1902 a general de divisão de reserva, por ter sido julgado incapaz do serviço militar pela sua idade.

Sobraçou a pasta da Fazenda por várias vezes, foi Par do Reino e desempenhou cargos importantes e comissões de serviço com proficiência. Condecorado com várias Ordens nacionais e estrangeiras, publicou alguns trabalhos.

José Gonçalves Dias Neiva, natural desta freguesia, grande proprietário e capitalista, senhor da Estância Termal dos Cucos em Torres Vedras, faleceu sem descendência, instituindo herdeiro dos seus grandes haveres um seu sobrinho.

Levantou-se, porém, grande questão judicial nesta comarca, movida por vários parentes que se julgavam com direito a herança, tentando anular o testamento.

Intervindo nesse pleito vários advogados e solicitadores desta comarca e doutras, acabou porém a questão por uma transacção, em 1933, dando o herdeiro à parte contrária uns quatrocentos contos para dividir por todos, e aos advogados e solicitadores para cima de mil e quinhentos contos, tocando setecentos, trescentos e cem contos a cada um!

O povo agraciou estes com o título de *Comendadores de Torres Vedras* e os autores da revista «Ai que treta se Marquinhas», que há meses subiu à cena no Teatro Gil Vicente, de Barcelos, aproveitaram o caso para um dos seus melhores quadros.

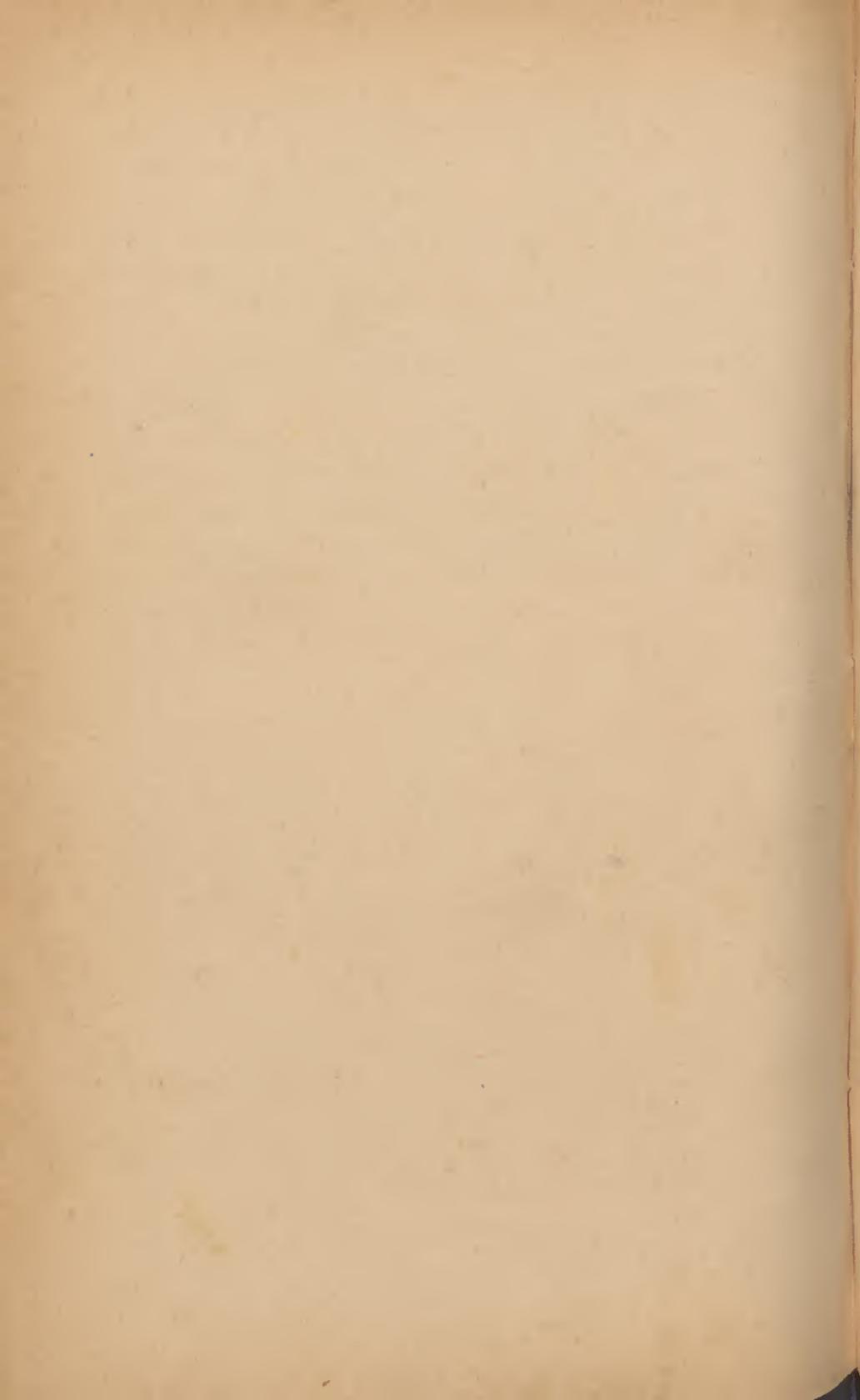
Passava por esta freguesia a antiga estrada do Porto a Santiago da Galiza.

Esta estrada, partindo do Porto, vinha à ponte do Ave e à ponte do Este, à vila de Rates e daí a Barcelos.

Em Barcelos atravessava o Campo da Feira, rua dos Ferreiros, ia pelo Patarro, Carregal, St.º Amaro (S. Martinho de Vila Frescainha) a Santa Maria do Abade, Santa Margarida, em frente à igreja daquela freguesia.

Dali seguia às Almas de Vilar do Monte, à Portela do Ladrão, aos Feitos e couto de Palme.

Entrando no couto de Fragoso, atravessava o rio Neiva na antiga ponte, entrava no couto de Capareiros, ia por Mujães e Deão até Geraz do Lima, onde se atravessava o rio Lima no sítio da Passagem, entrava em Lanheses e dali subia à serra de Arga, passava em Coura e Valença onde, atravessando-se o rio Minho, se passava em barco para Tuy e daqui seguia para Compostela.



Galegos (Santa Maria)

GALEGOS, orago Santa Maria, era uma abadia da apresentação da casa solar de Azevedo.

O nome desta freguesia e da seguinte, diz o P.^e António Gomes Pereira no seu livro «Tradições Populares», já citado, originou-se evidentemente de alguma colónia de homens da Galiza ali estabelecidos.

No nosso onomástico há bastantes lugares com explicação semelhante.

Assim Francos, Vila Franca, Mouros, Riba de Mouro, Vilar de Mouros, Estorãos (de Astúrias), Aldeia Galega, etc.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação = «De Sancta Maria de Galegos», de Terra de Prado, e nela se diz que o rei não é o padroeiro nem tem aqui reguengo algum, que esta igreja tem sesmarias e 9 casais e meio; Manhente, 9 casais e meio; Vilar de Frades, 3 casais e Várzêa, 1 casal.

Dizem mais que «Frojam et Cacavelos sunt pausa Regis, et dant ibi Maiordomo quod comedat».

Nas Inquirições de 1258 se diz: *In Judicato de Prado, Item in parochia Sancte Marie de Golletibus* que ouviram dizer que «in Troian avia presso, et in Cacavelos presso del Rey». Dizem mais nessas Inquirições que os desta freguesia pagavam *voz e caomia* ao senhor de Prado.

Aparecem nelas os seguintes nomes de lugares: Pedreiros de Traz la Fonte e vila Donega.

Esta freguesia, que pertencia ao concelho de Prado e parte era do Couto de Manhente, foi incorporada em 1835 no actual concelho de Barcelos.

A *Igreja Paroquial* está situada ao lado direito da estrada que da do Eirogo vai até à capela de S. João.

Tendo sofrido grandes obras e reformas nos princípios do século passado e por outras posteriores ficou um templo amplo e espaçoso.

A sua fachada moderna é amparada do lado esquerdo por uma alta e sólida torre para os sinos, seguindo-se-lhe a sacristia e casas de arrumação.

Nos outões das paredes do edificio sobressaem dos telhados seis bem trabalhadas pirâmides.

O adro que a circunda, fechado por parede, tem três aberturas de serventia.

Dentro, a capela-mor foi há poucos anos forrada a madeira em caixotões e a tribuna do seu altar é em estilo antigo.

O corpo da igreja é também forrado a madeira em caixotões e no sanefão, que reveste o arco cruzeiro, tem gravada a data 1909.

Junto a este arco está de cada lado o seu altar, seguindo-se-lhe do lado direito dois e do lado esquerdo uma capela, sendo estes altares todos em estilo moderno. Tem púlpito antigo e no coro, reformado há poucos anos, excepto uma saliência do mesmo do lado esquerdo que é antiga, tem gravada a data 1903.

A pia baptismal, em granito bem trabalhado, tem a seguinte inscrição: «A. L. F. 1903».

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

Capela de Santo Amaro, antiga, pequenina, simples, com um largo alpendre em frente à sua porta principal

suspensão em duas colunas, cercada por um pequeno adro, está situada em sítio alto e desafogado, donde se disfruta um amplo panorama.

Na padieira da porta travessa tem gravada a data 1662.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira, tendo do lado esquerdo um pequeno coro no mesmo plano do pavimento da capela e a seguir a este a sacristia.

O corpo da igreja é também forrado a madeira.

É um templo muito pobrezinho; o seu altar, único, não tem tribuna. Tinha uma antiquíssima, mas há poucos anos foi queimada, havendo então a promessa de colocar outra no sítio, o que ainda se não cumpriu.

No terreiro em frente à capela ergue-se um bem proporcionado cruzeiro com coluna e capitel coríntio, mas sem data nem inscrição.

A imagem do padroeiro é de muita devoção para os povos daqui. A sua festa é no domingo seguinte ao dia 15 de Janeiro. Os devotos conduzem na romagem em volta da capela pernas e braços de pau que os festeiros cedem para esse fim em troca das esmolas.

Existe na sacristia um montão destes membros humanos, grandes e pequenos (adultos e crianças) para alugar no dia da festa.

Capela de São João, pequenina, tem uma galilé suspensa em seis colunas.

Dentro, é forrada a madeira e o seu único altar em boa talha antiga.

Esta capela é pública e nela funciona a Confraria de São João.

Capela do Senhor da Saúde, nas Caldas do Eirogo, e está situada ao sul da casa, antiga residência do senhorio da quinta e que depois se transformou em hospedaria dos banhistas.

Forrada a madeira, o retábulo do seu único altar é liso sem qualquer espécie de talha.

É particular e pertence ao Ex.^{mo} Snr. Dr. Aurélio Queiroz.

Em frente à capela de São João ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, simples, sem arrebiques de arte, ostentando, porém, no seu capitel um escudo estilo D. João V com as armas da casa solar de Azevedo, coberto com a coroa de conde.

Fechando o mesmo largo ao norte foi construído o *Cemitério Paroquial*, vendo-se no seu portão a data 1891.

Existem nesta freguesia as seguintes *Alminhas*: as da Portela, as da Pena, as da Aldeia, as do Souto Campelo e as de Casal do Monte.

Ao lado esquerdo da Igreja Paroquial, a facear com a estrada, fica a *Residência do Pároco*, bom edifício antigo, fazendo-se nele a entrada por uma escada exterior com pátio e seu alpendre sustentado por duas colunas. Dentro, no seu amplo salão, ainda se vê um fogão de pedra metido na parede para aquecimento, mostrando em tudo a relativa comodidade com que viviam os seus abades.

Assenta esta freguesia em planície, com pequenas ondulações de terreno, no vale do Tamel, e é fertilizada pelo ribeiro do Eirogo que nasce na freguesia de Oliveira e vai desaguar no ribeiro de Fontelo, afluente do Cávado.

É servida pela estrada que da de Barcelos a Prado vai ligar com a que desta cidade vai a Ponte do Lima pela Ponte de Anhel e por um travesso que daquela estrada vai até à capela de S. João.

As suas fontes públicas são: Ruço, Galha, Carregal, Igreja, Trás da Fonte, Fraião, Reservatório da Pena e Escorregadia.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Roriz, pelo nascente com a de Oliveira e a de São Martinho de

Galegos, pelo sul com a de Manhente e S. Veríssimo do Tamel e pelo poente com a de Arcozelo e a de Lijó.

A sua população no século xvi era de 44 moradores; no século xvii era de 48 vizinhos; no século xviii era de 89 fogos; no século xix era de 684 habitantes, e actualmente é de 806 habitantes, sendo 337 varões e 469 fêmeas, sabendo ler 128 homens e 52 mulheres, havendo 626 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, S. João, Pena, Casa Nova, Portela, Santo Amaro, Casal do Monte, Souto, Aldeia, Trás da Fonte, Arrabalde, Oleiros, Caldas, Eirogo, Valdemir, Vessada, Fraião e Penelas.

As suas casas mais importantes são: a da Aldeia, a do Macedo, a do Souto, a do André, a do Salgueiro, a de Trás da Fonte e a das Almas.

Não tem Escola Oficial; funcionou há tempos aqui um Posto de Ensino, mas esse mesmo já não existe!

A principal indústria desta terra é a olaria, fabricando-se principalmente *figurado* em barro.

Há uma barbearia, três lojas de comércio e duas Caixas do Correio.

Dentro dos limites desta freguesia estão as afamadas *Caldas do Eirogo*, caldas que pròpriamente assim podem ser chamadas só depois das suas águas serem aquecidas, como são, em uma caldeira, antes de serem conduzidas às banheiras.

Estas águas, frias na sua nascença da fonte da Castanheira e muito preconizadas pelo Dr. António José Lopes Alheira, natural da freguesia da Alheira e Lente da Escola Médica do Porto, foram analizadas por ordem do Governo em 1867 pelo Dr. Pereira Caldas, Professor do Liceu de Braga, por J. B. Schiappa de Azevedo e F. G. Klass, Engenheiros de Minas.

O químico José Júlio Rodrigues diz que estas águas sulfúreas, mineralizadas pelo gaz sulfídrico de que são umas das mais ricas em Portugal, pouco alteráveis, o que lhes facilita o transporte, são das *melhores águas mine-rais do reino*.

A sua virtude é para a cura de moléstias herpéticas, efélides e suas congêneres.

Tomadas internamente, curam moléstias de estômago.

O Balneário, o edificio do Hotel e pequenas casas de aluguer para banhistas, foi tudo obra do saudoso e incansável trabalhador pelo engrandecimento desta Estância balnear, Crisógno Alberto de Sousa Correia, natural de Penafiel, mas que a Barcelos e principalmente a estas águas deu o melhor dos seus esforços.

Dispondo de pequeno capital elevou ainda assim a fama destas águas a um ponto tal que depois da sua morte nunca mais atingiu.

Actualmente muito em decadência no Estabelecimento Balnear ainda há 4 tinas de 1.^a, 6 de 2.^a e 4 de 3.^a classe, além de duches e inalações.

Tem surgido entre os barcelenses por vezes a ideia de trazerem estas águas para a sua cidade e várias vereações camarárias se tem occupado do assunto, sem contudo até hoje Barcelos ver realizada uma das suas maiores aspirações.

A última Câmara Municipal, presidida pelo Snr. Dr. Ramos, mandou tirar uma planta do futuro Estabelecimento Balnear na quinta do Rio, em Barcelos, e da canalização destas águas até ali.

Custava a realização desse projecto, por ser obra grandiosa, muito dinheiro?

Talvez, mas poderia custar menos com obra mais modesta: com um pouco de sacrificio e com o dinheiro

que inutilmente se tem gasto com algumas obras, já essas águas estariam na cidade.

Aqui, entregues a entidade competente, entrariam numa época de progredimento e Barcelos, estância thermal, muito lucraria.

No Eirogo, atenta ao local feio em que estão e à distância da cidade, nunca poderão ter a concorrência de banhistas que merecem.

Se estas águas fossem em um reino, diz Pinho Leal no seu «Portugal Antigo e Moderno», que tivesse autoridades mais solícitas, seriam famosas em toda a Europa e uma fonte inesgotável de riqueza pública. Cá não se cuida nestas coisas.

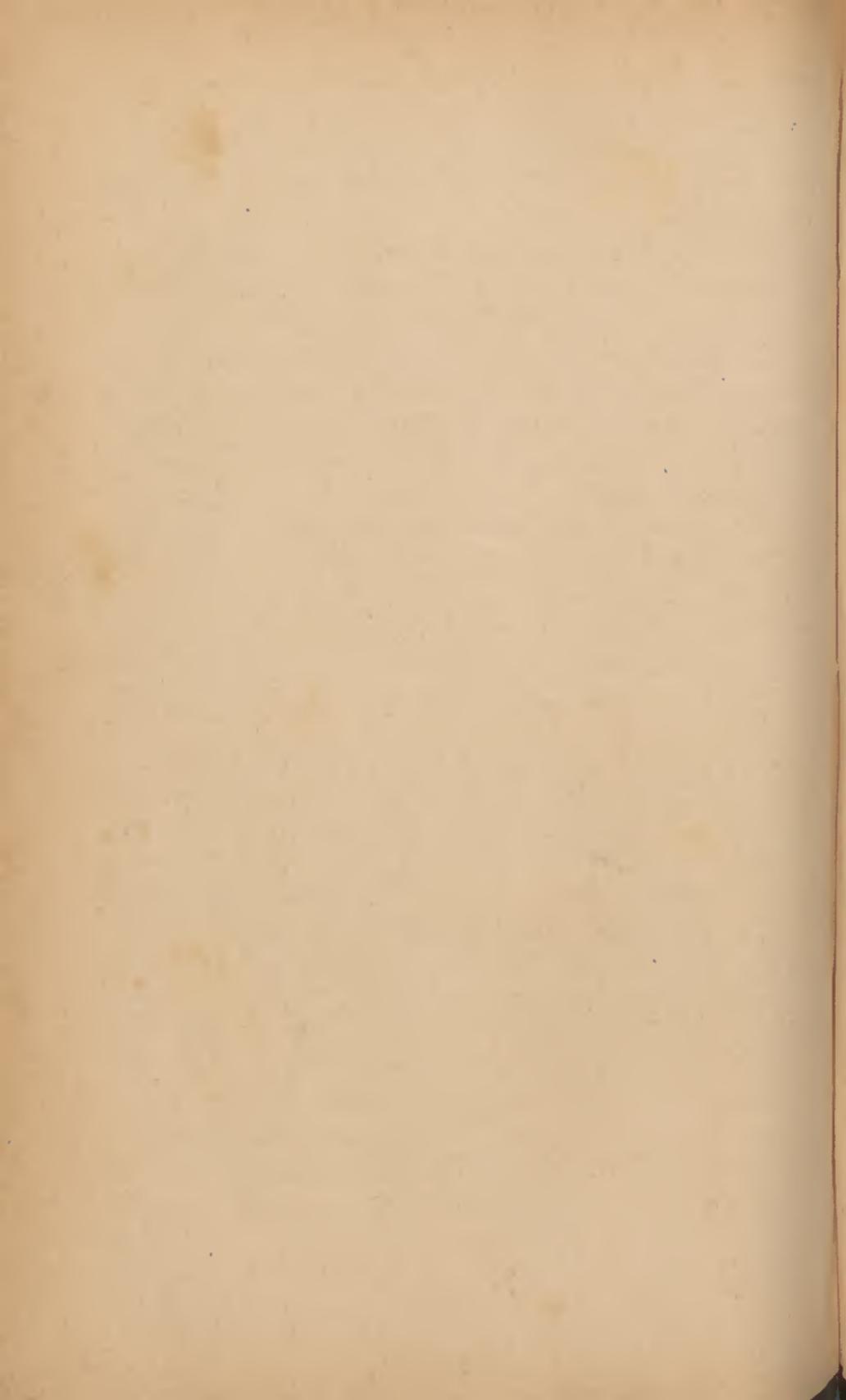
Foi esta freguesia uma das que maior contingente de homens deu para o movimento popular em Barcelos de 1846.

Eclodiu este movimento na vila de Prado e na sua marcha sobre Barcelos foi arrebanhando, voluntariamente ou à força, lavradores e operários pelas freguesias por onde passava.

Chegando a Barcelos, esses guerrilheiros fizeram as suas tropelias perseguindo algumas autoridades e queimando a papelada da Fazenda e Recebedoria do concelho em um grande auto de fé.

Invadindo os estabelecimentos comerciais, levaram os novos pesos e medidas e atiraram-nos ao rio.

Foi como se vê esta revolução em Barcelos uma grande tempestade num copo de água!



Galegos (S. Martinho)

GALEGOS, orago São Martinho, era uma vigararia da apresentação do arcebispo de Braga.

A origem do nome desta freguesia é a mesma da anterior (1).

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação «De Sancto Martino de Gallecos», de Terra de Prado.

Nelas se diz que o rei não era o padroeiro e que esta igreja tinha sesmarias e 4 casais; Águas Santas, 1 casal; Vilar de Frades, 2 casais; Manhente, 2 casais e Várzea, 6 casais; nas mesmas se diz mais: «quod habet ibi dominus Rex quosdam Regalengos, et dant inde ei terciam de octuno, et de milio medium, et dant illos Maiordomi pro offretione ad laborandum».

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258, 1.^a Alçada, *in Judicato de Prado, item, in parrochia Sancti Martini de Galletibus*, se diz: «et quantos moram fora do Couto pectam voz e caomia. Et dixit di ouvida ca fora do Couto avia uno lugar que chamam Stevaim e que servia a Prado.

(1) No «Ocidente», vol. V, n.º 141, se diz que terras galegas são as terras safras e pouco produtivas, o que se não pode aplicar a estas freguesias.

Aparecem-nos nessas Inquirições os lugares de Serra, Donego, Ribelas, Leiras, Rial, So o Penedo, Fonte de Tayva e Cacavelos.

Esta freguesia pertenceu ao concelho de Prado, passando em 1855 para o de Barcelos.

O concelho de Prado abrangia, além desta freguesia, as de Oliveira, Galegos (S. Martinho), São Romão da Ucha, São Veríssimo do Tamel, Roriz, Igreja Nova, Lama e Manhente, que hoje pertencem a Barcelos.

O concelho de Prado é fundação de D. Afonso III, que lhe deu foral em 1260, e tinha por sede a vila do seu nome.

Este concelho era governado por dois Juizes Ordinários, três Vereadores e Procurador do concelho, por eleição trienal do povo presidida pelo Ouvidor do concelho, tinha um Meirinho, também de eleição, que servia de Carcereiro, Escrivão da Câmara, Escrivão da Almotacaria, quatro Tabeliães, Meirinho do Ouvidor, proprietário, Juizes dos Órfãos com seu Escrivão, tudo da apresentação do Senhor da vila de Prado e só o rei provia o officio de Escrivão das Cinzas.

Tinha Capitão-Mor e Sargento-Mor com quatro Companhias de Ordenanças, fora a do couto de Manhente.

A vila de Prado teve vários senhores: os Sequeiras, os Soares de Albergaria, os Melos e os Sousas, sendo estes alçados à dignidade de Condes de Prado por D. João III, que criou este título por decreto de 1 de Janeiro de 1526.

Foi 1.º Conde de Prado D. Pedro de Sousa, senhor de Beringel e do Prado, alcaide-mor de Beja e de Alcácer do Sal, Capitão de Alcácer Ceguer e fronteiro de África, descendente de D. Martim Afonso Chichorro, este filho do rei D. Afonso III e de D. Inês Lourenço de Sousa, da nobre família dos Sousas.

O concelho de Prado foi extinto por decreto de 24 de Outubro de 1855, passando as freguesias que o compunham para os concelhos de Braga, Barcelos e Vila Verde.

A *Igreja Paroquial* de S. Martinho de Galegos erigiu-se em sítio elevado.

O antigo edifício desta igreja era baixo e acanhado, tendo sido reconstruído e ampliado no mesmo sítio onde estava nos fins do século passado.

No alto da sua frontaria abre-se um nicho com a imagem do padroeiro que tem na peanha: S. Martinho. Ao lado direito eleva-se uma alta e bem construída torre para os sinos e na padieira da porta principal vê-se a data da sua reconstrução—1898.

Atrás da torre foram construídas a sacristia e casa de arrumação. Entre estas e a torre está a campa do P.^o João de Deus da Silva Ferraz, abade desta freguesia, a qual contém a seguinte inscrição: «A' MEMORIA DO REV.^o JOÃO DE DEUS DA S. FERRAZ O CLERO DO ARCIPRESTADO DE BARCELOS 12-5-1915».

Aos pés dessa campá, dependurada da parede da torre, vê-se muita cera oferecida à memória deste santo e boníssimo varão que passou a vida a fazer bem.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque com ornatos a gesso e altar em talha simples.

No pavimento do supedâneo do altar tem do lado do evangelho a inscrição «P. 1894» e do lado da epístola «F. 1896».

Na parede da sacristia está dependurado o retrato a craion do P.^o João de Deus da Silva Ferraz com os seguintes dizeres: «Benfeitor desta freguesia. Paroquiou de 1887 a 1915. Ajudado por um seu amigo mandou edificar a capela-mor desta igreja e juntamente com seus paroquianos edificou a torre desde a primeira cornija, e, auxiliado por dois amigos colocou nela dois sinos, o maior

e o mais pequeno. Gastou aqui toda a sua fortuna e mais longe ainda iria a sua generosidade se não fosse um ataque que o acometeu em 1902. Faleceu em 12 de Maio de 1915».

A largos traços aqui fica concretizada toda a sua vida.

O corpo da igreja é forrado também a estuque com ornatos em gesso. No tecto, ao centro, tem gravada a data — 1899.

Tem dois altares laterais com talha moderna, púlpito e coro. A pia baptismal é moderna, mas muito bem trabalhada.

À entrada da porta travessa tem pintada no pavimento a data 1901.

Não tem esta freguesia Cemitério; aqui ainda se enterra no adro.

Ao lado direito da igreja, separada desta pelo adro, ergue-se a *Residência Paroquial*, também reformada e tornada habitável pelo saudoso P.^o João de Deus.

O *Cruzeiro Paroquial* fica ao sul da igreja, em um pequeno largo. É simples, modesto, sem data nem inscrição.

Nesta freguesia há apenas uma capela que é a de *Santa Marinha*.

Esta capela, baixa, pequenina, com um alpendre em frente da sua porta principal, foi reformada e ampliada nos princípios deste século, sendo adquirida há poucos anos pelo Snr. Ernesto da Silva Campos.

A freguesia de São Martinho de Galegos, situada em planície, na bacia orográfica do Cávado, é fertilizada pelo ribeiro dos Gairos, que nasce no monte da Piedela, freguesia de Oliveira, e vai desaguar ao Cávado, no sítio de Novelas.

É servida pela estrada nacional de 2.^a classe n.º 8, de Barcelos a Montalegre, por Prado, e por um travesso,

tão estreito, sendo mais um caminho vicinal concertado, que vai até à igreja.

As suas fontes públicas são: Gairos, Igreja e Mondelo.

Confronta pelo norte com a freguesia de Oliveira, pelo nascente com a de São Vicente de Areias e a da Lama, pelo sul com a de Manhente e pelo poente com a de Santa Maria de Galegos.

A sua população no século xvi era de 12 moradores; no século xvii era de 70 vizinhos; no século xviii era de 130 fogos; no século xix era de 351 habitantes e actualmente é de 486 habitantes, sendo 220 varões e 266 fêmeas, sabendo ler 72 homens e 62 mulheres, havendo 352 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Campo, Bouça, Souto de Oleiros, Real, Cova, Pinheiro, Vilarinho, Gandarinha, Telheira, Vilar, Outeiro, Boavista, Penelas e Carregosa.

As suas casas mais importantes são: a de Campos, a da Telheira, a das Quiterias e a da Bouça.

Houve nesta freguesia a casa de Campos, em ruínas já nos princípios do século xviii.

Foi esta casa, segundo diz Pinho Leal, solar dos Campos, família nobre em Portugal a quem D. Afonso V deu brasão de armas em Portalegre no ano de 1465.

Tem esta freguesia 3 lojas de comércio, uma Caixa do Correio e Escola Oficial mista, de 1 lugar, que funciona em edifício arrendado.

Há luz eléctrica desde 1927, com distribuição aos domicílios.

A sua indústria principal é a olaria, fabricando-se louça de barro grossa, louça de barro vidrada e polida, e muito *figurado*.

Nesta indústria ocupa-se uma grande parte da sua população.

Há três ou quatro estabelecimentos no género mais importantes; de resto há muitas famílias que em suas casas se entregam a esta indústriá, principalmente em *figurado*.

Não é raro, ao passar, ver às portas das casas homens, mulheres e até crianças entregues a este mister.

As louças desta região estão espalhadas por todo o Portugal, indo os próprios fabricantes vendê-las às vezes a terras longínquas.

No Museu Municipal das Torres está um arcaz tumular românico que era desta freguesia; é bem interessante esse monumento funerário.

Quanto à capela de Santa Marinha temos a rectificar e a acrescentar que o antigo edificio, caindo em ruínas, foi demolido aí por 1890, aproximadamente, e em 1906 construído o actual, perto do sítio onde existia aquelle, pelo Snr. Joaquim da Silva Campos, natural desta freguesia, um dos que mais concorreu para as obras da igreja paroquial.

A capela de Santa Marinha, tendo sido arrolada em 1912 como bens pertencentes à igreja, foi comprada em praça pública pelo seu actual proprietário, o Ex.^{mo} Snr. Ernesto da Silva Campos.

Quando dissemos que nesta freguesia não havia Cemitério, fomos mal informados.

No lugar do Souto de Oleiros, 200 metros ao norte da igreja, foi construído um Cemitério, cuja obra de pedreiro está acabada, mas ainda sem gradeamento.

Os enterramentos não se fazem, porém, no cemitério; fazem-se, como dissemos, no adro da igreja e dizem-nos que esse cemitério ainda não serviu porque, passando por baixo a mina que vai dar água à fonte Mondelo, não querem *afogar os cadáveres*.

Esta vai pelo mesmo preço por que ma deram.

Igreja Nova

IGREJA NOVA, orago Santa Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Purificação, era uma abadia da apresentação da Mitra por concurso.

Vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 sob a denominação «De Sancta Maria de Ecclesia Nova», de Terra de Prado, e nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum, que o rei não é o padroeiro e que esta igreja tem sesmarias e 3 casais; Manhente, 3 casais; Palme, 3 casais e Cervães, 1 casal.

Dizem mais: «De casali de Gateira debent ibi includere ganatum et dare inde 1 spatulam et caseum».

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, 1.^a Alçada, *in judicato de Prado, in parochia Sancte Marie de Ecclesia Nova*, se diz: «que filios et netos de Pelagio Falcon sum et am de seer Mayordomos de Terra de Parada de voz e caomia per cabeça».

«Et todolos outros erdadores que moram in essa vila de Guymarancelos dam fossadeira, et intra y o Mayor-domo a voz et a caomia et omizio, se o fezerem, et darem ao Mayordomo a comer de qual vida teiverem quando y for.

Et in aquela erdade de Paay Falcon inchouverem y o ganado, et guardarem y os presos».

Aparecem nessas Inquirições os nomes dos lugares de Quintana dos Alvitos e de Fontano.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia, sita em lugar alto e desafogado, é cercada de um adro parapeiteado de parede com duas entradas, tendo a da frente seu fojo de pedra.

Não é edificio grande, mas de regulares dimensões. Na sua fachada simples abre-se uma bem proporcionada rosácea e na verga da porta principal lê-se a data—1690.

Ao lado esquerdo da fachada e encostada a esta ergue-se uma pequena torre para os sinos, com seu relógio, e detrás desta a sacristia.

Em 1924 caiu um raio nesta torre, destruindo-a até meio, bem como parte da fachada da igreja, vendo-se ainda parte da sua cornija mutilada.

Foi porém tudo reconstruído, a padieira da porta principal no mesmo formato e com a data que continha substituída, e na torre colocado um pára-raios.

No lado direito do adro vêem-se à superfície da terra os rebordos de uma sepultura de pedra sem tampa; outra igual serve no Passal de bebedouro aos animais.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira com pintura berrante antiga, tendo ao centro pintada uma custódia, símbolo do Sacramento.

O retábulo do seu altar é em talha simples, em estilo renascença.

O corpo da igreja é forrado a estuque, tendo no centro a imagem em gesso da padroeira.

Tem quatro altares em talha simples, moderna, púlpito, coro e pia baptismal de granito, ainda que antiga, sem ornatos.

A *Residência Paroquial* fica ao lado direito da igreja, apenas separada desta pelo adro e por um estreito caminho de servidão, e tem sobre uma porta a data 1680.

O *Cruzeiro Paroquial* ergue-se em um pequeno largo formado pelo cruzamento de caminhos ao poente da igreja.

É simples, liso, sem estilo, não contendo data nem inscrição.

O *Cemitério* foi construído ao lado esquerdo do adro, com porta para este.

Ao fundo, encostado à parede, tem um *Nicho* de Alminhas, talvez trazido de outro sítio, sem painel, lendo-se por baixo na base a seguinte data:

$$18 \frac{7}{9} 65.$$

Nesta freguesia há apenas uma capela que é: *A Capela de São Sebastião*.

Ao nascente da matriz, em uma pequena eminência de terreno, quase nos limites da freguesia de Parada de Gatim, ergue-se esta pequena capela.

A sua capela-mor, a primitiva ermida de São Sebastião, é forrada a madeira e contém o único altar, cujo retábulo é em talha simples.

O corpo da igreja foi também modernamente forrado a madeira; tem púlpito e coro.

Este tempozinho, muito bem venerado, mostra a devoção do povo para com este santo.

Esta freguesia, situada na bacia orográfica do rio Neiva, ainda que em regular altitude, assenta em planície.

É atravessada pelo rio Neiva de nascente a poente e fertilizada pelo ribeiro das Águas da Fonte, que nasce na freguesia da Alheira, afluente daquele rio, junto à Ponte de Anhel.

As suas fontes públicas são: a do Eido de Cima, a da Breia e a do Barredo.

Não é servida por estrada alguma: para lá chegar é preciso calcurriar uma grande distância por caminhos ínvios, pedregosos e lamacentos, ou desde a estrada de Parada de Gatim, ou da estrada de Barcelos a Ponte do Lima pela ponte de Anhel, ou finalmente da estrada par-

ricular da casa de Proença, na freguesia de Vilar das Almas, pertencente ao Ex.^{mo} Snr. Vasco Avelar, a quem devemos a permissão de por ela transitar e mais facilmente penetrar nesta freguesia.

Igreja Nova é apenas conhecida da governança nas épocas do pagamento das contribuições; de resto . . . benefícios nenhum tem recebido.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Vilar das Almas (Ponte do Lima); pelo nascente com a de São Mamede de Escariz e a de Parada de Gatim (ambas de Vila Verde); pelo sul com a de Cervães (também de Vila Verde); e pelo poente com a da Alheira.

Como se vê, esta freguesia é uma excrescência do concelho de Barcelos nós de Ponte do Lima e Vila Verde.

A sua população no século xvi era de 39 moradores; no século xvii era de 70 vizinhos; no século xviii era de 52 fogos; no século xix era de 334 habitantes e actualmente é de 460 habitantes, sendo 180 varões e 280 fêmeas, sabendo ler 63 homens e 19 mulheres, havendo 378 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Paredes, Eido de Baixo, Eido de Cima, Pereiros, Outeiro, Fim de Vila, Cachada e Valada.

As suas casas mais importantes são: a da Brasileira, a dos Vilelas, a do Apolinário e a de Garim.

Não há aqui Escola Oficial; funciona apenas há pouco tempo um Posto de Ensino, mas só para o sexo masculino.

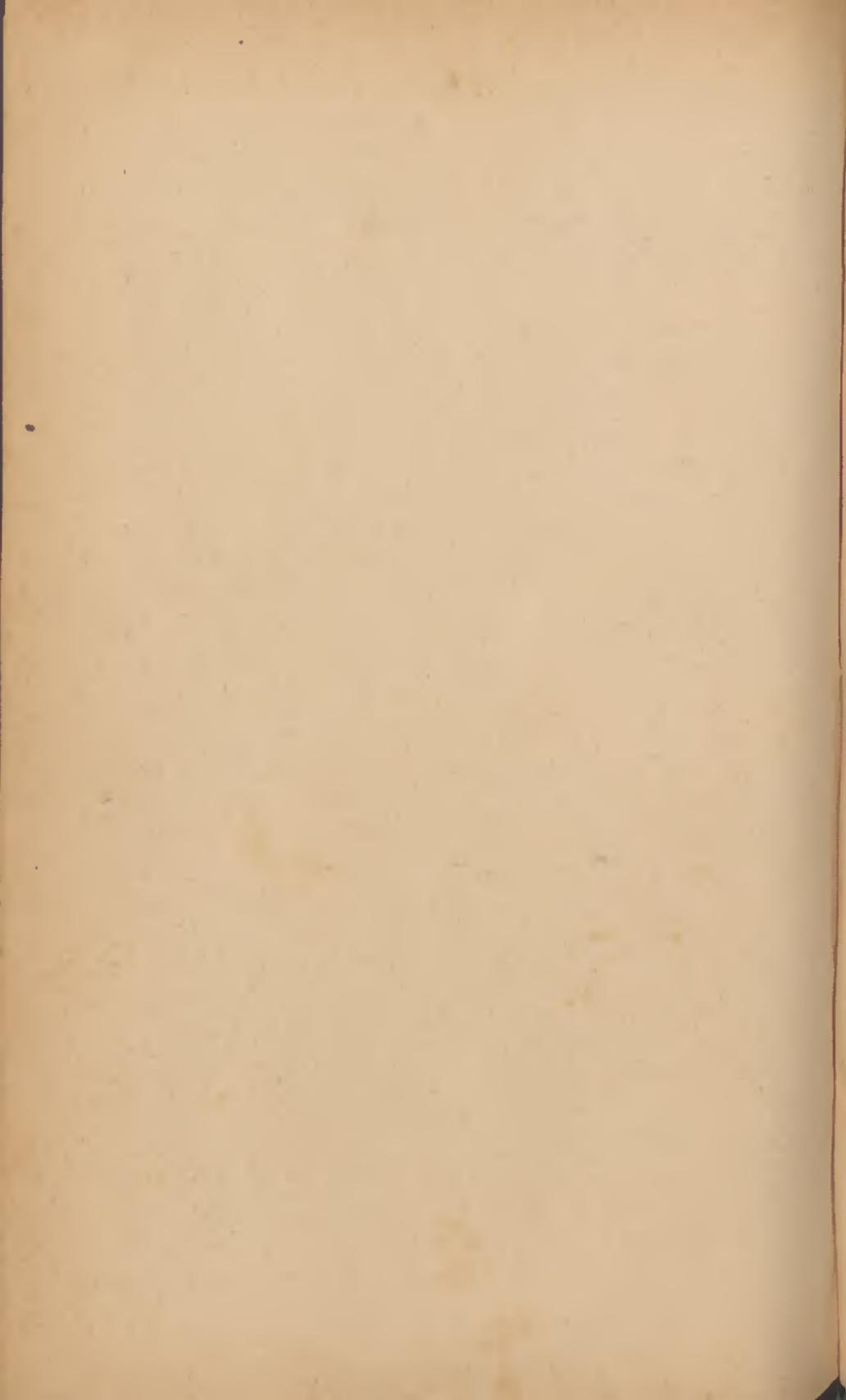
Tem 3 lojas de comércio e Caixa do Correio.

Atravessava esta freguesia a antiga estrada que de Braga vinha à ponte de Prado e daí seguia pela ponte de Anhel, Cabaços e Ponte do Lima.

Esta terra hoje tão isolada, ficava outrora à margem de uma estrada que ligava povoações importantes e que devia ser muito frequentada.

Neste ponto a civilização pouco beneficiou esta freguesia.

Manuel Fernandes Leque, natural da Alheira, adquiriu largos haveres em Lisboa e, vindo residir para a Igreja Nova, fundou aqui, dotando-a, a Confraria do Sacramento no século XVIII.



Lama

LAMA, orago São Salvador, era uma vigararia da apresentação do mosteiro beneditino de Tibães.

A actual freguesia da Lama é formada por duas freguesias: São Salvador da Lama e São Salvador de Sandim.

Sandim ficava ao poente da Lama, metendo-se de permeio entre esta e aquella freguesia a de São Vicente de Areias.

Há pouco tempo, porém, fez-se eclesiásticamente uma rectificação de limites das freguesias da Lama e São Vicente de Areias, ficando a extinta de Sandim ligada à da Lama e dando-se à de São Vicente de Areias, em compensação, outros terrenos e lugares que pertenciam à da Lama. Trata-se agora da confirmação civil deste acordo.

Lama vem do latim *lāma, ae*, o atoleiro ou lodaçal e *Sandim* do genitivo *Sandini* do nome próprio gótico *Sandinus*.

Nas Inquirições de 1258, 1.^a Alçada, diz-se: *in iudicato de Prado, Item, in parrochia Sancto Salvatore de Lama* que in Couto de Azevedo, sabiá una teira da Regada que trazia o Mayordomo; et que de Cova de Castineiro davam x ovos de foro; que duas cabeceiras de Regaengo que jazem azenias et fazem foro desuno con a da Bouza al Rey.

Nas mesmas Inquirições de 1258, vem a freguesia de S. Salvador de Sandim e nelas se diz:

«*Item, in Sancto Salvatore de Sandim que non avia y el Rey nen uno direito. (Item, in esta collatione ha el Rey seu Regaengo demarcado, scilicet, na Redonda 1 leira. Item, na Condessa 1 leira. Item, so a Parede da Novela 1 leira. Item, do Porto de Casayno de Susão ata en a Fonte de Lourentim é a sexta regaenga. Item, da Enfesta é a sesta regaenga)*».

Ignoramos quando foi unida a freguesia de Sandim à da Lama; no C. da P. de 1527 já não vem porém aquela freguesia.

A freguesia da Lama, com alguns lugares da de São Romão da Ucha e da de Oliveira, formava a chamada Honra e mais tarde Couto de Azevedo.

Esta Honra e Couto tinha Juiz anual, o qual com o povo elegia o sucessor, a cujo acto presidia o Senhor da Honra.

O Juiz só tinha jurisdição nos negócios municipais e sobre coimas; no cível e no crime estava sujeito ao Juiz do concelho de Prado.

Foi sempre senhor desta Honra o senhor da casa solar de Azevedo, sito nesta freguesia.

É muito antigo o senhorio desta casa.

Rezam velhos cronistas que o senhorio de Azevedo ascende aos anos de 900 ou 950 da era cristã.

D. Arnaldo de Bayão herdara «a quintãa de Azevedo» de sua mãe D. Ermegenda Gonduzindes, filha de D. Godozindo, conde de Lugo, que a trouxera em dote para casar com D. Ero Arnaldes, «o povoador de Bayão».

A Honra de Azevedo foi extinta, como todas as outras, em 1790 e a casa de Azevedo andou sempre na linha varonil dos Azevedos até o século XVIII, D. Maria Emília de Azevedo sucedendo-lhe seu filho Francisco Lo-

pes de Azevedo Velho da Fonseca, 1.º Conde de Azevedo, que falecendo sem geração deixou a sua sobrinha D. Maria Cândida Falcão de Azevedo Pereira de Bourbon e Meneses, casada com Francisco Barbosa do Couto Cunha Soto-Maior, pais do seu actual possuidor, o Ex.º Sr. Dr. Pedro de Barbosa Falcão de Azevedo e Bourbon, 2.º Conde de Azevedo.

A casa solar de Azevedo, com suas varandas, páteos e torre ameidados, é um verdadeiro solar minhoto da Renascença.

No cunhal sul-nascente da sua torre e na janela renascença ostenta o escudo com as armas desta casa: em campo de oiro uma águia de negro estendida.

As mesmas armas se vêem sobre a porta nobre de entrada desta casa, mas tendo o escudo daquelas coberto com a coroa de conde.

Dentro, nos seus grandes salões, encontram-se verdadeiras preciosidades artísticas e históricas.

Além da sua grande e valiosa livraria, azulejos antigos que revestem algumas das suas paredes, admiram-se no seu vasto salão de recepções retratos a óleo, telas representando batalhas e factos históricos em que figuram senhores desta casa, várias armas antigas, o montante e morrião que Martim Lopes de Azevedo usou na batalha de Aljubarrota.

Na varanda norte, junto à escada de entrada desta casa, vê-se a pedra em que Martim Lopes de Azevedo, em 1536, mandou gravar a seguinte inscrição: ESTA. TORE. CAZAS. E HONRA. DE. AZEVEDO. VENCEO. MARTIN. LOPEZ. DAZEVEDO. F.º DE. DI.º DAZEVEDO. E. DE. DONA. ISABEL. DE. SOVSA. CÕ. SVA. MOLHER. DONA. ISABEL. DE. TAIDE. POR. SER. O. CHEFE. ESTA. CAZA. E. SOLAR. DOS. AZEVEDOS. E. ELE. AVENCER. CÕ. A. DTA. SVA.

MOLHER. CÕ. TODAS. AS. PERTECAS. Q. JAZE.
NO. DITO. COVTO. DAZEVEDO. E. CÕ. O. CASAL.
DA. LOVSA. Q. ESTA. E. A. FREIGUESIA. DE. PRA-
DO. TODO. POR. MORGADO. E. ASIA. VECEO. A.
QVITA. E. COVTO. DE. SOVTO. CO. TODAS. SVAS.
PERTECAS. DETO. E. HO. COVTO. E. TERA. DE.
BOVRO. CÕ. AGOA. LEVADA. E. COVAS. E. VILA.
E. VARZIELA. TVDO. POR. MORGADO. E. ASI. VE-
CEO. A. IGREJA. DE. SCTA. M. DE. GALEGVOS.
COM. SVA. ANEXA PADROADO. FEITO. NA.
ERA. DE. 1536.

1.5.3.6

No terreiro exterior, junto à casa, vê-se uma mesa quadrada de pedra, a qual tem no rebordo virado ao sul a palavra=FORAL=no virado ao nascente=DA HONRA E COVTO=e no virado ao norte=DE AZEVEDO.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia estava situada no lugar da Igreja, ao poente da Residência Paroquial. Era porém um edifício baixo e acanhado. Para avaliar das suas proporções e dimensões, basta dizer que o soalho do coro era por baixo da padieira da porta principal e um homem de regular estatura em pé naquele soalho chegava com a cabeça ao tecto da igreja e no arco cruzeiro um homem com os braços abertos tocava com as mãos nas paredes!

Em vista disto foi demolida em 1907 e construída no mesmo lugar da Igreja, distante daquela uns 200 metros para nordeste.

O actual edifício, situado em sítio elevado, donde se disfruta um panorama desafogado, é de arquitectura muito simples.

Em frente à fachada, separado da igreja pelo adro, ergue-se um pequeno torreão para os sinos: era o que estava junto à igreja velha. Do lado esquerdo da fa-

chada do templo vêem-se os alicerces para a torre e atrás ergue-se a sacristia.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque com ornatos em gesso, tendo aos cantos as letras H. E. C. M.

O retábulo do altar é moderno.

É forrado a estuque liso o corpo da igreja e tem dois altares laterais em talha moderna, sendo, porém, apenas antigas as duas colunas do altar do lado da epístola e os frontais de ambos que vieram da igreja velha.

Tem coro, púlpito e pia baptismal, esta antiga mas simples e sem ornatos.

O *Cruzeiro Paroquial* está ao nascente da igreja; é simples, sem data nem inscrição.

O *Cemitério* foi construído junto à estrada de Barcelos a Prado e tem no seu portão as letras S. P.—1890—S. L.

Nesta freguesia há apenas uma capela:

A *Capela de Nossa Senhora do Leite*, que enfrenta a casa de Azevedo, é de architectura moderna, fachada simples com uma larga janela ao centro. Na penha da cruz que a encima tem gravada a águia dos Azevedos.

Ao lado esquerdo está a sacristia.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, altar de talha simples, tendo no pavimento uma sepultura rasa brasonada com a seguinte inscrição: «JAZIGO DE FRANCISCO LOPES DE AZEVEDO VELHO DA FONSECA DE BARBOSA PINHEIRO PEREIRA E SÁ, 1.º CONDE DE AZEVEDO, nasceu em 21 de fevereiro de 1809, faleceu em 25 de dezembro de 1876.

FRANCISCO BARBOSA SOTTO MAYOR em TESTEMUNHO de GRATIDAO E AFFECTO MANDOU COLOCAR ESTA LAPIDE».

O corpo da igreja é também forrado a madeira, tem dois altares laterais metidos na parede em talha antiga, coro e púlpito.

No pavimento tem outra sepultura com tampa de pedra, brasonada, com o seguinte epitáfio: «JAZIGO DE D. MARIA JOSE CARNEIRO DE GRAA MAGRIÇO COELHO MARINHO FALCAO SOTTO MAIOR, 1.^a CONDESSA DE AZEVEDO, nasceu em 6 de agosto de 1802 e faleceu em 3 de janeiro de 1886.

FRANCISCO DE BARBOSA SOTTO-MAIOR em TESTEMUNHO de GRATIDÃO e AFFECTO MANDOU COLOCAR ESTA LAPIDE».

Na sacristia tem um belo lavabo em pedra metido na parede, tendo esculpida a águia usada no brasão desta casa.

O pavimento da sacristia bem como da capela é todo lajeado.

Esta freguesia está situada em planície na margem direita do rio Cávado e é fertilizada pelo ribeiro dos Gairos, que nasce no monte da Piadela, freguesia de Oliveira, e vai desaguar ao Cávado.

É servida pela estrada de Barcelos por Prado a Montalegre, estrada de 2.^a classe n.º 8, e confronta pelo norte com as freguesias de Roriz e de Oliveira, pelo nascente com a de São Romão da Ucha, pelo sul com o rio Cávado e pelo poente com a de São Vicente de Areias e a de S. Martinho de Galegos.

O Couto e freguesia da Lama no século XVI tinha 20 moradores; no século XVII tinha 80 vizinhos; a freguesia da Lama no século XVIII tinha 68 fogos; no século XIX tinha 423 habitantes e actualmente tem 591 habitantes, sendo 247 varões e 344 fêmeas, sabendo ler 94 homens e 38 mulheres, havendo 459 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Azevedo, Rio, Fonte, Eido de Baixo, Piadela, Santo André, Costa, Estrada, Monte, Lugar de Baixo, Gondomar, Carqueijoso, Outeiral, Gairos e Escampados.

As suas casas mais importantes são: a de Azevedo (brasonada), a da Piadela, a do Outeiral, a da Estrada, a dos Gairos e a do Eido.

Tem duas lojas de comércio, Caixa do Correio e Escola Oficial, de 1 lugar, que funciona em edificio arrendado.

A sua indústria mais importante, depois da agrícola, é a olaria. Aqui fabrica-se loiça vidrada grossa e algum *figurado*.

Dos homens mais importantes desta freguesia respiguemos alguns nomes dentre os senhores de Azevedo: *D. Paio de Azevedo* que se achou na conquista de Sevilha (1248); *D. Vasco Pais de Azevedo* que esteve com D. Afonso IV na batalha do Salado (1340) e quando ainda era príncipe acompanhou-o nas diferenças com seu pai el-rei D. Dinis; *Gonçalo Vasques de Azevedo* que também esteve naquela batalha e na tomada de Algeciras (1344); *Lopo Dias de Azevedo*, armado cavaleiro pelo rei D. João I, em Aljubarrota (1385), esteve com seus filhos na tomada de Ceuta (1415); *Martim Lopes de Azevedo*, esforçado cavaleiro que mereceu ser contado entre os *Doze de Inglaterra*, esteve com seu pai em Ceuta, onde foi armado cavaleiro, e acompanhou os Infantes na jornada de Tânger (1434) onde foi morto com seu filho Lopo de Azevedo; *Martim Lopes de Azevedo*, amigo dedicado do Prior do Crato, sendo preso e sequestrados seus bens, alcançou mais tarde o perdão; *Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca*, 1.º Visconde e 1.º Conde de Azevedo, Moço Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Torre Espada, Comendador da Ordem de Cristo, Procura-

dor às Cortes em 1828, Governador Civil de Braga (1846), Deputado da Nação (1815-52), da Academia Real das Ciências de Lisboa (1853), e ainda outros, etc. (1).

No século XVI foi lançado interdito pela autoridade eclesiástica de Braga à igreja desta freguesia bem como a outras do então concelho de Prado.

Vamos contar os factos que se deram nessa ocasião, como são narrados por Mons. J. A. Ferreira na sua monumental obra «Fastos Episcopais», vol. 3.º, pág. 111, e que muito se relacionam com esta freguesia.

Martim Lopes de Azevedo foi um dos partidários mais leais de D. António, Prior do Crato.

Este, pretendente ao trono português e aclamado rei em Santarém, foi perseguido pelo vencedor rei castelhano D. Filipe II, andou foragido pelo Minho antes do seu embarque para França e esteve escondido na freguesia da Lama, no solar de Azevedo

O arcebispo de Braga de então, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, que foi um grande santo mas um mau português, seguiu o partido do rei intruso.

O Dr. Francisco de Caldas Pereira amotinou os cristãos novos em Braga, a cidade anarquizou-se e o arcebispo teve de fugir para Tui.

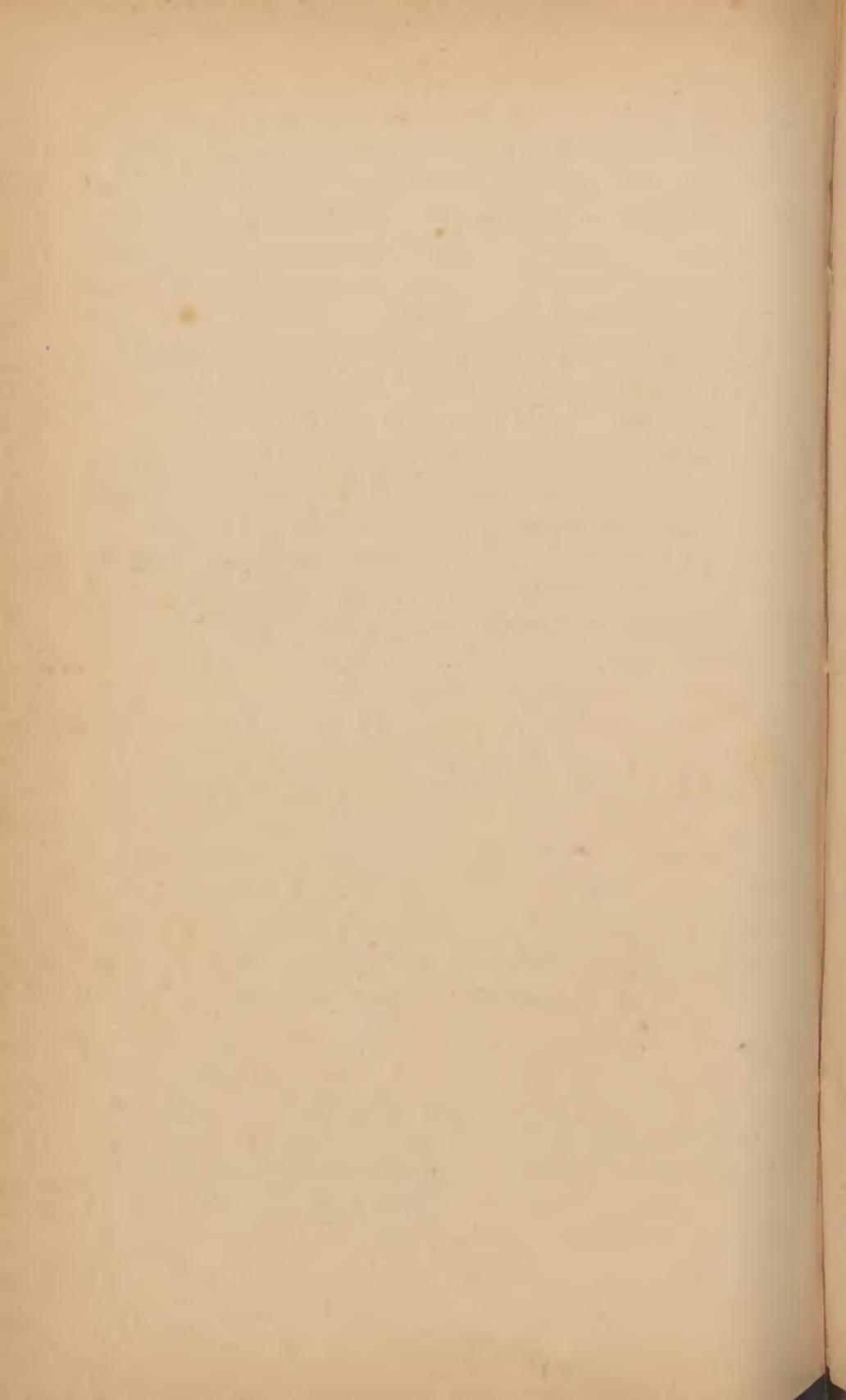
Na ausência do arcebispo, Martim Lopes de Azevedo, capitão-mor da vila de Prado, entrou em Braga com gente armada, tomou a Jurisdição dela, fez-se proclamar alcaide-mor e prendeu alguns eclesiásticos, do que resultou um processo perante o Vigário Geral da diocese.

(1) Para melhor esclarecimento deste assunto e de outros veja-se «Cartas Inéditas de Camillo Castello Branco ao 1.º Conde de Azevedo», do meu presado amigo Dr. Pedro de Barbosa Falcão de Azevedo, 2.º Conde de Azevedo.

Em 28 de Agosto de 1580 o Vigário Geral Gregório Rodrigues *expediu uma carta de interdicto* para o mosteiro de Tibães e seu Couto e para a vila de Prado e igrejas do seu termo por motivo das justiças daquelas terras impedirem a passagem de mantimentos para Braga, prenderem e vexarem os moradores desta cidade com a ajuda do dito Martim Lopes de Azevedo. Não sabemos quando terminou este interdito.

No Museu Arqueológico das Torres, em Barcelos, existe um arcaz tumular românico sem tampa que era desta freguesia.

No alto da serra de Oliveira, ainda dentro dos limites da freguesia da Lama, existem vestígios de construções antigas *do tempo dos mouros*, diz o povo, e, segundo nos informam, perto daquela povoação, na encosta da mesma serra, existiu uma antiga capela de São Lourenço, hoje completamente desaparecida.



Lijó

Lijó, orago Santa Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção, era uma vigararia da apresentação do arcediago de Santa Cristina.

Lijó parece vir de *lageolus* diminutivo de *lagea*.

O P.^o António G. Pereira nas «Tradições Populares» diz que «esta freguesia é quase toda plana e formada em grande parte de pinheirais. A pedra que se encontra nas paredes das bouças e dos campos, e também em algumas casas, é duma qualidade um pouco esbranquiçada e mole, dessa que sai sem trabalho das pedreiras por estar já fraccionada em *piquenas lages* a que os antigos chamavam *lageolus*».

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação — «De Sancta Maria de Ligioo» de Terra de Nevia.

Nelas se diz que o rei não é padroeiro e mais «quod habet Rex in Raido quoddam Regalengum, et dant terciam, et 1 caponem, 10 ovas, 6 denarios» que «in Eiquiam habitant quatuor herdatores, et pectabant vocem et calumpniam; et quando posuerunt renda in terra posuerunt super illos 3 morabitos, et modo non dant per quod sunt homines de domna Stephania, de fogacia.

Et omnes vadunt ad castellum».

Que esta igreja tem sesmarias e a *quintam* de um casal; Banho, 10 casais e meio; Hospital, tem aqui uma herdade de que dão cinco *taleigas* (1) pela medida de Barcelos, 1 capão 10 ovos; São Pedro de Calvelo, 1 casal e a terça parte, e Tibães, 1 casal.

Nas Inquirições de 1258 diz-se: *in parrochia Sante Marie de Ligioo, in Judicato de Nevia*, Item, «que el Rey non est padrom desta ecclesia».

Fala-se nestas Inquirições em Paredes, Campo Figueira, Rayndo, Enquiam e Traz o Rio.

«Et in ista parrochia intra o Mayordomo a 4 caomias, ergo que non intra in Enquiam. Et vam a fazer o Castello».

A Igreja Paroquial, por ser pequena e insuficiente às necessidades do culto, foi demolida e no mesmo sítio edificado em 1918 o novo templo, amplo e espaçoso.

Na sua frontaria alta e bem proporcionada, ainda que sem os arrebiques da arquitectura, vê-se em uma pedra por cima da porta principal a inscrição: Construído por subscrição paroquial em 1918.

Ao lado direito, a facear com a fachada, eleva-se a torre para os sinos, seguindo-se-lhe as sacristias: a Paroquial e as da Confraria.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque com altar em estilo moderno.

O corpo da igreja é forrado a madeira, vendo-se ao centro um quadro alusivo ao Sacramento. Tem em bela

(1) *Taleiga, taliga, thaliga ou teiga era uma medida antiga variável de território para território.*

«Porém não sendo a *teigula* ou *teiga* dos antigos uma medida certa e geral, senão para um particular território, *celleiro* ou *senhorio*; daqui nascia haver *teigas* de quatro alqueires, de tres, de dous e ordinariamente de um só alqueire».

St.^a Rosa de Viterbo — *Eluc.* — vol. II, pág. 226, v. Taliga.

disposição quatro altares laterais modernos, coro, púlpito e pia baptismal em granito, antiga, tendo sido *aperfeiçoada* com cimento, há poucos anos.

Em frente à igreja, ao fundo de um pequeno largo, está o *Cemitério Paroquial*, que tem sobre o seu portão a data 1887.

Este cemitério é precedido de um pequeno e bem cuidado jardim todo florido que alegra o lugar.

Ao lado direito da igreja, junto à capela-mor, separada desta apenas pelo adro, ergue-se o *Presbitério*, reconstruído há dois anos e transformado em uma linda e confortável vivenda.

O *Cruzeiro Paroquial* foi colocado em um pequeno largo ao lado esquerdo da igreja, junto à estrada. É antigo, simples e modesto, sem data nem inscrição.

No mesmo lugar da igreja, mas mais ao norte e do mesmo lado da estrada, vê-se uma cruz de pedra com a seguinte inscrição: PELAS ALMAS DO PVRGATORIO P. A. V. M.^a 1721.

Esta cruz pertencia ao Calvário que havia no adro da igreja, do qual ainda existem algumas cruzes, e que para aqui foi trazida há poucos anos.

Há ainda os seguintes cruzeiros: um numa bouça em frente à Capela de Santa Ana da casa da Retorta.

É um belo exemplar de estilo D. João V, tendo na base (em cada face um algarismo) a data «1765».

Há outro cruzeiro nas Pontelhas, muito antigo, com inscrição indecifrável.

Há ainda o cruzeiro da Capela de S. Sebastião e o da Capela de S. Miguel.

Existem nesta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de Santa Ana*, junto da casa da Retorta, é em estilo D. João V, estando a sua fachada a facear com o portão daquela casa no mesmo estilo.

Ao lado esquerdo da capela está a sacristia, encimando a sua parede lateral uma sineira com seu sino.

Dentro, é forrada a madeira pintada e lajeada com sepulturas em pedra, tem altar com tribuna antiga, portas, pias de água benta em forma de concha, tudo em estilo D. João V.

É um encanto de arte; pena é que esteja tão abandonada.

Pertence ao Snr. José Duarte Senra.

A *Capela de Santa Cruz*, no lugar do Ribeiro, foi fundada na época em que se queria ver, em quase todas as freguesias deste concelho, cruces desenhadas no solo.

Assim aparecem-nos por aí as capelinhas de Santa Cruz, erigidas sobre essas cruces formadas de terra de cor diferente da do solo onde elas se desenhavam.

Contemos a história do aparecimento da *Cruzinha* em Lijó.

Em um domingo, 11 de Junho de 1843, fez-se nesta freguesia um *cerco* ou procissão de São Sebastião. Ao tempo que a procissão passava junto à capela do santo, tendo ficado atrás Constantino de Faria, Manuel Barbosa e Manuel Barbosa (?) todos desta freguesia, viram desenhada no chão uma cruz.

No domingo seguinte alguns paroquianos cercaram o lugar onde apareceu esta cruz com uma vedação qualquer, por causa dos animais, e passados 15 dias constituiu-se uma comissão, mandando fazer esta uma capela de taboado, na qual puseram um quadro com Cristo crucificado sob a invocação de *Senhor da Piedade*.

Mais tarde construiu o templozinho que vemos.

A *Capela de São Sebastião da Carreira* é pequena e antiga, tendo à frente da sua pequena porta principal um alpendre ou galilé, hoje derrubado, do qual apenas se vêem os vestígios.

Dentro, é forrada a madeira com altar moderno.

A *Capela de São Miguel*, em Paredes, é pequena e muito antiga com um só altar.

Esta freguesia, situada em planície no vale do Tamel, é atravessada pelo ribeiro do Porto, que nasce na freguesia de São Pedro de Alvito e vai desaguar ao rio Fontelo ou Tamel, afluente do Cávado, e é servida pela estrada municipal que da também estrada municipal n.º 28 de Barcelos a Ponte do Lima pela ponte de Anhel vai ligar com a que da mesma cidade vai àquela vila por Balugães no alto das Portelas, em S. Fins do Tamel, e ainda por um travesso, ou antes caminho concertado por onde podem passar carros, que do lugar do Mosqueiro e daquela estrada n.º 28 vem até à igreja.

Existem nesta freguesia duas pontes: a de Lombão, que dá serventia àquela estrada, e a das Pontelhas, que dá serventia àquele travesso de estrada.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Ramos, a de Raindo, a do Mosqueiro, a de Terrais, a de Paredes, a de Gondomar e a da Senra.

No lugar do Mosqueiro, virada à antiga estrada real de Barcelos a Ponte do Lima e de costas para a n.º 28, existe um elegante e antigo fontenário, tendo ao centro um *nicho* de alminhas e por baixo uma bica de água que cai em um taça de pedra. Ao lado desse fontenário existe uma grande pia e ao lado uma argola de ferro onde prendiam os animais quando bebiam.

Em frente desse nicho havia um alpendre suspenso em duas colunas, do qual apenas se vêem os vestígios e restos das colunas quebradas.

Ladeam o nicho duas pedras, cada uma com sua inscrição. Na do lado esquerdo lê-se: PROCVNCTIS ORANDO ANIMABVS SISTE VIATOR OH CAMINANTE BEBE DESTA AGOA E ATTENDE A MAGOA DO

NOSSO ARDOR—ANNO—e na do lado direito: EX-
QVES PROBA LYMPHA QVAE PLACET IPSE BIBE
SOCCORRE AS ALMAS DO PVRGATORIO QVE HE
MERITORIO O TEV FAVOR—1784—.

Nesta freguesia há a Fonte de Ramos ou *Fonte do Leite*, onde nascem águas miraculosas para as mulheres que não têm leite para amamentar as crianças.

Vem aqui mulheres de bem longe, crentes na eficácia daquelas águas e com fé bebem delas, obtendo os melhores resultados.

No lugar do Mosqueiro nascem as bem conhecidas águas sulfurosas, em tudo iguais às do Eirogo em St.^a Maria de Galegos, a que dão o nome de *Caldas de Lijó*.

Foram muito frequentadas estas Caldas no século XIX e ainda princípios deste, encontrando-se hoje, porém, em completo abandono.

O antigo Estabelecimento Termal está quase em ruínas.

Na frente tem de um lado da porta principal, que actualmente serve de porta de entrada de um estabelecimento comercial, uma pedra em que por entre um ramo de loureiro se lê—ANNO—e do outro lado noutra—1898—.

Aquele modesto edifício termal não causa desolação ao viandante em o contemplar, pois tão descurado está, com a sua venda à frente, que com certeza não descobre o fim para que foi construído.

Esta freguesia confronta pelo norte com a do Salvador do Campo, pelo nascente com a de Roriz e a de Santa Maria de Galegos, pelo sul com a de Arcozelo e a de S. João de Vila Boa e pelo poente com a da Silva e a de Carapeços.

A sua população no século XVI era de 48 moradores; no século XVII era de 95 vizinhos; no século XVIII era de 173 fogos; no século XIX era de 697 habitantes

e actualmente é de 912 habitantes, sendo 386 varões e 526 fêmeas, sabendo ler 179 homens e 52 mulheres, havendo 681 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Paço, Paredes, Madorno, Lombão, Pulgas, Retorta, Cruz, Ribeira, Outeiro, Raindo, Feital, Rego, Mouta, Inquião, Mosqueiro, Monte, Quingosta e Casas.

As suas casas mais importantes são: a do Paço (brasonada), a do Paço (a do Costa), a do Rego (brasonada), a do Morgado de Alijó (brasonada), a da Retorta, a dos Felgueiras, a do Senra em Paredes, a do Capitão e a do Fidalgo.

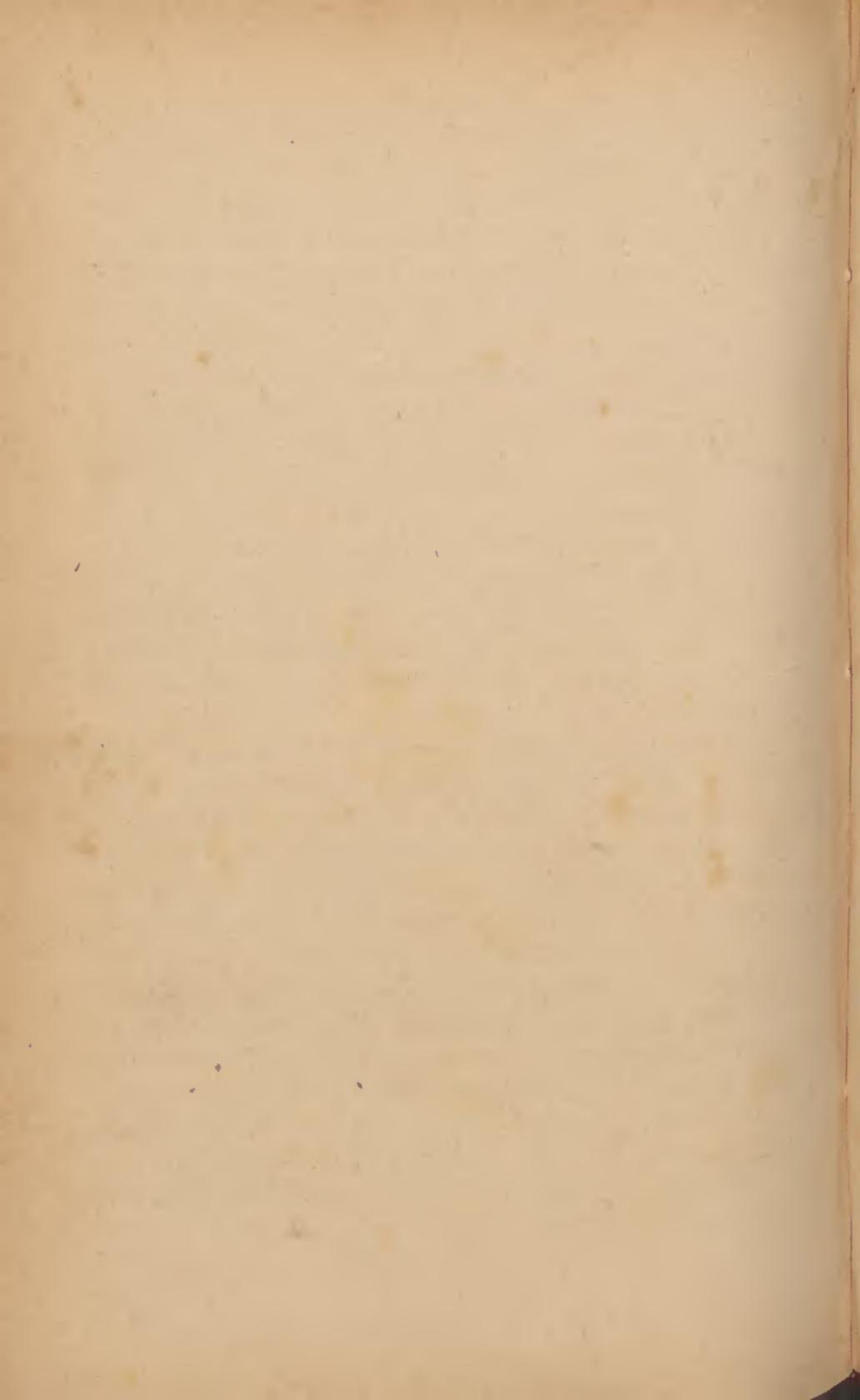
Tem 4 lojas de comércio, 2 Caixas do Correio e Escola Oficial que funciona em edifício próprio.

A Casa da Escola junto ao adro da igreja paroquial, tem na sua fachada a seguinte inscrição=EDIFICIO ADQUIRIDO SOB O GOVERNO DA DITADURA ANO 1930.

Existem vários engenhos de serrar madeira, moinhos de moer cereais e há a indústria típica de fazer cabos para instrumentos agrícolas que se vendem em Barcelos.

Foi Morgado de Alijó, nesta freguesia, *Estevão Bernardino da Costa Brandão*, Corregedor da Ilha da Madeira, Cav. da Ordem de Cristo, casado com D. Vitória da Cunha Alpoim da Silva.

Domingos Barbosa Duarte, Cav. da Ordem de Cristo, foi senhor da Casa do Paço, nesta freguesia, que lhe veio por Duartes, e na quinta das Torres em Castelo do Neiva (Viana do Castelo), instituiu o Morgado do Castelo do Neiva; foi casado com D. Maria Teresa Lobo da Cunha Jacome Correia, sucedendo-lhe na sua casa seu filho Domingos Barbosa da Cunha Lobo Soto-Maior, Major de Milícias em Barcelos.



Manhente

MANHENTE foi, depois da extinção do seu mosteiro, uma abadia da apresentação do arcebispo de Braga, passando, depois da união a Vilar de Frades, a ser uma vigararia da apresentação deste convento até 1834.

Diz o P.^e António Gomes Pereira que *Manhente* vem do genitivo *manienti*, do nome latino *manientus*, o homem que sofre de loucura ou *mania*.

Manhente foi primitivamente mosteiro beneditino da fundação de São Martinho, bispo de Dume..

Depois da conquista árabe e restauração visigótica, foi este mosteiro reedificado por D. Pedro Afonso Duques, casado com D. Godinha, neta de D. Soeiro Guedes da Várzea, fidalgo principal do seu tempo, filho de D. Guido Arnaldes e neto de D. Arnaldo de Bayão.

Pelos anos de 1403 o mosteiro de Manhente reduziu-se a abadia secular, e quarenta e cinco anos depois, a instâncias da rainha D. Isabel, o Papa Nicolau V permitiu que a abadia de Manhente se unisse, por morte do seu abade, ao convento de São João Evangelista de Vilar de Frades, que lhe ficava ao sul e apenas separado pelo rio Cávado.

Como aquele abade morresse na ocasião em que andava acesa a luta entre o convento de Vilar de Frades e o arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, este não

respeitou a ordem do pontífice, provendo na abadia de Manhente Diogo Afonso, criado da sua casa, prevalecendo assim, como sucede muitas vezes, a violência contra a justiça e a força contra a razão, como diz o P.^e Francisco de Santa Maria na sua «História das Sagradas Congregações» (Ceo Aberto na Terra), a págs. 400.

Por morte do dito Diogo Afonso, o arcebispo D. Luís Pires houve por boa a bula do papa e uniu a Igreja de Manhente ao convento de Vilar de Frades, da qual tomou posse em 1480, tomando também posse na mesma ocasião de São Vicente de Areias, como anexa que era daquela.

Manhente, como mosteiro beneditino, tinha um couto.

D. Afonso Henriques, sendo ainda Infante e estando no Castelo de Faria, por carta de 6 de Junho de 1126, na presença de sua mãe D. Tareja, que a confirmou, fez couto ao mosteiro de Manhente, divisando por marcos e balisas as terras que lhe coutava.

Os limites deste couto eram os seguintes: ... «e o dicto tem jacencia abaixo do Monte aliaria pelo rio Cavado, que corre ao pé dele, termo de Braga, comessa primeiramente o dito couto no lugar aonde o dito Rio se chama Rio Negro da hi pela aria do monte de Boi até ao Moinho do Frade assim como vai por aquella boza que parte o Villarinho de Real, e da hi pelo vale que se chama de talhos até ao escallario assim como vai por Penellas e da hi aquella mamazinha que parte as vilas d'Oneca do dito Mosteiro, assim como a villa de São Verissimo parte com a villa d'Oneca até ao ribeiro de Fontelo assim como entra em o Cavado, como vay pello veio do mesmo Rio Cavado até ao lugar onde primeiro começou».

Por força da antiga posse e confirmações do rei D. Afonso IV e de alguns reis seus sucessores, o reitor

do convento de Vilar de Frades era capitão-mor, senhor, Coudel-mor e alcaide-mor deste couto, para o qual nomeava Juizes no cível e órfãos a que assistia um escrivão da vila de Prado, onde ia o crime.

Este couto compreendia esta freguesia de Manhente e parte das de São Verissimo do Tamel, Santa Maria de Galegos e São Vicente de Areias.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem = «De Sancto Martino de Manenti de Monasterio», de Terra de Prado.

Nelas se diz: quod Rex nullum habet ibi Regalengum; quod dant de ista collatione de fossadeira 16 denarios. Et de Monasterio dant quartam de collecta; quod Rex non est patronus et quod iste Monasterius habet bonas senarias et 27 casalia.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258, 1.^a Alçada, diz-se: *In Judicato de Prado — in Couto Sancti Martini de Magnente* = que do Moesteiro de Magnente dam al Rey quarto de collecta et sunt 20 maravidiz.

A freguesia de Manhente foi incorporada no concelho de Barcelos pelas reformas administrativas do liberalismo.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia fica em sitio desafogado, no centro de um adro fechado por parede com uma entrada e respectivo fojo.

Ao lado direito do templo, separada deste pelo adro, levanta-se a velha torre fortaleza, ameada, de dois andares, vendo-se ainda interiormente as mísulas onde assentavam as traves dos pavimentos.

Tem esta torre cinco janelas e no ângulo junto à fachada do templo uma porta que parece que dava comunicação com este.

Exteriormente há naquela torre indícios de estar ligada com a igreja e vestígios de outras construções hoje desaparecidas.

O templo é um edifício baixo, pequeno, tendo sido a capela-mor acrescentada há poucos anos.

Este edifício conserva ainda exteriormente a feição românica primitiva, embora muito deturpada por obras subsequentes.

Na sua baixa fachada, terminada em ângulo e encimada por uma cruz floreada, abre-se uma janela rectangular a substituir a antiga rosácea, mantendo-se porém ainda intacto o seu pórtico românico em quatro arquivoltas de arco redondo, sucessivamente decrescentes, apoiadas as três interiores em três colunas de capiteis historiados.

Ao lado esquerdo, sobre a fachada, desfeitando-a, ergue-se um pequeno torreão para dois sinos, e do lado direito do pórtico, à altura de um homem, vê-se em uma pedra, metida na parede, a seguinte inscrição: MAGISTER GVNDISALVVS FECIT IN ERA MC 25 V: XOSLECTO. — 1125.

Do lado direito do templo vê-se cavado na parede lateral um arco tumular, sem sepultura. Informam-nos que o arcaz românico que está no Museu Arqueológico de Barcelos era o daqui.

Do lado esquerdo, por trás do torreão, ergue-se a sacristia. As antigas frestas foram substituídas por janelas rectangulares, vendo-se ainda os restos de uma no lado sul da capela-mor, e ao fundo da ábside, que é encimada por uma cruz de Cristo bem trabalhada, vê-se outra tapada a cal.

Nas proximidades desta igreja e até nas paredes que cercam o seu adro, há muitas pedras lavradas que serviram com certeza nas antigas construções demolidas.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque com ornatos em gesso e o pavimento é lajeado, tendo altar antigo com retábulo estilo renascença.

Entre a capela-mor e a igreja admira-se o belo arco cruzeiro românico em pedra bem trabalhada.

O corpo da igreja é forrado também a estuque com ornatos em gesso, tendo ao centro a imagem do padroeiro S. Martinho.

Tem dois altares laterais modernos em estilo simples e pobre, coro, púlpito e pia baptismal em granito, antiga.

Existem nesta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de Jesus, Maria José*, junto à casa dos Fogaças Ferrazes, é pequena, altar moderno, forrada a estuque com uma tela ao centro representando a Sagrada Família.

Esta capela, interiormente muito bem pintada e decorada, é um primor.

É particular e pertence ao Snr. Joaquim de Macedo Correia.

A *Capela do Senhor dos Passos*, a antiga, está em um largo fronteiro ao Cemitério.

É baixa, pequena, tendo na sua frente uma galilé ou alpendre, parapeiteado de pedra com três entradas e sustentado por duas colunas.

Dentro, o seu pequeno altar é em boa talha antiga e o seu tecto é forrado a madeira com pavimento lajeado.

A *Capela do Senhor dos Passos*, a moderna, ergue-se ao lado direito da estrada n.º 8 de 2.ª classe de Barcelos a Montalegre por Prado. É pequenina, tendo sido construída há uns quarenta anos.

Havia ainda a *Capela de Santo António*, pequenina, ao lado direito do portal ameado e brasonado dos Negrões, de altar antigo, mas hoje fora do culto. No pavimento vê-se ainda uma sepultura de pedra com a seguinte inscrição: AQUI JAZ O P.^b M.^{EL} DE SOVSA INDIGNO SACERDOTE IVNHO 23 DE 1690. A casa e capela pertence ao Snr. João Barbosa Pereira.

Em uma bouça, perto dessa capela, ergue-se um velho Cruzeiro, conhecido por «Cruzeiro do Vau», de capitel jónico, tendo na base: ERA 1702.

Nesta freguesia há ainda o *Senhor dos Desamparados* ou *dos Aflitos*: uma cruz de pedra com a imagem de Cristo, coberta por um alpendre sustentado por quatro colunas e cercado de grades de ferro.

Este padrão está ao fundo de um amplo terreiro ou avenida, aberta direita à igreja matriz.

Perto da capela do Senhor dos Passos, a antiga, ao lado norte do largo, estão as *Alminhas de Manhente*, com um grande alpendre à frente sustentado por duas colunas de pedra.

Ao lado esquerdo do nicho existe uma pedra onde se lê a seguinte inscrição: =ESTA OBRA MANDOV FAZER POR SVA DEVOÇAM HV FRADE DE VILLAR POR NOME=e do outro lado em outra pedra continua: =MANOEL DA CONCEIÇÃO E PEDE AOS PASAGEYROS POR AMOR DE DEVS LHE REZE POR SVA ALMA.

Por baixo, na soleira do nicho, lê-se a data = 1757 e dentro, por baixo do painel gravado na pedra: — LEMBREM-SE DAS ALM.^{AS} COM P. A.

No centro daquele largo ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, com base antiga, mas sem data nem inscrição.

Em frente a este, lado poente, foi construído o *Cemitério Paroquial*, que tem sobre o seu portão a data = 1880.

A *Residência Paroquial* ergue-se por trás da capela do Senhor dos Passos (a antiga) e é um edifício de regular aparência.

Esta freguesia, situada em planície, é fertilizada pelo ribeiro da Narcisa, de pequeno curso, que nasce na de São Martinho de Galegos e vai desaguar ao Cávado, e

é servida pela estrada n.º 8 de 2.ª classe de Barcelos a Montalegre, e por dois ramais que daquela estrada vêm até à igreja e à casa dos Fogaças Ferrazes.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Cristoí, a do Souto, a da Igreja e a da Carregosa.

Confronta esta freguesia pelo norte com as de São Martinho de Galegos e a de Santa Maria de Galegos; pelo poente com a de São Veríssimo do Tamel; pelo sul com o rio Cávado e pelo nascente com a de São Vicente de Areias.

Informam-nos que Manhente não confronta pelo nascente com a freguesia de São Vicente de Areias, mas sim com a de São Martinho de Galegos por esta freguesia crescer em uma tira estreita de terreno entre esta e aquela, até ao rio Cávado.

Não tivemos, porém, tempo de nos certificarmos da veracidade desta informação.

A população desta freguesia no século xvi, diz o Censo da População de 1527 — O couto de Manhente com Sam Verysymo e Sam Martinho, freguesias 63; no século xvii a corografia do P.º Carvalho diz que o couto de Manhente, tinha 140 vizinhos; no século xviii era de 240 fogos; no século xix era de 465 habitantes e actualmente é de 543 habitantes, sendo 228 varões e 315 fêmeas, sabendo ler 96 homens e 35 mulheres, havendo 412 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Assento, Monte, Gandra, Penedo, Souto, Barco, Gandarinha, Casas Novas, Telheira, Lagoa, Souto do Casal, Lage, Carregosa, Crestas, Longra, Mouta, Boco e Esprigo.

As suas casas mais importantes são: a do Melhorado, a dos Negrões (brasonada), a do Barco, a dos Fogaças Ferrazes, a da Bouça e a Quinta Nova.

A casa do Melhorado era o antigo «Quinto rio» de Vilar de Frades.

Tem 2 lojas de comércio, Caixa do Correio e Escola Oficial mista de 1 lugar, que funciona em edifício arrendado.

Há alguns fornos de coser telha e tem duas passagens de barco no rio: a de Vilar de Frades e a do Ourado.

Entesta na margem direita do rio Cávado o conhecido açude de Vilar, pertencente àquele convento.

Esta freguesia é iluminada a luz eléctrica, cuja energia é fornecida pela Sociedade de Electricidade do Norte de Portugal da sua central geradora da Penida, Pousa.

Por trás do padrão do Senhor dos Desamparados existe uma cabine para a distribuição da energia e essa cabine tem sobre a sua porta a seguinte inscrição = N.º 8 — Manhente.

Domingos Alves Ribeiro, casado com D. Ana Joaquina Ferraz, foi senhor da casa dos Fogaças Ferrazes, desta freguesia, e foram aqueles os pais de *D. Joaquim Pereira Ferraz*, bispo de Leiria.

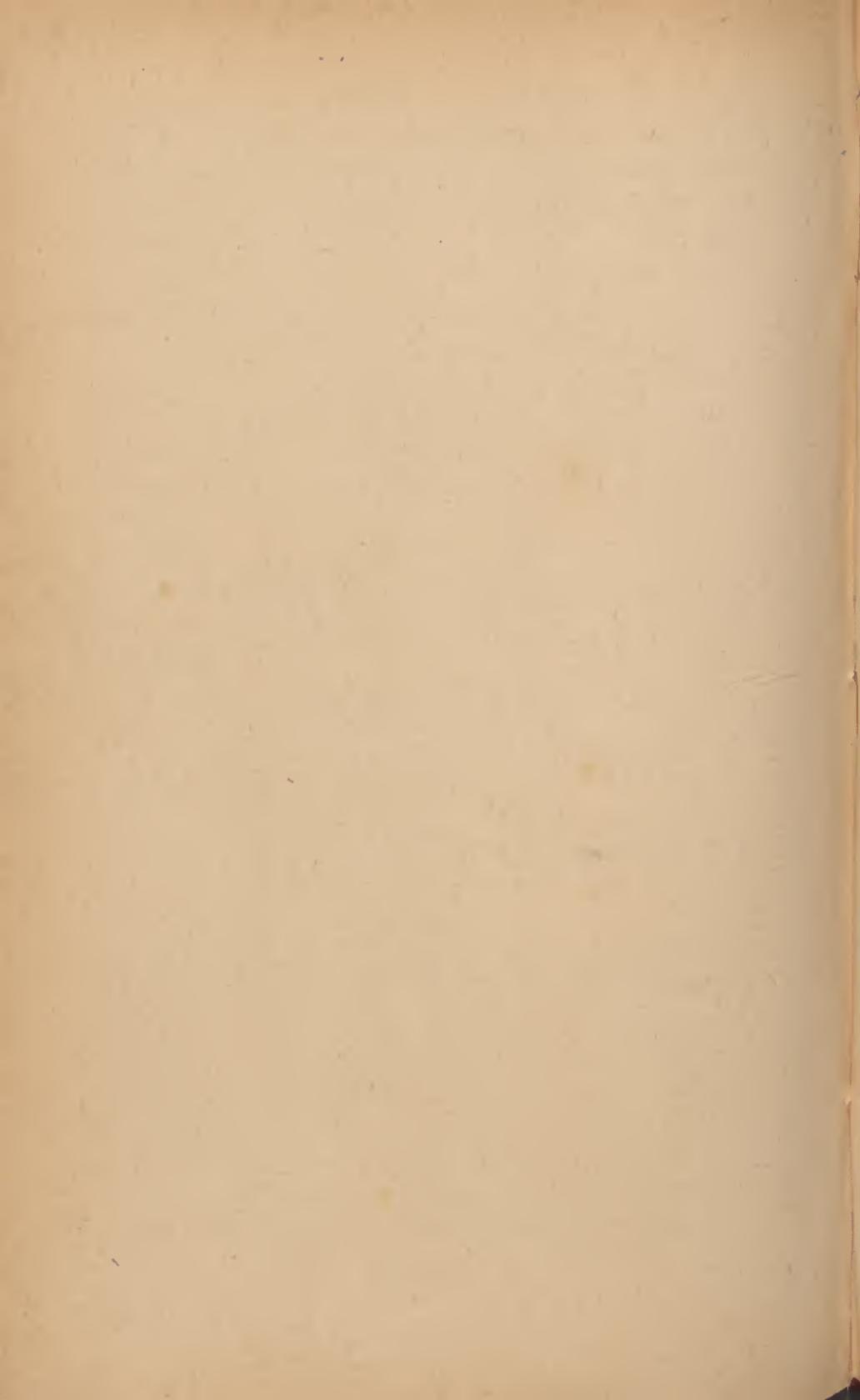
Nasceu este bispo em Barcelos aos 27 de Setembro de 1788, foi monge beneditino, formado em Coimbra em 1817, tomou capelo em 1818.

Secularizou-se em 1828, foi abade da freguesia de Meixedo, no bispado de Bragança, e lente catedrático na Faculdade de Teologia em 1834.

Governou o bispado da Guarda, foi eleito bispo de Bragança em 1847, sendo transferido para a diocese de Leiria em 1852.

O couto de Manhente tinha uma companhia de Ordenanças, que durou até 1834, e para a qual o reitor do convento de Vilar de Frades nomeava capitão.

No Museu Arqueológico de Barcelos existem um arcaz tumular com tampa e ornamentação simbólica (românico), marcos (século xvi) com a cruz dos Pereiras e a mesa Judicial medieval do couto de Manhente, pertencentes a esta freguesia.



Mariz

MARIZ, orago Santo Emilião, era uma vigararia da apresentação do reitor do convento de Vilar de Frades até 1834.

Esta igreja foi unida ao convento de Vilar de Frades pelo Papa Júlio II, a instâncias do cardial de Alpedrinha, no ano de 1507.

Mariz vem, segundo o P.^o António Gomes Pereira, «do genitivo *Marici*, de *Maricus*; ou antes do genitivo de *Malaricus* ou de *Manaricus*, para explicar o acento da primeira sílaba».

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação «De Sancto Miliano de Maariz» de Terra de Nevia e nelas se diz: que o rei não tem aqui reguengo algum, nem recebe foro algum, — *quia est cautum per patronos* e que o rei não é o padroeiro.

Nos *Bens das Ordens* se diz: «quod ista ecclesia habet senarias et 2 casalia, et medietatem de ecclesia. Varzea 2 casalia et medium. Balneum 3 casalia et medium, et quartam de ista ecclesia. Hospital e 3 casalia. Aquas Sanctas 10 restes de cebolias de renda. Et Sanctus Martinus de Crasto 20 restes.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258 se diz: *In Judicato de Nevia Item in parochia Sancti Miliani* que el Rey non est patronus da ecclesia. Item, dam al

Rey cada ano dois maravedis de renda, et segnas restes de cebolas aos Mayordomos de Barcelos; et non fazem al Rey outro foro ca est couto per padroes.

A nobre e antiga família Mariz teve seu solar nesta freguesia.

O Paço dos Marizes era a casa de Argemil, nesta freguesia, que depois passou a ser Morgado dos Ferreiras da casa de Cavaleiros.

Os Marizes dizem-se descendentes de Roberto de Mongo Mery, fidalgo francês, que veio para Espanha, onde se estabeleceu. Um dos seus descendentes, Afonso Nunes de Mariz, casado com D. Maria Carrilho, filho de Lopo Nunes Lopès de Mariz e de D. Maria de Ayala, seguindo o partido de D. Pedro contra D. Henrique nas lutas entre aqueles dois Príncipes sobre a coroa castelhana em que o primeiro ficou vencido, fugiu daquela Reino para Portugal e aqui viveu.

Álvaro Ferreira, senhor da casa dos Cavaleiros, que lhe foi tirada por um seu sobrinho, foi também senhor da casa de Argemil em cuja descendência andou até passar a estranhos por compra.

Esta casa tinha capela na igreja matriz de Barcelos, que foi vendida aos irmãos da Confraria de Nossa Senhora das Dores para nela collocarem a sua imagem e com a obrigação de venerarem as sepulturas que os senhores da casa de Argemil ali tinham.

Na reconstrução daquela capela, mandada fazer pela irmandade ao lado da sepultura de Álvaro Ferreira, falecido em Abril de 1501, encontrou-se outra com a tampa partida e os pedreiros ao restaurá-la picaram-lhe o letreiro.

Foi senhor desta casa no século xvi Rui Ferreira, o que teve o duelo com o Abade de Creixomil, como se narra na freguesia de Creixomil.

A casa e quinta de Argemil foi aforada no século XIX pela Viscondessa do Souto de El-Rei a um individuo conhecido por o «Amarante» e à morte deste foi arrematada em praça pelo pai da sua actual possuidora, a Snr.^a Joana Margarida Gomes.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia era primitivamente no lugar das Fontainhas ou Lajinhas e foi mudada no século XVII para o sítio onde está, lugar de St.^o Emilião.

Nas Lajinhas ainda se encontram, segundo nos informaram, vestígios da antiga construção daquela igreja.

O templo actual está situado no centro de um pequeno adro, cercado por parede, para o qual se desce por um escadório, fechado por cancelas de ferro.

Na sua fachada baixa em pedra, sem reboco, abre-se uma pequena rosácea, erguendo-se ao seu lado esquerdo uma sineira.

Na verga da porta principal, lê-se uma data — 1693, a da construção deste templo.

No adro, encostadas às paredes da igreja, erguem-se várias cruces em pedra.

Na que está ao lado direito da porta principal tem na base a seguinte inscrição: «M.^{el} dOliv.^a 1727» e na que está junto à escada para a sineira também na base, por baixo duma caveira e duas tíbias gravadas na pedra, lê-se a data — 1731.

Do lado esquerdo, atrás das escadas para o torreão está a sacristia e casa de arrecadação.

Este templo é baixo, sobre o comprido, e dentro a capela-mor é forrada a madeira pintada, sendo o seu altar em talha simples e moderna.

O corpo da igreja é também forrado a madeira pintada, tendo ao centro a imagem do padroeiro St.^o Emilião.

Tem dois altares laterais e do lado do evangelho um oratório.

Por trás destes altares, em estilo moderno, vê-se um arco metido na parede, tapado a pedra e cal, onde deviam estar os antigos altares.

Tem coro, púlpito e baptistério com pia em granito lisa e antiga.

A Igreja é iluminada do lado sul por três rasgadas janelas.

O *Cruzeiro Paroquial* estava no sítio onde foi construído o Cemitério, sendo dali mudado para o sítio onde está, junto à estrada, na ocasião da construção deste.

É baixo e modesto, a coluna moderna, sendo porém a base e a cruz antigas. Não tem data nem inscrição.

O *Cemitério Paroquial* é em frente à igreja, ao poente de um pequeno largo assombrado por muitas oliveiras e tem sobre o seu portão a data — 1888.

Ao sul do cemitério eleva-se um outeiro a que chamam «o monte do Castro».

Quando foi da construção do cemitério encontraram-se ali restos de antigas construções.

A *Residência Paroquial* está ao sul da igreja, para a qual se entra pelo adro.

Existem nesta freguesia as seguintes *Alminhas*: as de Mariz, as da Coutada e as de Covelos.

Actualmente não há capela alguma, nem pública, nem particular.

Existiu antigamente uma: a de *Santo António* junto à casa de Argemil.

Há, porém, muitos anos que foi profanada, servindo hoje de adega daquela casa. Dela apenas existem as portadas belamente almofadadas da sua porta principal.

Esta freguesia, situada no declive suave das margens do Cávado, é fertilizada pelo ribeiro da Anta ou da Ventosa, que nasce na freguesia de Vilar do Monte e vai

desaguar ao Cávado, e é servida pela estrada n.º 29 de Esposende a Braga.

As suas fontes públicas são: a de Santo Emilião, a de Mariz e a de Vilar.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Creixomil, pelo nascente com a de São Pedro de Vila Frescainha, pelo sul com o rio Cávado e pelo poente com a de Perelhal.

A sua população no século xvi era de 13 moradores; no século xvii era de 46 vizinhos; no século xviii era de 43 fogos; no século xix era de 183 habitantes e actualmente é de 227 habitantes, sendo 93 varões e 134 fêmeas, sabendo ler 37 homens e 8 mulheres, havendo 182 analfabetos.

A sua população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Santo Emilião, Argemil, Vilar, Covelos, Coutada, Paço e Ferreiro.

As suas casas mais importantes são: a de Argemil, a dos Matos, a do Martins, a do Cardoso e a da Cambia.

Tem uma loja de comércio, não tem Caixa do Correio nem Escola Oficial e a sua indústria é apenas representada por algumas moendas.

Há nesta freguesia umas águas minerais ainda não estudadas.

O P.^e Carvalho, na sua «Corografia Portuguesa», quando trata desta freguesia, diz: que tem uma fonte onde vão buscar água que benze o vigário para doentes, que a bebem, e tem muita virtude, particularmente para o fastio.

Estamos ainda sem saber se a virtude da água derivava das bênçãos do vigário de Mariz que a benzia ou das suas propriedades terapêuticas ainda por estudar.

Aires Ferreira, da casa de Cavaleiros, que perdeu por demanda, foi senhor de Argemil nesta freguesia e jaz

sepultado na Igreja Matriz de Barcelos, na capela que pertencia a esta casa.

Aires Ferreira teve três filhos varões e todos eles foram para a Índia batalhar.

O primogénito *Rui Ferreira de Mendonça*, senhor da Casa de Argemil por morte de seu pai, veio da Índia para se bater em duelo com o abade de Creixomil que tinha afrontado aquele seu pai, como se conta naquela freguesia.

Os franceses em 1809, quando marchavam de Barcelos sobre Esposende, tiveram um recontro com as milícias portuguesas, que lhe saíram de embuscada e lhe mataram alguns soldados na estrada real que passava junto à quinta de Argemil.

Um lavrador destes sítios, vendo que junto dos soldados mortos existia uma grande caixa, esperou pela noite e trouxe-a para casa, julgando que era o cofre do destacamento.

Altas horas da noite procedeu ao arrombamento daquela caixa em sua casa, antegozando já a posse de um valioso tesouro, mas aberta aquela, encontrou apenas... ferraduras, cravos e alguma ferramenta!

Tinha sido morto o ferrador dos cavalos do destacamento, deixando por despojos os instrumentos do seu ofício.

Calcule-se a decepção do lavrador!

Aponta-se ainda o sítio onde foram enterrados os soldados mortos nessa emboscada.

O grosso do destacamento, abandonando os mortos, voltou a Barcelos, onde estava o comandante Lorges, e reforçado aí, voltou pelo mesmo caminho seguindo até Esposende, fazendo uma razia, matando e incendiando tudo por onde passava.

Oliveira

OLIVEIRA, orago Santa Eulália, era uma vigararia da apresentação do D. Abade benedito do convento de Tibães.

Oliveira, antigamente conhecida por *Ulveira*, foi solar da família deste apelido, diferente do de Oliveira, como se vê das armas que usam.

Os Ulveiras têm por armas: em campo azul, cinco crescentes de prata postos em santor — timbre, um leão saínte, de negro, com um crescente do escudo na espádua.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação = «De Sancta Eolalia de Ulveira» de Terra de Prado.

Nelas se diz: «quod habet ibi dominus Rex suos Regalengos divisatos»; que o rei não é o padroeiro; que esta igreja tem aqui sesmarias, Manhente, 4 casais, Tibães 4 casais e meio e Hospital tem aqui de renda uma *taligam* de pão e um quarto de vinho.

Nas Inquirições de 1258 se diz: *in iudicato de Prado*. Item, *in parochia Sancte Eolalie de Ulveira*, que o Meirino intrara in Ulveira, et que levara inde omees a Valencia pòra anuduva (1), et derom a la de seus dineiros et veneromse.

(1) *Anuduva*, vide nota 1.^a, pág. 58.

Que vira os omes d'Ulveira ir a anuduva de Valencia, e que os tornara inde o Joiz de Prado, que in Ulveira vira pectar voz et caomia et omizio de Pedro Canton ao Senor de Prado. Que in Gomariz pectavam voz et caomia, et pousava y o Maoyordomo del Rey, et ora non pouasa y, nem intra y nem in Ulveira.

Aparecem-nos nestas Inquirições os nomes: Prado de Belela, Outeiro, Coido, Ssegudi, Gomariz, Terroselo e Mazaedo.

Esta freguesia, que era do concelho de Prado, fazia parte, com a da Ucha, do Couto e Honra de Azevedo, como se disse quando tratamos da freguesia da Lama.

A sua *Igreja Paroquial* fica em sítio alto e desafogado, de onde se avista ao nascente a capela do Bom Despacho, Cervães, do concelho de Vila Verde, o vale do Cávado e a cidade de Braga.

Circundada por um pequeno terreiro, a sua fachada simples e amparada do lado direito por uma alta e possante torre para os sinos com seu relógio, erguendo-se atrás desta a sacristia e casa de arrecadação.

Na verga da porta de entrada da torre tem a data 1782, a da sua construção, parecendo que a reconstrução da igreja devia ter sido pouco mais ou menos nesta época.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque bem pintado e decorado e o retábulo do seu altar é antigo em estilo renascença, tendo no alto gravadas as armas da Ordem beneditina.

No corpo da igreja é forrado a madeira pintada e decorada, tendo ao centro o símbolo da Fé.

Tem quatro altares laterais, dois em talha antiga e os outros dois, que se lhes seguem, em talha moderna.

Tem púlpito, coro e pia baptismal em granito, antiga e gomada.

Na sacristia vêem-se duas cruzes de cobre de muito merecimento.

Tem as seguintes capelas esta freguesia:

Capela de Nossa Senhora de Lourdes, antigamente conhecida por *Capela de São Sebastião*, era pequenina, sofrendo há uns 50 anos um aumento, obedecendo este, contudo, ao seu estilo antigo. Quando foi deste aumento mudou de invocação para Nossa Senhora de Lourdes.

Está no centro de um bom adro, fechado por parede, feita quando do aumento da capela, com duas portas de serventia.

A fachada desta capela é baixa mas característica com uma rosácea por cima da porta principal.

Dentro, tem um só altar em talha antiga, existindo ao lado do seu retábulo uma porta que dá comunicação para a sacristia que fica por trás dele.

É forrada a estuque pintado e decorado e tem púlpito e coro.

É pública.

A *Capela de São Lourenço* está hoje votada ao abandono, onde não se celebram já os actos religiosos.

Pertence ao Snr. Domingos Gomes de Araujo.

A *Capela junto à casa do Pregal* pertence ao Snr. Júlio Fernandes Capela.

O Cemitério Paroquial fica ao norte da igreja, para onde se vai por uma larga estrada, e tem sobre o seu portão a data 1905.

Em frente a este portão esteve o *Cruzeiro Paroquial*. Deste apenas existe a indicar o sítio a base bem trabalhada, mas sem inscrição nem data. A cruz, coluna e capitel, estão partidos e espalhados pelo chão.

Desde a igreja até perto da Capela da Senhora de Lourdes havia um *calvário*, estando de pé apenas cinco cruzes, achando-se derrubadas as restantes.

Ao lado direito da Igreja matriz está a *Residência Paroquial*, edifício de aparência muito regular.

Metida na parede exterior norte desta casa encontra-se uma pedra que foi tampa de sepultura, partida no sentido longitudinal, vendo-se nela gravada uma espada, parte de uma cruz dos Templários e aos pés um signo Salomão.

No alto vêem-se ainda restos de uma inscrição ilegível em letra gótica.

Esta freguesia, situada em planície, na bacia orográfica do Cávado, é fertilizada pelos ribeiros de Carrimau e do Pregal, que nascem nesta freguesia e, juntando-se no sítio de Gamba, vão desaguar ao Cávado, na freguesia de S. Romão da Ucha.

É servida por uma estrada, se estrada se pode chamar aquele caminho intransitável, que da estrada de Barcelos a Prado vem da freguesia da Lama, casa de Azevedo, até à igreja paroquial.

Confronta pelo norte, com a da Alheira, a de Igreja Nova e a de Cervães, esta do concelho de Vila Verde; pelo nascente, com a de S. Romão da Ucha; pelo sul, com a da Lama; e pelo poente com a de Roriz.

As suas fontes públicas são: a da Igreja, a da Lama, a de Muinhas, a da Caniça, a de Vilela, a de Merigo, a das Quintãs, a de Gouvelho, a de Fontélo, a de Pomar, a do Monte e Tanque de Lourenço de Faria, a da Gramosa, a da Agra de Baixo, a da Seara e a do Gomes.

A sua população no século xvii era de 80 vizinhos; no século xviii era de 105 fogos; no século xix era de 674 habitantes e actualmente é de 658 habitantes, sendo 278 varões e 380 fêmeas, sabendo ler 100 homens e 31 mulheres, havendo pois 527 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Monte, Moinhos, Vilela, Outeiro, Boa Vista, Quintãs, Paço, Fontelo, Pena, Souto da Por-

ta, Azevedinho, Pregal, Sergude, Guardal, Sobrado, Mota, Esqueiro e Gramosos.

As suas casas mais importantes são: a do Pregal, a do Macedo, a do Faria da Mota, a do Araújo, a dos Gonçalves, a dos Mirandas, etc.

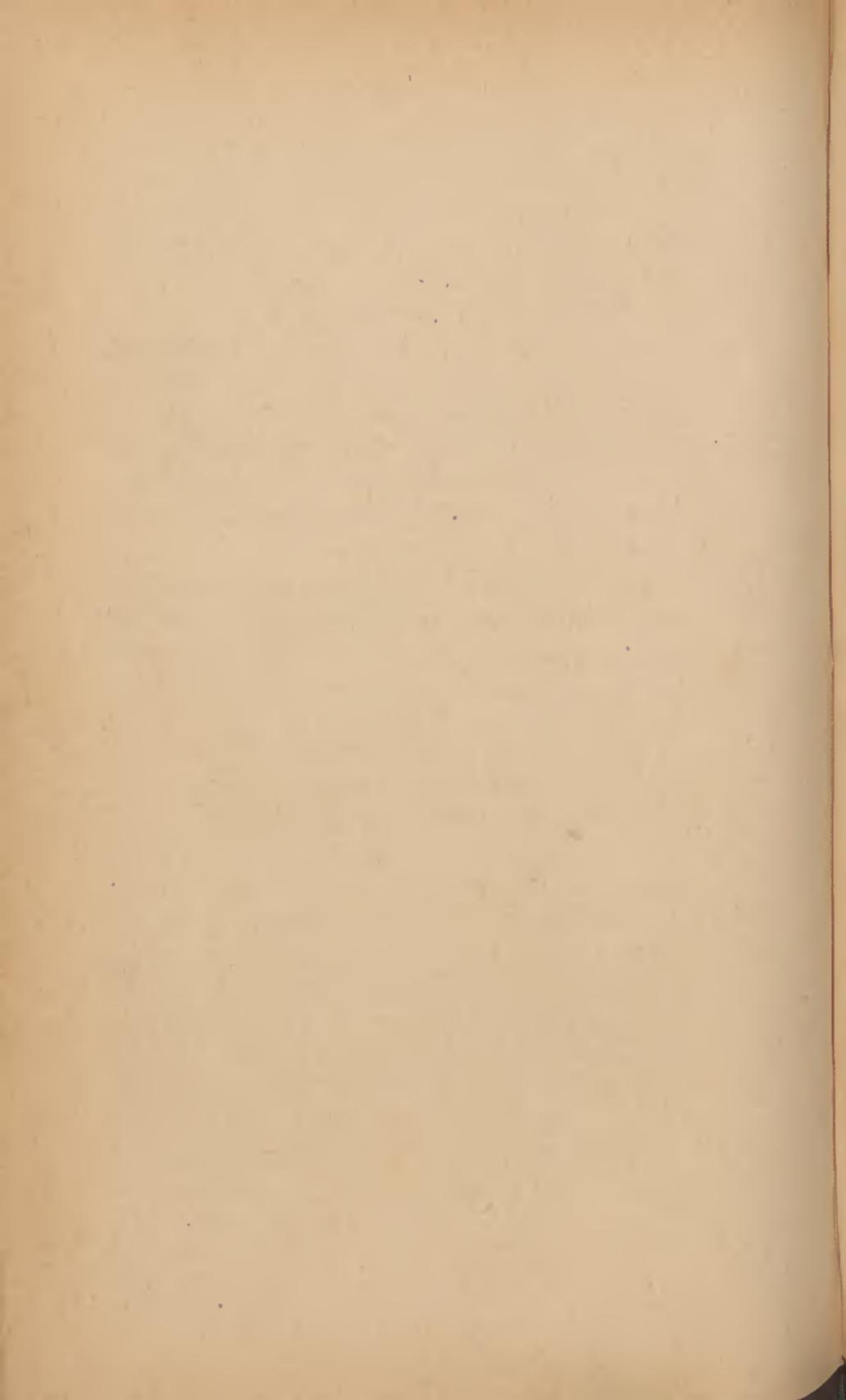
Não há Escola Oficial; foi criado um posto de Ensino, mas ainda não funciona por falta de professor!

Há três lojas de comércio e Caixa do Correio.

A sua indústria principal é de olaria e tem alguns moinhos e engenhos de serrar madeira.

Nos limites desta freguesia com a de Cervães, do concelho de Vila Verde, estando parte da quinta e, dizem-nos, da casa, na de Oliveira, estão as ruínas da torre de Gomariz, solar antigo, aliado por casamento com a casa de Azevedo.

Dentro ainda dos limites da freguesia de Oliveira, no cimo do monte do Facho, ficava grande parte da *citania* de Roriz, *cidade Canhoane, eira dos mouros*, como também é conhecida, e à qual nos referiremos mais detidamente quando tratarmos da freguesia de Roriz.



Palme

PALME, orago Santo André, era uma vagararia da apresentação do abade do mosteiro beneditino desta freguesia.

Palme vem, segundo o P.^e António Gomes Pereira, do genitivo *palmae* da palavra latina *palma*, a palmeira.

Os peregrinos da Terra Santa traziam um ramo de palmeira quando recolhiam à sua pátria, em sinal de terem acabado a sua peregrinação ou romaria.

Em Portugal (Lisboa e Porto) havia *Hospitais de Palmeiros* para recolherem por alguns dias os peregrinos que iam ou vinham não só da Terra Santa, mas de Santiago de Compostela e doutros santuários do cristianismo.

Aos peregrinos da Terra Santa, por o sinal que traziam, chamavam-lhes *palmeiros* e às terras onde fixavam a sua residência, *Palmeira*, *Palma* ou *Palme*.

Nas Inquirições de 1258, se diz: *in Judicato de Nevia* Item *in Monasterio de Palmi*, que do Couto desse devandito Moesteiro davam al Rey cada ano 23 maravedis; et leixou ao Moesteiro 3 maravedis, et Sancto Jacobo et Sancto Andre, que jazem in esse Couto, 1 maravedi, et dam os deste davandito Couto cada ano al Rey 19 maravedis: et vam ao Castello.

A freguesia de S. Salvador de Palme, curada pelo mosteiro, que se compunha do mosteiro, do lugar de Trás e do de Bustelo, foi anexada em 1834 à de Santo André de Palme.

O mosteiro de Palme é de fundação anterior à da nacionalidade portuguesa.

Palme, dizem, era uma quinta pertencente a um fidalgo chamado Lovezendo, filho de Sazi, o qual edificou nela um convento pelos anos de 1029, fazendo-lhe amplas doações de rendas para sustento dos monges beneditinos que ali meteu.

Este convento, com as doações que recebeu posteriormente, foi um dos mais ricos deste sítio.

Pelo decorrer, porém, dos tempos entrou na sua administração a *praga* dos Comendatários que, como em todos os conventos por que passou, o empobreceu.

O último Comendatário deste convento foi D. João de Portugal, bispo da Guarda, que daqui levava todos os anos quinhentos e tantos mil reis, quantia avultada naqueles tempos.

Pela reforma de 1575 voltou o convento de Palme aos monges beneditinos, que nele meteram Prior, tomando o título de Abade em 1588, por falecimento daquele Comendatário.

Tão pobre voltou, porém, este convento para os beneditinos e tão sobrecarregado de obrigações que apenas podia alimentar meia dúzia de monges, número que contava à data da sua extinção, em 1834.

Este convento, como mosteiro beneditino, tinha seu couto e o direito de apresentação nas igrejas de São Bartolomeu do Mar, Santa Marinha de Forjães, Santo André de Palme, Santiago de Aldreu e Santo André de Teivães.

O edifício do convento e grande cerca, desamortizados dos bens eclesiásticos e incorporados nos bens

Nacionais, foram arrematados pela família Moniz de Moncorvo.

Possuía este mosteiro uma boa livraria, há poucos anos adquirida por um livreiro de Lisboa, que a vendeu em 1915 naquela cidade por uma quantia importante.

Surgiram dúvidas em 1906 se o convento de Palme pertencia à freguesia de Santiago de Aldreu ou à de Santo André de Palme, mas por sentença do Tribunal Eclesiástico de Braga, de 14-1.º-1929, deixaram de existir essas dúvidas, sendo decidido que o convento pertence eclesiasticamente a esta última freguesia.

O edifício do convento acha-se bastante deteriorado.

Existem neste convento ainda muitos quadros a óleo.

No seu portão de ferro de entrada vê-se um escudo dos FONSECAS MONIZES e CASTROS coberto com um chapéu eclesiástico.

Em frente a este portão foram construídos dois lanços de escadas de pedra que dão acesso a um patamar com seu alpendre que é hoje a entrada principal do edifício do antigo convento.

Por baixo desse patamar, aberto na parede, está um interessante fontenário onde foi colocado um lindo pórtico manuelino que, dizem-nos, era o antigo pórtico da igreja deste convento.

No portal que dá para o chamado quintal tem na verga a data 1622.

Na cerca ainda existem grandes tanques, fontenários e pedras dispersas bem lavradas, a indicar a opulência deste mosteiro.

Ao lado norte da Capela acha-se o Lagar de Azeite para onde a água vem em caleiras de pedra suspensas em altas colunas.

O arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão, na sua visita pastoral em 1792, de Belinho, Esposende, veio

para o convento de Palme, aonde se demorou dois dias. Daqui foi para o de Carvoeiro, Viana do Castelo.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está no centro de um adro cercado por parede com quatro pilastras na frente, terminadas por grandes bolas de granito.

Na sua fachada abre-se por cima de uma arquitrave um pequeno nicho onde está a imagem disforme em pedra do padroeiro Santo André, tendo na peanha a data 1725.

Esta imagem pequena, representando um homem anão, devia ter pertencido ao edificio antigo desta igreja, com certeza mais pequena e baixa.

Ao lado esquerdo do actual edificio, a facear com a fachada, ergue-se a torre, alta e quadrangular, para os sinos.

Do lado direito, na parede exterior da capela da Senhora do Perpétuo Socorro e Santo António, lê-se a seguinte inscrição: «ESTA CAPELA DE SANTO ANTONIO MANDOV FAZER ANTONIO DE SÁ PALME P.^a ELE E SEVS DESCENDENTES 1743».

A seguir a esta capela, junto à capela-mor, está a sacristia.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, ostentando no centro a imagem do padroeiro, as paredes revestidas a azulejo moderno e o altar com retábulo antigo.

O corpo da igreja é também forrado a madeira pintada, tendo cinco altares laterais, três antigos e dois modernos.

Ao lado direito abre-se a capela da Senhora do Perpétuo Socorro, forrada a estuque, com altar moderno. No sanefão que ornamenta o seu arco, tem a data 1876.

Esta igreja tem coro, púlpito antigo e baptistério com pia lisa e simples de granito.

Encontra-se nesta igreja uma cruz de prata florentina antiga.

Ao lado direito, separada apenas pelo adro, ergue-se a *Residência Paroquial* de muito boa aparência e do lado

esquerdo, nas mesmas condições, foi construído o *Cemitério Paroquial*, em cujo portão se vê a data 1909.

Antes da construção deste, enterrava-se no adro, vendo-se ainda muitas sepulturas com tampas de pedra, onde se lêem os respectivos epitáfios.

Em um terreiro em frente à igreja, ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, belo exemplar. Em cima de um patamar com quatro degraus, eleva-se uma coluna enxaquetada e estriada, com base bem lavrada e capitel coríntio com uma grande bola de granito em que assenta a cruz.

Esta freguesia esteve muitos anos unida à dos Feitos, sendo então conhecida por Palme e Feitos.

Nos fins do século passado deu-se a desunião das duas freguesias, voltando os Feitos a constituir freguesia independente.

Em Palme há as seguintes capelas:

Capela da Senhora dos Remédios, no lugar de Bri-vães, pequenina, antiga, é pública.

Capela da Senhora dos Aflitos e Boa Fortuna, pequenina, mais um nicho de alminhas, com seu alpendre suspenso em duas colunas e fechado por grades de ferro, é pública.

A *Capela do Convento de Palme*, é pequena, formada hoje apenas pela capela-mor e parte do corpo da igreja, vendo-se bem que foi cortado transversalmente e feita uma nova frontaria de estilo simples e singelo.

No alto da sua fachada, por cima da janela que dá luz ao coro, ostenta o escudo com as mesmas armas que se vêem no portão do terreiro.

Dentro a capela-mor é em abóbada de pedra artesoada, com florões nos fechos, e o seu altar com retábulo antigo em estilo renascença.

O corpo da igreja é forrado a madeira pintada. No arco cruzeiro, apontado, vê-se o mesmo brasão já des-

crito. Ao lado esquerdo está um altar antigo coberto por um alpendre suspenso em duas colunas, tudo em rica talha doirada, estilo barroco.

Informam-nos que este altar veio de Beiriz e que para aqui foi trazido pelo Dr. Carlos Felizardo, que foi abade daquela freguesia.

Do lado direito ergue-se o mausoléu em mármore onde repousa o 1.º Barão de Palme.

Tem este mausoléu a seguinte inscrição: «AQUI JAZ JOSE MARIA FONSECA MONIZ BARÃO DE PALME BRIGADEIRO DO EXERCITO NASCEU A 20 DE DEZEMBRO DE 1794 E FALECEV EM LISBOA A 20 DE DEZEMBRO DE 1862. EM TESTEMUNHO DE SAVDADE FRATERNA».

A seguir a este mausoléu estão as duas sepulturas do Dr. Carlos Felizardo da Fonseca Moniz e a de sua irmã D. Maria Angélica da Fonseca Moniz, primeira proprietária leiga deste convento.

Esta capela tem dois coros, um lateral, e pertence aos proprietários do convento.

A freguesia de Palme tem dois cruzeiros, um junto à capela da Senhora dos Remédios e outro à da Senhora dos Aflitos.

Existem ainda as seguintes *Alminhas*: as da Granja, as da Cruz e as da Agrela.

Esta freguesia, situada em planície, na bacia orográfica do Neiva, é fertilizada por dois ribeiros, que nascem aqui e são afluentes daquele rio Neiva: o do Cerquido e o da Aldeia.

É servida pela estrada que da Barca do Lago, freguesia de Gemezes, Esposende, vai até à Estação de Barroselas dos Caminhos de Ferro do M. e D., atravessando aqueles ribeiros em duas pontes de pedra.

As suas fontes públicas são: a de Brivães, a de Fontão, a do Pedro, a de Goldrez, a de Sobreiros, a do Our

teiro, a de Cerquido, a de Paranhos, a de Paio, a do Rego e a da Lameira.

Esta freguesia confronta pelo norte com a de Aldreu; pelo nascente com a de Fragoso; pelo sul com a dos Feitos e a de Vila Cova e pelo poente com as de Vila Chã e de Forjães, do concelho de Esposende.

A sua população segundo o Censo da População de 1527 = o mosteiro, couto de Palme e freguesia = era de 90 moradores; no século xvii a freguesia de Palme (1) era de 147 vizinhos; no século xviii era de 120 fogos; no século xix era de 646 habitantes e actualmente é de 779 habitantes, sendo 336 varões e 443 fêmeas, sabendo ler 162 homens e 53 mulheres, havendo pois 564 analfabetos.

Esta população encontra-se distribuída pelos seguintes lugares habitados: Poço, Sobrinho, Cruz, Outeiro, Aldeia, Granja, Sobreiral, Sobreiros, Eirado, Souto, Còvinha, Pombal, Igreja, Trás o Mosteiro, Mosteiro, Brivães, Saial, Goldres, Caguideiro, Roça, Bustelo, Fontão, Cerquedo, Corgas, Campenhos, Feitada, Novais e Paranhos.

As suas casas mais importantes são: a do Calvário, a do Eirado, a do Corgas, a do Mouco e a do Mosteiro.

Tem esta freguesia Escola Oficial de um lugar, que funciona em edificio próprio, 3 lojas de comércio e Caixa do Correio.

A sua indústria exerce-se apenas em alguns moinhos de farinar, alguns engenhos de serrar madeira e um lagar de azeite.

Deu esta freguesia o título a um baronato: o baronato de Palme.

(1) Parece que S. Salvador de Palme estava anexa à de Santo André — Vide Corografia do P.^o Carvalho, pág. XXIX, vol. I.

Foi 1.º Barão de Palme o Brigadeiro *José Maria da Fonseca Moniz*, nascido em Moncorvo aos 20 de Dezembro de 1794, filho de Francisco José Nunes da Fonseca Moniz e de D. Ana Maria Madureira Torres.

Fez este official toda a campanha peninsular e, regressando à Pátria, teve de emigrar em 1828 por ser contrário ao governo de D. Miguel.

Embarcando de Inglaterra para os Açores, entrou aí em vários combates e foi um dos bravos do Mindelo.

Nas guerras civis ficou ferido na batalha da Ponte Ferreira e na acção das linhas de Lisboa.

Foi agraciado com o título de Barão de Palme por decreto de 2 de Junho de 1851.

Faleceu a 20 de Dezembro de 1862 e jaz na capela do convento de Palme, no túmulo acima referido.

Casou em 29 de Novembro de 1816, com D. Maria Clementina Leite de Oliveira e houve deste consórcio uma filha *D. Gertrudes Ermelinda Moniz*, casada aos 22 de Setembro de 1850 com José Coelho Cardoso de Moraes Pessoa.

Esta senhora foi a 2.ª Baronesa de Palme por decreto de 18 de Fevereiro de 1852.

O brasão do 1.º barão de Palme é o seguinte: escudo esquartelado — no 1.º as armas dos FONSECAS; no 2.º as dos MONIZES; no 3.º as dos CARDOSOS e no 4.º as dos COELHOS, coroa de barão.

O 1.º Barão de Palme teve dois irmãos clérigos que muito se distinguiram: um foi *D. António Bernardo da Fonseca Moniz*, bispo do Porto, falecido em 1859, a quem nos referimos mais circunstanciadamente em «Espozende e o seu concelho», na freguesia de Gemezes, e o outro foi o *Dr. Carlos Felizardo da Fonseca Moniz*, abade de Beiriz, do conselho de Sua Majestade, Desembargador da Relação Eclesiástica de Braga, Deputado em

várias legislaturas, nascido em Moncorvo em 1797 e falecido em Palme aos 2-XII-1880.

Aparecem ainda vestígios da fixação de povos romanos e pré-romanos em território desta freguesia.

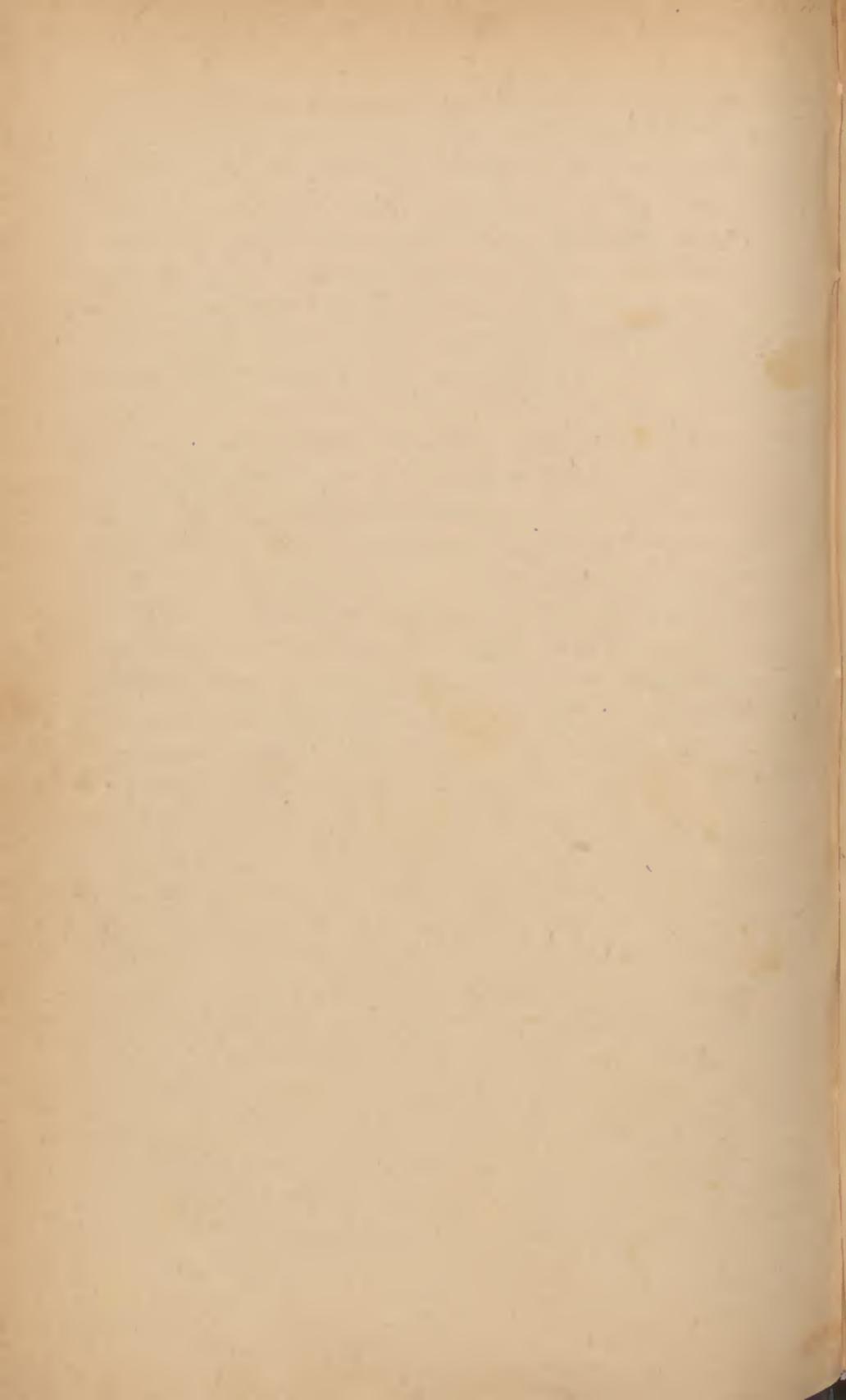
Para memorar esses vestígios existe a uns cem passos ao sul do mosteiro, dentro da sua cerca, um obelisco, tendo em uma das suas faces a seguinte inscrição:

«AQUI E NO MONTE DO CRASTO À INDÍCIOS
E RUINAS DA DECADENCIA DOS ROMANOS.
TUDO PASSA 1873.

O monte do Castro, que fica a nascente desta freguesia, é um íngreme cabeça dos montes de Fragoso, aos quais nos referimos naquela freguesia, e cá de baixo tão alto nos pareceu que receamos não ter pernas que nos levassem lá acima.

Não examinamos, pois, *de visu* os indícios e ruínas a que se refere a inscrição.

Nesse monte, porém, onde o mosteiro possuía grandes terrenos, informam-nos que alguns vestígios de povoação antiga ainda existem e o seu próprio nome o está a atestar.



Panque

PANQUE, orago Santa Eulália, era uma abadia da apresentação da Mitra.

Panque é provavelmente genitivo dum nome gótico *Pancus*, diz o P.^e António Gomes Pereira no seu livro «Tradições Populares».

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258 se diz: *In Judicato de Aguiar*. Item, *in parrochia Sancte Ovaye de Paanqui*, «que el Rey non est padrom. Item, in ista parrochia ha una ermida, per nome Sancta Eufemia, et est el Rey padrom de meya. Item, dixerunt que in esta ermida ha el Rey uno casal. . .

Item, *ha y el Rey una quintana que chamam Parada, et ha y el Rey 1 casal*.

Et o Mayordomo d'el Rey inchouve y o ganado: et intercambam y os presos, et o omem que o tronco teiver fila ao preso a melhor vestidura que li achar por carceragem.

Et os omees desta collatione pectam voz et caomia al Rey, se a fazem: et vam in anuduva et a torviscada (1) et ao Castello.

(1) *Torviscada, antigamente usavam dum meio para pescar que hoje é proibido por lei: lançavam trovisco nas águas de um rio para melhor agarrarem o peixe.*

Et os omes que morarem in esses davanditos casaes regaengos, cada que os el Rey deita fora, am lis de partir per meyo a nacenza et a crescenza de quanto y guaanar: et dam loitosa al Rey».

A antiga igreja paroquial de Panque, segundo se depreende do que li e ouvi, era no *Passal*, em frente à actual Residência Paroquial desta freguesia.

Devia ter sido aqui por lhe ficar perto a Residência e por ser este sítio o centro da freguesia de Panque.

Caindo em ruínas foi reduzida a uma ermida, que continuou sob a mesma invocação de Santa Ovaya.

Pelo Censo da População de 1527 se vê que estas duas freguesias, Santa Ovaya de Paneque e São Martinho de Mondim, ambas do *Julgado de Aguiar*, conservavam a sua independência.

O Tombo, porém, da paroquial igreja de São Martinho de Mondim e sua anexa Santa Ovaya e *agora é ermida* e das terras e propriedades a ela pertencente, feito aos 29 de Setembro de 1587, cuja certidão existe no arquivo da Junta de Freguesia de Panque e Mondim, diz: «Na freguesia de São Martinho da igreja nova de Mondim e assento da ermida de Santa Ovaya de Panque»...

Sabemos, pois, que em 1587 a freguesia de Panque estava já anexa à de Mondim e que a Igreja Paroquial de Panque estava então reduzida a uma ermida, da invocação de Santa Ovaya, a qual, por aquele Tombo, se localiza em frente à residência paroquial.

Nos fins do século xvii ou princípios do século xviii, foi construído o actual templo da *Igreja Paroquial* de Panque, nos limites das duas freguesias, passando então a ser matriz de Panque e Mondim.

Este templo é baixo, sobre o comprido, e está no centro de um adro cercado por parede com quatro entradas.

Na sua frontaria, terminada em um ângulo, por cima de um pórtico de estilo renascença, abre-se uma pequena rosácea.

Ao lado esquerdo foi construída a sacristia e por trás da capela-mor uma bem proporcionada torre para os sinos com seu relógio.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo ao centro as imagens de Santa Eulália e São Martinho, padroeiros respectivamente de Panque e Mondim. O retábulo do seu altar é em talha simples.

O corpo da igreja é também forrado a madeira pintada e tem dois altares laterais, no mesmo gosto do altar-mor, e do lado da epístola um oratório grande metido na parede.

No pavimento da igreja, em frente a este oratório, abriram uma campa que contém uma urna com tampa de vidro e em que se vê a mumia ou esqueleto, que dizem ser de Francisco da Cega, de Mondim, conservado em cheiro de santidade. Segundo a crença do povo, este corpo santo tem obrado muitos milagres.

Esta igreja tem púlpito, coro e baptistério com pia em granito gomada.

O *Cruzeiro Paroquial* ergue-se no adro, em frente à igreja. É pequeno, de coluna rectangular e com capitel jónico, sem data nem inscrição.

O *Cemitério Paroquial* foi construído por trás da capela-mor da igreja, separado desta apenas pelo adro, e tem sobre o seu portão a data 1880.

A *Residência Paroquial* fica muito longe da actual igreja, junto ao sítio onde esteve a primitiva matriz de Panque. É um casarão com grandes salas, sem conforto porém algum.

Na verga da porta de entrada, junta ao portal fronho, lê-se a data 1698.

Esta data é com certeza de reconstrução ou acréscimo, pois a residência paroquial já era no mesmo sítio em 1587, segundo se vê do citado Tombo de Mondim.

No alpendre térreo de entrada para a casa vê-se um pequeno fontenário, em que a água sai pela boca de uma carranca e vem de um pequeno tanque, e pia em pedra que fica junto ao portal do quinteiro.

Nesta freguesia há as seguintes capelas:

A *Capela de Santa Eulália*, no Passal, em frente à Residência Paroquial, está quase em ruínas e fora do culto.

O actual edifício da capela de Santa Eulália, por exíguo e diminuto, nunca poderia ter sido igreja paroquial.

Arruinado ou demolido o antigo edifício da igreja paroquial de Panque, foi construído antes de 1587 o edifício da ermida de Santa Ovaya. Fica junto à grande eira de pedra com a porta virada à residência paroquial.

Esta capelinha foi forrada modernamente a madeira e o retábulo do seu altar é em talha já bastante carcomida. Em um florão, por cima do camarim central, tem gravada a data 1773.

Ao lado direito desta capela, junto à eira e a um espigueiro, está encostada a este uma pia em granito muito antiga, com pé perfurado, que parece ser antigo baptistério.

A *Capela de Santa Ana*, vulgarmente conhecida por *Capela dos Meireles*, ergue-se junto à casa do Snr. Miranda.

É pequena e da sua porta gradeada vê-se no pavimento uma sepultura rasa, na tampa da qual tem uma inscrição cuja cópia não pude obter.

Há as *Alminhas do Fulão* e os restos de um *Calvário*, cujas cruzes ladeavam um caminho desde a ponte de Mondim e naquela freguesia, das quais apenas existe uma intacta.

A freguesia de Panque e Mondim é sita em terreno acidentado, nas margens do rio Neiva, que as separa, ficando Panque na margem direita e Mondim na esquerda, e confronta pelo norte com a de Ardegão e a de S. Julião de Freixo, do concelho de Ponte do Lima; pelo nascente com a de Sandiães do mesmo concelho; pelo sul com a de S. Pedro de Alvito e Ginzo e pelo poente com a de Cossourado.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Baixo, a de Campilhos, as das Fontainhas, a do Corgo e a de Cutome (em Panque) e a de Tregido, a de Ansar, a de Santomil, a da Agra boa, a da Coriga, a da Cachada, a Fonte velha e a dos Galos (em Mondim).

Sobre o rio Neiva, a ligar estas duas freguesias, existem as pontes do Barreiro, a de Mondim e a do Falcão, além de várias passagens e pontelhas de madeira.

Não é servida esta freguesia por estrada alguma; para ali se chegar é preciso calcurriar ínvios caminhos na distância de muitos quilómetros.

A aspiração dos povos desta região é a construção de uma estrada desta freguesia pela de Cossourado, que a ligasse com a Estação dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, no Tamel.

A aspiração é justa e modesta, mas dizem por aqui que para ela se realizar era preciso que um homem importante, um *político*, assentasse arraiais nesta freguesia, comprando uma quinta, o que não será provável, visto os *políticos* só virem aqui para pedirem votos, no tempo em que se *pediam votos*, na ocasião de eleições.

A população de Panque e Mondim era no século xvi, em Panque, de 18 moradores, e em Mondim era de 30 moradores; no século xvii, em Panque, era de 26 vizinhos e em Mondim era de 50 vizinhos; no século xviii, em Panque, era de 26 fogos, e em Mondim era de 61 fogos; no sé-

culo XIX a população das duas freguesias era de 699 habitantes e actualmente é de 554 habitantes, sendo 234 varões e 320 fêmeas, sabendo ler 98 homens e 37 mulheres, havendo pois 419 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Carvalhaes, Pena, Soutelo, Cruzes, Agra boa, Eiras, Figueiras, Casainho, Fulão, Bailosa, Lorigo, Santomil, Ansar, Armamil, Sandiães e Pernis.

Havia uns lugares meeiros com a freguesia de Sandiães, do concelho de Ponte do Lima, os quais há uns doze anos pouco mais ou menos passaram para aquela freguesia, ficando porém civilmente a pertencer a Panque.

As casas mais importantes desta freguesia são: a da Eira, a da Brasileira, a do Barrosa, a do Rosa, a do Araújo e a do Lima.

Tem uma loja de comércio, Caixa do Correio e Escola Oficial mista de um lugar, que funciona em edificio arrendado.

A sua indústria exerce-se principalmente em várias moendas e engenhos de serrar, no rio Neiva, e dois lagares de azeite.

Civil e eclesiásticamente está anexa à freguesia de Panque a de Mondim, formando hoje uma só freguesia com a denominação de Panque e Mondim.

Mondim

Mondim, orago São Martinho, era uma abadia da apresentação do Arcebispo de Braga.

Mondim deriva do genitivo *Mondini* do nome próprio gótico *Mondinus*.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação «De Sancto Martino de Mondini», de Terra de Aguiar de Ripa Limia.

Nelas se diz: «que habet ibi Rex 2 casalia, et dant de renda, sive habeant sive non, 3 modios et 5 taligas panis per mensuram de pia de Bracara».

Menciona ainda vários foros, fala no Bacelo e na Devesa de Ramir e diz mais: «Et est ibi unum palaciam, et est inde medietas regalenga».

Fala ainda em vários foros e refere-se à herdade de Cacavelos e à de Carvalido e por fim diz: «Homo qui tenuerit casale de Palatio debet esse servicialis».

O rei não é o padroeiro e esta freguesia tem sesmarias.

Nas Inquirições de 1258 se diz: *in Judicato de Aguiar*, Item, *in parochia Sancti Martini de Mondim* «que el Rey est cum cabaleiros padron in meya de ista ecclesia, et homines de collatione patrones in alia meya».

Fala de herdade de Cacavelos, Carvalido e duma seara na Vila donega.

«Et ha el Rey a quarta da devesa de Ramir, et est y uno palacio que est a meyadade regaengo. Et todo isto devandito da o Mayordomo del Rey por sua offretiom a quem li mais dá, excepto a ecclesia. Et os omees desta collatione vam in anuduva et ao Castello. Et o omem que teiver o casal de Palacio deve a seer servizal».

Em 29 de Setembro de 1587 fez-se Tombo da parochial igreja nova de São Martinho de Mondim e sua anexa Santa Ovaya e agora é ermida e das terras e propriedades a ela pertencentes, como se vê da certidão requerida por Domingos José de Barros Araújo, «abade da parochial igreja de Santa Eulália de Panque e São Martinho de Mondim» e passada na Câmara Eclesiástica de Braga aos 28 de Maio de 1812.

Quando se fez o Tombo, 1587, estava a freguesia de Panque unida à de Mondim, como dele se depreende, e quando se passou a certidão, 1812, já esta estava anexa àquela.

Com a edificação da actual igreja de Panque, passaram-se a celebrar os actos religiosos ali e deveria ser então que se deu a anexação de Mondim a Panque.

Naquele Tombo de 1587 fala-se de *igreja velha* e de *igreja nova* de São Martinho de Mondim.

Da pequenina e velhíssima igreja de São Martinho de Mondim, talvez *a nova* do Tombo de 1587, apenas existem as ruínas

Na sua humilde frontaria ainda se vê o pórtico em arco românico e restos de paredes sustentadas pelas eras protectoras.

No sítio do costume está desmantelada a pia baptismal em granito lavrado e do outro lado um mealheiro de pedra com portas de ferro carcomidas.

Na capela-mor, do lado da epístola, vê-se um galheiro de pedra metido na parede e restos de uma fresta.

No adro está abandonada uma tampa tumular com singelos ornatos e ao fundo, por trás da capela-mor, outra tampa de sepultura com caracteres ilegíveis.

Esta igreja, hoje conhecida por *Igreja Velha*, estava situada em sítio alto, descendo até ao vale os terrenos de lavradio aos socalcos.

Ao sul estende-se o grande *passal* de Mondim, por uma quebrada entre os montes do Ladrão e o Outeiro, ramificações dos altos montes que correm desde o Penedo do Ladrão e separam a bacia orográfica do Cávado da do Neiva.

Corre na tradição que foi enterrado nesta igreja o corpo de uma mulher santa, que fazia muitos milagres e

que o mealheiro, a que atrás me refiro, era destinado a recolher as esmolas que os devotos deixavam.

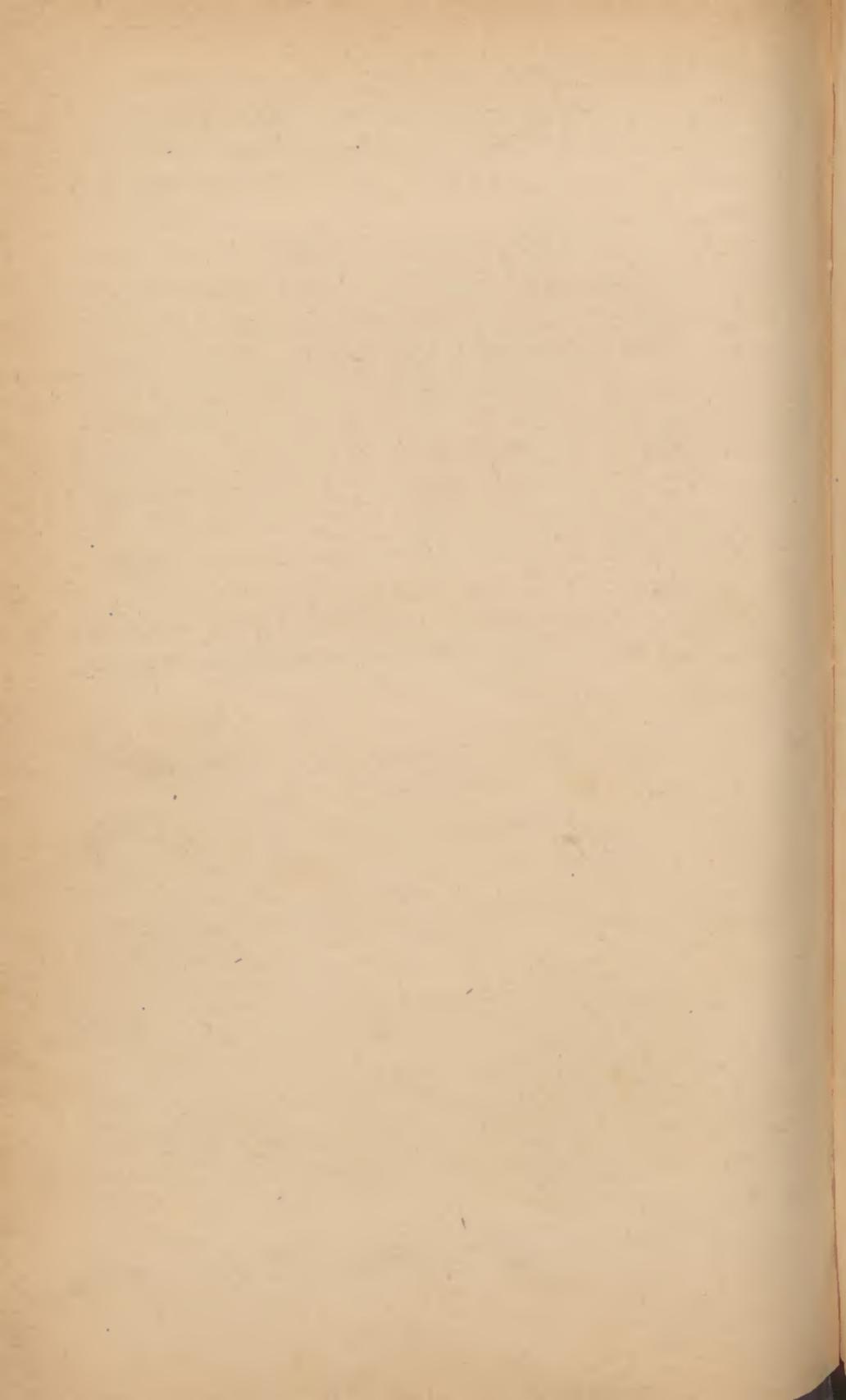
Aos domingos e dias santos vinha aqui muito povo e ouvia-se frequentemente música e foguetes de promessas que faziam.

Esta devoção durou até 1886. Algumas pessoas ainda hoje, porém, afirmam verem descer em certas noites uma estrela dos céus sobre a igreja velha e que ao passarem por ali sentem um cheiro suavíssimo e vêem de noite luzes acesas na pia baptismal.

O que é certo é que ainda às vezes se ouvem foguetes deitados na igreja velha de Mondim por pessoas que ali vão em romagem *à santa*; são os últimos abencerragens desta crença popular.

Feçam ao sul o horizonte desta freguesia os altos montes de Gens e de Louzado.

Nestes montes existem ainda vestígios da fixação de povos antigos aqui, principalmente dos romanos, aos quais já se referiu Contador d'Argote.



Perelhal

PERELHAL, orago São Paio, era uma vigararia da apresentação do Cabido de Braga.

Perelhal diz o P.^e António Gomes Pereira, no seu livro «Tradições Populares», que vem do latim *piri-cl-ale* (piricul-ale), lugar das peras pequenas; ou directamente do português: *perã, paral, perêlha, perelhal*.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação = De Sancto Pelagio de Pereira anlal = de Terra de Nevia.

Nelas se diz: «quod habet ibi dominus Rex 21 casalia et terciam et senarias, et dant inde terciam fructus in villa, et in monte quartam».

«Et si homo voluerit recedere de villa dabit 1 morabintinum, 2 solidos, et sic ibi liber. Et si aliquis venerit habitare in villam ipsam et voluerit habitare in villam ipsam et voluerit recedere infra annum, non dabit nisi 2 solidos. Quod Rex est inde patronus. Quod ista ecclesia habet unam senariam».

Nas Inquirições de 1258, 1.^a Alçada, se diz: *In Iudicato de Nevia*, Item, *in parrochia Sancti Pelagii de Perylar* «que dominus Rex est patronus et senior desta ecclesia, et ha el Rey in este couto 21 casal et tercia». . . «et devem et am de levar os lavradores destes casaes. o pam del a agua de Nevya 'ataes Regauffi u lis mandar

o Mayordomo. E ha y el Rey 5 pezas de Regaengo in Perilar, que dá o Mayordomo por sua offreçiom a quem li mais da. E ha y el Rey 3 moynos».

...«Et ha y el Rey 7 casas». «E se o omem se quiser sair do casal ha a dar al Rey um maravedi 2 soldos e ir-se in paz.

Item, dixerunt que Cabanelas est d'el Rey as duas partes, et a tertia derdadores del Rey. Et, dixerunt que esses erdadores tragem mais ca seu derecho de Cabanelas.

Item, os omees de Pereliar forum abrir una bouza por sua contra Jumezes e semearom y suas favas, et veo Roy Fernandiz de Jumezes com seus omees de noite et taliou ende as favas: et ora tem Fernando de Lago essa bouza, e non na am os de Pereliar».

A freguesia de São Paio de Perelhal era toda reguenga, segundo diz A. Herculano, na História de Portugal, tomo 3.º, nota 1.ª.

Perelhal foi incluída com muitas outras terras na doação que D. João I fez a seu filho bastardo D. Afonso para casar com D. Brites Pereira d'Alvim, filha do grande condestável D. Nuno Álvares Pereira, em 8 de Novembro de 1401.

Passou pois esta freguesia a ser um préstimo da casa de Bragança, vendo-se hoje ainda, delimitando-a, os marcos daquela Casa com as armas, coroa e um B gravado por baixo destas.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia esteve primitivamente no Passal, sendo mudada para o sítio onde está no século XVIII e construído nessa época o grandioso templo que se vê.

Está esta igreja no centro de um adro, cercado por parede, com uma porta, ladeada por seis pirâmides, para o qual se descem sete degraus de pedra.

Na ampla fachada do templo abre-se um bem trabalhado pórtico, em cuja verga se lê a inscrição: «A 1764», por cima uma pequena rosácea, que dá luz ao coro, e sobre a arquitrave, que atravessa a fachada, um nicho com a imagem em pedra, um terço do natural, do padroeiro São Paio.

Ao lado esquerdo daquela fachada levanta-se uma forte e bem proporcionada torre para os sinos com seu relógio.

No mostrador deste, junto à torre e por cima da cornija da igreja, vê-se a seguinte inscrição: «A CONFRARIA DO SS. SACRAMENTO 1916».

Por trás da torre foram construídas as sacristias que ainda hoje conservam os seus curiosos tectos em madeira com florões.

No adro, em cima das paredes, vêem-se algumas cruzes da via-sacra; na primeira à entrada do adro, lado esquerdo, tem na base a inscrição =1725= e em outra, do lado direito, junto ao Cemitério =1722 A.

Dentro o templo é amplo e espaçoso. A sua capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo ao centro um quadro alusivo ao Sacramento; pavimento em mosaico e altar antigo, estilo renascença, encerrando a tribuna um painel, representando a «Ceia».

O corpo da igreja é também forrado a madeira pintada, destacando-se no centro um quadro com a imagem do padroeiro São Paio.

Tem cinco altares laterais, sendo apenas dignos de nota os dois do lado do evangelho: O primeiro, junto ao arco cruzeiro dizem que era de uma capela particular demolida, trazido para aqui há muitos anos, e o segundo em bela talha contém uma inscrição =«A 1780 EN 8bro»=.

Tem esta igreja coro firmado em três arcos, púlpito com a data gravada 1784 e baptistério com pia em granito muito antiga.

No soalho do corpo da igreja tem gravado na madeira = «Rebulido em 1916».

Existem nesta igreja quatro ricos tocheiros em madeira, um valioso pálio e o pano da porta, que tem bordada a seguinte inscrição: «Perelhal, Feito em 1859».

Conservam-se ainda duas sepulturas em pedra, pias, uma embutida na parede do adro e outra servindo de bebedeiro a animais, junto a um poço, no Passal.

A *Residência Paroquial*, construída junto ao lado esquerdo do adro, anda actualmente em obras de renovação.

O *Cemitério Paroquial* foi construído também junto ao adro, lado direito, em comunicação com este, e tem sobre o seu portão a data — 1887.

Em frente à igreja ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, simples e modesto, o qual tem na base do lado direito a inscrição = «1671 — REBOLIDO EM 1935» — e na base virada ao templo = «REBOLIDO EM 7bro DE 1838».

Tem esta freguesia actualmente apenas duas capelas.

A *Capela de São Cirilo* é muito antiga e está em princípio de ruína.

A sua fachada, baixa, termina em ângulo, encimado por uma cruz na base da qual se vê a data 1673. De fora da porta existe um púlpito quadrado de pedra, esca-belo, incompleto, faltando-lhe as guardas de um dos lados.

Dentro a capelinha é forrada a madeira com altar em talha muito simples.

No monte de São Miguel, limites desta freguesia com a de Vila Cova, existia uma pequena ermida da invocação de São Miguel.

Conta a tradição que a imagem do seu padroeiro, não se sabe porque motivo, várias vezes desaparecia da sua morada e vinha esconder-se em um matagal, que então havia no sítio onde hoje está a capela do Alívio. O povo, julgando que o santo queria vir morar para ali

e abandonar o ermo do monte, demoliu aquela capela e, arroteando o brejo, construiu no sítio onde era encontrada a imagem um pequeno templo.

Existiu o tempozinho de São Miguel neste local muito tempo, até que, há perto de uns oitenta anos, resolvendo-se edificar junto a ele a *Capela de Nossa Senhora do Alívio*, foi demolido, servindo a sua pedra para a construção desta.

A imagem de São Miguel passou então a venerar-se na nova capela, ao lado da de Nossa Senhora do Alívio.

Está esta capela ao lado esquerdo da estrada de Esposende a Barcelos, tendo em frente um amplo terreiro onde se faz todos os anos uma grande romaria, no terceiro domingo de Setembro.

É em estilo moderno, fachada singela com um nicho que contém a imagem da padroeira em pedra.

Ao lado esquerdo, a facear com a fachada, eleva-se uma pequena torre para os sinos e por trás desta a sacristia.

Na parede exterior da sacristia lê-se a seguinte inscrição: «EM 1875 A FIZ JOAO JOAQUIM MARTINS».

Dentro a capela-mor é forrada a madeira bem como o corpo da igreja.

Tem, além do mor, dois altares laterais, bem modernos, coro e púlpito.

Em frente a este templo, do outro lado da estrada, ergue-se um Cruzeiro que tem na base a data «1682 A».

Dizem que este cruzeiro pertencia à velha capela de São Cirilo e que foi trazido para aqui quando da construção da capela do Alívio

Veneram-se ainda as seguintes *Alminhas*: as do Outeiro e as de Mouriz.

Esta freguesia, situada em planície, confronta pelo norte com a de Vila Cova; pelo nascente com a de

Creixomil e a de Mariz; pelo sul com o rio Cávado e pelo poente com a de Gemezes, do concelho de Esposende.

É fertilizada pelos ribeiros, afluentes do rio Cávado, de Freixieiro, que nasce na freguesia dos Feitos, onde é conhecido pelo nome de São Gonçalo, e o de Mouriz, que nasce na freguesia de Vilar do Monte, onde é conhecido por ribeiro da Anta, e é servida pela estrada n.º 4 de Esposende a Barcelos (a antiga Estrada Distrital n.º 29 de Esposende a Braga) e por outra que vai desta estrada, capela do Alívio, até à igreja de Gemezes, ligar com a da Barca do Lago a Barroelas, galgando o ribeiro do Freixieiro em uma ponte de cantaria.

As fontes públicas desta freguesia são: a do Olho do Sapo, a do Retiro, a da Morada, a do Feijoal, a do Moinho Novo, a de Mouriz, a do Rego da Laje, a da Gafa e da Ponte Nova.

A população desta freguesia era no século xvi de 66 moradores; no século xvii era de 117 vizinhos; no século xviii era de 112 fogos; no século xix era de 585 habitantes e actualmente é de 782 habitantes, sendo 370 varões e 412 fêmeas, sabendo ler 127 homens e 32 mulheres, havendo 623 analfabetos.

Esta população acha-se distribuída pelos seguintes lugares habitados: Casal, Outeiro, Pedreira, Gandra, Morada, Mouriz, Freixieiro e Ermida.

As suas casas mais importantes são: a da Ermida, a do Engenho, a das Moucas e a do Retiro.

Tem Escola Oficial mista, de 1 lugar, que funciona em edifício arrendado, 3 Lojas de comércio, 1 Farmácia, 1 Padaria, 1 Alfaiataria e Caixa do Correio.

Além de alguns moinhos, há nesta freguesia uma Fábrica de Moagem.

Entre esta freguesia e a de Fornelos, ao sul do Cávado, há um açude.

Nas «Memórias Paroquiais» de 1756, referentes à freguesia de Barcelos, diz-se que dos açudes de Mareces para baixo a pesca no rio Cávado é livre, excepto na Barca do Lago e em Fão.

Parece, pois, que não existiam então os açudes do Contador e o de Perelhal.

Era natural desta freguesia *Fr. Pedro de Perelhal*, frade leigo da Província da Soledade. Professando no convento de Aveiro, exercitou-se em todo o género de virtudes: na pobreza, na castidade, na caridade, na oração, na penitência e na abstinência, em que deu exemplo a todos.

Faleceu no convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira, aos 10 de Março de 1690, com 86 anos de idade e 66 de religião.

Viveu em Perelhal *Manuel Pedro Adelino Gayo de Miranda*, vereador da Câmara Municipal de Barcelos, nos princípios deste século e que fez muito bem a esta freguesia.

Os franceses, em 1809, ao passarem por esta freguesia, em marcha de Barcelos sobre Esposende, foram de uma atrocidade inaudita.

Rechacados pelas guerrilhas em Creixomil, onde morreram muitos franceses, mas reforçados em Barcelos, ao voltarem e passarem por estes sítios, praticaram verdadeiros actos de vandalismo.

Em Perelhal roubaram, incendiaram muitas casas e assassinaram mulheres, velhos e crianças; a gente válida fugiu para os montes próximos e foi o que lhe valeu.

Na estrada velha que ia desta freguesia para a de Gemezes, do concelho de Esposende, no lugar da Pe-

dreira, conhecida pelo caminho do Reguengo, vêem-se nas lajes que formam o pavimento desse caminho umas pequenas manchas cor de sangue.

Aquelas lajes estão salpicadas de pintas dum vermelho escuro, que as penetram em toda a sua profundidade; o povo diz que aquelas manchas são o sangue de algum inocente morto ali pelos franceses.

Quintiães

QUINTIÃES, orago Santa Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Expectação ou Nossa Senhora do Ó, era uma vigararia da apresentação do Convento de Carvoeiro.

Quintiães vem do genitivo *Quintilanis*, do nome próprio gótico *Quintilla*.

Esta freguesia aparece-nos nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação = «*De Sancta Maria de Quintiaes*, de Terra de Aguiar de Ripa Limia, e nelas se diz: «*quod habet dominus Rex quosdam Regalengos*».

«*Et homo qui habitaverit in heremita de Sancto Georgeo dat ansar pro talliare in ipso Monte de Freufe et non recipit caritel* (1).

«*Et in villa Eivorim (Vorim) dant de casali de Pegas 1 quartarium in habere et 9 gallinas pro talliare in Monte de Celeiroo et non pectare in caritel*».

(1) Caritel, Caritelo ou Karitelo, era a querela, gritando *Aqui d'Et-Rel*.

Em alguns documentos antigos, a este caritelo se chamava simplesmente voz e coima, em outros indicias e ainda em outros maçadura; de sorte que a voz era o *Aqui d'Et-Rel* e a coima e calúnia era a pena que correspondia ao delicto de que o ofendido se queixava.

Indicias e maçaduras era certa pena que pagavam os que feriam, mataavam, maltratavam, injuriavam, etc.

Vide «*Elucidário*» de Viterbo.

Aparecem-nos nestas Inquirições os nomes de Freufe, Quintiães, Goivas e vila Eivorim (Vorim).

Diz-se mais que o rei não é padroeiro e que esta igreja é de Carvoeiro e Palme e tem sesmarias, Palme 5 casais e Carvoeiro 14 casais.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258 se diz: «que *in Judicato de Aguiar, Item, in parrochia Sancte Marie de Quintiaes* el rey non est patronus, que quem quer morar in Sancto Jurgio polo Regaengo que usa da cada ano al Rey 1 ansar, por pacer et por guardar as devesas, et non seya mais d'uno omem. Et estas devesas d'el Rey da as o Mayordomo del Rey a quem li mais da.

Os omees desta collatione vam in anuduva et a torviscada et ao castello».

Há aqui várias Honras por *amadigo*. Dissemos em outra freguesia o que eram estas Honras.

Aparecem-nos nestas Inquirições os nomes de Carreira Cova, Lamela, Codesso, Moinho de Corvido, Moinho Velho, Bouça de Carvalio de so o Valo, Pereiro, Pia da Goina, Casal, Milagiido, Teixogueiras, Eira Velha, Feitosa, Barreiro, Cepa de Agrela, Cerdeiras, Bogaus, Balteiro, Valada, Vilar, Agro Chão, Veadi, Agro de Britelo, Treuffi e Redolino.

Havia nesta freguesia muitas terras que eram foreiras ao convento de Carvoeiro; para receber os foros, tinha este convento junto ao adro, do lado direito, umas casas, que ainda hoje são conhecidas por *Casas da Renda*.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia esteve, segundo corre na tradição, no lugar de Besteiros, onde existem ainda vagos vestígios de construções.

É, porém, certo que há já muitos séculos que ela está no lugar do Assento e que em meados do séc. XVIII sofreu as grandes reformas, cuja obra admiramos.

Está o actual templo cercado de adro, vedado por parede, com duas portas de serventia.

Na sua fachada, bem trabalhada em granito, estilo renascença, um D. João V pobre, abre-se por cima do pórtico uma pequena rosácea que dá luz ao coro.

Ao seu lado esquerdo ergue-se uma bem proporcionada torre para os sinos e atrás desta a sacristia da Confraria das Almas. Junto à capela-mor, do mesmo lado esquerdo, está a sacristia paroquial, onde se vê dentro um bem trabalhado lavabo de pedra, no mesmo estilo da igreja.

No adro, deste mesmo lado, acha-se a base de um antigo cruzeiro, invertidamente espetada na terra, vendo-se na face que era da frente a data «1575» e por baixo uma cruz de Malta gravada em alto relevo; do lado esquerdo a inscrição: ESTA OBRA FOY FEITA EM O ANO DA PESTE e na parte posterior gravada uma cruz e o monograma de Cristo = IHS.

Por trás da antiga capela do Salvador está uma mesa de pedra, sustentada por quatro pés também de pedra, que era a tampa de uma sepultura, posta ali quando há poucos anos foi retirada daquela capela para o seu pavimento ser coberto a cimento.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira em caixotões pintados e doirados; o altar é antigo e em talha doirada. As paredes estão revestidas de azulejo moderno e o pavimento a mosaico.

Pende da parede do lado da epístola um caixilho que emoldura a pública forma de uma bula de Paulo III, o instituidor das confrarias do SS. Sacramento.

Essa pública forma, impressa em pergaminho, orlada de uma interessante cercadura com artísticos e simbólicos ornatos a cores, é inteiramente impressa, inclusivamente

nos dizeres a Quintiães e à data da erecção da confraria do SS. nesta freguesia — 2-8-1552.

Pertenceu a esta venerável confraria até 1696 Santa Lucrecia de Aguiar e até 1752 Aborim.

A igreja desta freguesia de Quintiães é de três naves, separadas a da esquerda por dois arcos e a da direita por três, apoiados em colunas de base, fuste e capitel lisos e simples.

Os tectos destas três naves são forrados a madeira em caixotões pintados e doirados.

Na nave central foram abertas duas horríveis clarabóias forradas a estuque para darem mais luz ao templo.

Do lado direito, ocupando o primeiro arco da nave desse lado, foi construída uma capela com dois altares em boa talha antiga pintada e doirada.

Esta capela é também forrada a madeira em caixotões, formando o do centro uma cruz de Cristo aberta de campo.

Atravessadas no pavimento vêem-se duas sepulturas rasas, com tampas de pedra, tendo na primeira gravada a seguinte inscrição: S.^a DANTONIO JOSE DA SILVA NEIVA BEMFEITOR DESTA IGR.^a E CAPELA — A. 1767. e na segunda lê-se: SEPVLTURa DA CAZA DO ASSENTO 1767.

António da Silva Neiva, o da inscrição, era um *brasileiro* desta freguesia, que estando em Lisboa na ocasião do terramoto de 1755, tão aflito se viu que fez o voto de mandar edificar esta capela e ajudar às obras da igreja.

Em frente a esta capela, do lado esquerdo, está a do Salvador, hoje do Coração de Jesus, que dizem foi fundação dos senhores da casa solar dos Barbosas de Aborim.

Abre esta capela para a nave central em arco ogival e é toda em abóbada de pedra artesoada com flores nos fechos.

No seu pavimento existiam sepulturas de pedra, pertencentes aos senhores de Aborim, todas porém desaparecidas quando as substituíram por cimento.

A construção desta capela deve ser anterior à da igreja, ou pelo menos à sua reforma setecentista.

Tem a actual igreja mais dois altares, cada um dos quais, encostados respectivamente às paredes de cada uma das sobreditas capelas, fecham as naves laterais.

Estes altares são em bela talha antiga, estilo barroco.

Na parede da nave esquerda, ao lado do altar das Almas, abre-se um oratório em que se venera a imagem do Senhor dos Passos e, junto a esse mesmo altar, na curva interior do arco, por cima do capitel, lê-se a seguinte inscrição gravada na pedra: OS ALTARES DESTA IGREJA SAM PRIVILEGIADOS TODOS OS DIAS PARA AS MISSAS QVE O ESTATUTO MANDA CELEBRAR PELOS IRMANS FALECIDOS POR DECRETO PERPETUO CONC. A ESTA IRMAND.^ª PL.^o P. BEND. XIV. A. 1750.

Tem esta igreja dois púlpitos, arrimados às colunas dos primeiros arcos, com guardas de madeira decoradas com belas pinturas, principalmente o do lado esquerdo; coro, sustentado num arco abatido de pedra; e baptistério por baixo da torre, onde se admira uma bem trabalhada pia de granito, no estilo predominante do templo.

Existe no tesouro desta igreja uma cruz processional de prata, século xvii.

O *Cruzeiro Paroquial* ergue-se ao sul, distante da matriz uns 70 metros.

Assenta em um pequeno patamar formado por quatro ordens de escadas, com coluna quadrangular, encimada por capitel jónico e cruz simples.

Na base, na face da frente vê-se um escudo carregado de cinco escudetes com as quinças de Portugal e cercado

por sete castelos; na face do lado direito tem gravado em alto relevo uma cruz de Malta; na face de trás dois leões batalhantes; e na do lado esquerdo a figura, parece, de um cágado.

O *Cemitério Paroquial* está ao lado esquerdo do cruzeiro, ao fundo de um pequeno terreiro, e tem sobre o seu portão a data 1886.

A *Residência Paroquial* é uma casa de regular aparência, junto ao adro, por trás da igreja. Existem nesta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de São Fructuoso*, no lugar do Outeiro, que é pública.

A *Capela da Senhora da Ajuda*, junto à Casa da Cabana, que pertence ao Snr. António Félix Machado.

A *Capela de Santa Marinha*, no monte e sítio do mesmo nome, que é pública.

A *Capela de Nossa Senhora de la Salette*, junto à casa de Moinhovedro, pertencente ao Snr. Dr. António Félix Machado.

A *Capela do Sagrado Coração de Jesus*, junto à casa de Faria, pertencente aos proprietários daquela casa.

A *Capela de São Sebastião*, no sítio da Agra, ao lado da linha férrea, é pública.

Na sua fachada terminada em ângulo e por cima do seu pórtico em arco redondo lê-se a seguinte inscrição gravada em alto relevo em uma pedra: ESTA OBRA FOI FEITA NO ANO DA PESTE PER DEVACAM. ANO 1577.

No século xvi Portugal foi assolado por três grandes pestes: a primeira no ano de 1569 (a peste grande), a segunda em 1579 e a terceira em 1598, as quais se prolongaram por alguns anos, devido ao estado atrasado da medicina de então e às medidas profiláticas adoptadas.

Pelo abandono dos campos e dificuldades de meios de comunicação, seguiram-se-lhes anos de fome.

Estes sítios, Quintiães e algumas freguesias circunvizinhas, também foram atingidos por aqueles terríveis males; estão a atestá-lo alguns monumentos religiosos, que os povos na sua crença, erigiram.

Assim esta Capela de São Sebastião, erigida no ano da peste (a peste grande), o cruzeiro, cuja base vimos no adro da igreja matriz, e outro cruzeiro levantado em Aborim, do qual tratamos quando nos referimos àquela freguesia, atestam aquele facto.

Conserva esta freguesia os seguintes *Cruzeiros*, além do paroquial: o cruzeiro da Cabana, pertencente à capela daquela casa e o cruzeiro de São Sebastião, ao lado da linha férrea, pertencente à capela do mesmo título.

Havia ainda um *Calvário* no sítio da Cachada ou Amaral, com cruces, das quais a mais bem trabalhada está dentro do Cemitério e nela se vêem gravados os martírios de Cristo.

Esta freguesia de Quintiães está situada na bacia orográfica do Neiva, na encosta norte-nascente do maciço montanhoso que vem de Arefe (Durrães) e segue entre as freguesias de Fragoso, Aguiar e Quintiães, tendo por ponto mais elevado do concelho o monte de São Gonçalo, e continua por Cheira, Chãos (Carapeços), Penedo do Ladrão (Feitos), etc., e é fertilizada pelo ribeiro da Laje, que nasce em Quintiães, no monte de Trioufe, pelo de Real, que também nasce nesta freguesia, e pelo da Pica, que nasce em Aborim e que em terras de Aguiar se reúne aos dois primeiros e juntos vão desaguar ao Neiva.

As suas fontes públicas são: a da Várzea, a de Moinhovedro, a de Santa Marinha, a da Caçhada, a de Rodo, a de Rabisnol, a da Fonte Seca, a de Lamela, a de S. Frutuoso, a de Real, a da Barra, a de Sernados, a da Cabana, a da Fontainha, a da Eiravedra e a de Agrela.

Confronta pelo norte com a freguesia de Santa Lucrecia de Aguiar, pelo nascente com a de Aborim, pelo sul com a de Carapeços e pelo poente com a de Fragoso.

A sua população no século xvi era de 62 moradores; no século xvii era de 120 vizinhos; no século xviii era de 104 fogos; no século xix era de 460 habitantes e actualmente é de 440 habitantes, sendo 183 varões e 257 fêmeas, sabendo ler 79 homens e 23 mulheres, havendo pois 338 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Besteiros, Pousada, Gândara, Moinhovedro, Santa Marinha, Cachada, Amaral, Rodo, Silveiros, Outeiro, Barra, Monte, Cabana, Colaço, Carreira, Cova, Eiravedra, Maviso e Agrela.

As suas casas mais importantes são: a do Assento (tem sobre o portal = ANNO DE 1755), a da Cabana (brasonada), a da Fontainha (brasonada), a do Faria (antiga casa dos Almadas, também brasonada), a da Agrela, a de Fate, a do Madaleno, a do Souto, a de Moinhovedro e a da Eiravedra.

Não há nesta freguesia estabelecimento comercial algum. Tem porém Caixa do Correio e Escola Oficial do sexo masculino, de um lugar, que funciona em edificio próprio.

A indústria é apenas exercida aqui em alguns moinhos; não tem estrada alguma que sirva esta freguesia, sendo certo que é atravessada pela Linha Férrea do Minho e Douro, ao quilómetro 62, mas a Estação que fica mais perto é a do Tamel, em Aborim, distante ainda dois a três quilómetros.

Dos homens mais notáveis desta freguesia, de que temos conhecimento, destacaremos:

P.^e Joaquim Félix Machado, daqui natural, orador de certa nomeada, que parouquiou Quintiães durante muitos anos.

Sebastião do Souto, natural desta freguesia, da casa do Souto, notabilizou-se nas guerras contra os holandeses no Brasil, onde morreu em combate este valoroso capitão aos 19 de Maio de 1638.

P.^e Cândido de Miranda e Silva, natural desta freguesia, há poucos anos falecido, foi professor no Seminário e na Escola Académica de Braga.

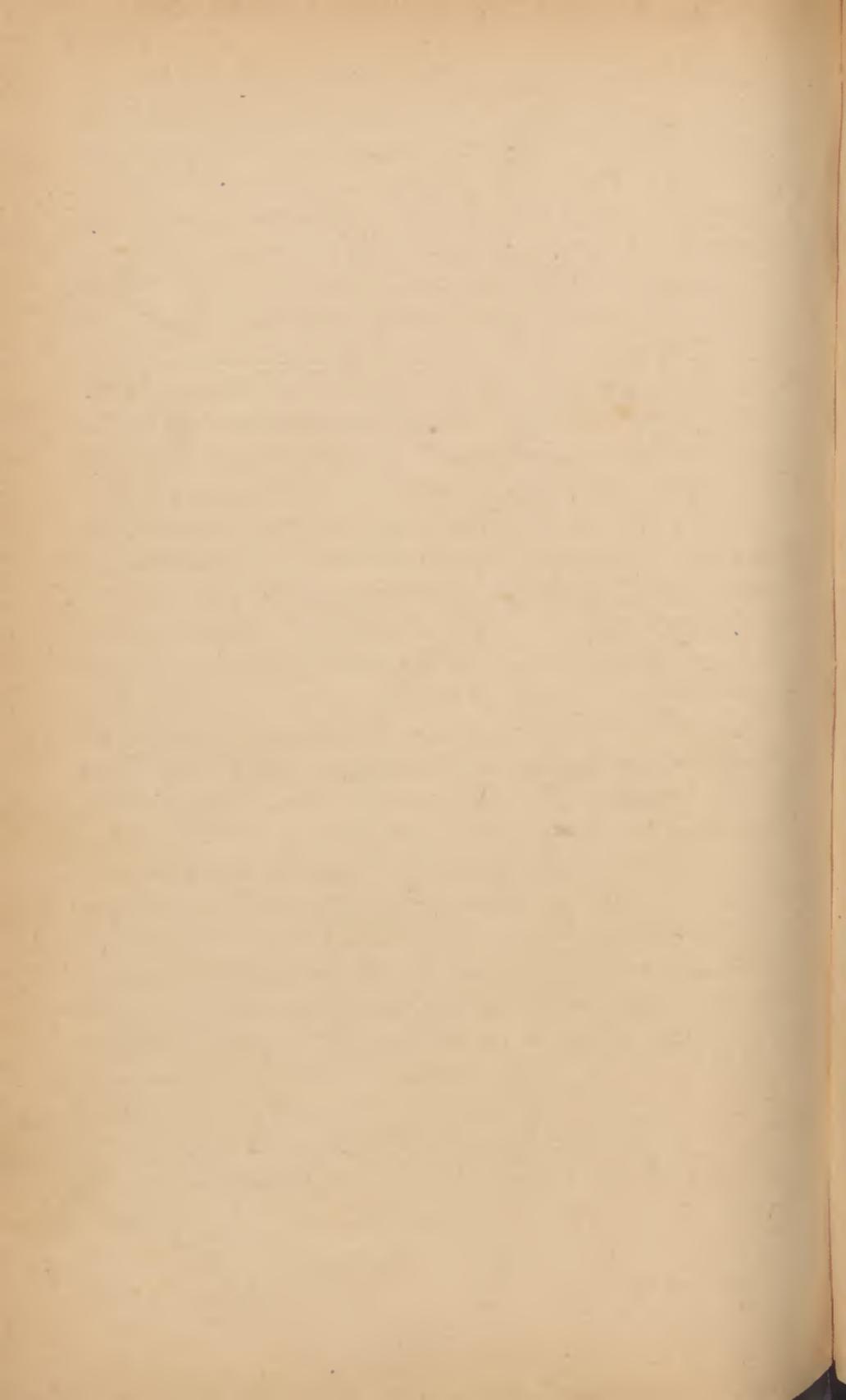
Manuel Álvares Machado, casado com D. Madalena de Novais Araújo, por testamento de 14 de Março de 1652 instituiu um vínculo na sua casa e quinta da Cabana, desta freguesia, com obrigação de missas na capela de Nossa Senhora da Ajuda, mandada por ele edificar, em 1630, junto àquela casa.

Manuel Novais Machado, filho do antecedente, Cônego da Sé da Guarda e Arcediago de Celorico, aos 29 de Maio de 1683 juntou ao vínculo da Cabana, do qual era administrador, várias terras que tinha adquirido, mandando reconstruir em 1674 a Capela de Nossa Senhora da Ajuda.

Para prova da fixação de povos antigos aqui, apareceram em recentes escavações feitas no alto de Santa Marinha várias sepulturas, vestígios de edificações de casas em forma redonda, etc.

Pouco acima há um fértil planalto cultivado, chamado Frioufe, isolado entre montes, que com certeza antigamente foi habitado.

Passava pelo extremo poente desta freguesia a antiga estrada de Gaia a Galiza, que servia as povoações castrejas desta região e o velho castelo de Aguiar do Neiva.



Roriz

RORIZ, orago São Miguel, era primitivamente do padroado real, passou depois a ser da apresentação dos arcebispos de Braga, mas em 1439 D. Fernando da Guerra uniu esta freguesia ao convento de Vilar de Frades, ficando desde então a ser da apresentação deste convento até 1834.

Roriz, segundo o P.^o António Gomes Pereira, vem do genitivo *Rodorici*, do nome próprio *Rodoricus*.

Nas Inquirições de 1220 trata-se desta freguesia sob a denominação = «De Sancto Michaelis de Rooriz» = de Terra de Prado.

Nelas se diz: quod dominus Rex habet ibi quodam Regalengum; in hereditate de Pousada de Nuno Petri et de Gunsalvo Petri est pausa de Mayordomo, et includunt ibi ganatum, et dant inde spatulam et cabrito; quod Rex non est inde patronus; quod ista ecclesia habet ibi senarias et 1 casale, Templum 1 casale. Et Manente 16 casalia, Varzea 2 casalia, Cervaes 2 casalia, Sancta Maria de Gallecos 4 casalia et medium.

Fala-se nestas Inquirições em vários casais como Octeiro, Gonteriz, hereditate de Pousada, etc.

Nas Inquirições de 1258 diz-se: *In Judicato de Prado, item, in parochia Sancti Michaelis de Rooriz*: que

vila Oxi est presso de ganado et pouasa de Mayordomo, et da spadoa et 2 cabritos.

Et dixit que ouviu dizer de Pousada que, ante que a don Godino a gaasse et Suerio Petri d'Azevedo y criassen, soya y a entrar Mayordomo; et ora non intra y.

Item, ouviu dizer que desta ecclesia faziam servizo ao Ricomem; que da quintana de Barrio da cum sua ger-maydade 1 soldo de fossadeira al Rey.

Aparecem-nos nestas Inquirições os nomes de vários casais e prédios foreiros: vila d'Oxi, quintana d'Outeiro, Vilar, Rooriz, Pousada, Riazoo, quintana de Barrio e Crasto.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia ergue-se ao centro de um adro cercado por parede com duas entradas.

Excepto a capela-mor, que é obra mais moderna, este templo ostenta a sua silharia descoberta de qualquer reboco. Na sua fachada, terminada em ângulo, abre-se por cima de um pórtico renascença uma pequena rosácea que dá luz ao coro.

Ao lado esquerdo eleva-se encostada à fachada uma bêm proporcionada torre para os sinos e atrás desta as duas sacristias: a paroquial e a da confraria das Almas.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo ao centro um quadro alusivo ao Sacramento, e o seu altar, relativamente moderno, é em talha singela.

O corpo da igreja é também forrado a madeira pintada, tendo ao centro a imagem do padroeiro São Miguel e a do Coração de Maria, ladeadas pelos quatro Doutores da Igreja.

Tem cinco altares: dois junto ao arco cruzeiro, em bela talha antiga, estilo barroco, bem como os dois seguintes, sendo o quinto, encostado à parede do lado da epístola a meio da igreja, moderno e em talha muito simples.

Tem coro, púlpito e baptistério com pia de granito. O *Cruzeiro Paroquial* fica ao lado direito do caminho que da estrada vai até à Igreja. É pequeno, com base sem data nem inscrição e capitel coríntio.

Há nesta freguesia mais um cruzeiro no lugar do Pateirão.

A *Residência Paroquial*, edifício de regular aparência, fica no largo em frente à igreja, e o *Cemitério Paroquial* ao lado da estrada de Barcelos à Ponte de Anhel, tendo sobre o seu portão a data 1887.

Existem nesta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de Santo António*, no lugar do Outeiro, que é pública.

A *Capela de Nossa Senhora do Carmo*, no lugar da Leiroinha, que também é pública.

A *Capela de Santa Maria Madalena*, no lugar da Granja, também pública.

A *Capela de Nossa Senhora da Esperança*, junto à casa do Barrio, separada apenas desta pelo caminho, é particular e pertence ao Snr. Arnaldo de Mendanha Arriscado.

Esta capela é muito antiga: já em 1634 foi nela instituído o vínculo do Barrio, dos Arriscados. Foi mandada reedificar em 1859 pelo último Morgado do Barrio, António de Mendanha Arriscado.

Na quase ruína em que se encontra, ostenta ainda na sua fachada a pedra de um brasão, diferente do Solar do Barrio.

Existem em Roriz as *Alminhas* do Outeiro e as de Vilar.

Esta freguesia, situada em planície na bacia orográfica do Cávado, é fertilizada pelo ribeiro das Contenças, conhecido na freguesia de Alheira, onde nasce, pelo ribeiro do Paço, afluente do Ribeiro do Tamel ou Fontelo.

Há sobre aquele ribeiro nesta freguesia os seguintes pontilhões: o da Granja, o da Veiga, o de Ana, o do Outeiro, o da Várzea e o da Mariana.

Existem as seguintes fontes públicas: a de Carreira Cova, a dos Salgueirinhos, a de Gromil, a do Outeiro, a de Bacelinhos, a da Veiga, a de Pombar, a da Cal, a do Barrio, a da Assubida, a da Igreja e a da Real, na freguesia de Roriz; a do Casco, a da Igreja Velha e a da Torre, na de Quiraz.

A freguesia de Roriz e Quiraz é servida pela estrada que parte de Barcelos, atravessa estas freguesias e vai até Ponte do Lima pela Ponte de Anhel e São Julião de Freixo.

A freguesia de Roriz confronta pelo norte com a de Alheira; pelo poente com a de S. Martinho de Alvito e a de Quiraz, sua anexa; pelo sul com a de Lijó; e nascente com a de Santa Maria de Galegos.

A sua população no século xvi era de 68 moradores; no século xvii era de 130 vizinhos; no século xviii era de 134 fogos; no século xix era de 876 habitantes e actualmente Roriz e Quiraz a sua população é de 1.100 habitantes, sendo 455 varões e 645 fêmeas, sabendo ler 205 homens e 121 mulheres, havendo pois 774 anal-fabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Outeiro, Arrabalde, Gandra, Matos, Barrio, Estrada, Vilar, Assento, Torre, Coutada, Souto, Igreja Velha, Casco, Cruz, Pousada, Longos, Pateirão, Rebordelo, Contriz, Leiroinha, Gião, Modorro, Barreiro e Pontelhos.

As suas casas mais importantes são: a do Barrio (brasonada), a de Paus, a do Alferes, a do Ralha, a de Rebordelo, a do Calixto, a de Verdegaiço, a de Zimbrello, a de Lamela, a de Gião, a de Viloge, a da Granja, a

do Caridade, a da Costa, a do Cunha, a do Beato, a da Coca, a de Pias e a do Coelho, em Roriz, e em Quirazão: a da Felgueira, a do Capitão e a do Mirandelo.

Há duas Escolas Oficiais em Roriz, para o sexo masculino e para o sexo feminino, funcionando ambas em edifício próprio, uma no lugar do Pateirão e outra no Barrio.

Há quatro lojas de comércio e duas Caixas do Correio.

Exercem-se aqui várias indústrias: marcenaria, fogueiteiro, fazer carros de bois, fazer cestos, etc.

Das pessoas ilustres que conhecemos destas freguesias destacaremos:

Fr. Domingos de Roriz, Guardião do convento de S. Francisco de Barcelos, Ex-Leitor de Teologia e que foi um dos Examinadores da «Crónica da Província da Soledade», etc.

Melchior Arriscado, senhor da casa do Barrio, foi casado com D. Cristina da Gama de Prado, que em 1634 instituiu o Morgado do Barrio ou dos Arriscados nesta freguesia.

Melchior Arriscado foi sepultado na capela desta casa do Barrio e sua mulher na igreja do convento de Vilar de Frades, em sepultura com letreiro que dizia assim:
«AQVI JAZ D. CHRISTINA DA GAMA DE PRADO
MULHER DE MELCHIOR ARRISCADO.

Dr. António Júlio de Miranda, natural e falecido nesta freguesia em 1918, com 60 anos de idade, filho de Manuel José de Miranda e de D. Ana Cândida Ferreira Carmo, foi bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra, Cónego da Colegiada de Guimarães, Professor do Liceu da mesma cidade, etc.

Dr. Bonifácio Elias Barbosa Lamela, filho do cirurgião diplomado Bento Custódio Barbosa Lamela, nascido em Roriz aos 15 de Julho de 1828, formou-se em medicina pela Escola do Porto.

Em 1857 dirigiu com louvor os serviços sanitários na luta contra o cólera mórbus em Avintes e depois, vindo para Barcelos, foi nomeado médico dum partido municipal e do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, lugares que exerceu até à sua morte, em 25 de Outubro de 1903.

No Museu Arqueológico de Barcelos existe um túmulo românico de pedra, de duas cabeceiras em forma de banco, que era desta freguesia e esteve a nascente da igreja paroquial, fora do adro, ao lado de um caminho.

Era aqui conhecido pelo nome de «O Moimento».

Quando passavam pelo caminho os préstitos fúnebres, poisavam sobre ele os caixões e rezavam um responso.

Os franceses, na sua marcha sobre Ponte do Lima em Abril de 1809, acamparam em Roriz, no lugar do Par-teirão, onde hoje está o Cemitério Paroquial.

Os soldados caíram sobre a freguesia de Quiraz por aí se ter esboçado uma escaramuça à sua passagem e fizeram uma razia: cortaram centeio para os cavalos, saquearam as casas, etc.

Parte da população tinha fugido para os altos dos montes, a outra parte cavou trincheiras ao norte de Roriz, nos lugares da Modorra e Real e aí dizimou os franceses, quando continuaram a sua marcha para Ponte do Lima.

Naqueles lugares tem aparecido enterradas ossadas humanas desse tempo.

Em 1846, na guerra da Maria da Fonte, conservaram-se fiéis ao governo dois regimentos do Minho: o 8 de Braga, comandado pelo *Trinta Diabos*, e o 3 de Viana.

Este regimento veio até Barcelos para se opor à invasão dos povos circunvizinhos amotinados e aos distúrbios que estes praticavam na vila.

Roriz e todas as freguesias até Prado deram grandes contingentes de guerrilheiros para essa revolução.

Infantaria 3, partindo de Barcelos, foi esperar os guerrilheiros, encontrando apenas dois, de foice roçadeira e arma aperrada no lugar do Mosqueiro, em Lijó; o resto tinha fugido à aproximação da tropa.

O comandante do destacamento, não sei porque razão, mandou dar fogo sobre os dois guerrilheiros que eram: Domingos da Rocha e João António Barbosa, da freguesia de Quiraz. O Rocha caiu varado pelas balas e morreu sem sacramentos, como diz o seu registo de óbito, e o Barbosa . . . fugiu.

Dali marchou o destacamento por Roriz, atravessando o monte, para a freguesia de Oliveira, sem resistência, mas ao descer o monte, já em Oliveira, houve uma ligeira escaramuça, saindo dela um soldado morto e alguns feridos.

À freguesia de Roriz está anexa desde 1841 a freguesia de

Quiraz

Quiraz, orago São Salvador, era uma vigararia da apresentação do abade de Santa Maria de Galegos. *Quiraz* vem do genitivo *Queriaci*, do nome próprio *Queriacus*.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação = «De Sancto Salvatore de Quiraz», de Terra de Neiva.

Nestas Inquirições se diz: «quod habet ibi dominus Rex Regalengum. Et est ibi una eira, et quando ibi tenet panem dant inde terciam, et quando non tenet dant 1 gallinam».

«Et quando Mayordomus collegerit panem habet comedere cum clerico de quali vita habuerit. Et omnes vadunt ad Castellum».

«Quod Rex non est patronus».

«Quod ista ecclesia habet senarias. Balneum 1 quinta cum senariis Bracara 2 casalia Manenti 3 casalia minus quartam Hospitale 1 casale Templum 1 casale».

Nas Inquirições de 1258 diz-se: *in Judicato de Nevia*, Item, *in parochia Sancti Salvatoris de Quiraz*, que quando o Mayordomo coler e sacar o pam na eira desses regaengos que y *ha* el Rey, deve et *ha* de comer con o clerico desta ecclesia de qual vida ele teiver.

Et intra y Mayordomo del Rey a 4^{os} caomias conozudas. E vam a fazer o Castello.

Fala-se nestas Inquirições em Marnel, Antre os Rios, Juncal, Presa, Travessas, Cortinhal, Pedreira, Agro Covo, Bouça Má, etc.

A Igreja Paroquial desta freguesia dizem que esteve primitivamente em sítio um pouco mais ao poente da actual, onde é a casa conhecida ainda hoje pelo nome da *casa da igreja velha*, mas há muitos anos, alguns séculos já decorridos, foi mudada para o sítio onde está.

O actual templo é um edificio pequeno e baixo, sem cornijas nem pilastras dos lados, tendo sido reformado e reconstruído há uns quinze anos.

Na sua fachada de arquitectura muito simples, terminada em ângulo e encimada por uma singela cruz, abre-se uma larga janela que dá luz ao coro.

Ao lado esquerdo da fachada e encostado a esta eleva-se um pequeno torreão para dois sinos, seguindo-se do mesmo lado, até à capela-mor, a sacristia.

Foi construído este templo no centro de um adro, vedado por parede com uma entrada fechada por cancelas de ferro.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque muito bem pintado, tendo ao centro um emblema do Sacramento.

O retábulo do seu altar é em talha antiga também muito bem pintado e dourado há poucos anos.

O corpo da igreja é forrado a estuque, liso e sem ornatos.

Os dois altares laterais são em talha antiga, muito singela.

Tem coro, púlpito e baptistério com pia em granito, antiga e sem lavores.

O *Cruzeiro Paroquial* fica em um largo em frente à Igreja, a meio caminho desta e da velha matriz.

Este cruzeiro, na sua simplicidade e humildade, é interessante, denotando, porém, ser muito antigo.

A cruz, de hastes redondas, eleva-se sobre um capitel liso e fuste rectangular, o qual tem já a inclinação da torre de Pisa. Se não lhe acodem, em breve desabará.

A *Residência Paroquial* ficava ao lado esquerdo deste cruzeiro, existindo dela apenas as paredes, pois está em completa ruína.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de São Martinho de Alvito; pelo poente com a do Salvador do Campo; pelo sul com a de Lijó e pelo nascente com a do Roriz, à qual está anexa.

A sua população no século xvi era de 18 moradores; no século xvii era de 42 vizinhos; no século xviii era de 44 fogos, estando no século xix a sua população englobada com a de Roriz.

Perto da casa do antigo capitão do *Carreto* mostraram-me umas pequenas casas arruinadas como sendo a cadeia onde aquela autoridade encerrava os presos destinados a militares, antes de existirem as actuais *inspecções*. Esta vai a título de curiosidade.

A história da freguesia de Quiraz desde 1841 em diante, data da sua anexação a Roriz, é a desta freguesia.

A CITÂNIA DE RORIZ

Nas horas calmosas de uma tarde de verão reunimo-nos no presbitério de Roriz e, prèviamente confortados com um *vinhito de dizer missas*, organizamos a excursão ao monte do Facho, à Eira dos Moiros, que lá do alto nos acenava.

Rompia à frente o nosso anfitrião, seguindo-o, baloiçando nas suas altas pernadas, o grosso corpanzil do autor destas linhas, em honra de quem fora organizada a excursão, e vinha atrás a comitiva: Rogério, P.^e Augusto, Fernando António, o Braga, nosso guia e cicerone arranjado *ad hoc*, e o Antas, que fechava o séquito, barafustando por não lhe ter sido distribuído um pau, um bordão, a que se julgava com direito, visto suas pernas enreumatizadas . . .

Atravessou a alegre caravana por caminhos e atalhos uma fértil campina, transpôs o ribeiro das Contenças no pontilhão da Várzea e arcou com a subida do monte, o *mons Aliaria* de D. Afonso Henriques (1), derivando sempre para o seu cabeço sul, o alto do Facho.

A procissão ia ruidosa: esfuziavam ditos e remoques para aligeirar o tempo e amenizar o caminho.

Parando por vezes a examinar uns marcos fusiformes, espetados nas bouças, coroados por uma cruz singela com quatro pontos nos intervalos das hastes, que não soubemos decifrar, chegamos ao alto da Portela de Roriz, formada pela garganta entre o alto do Facho, à direita, e o alto de Penizes ou Malvizinho, à esquerda.

(1) *Delimitações do Couto de Manhente na carta dada por D. Afonso Henriques em 1126, estando este infante no Castelo de Faria.*

Após um pequeno descanso, metemos por um caminho acima muito pedregoso, em que alguém quis ver calçada romana.

E talvez fosse: a povoação que existiu lá no alto devia ter uma via de comunicação com a antiga estrada que da Ponte de Prado seguia pela próxima freguesia de Oliveira a Balugães e a Ponte do Lima.

Bem depressa deparamos com os vestígios de uma grossa muralha de alguns metros de espessura e com pequenos intervalos outra e a seguir outra, a tríplice muralha que cercava a importante povoação romana e pré-romana que aqui existiu.

Começaram então a aparecer os alicerces de muitas casas, algumas circulares, e restos de calçadas, as estreitíssimas ruas de então.

Nos penedos espalhados por este grande recinto apreciavam obras de mão humana, pias, *fossettes* e dois pelo menos mostram ainda bem visíveis regos e desenhos gravados no granito.

Encontram-se por escavações feitas pequenas cortinas de muros bem trabalhados e no pendor sul-nascente o penedo da *Pata do Cavalo*, no qual está gravada uma pequena cavidade da forma da pata daquele animal, como o povo quer ver.

Pelo chão e cobertos pela terra movediça encontram-se tijolos e restos de cerâmica.

Vê-se pela extensão ocupada que aqui existiu, em eras pré-históricas e ainda no domínio dos romanos na península, uma grande povoação, cujo nome se perdeu.

Hoje é conhecida por *citânia de Roriz*, *Eira dos Moiros* e *cidade de Çanhoane*.

Poucas escavações se têm feito no sítio onde existiu esta citânia, a não ser junto às penedias onde se vê aqui

e ali a terra removida pelos perscrutadores dos tesouros escondidos.

Todo este monte é terreno *sujo*, na linguagem dos caçadores; está coberto de extensos e bastos pinhais.

Do alto do monte do Facho, apesar do muito arvoredo, descortina-se um lindo e vastíssimo panorama.

Ao nascente vê-se a cidade de Braga até ao monte do Sameiro e Gerez e todo o vale do Cávado até Barcelos, estendendo-se a vista por ali fora sul e poente até ao mar, do qual ainda se avista uma nesga, e do sopé deste monte até ao de São Gonçalo e Penedo do Ladrão, estende-se o fértil e verdejante vale do Tamel, ponteadado a branco pelos seus casais.

Sentado em um penedo, admirando tão empolgante cenário, contemplei a cidade de Barcelos que daqui relativamente tão perto fica, e pensei então se a povoação, sobre cujas ruínas estava, não seria *a máter* da antiga povoação de Barcelos, antecessora da actual cidade.

Não desceriam os povos primitivos, que aqui habitaram, ao vale a fundar aquela povoação, interposto comercial com estranhos que frequentavam as margens do rio Cávado?

Deste discorrer de ideias fui interrompido pelas ordens de marcha dadas pelo nosso guia, que, vendo declinar no horizonte o Sol, comunicou-nos o receio de se fazer noite na serra.

Não voltamos pelo mesmo caminho: descemos a encosta do Facho até à Portela, ladeamos a do Panizes ou Malvizinho, onde nos informou o nosso guia que também existiam vestígios de habitações humanas muito antigas, para irmos contemplar o penedo *Redondo* e o do *Sino*, mais adiante.

Ali, um dos nossos companheiros, esticando com um pau uma pequena cavidade que existia nele, conseguiu tirar um som que parecia o de um sino . . . rachado.

Descemos à *Fonte Verde* e mais abaixo apalpamos, pois nessa ocasião já mal se via, um marco da Casa de Bragança do Duque D. Jaime.

Atravessando vários lugares e casais, regressamos à Residência Abacial, onde nos dessedentamos com um vinho branco muito apreciado às *comidas* e... às *bebidas*.

Quando entramos no automóvel era já noite fechada.

Julgávamos que tínhamos alcançado o almejado descanso, mas como se engana o homem!

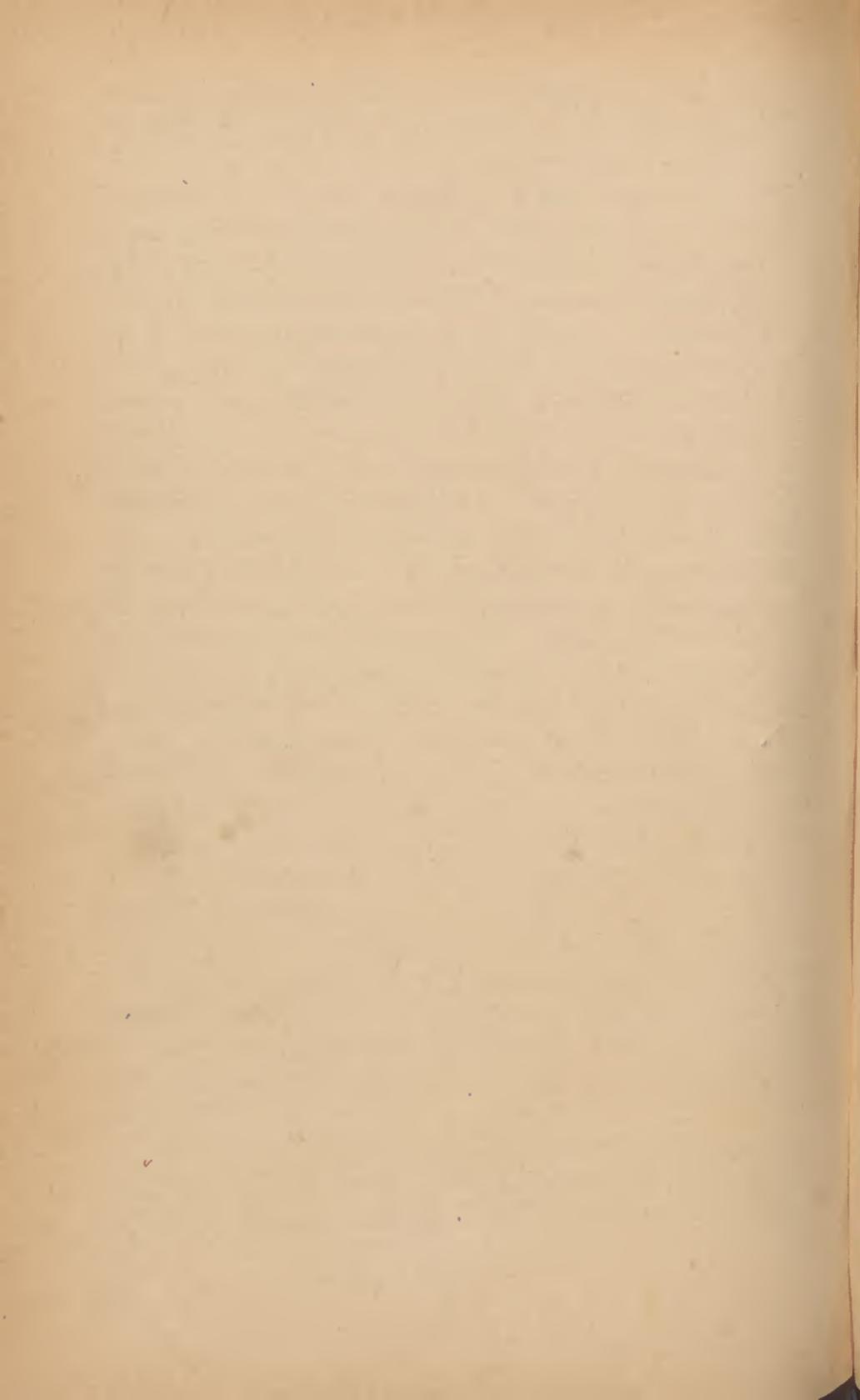
Enquanto rodamos pelo caminho velho até à *estrada* nova, bem foi.

Quando, porém, entramos nesta, começou o nosso tormento; saltávamos no ar até tocar com a cabeça no tejadilho e caíamos pesadamente uns sobre os outros.

Um horror! A estrada está um barrocal!

Custou-nos mais fazer o trajecto de Roriz à cidade do que subir a íngreme ladeira do monte do Facho.

Eu peço uma condenação justa, ainda que benigna, para aqueles que superintendem nas nossas estradas: era obrigá-los a percorrerem *de carro*, uma vez por semana, a estrada de Barcelos à Ponte de Anhel, ou pelo menos até Roriz.



Silva

SILVA, orago São Julião, era uma vigararia da apresentação do Deão da Sé de Braga.

A palavra *Silva* vem do latim *Silva*, o bosque.

A freguesia da Silva era conhecida antigamente por São Julião do Calendário do Neiva e São Julião do Calendário do Tamel, mas depois passou a ser conhecida por São Julião do Calendário da Silva e hoje só por Silva.

Calendário era a reunião dos sacerdotes de uma região, na sede de uma freguesia, a fim de tratar assuntos eclesiásticos.

A estas assembleias parciais do clero de uma região (às gerais dava-se o nome de *Sínodos Diocezanos*, na sede dos bispados) chamava-se *Calendários* por começarem a fazer-se no primeiro dia de cada mês.

A freguesia da *Silva* tomou este nome da grande casa que a família *Silva* aqui fundou.

Os *Silvas* são oriundos da Galiza e dizem-se descendentes de Eneas Sílvio, prócere romano, ainda que outros se contentem em serem apenas descendentes de D. Fruela II, rei de Leão, por seu filho, o Infante D. Ordonho, o *Cego*.

D. Guterre Paes da Silva, neto de D. Ordonho, foi o primeiro que tomou o apelido Silva e D. Guterre Alderete Paes da Silva, neto deste, que os *nobiliários* fa-

zem tronco desta família, foi o primeiro que veio para Portugal, pelos anos de 1040, fazendo assento na torre sita na freguesia de São Julião, do concelho de Valença, torre e freguesia que desde aí tomou o nome da Silva.

Esta torre ficou sendo considerada o principal solar dos Silvas de Portugal.

Um ramo desta família dos Silvas, teve também uma grande casa na freguesia de São Julião do Calendário de Tamel, do concelho de Barcelos, onde se fixou.

A casa da Silva desta freguesia pertence actualmente à Congregação do Espírito Santo, frades missionários, pelo testamento da sua última possuidora, D. Maria Antónia de Sousa da Silva Alcoforado, falecida em 1935.

O apelido Silva vulgarizou-se muito e tanto que se conta a anedota de um dos últimos reis de Portugal, ao ser-lhe apresentado pelo seu Presidente de Ministros um decreto, pelo qual era agraciado com um título nobiliárquico um ricaço que usava o pomposo nome de *António José*, ou semelhante, perguntara: — Então este não usa apelido algum? *Nem Silva?*

E arremessara para o lado o decreto, não o assinando.

É preciso amenizar o enfadonho estudo que estou fazendo e por isso desculpe o leitor a digressão.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação — «De Sancto Juliano de Calendario», de Terra de Nevía.

Nelas se diz: «quod non habet ibi Rex nullum Regalengum. Quod Rex non habet ibi nissi quatuor calumpnias. Quod Rex non est patronus et quod ista ecclesia habet senarias. Et habet ibi Hospitale 3 casalia, Templum 4 casalia, Aquas Sanctas 3 casalia, et ecclesia est sua, Varzea 1 casale, Manente 2 casalia».

Nas Inquirições de 1258 se diz: *in parrochia Sancti Juliani de Calendario, in Judicato de Nevía*, Item, que

el Rey non est padrom desta ecclesia e que virom demandar uno casal de Varcea a Giizo por del Rey.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está situada ao lado direito da Linha Férrea do Minho e Douro do Porto a Valença.

Ergue-se o seu pequeno edificio no centro de um adro vedado por parede com uma única entrada fechada por cancelas de ferro.

Na sua fachada, terminada em ângulo, encimada por uma cruz e ladeada por pirâmides, abre-se uma inestética janela rectangular.

Ao lado direito e encostada à fachada eleva-se a torre para os sinos e do lado esquerdo, junto à capela-mor, foi construída a sacristia.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque belamente pintado e decorado com um quadro ao centro alusivo ao Sacramento, as paredes também muito bem pintadas e decoradas e o seu altar em talha singela e moderna.

A fechar a tribuna admira-se um lindo painel representando «O Bom Pastor».

O corpo da igreja é também forrado a estuque, no género do da capela-mor.

Tem ao centro pintada a imagem do padroeiro São Julião, cercada aos cantos com as dos quatro evangelistas.

Tem dois altares laterais, em talha singela pintada e doirada, e do lado do evangelho um pequeno oratório.

Tem púlpito, coro e baptistério com pia em granito.

O *Cruzeiro Paroquial*, simples e modesto, está em um pequeno Largo do outro lado da Linha Férrea.

Encostado à sua base e coluna tem um nicho de alminhas, hoje desprezado, ali enxertado em época posterior ao da erecção do cruzeiro.

A *Residência Paroquial* fica em frente à igreja, apenas separada do seu adro por um caminho.

O *Cemitério Paroquial*, construído à margem da estrada, muito distante da igreja, tem sobre o portão a data 1890.

Nesta freguesia há apenas uma capela e essa particular: *A Capela de São Bento*, sita no jardim da solarenga casa da Silva, à qual pertencia esta capelinha para o serviço particular religioso da antiga família desta casa.

É pequenina, baixa e modesta, e a sua fachada renascença é encimada por uma sineira com seu sino, por baixo da qual ostenta um brasão de armas: escudo esquartelado com as armas Sousas e Silvas e nos contrários as mesmas.

Na verga da porta lê-se a seguinte inscrição: «ANTONIO DE SOVSA ALCOFORADO 1587».

Dentro, tem um único altar em bela talha renascença muito bem pintada e doirada; tecto de madeira, lindamente pintado, coro e púlpito. Ao lado direito, por uma porta, dá comunicação para a sacristia.

No pavimento tem uma sepultura rasa com tampa de pedra em que se lê a seguinte inscrição:

«FRANCISCO DE SOVSA DA SILVA ALCOFORADO DE LENCASTRE NASCEU A 25 DE FEVEREIRO DE 1797 E FALECEU A 12 DE MAIO DE 1870».

Esta capela pertence aos actuais possuidores da Casa da Silva.

Nesta freguesia, no lugar do Calvário, existiu um calvário onde os devotos faziam a via sacra, da qual apenas existem alguns vestígios.

Há os seguintes *Nichos* ou *Alminhas*: as de Santo António, as da Pena e as do Cruzeiró.

Esta freguesia, situada em planície, no vale do Tamel, é fertilizada por um ribeiro, o qual nela é conhecido pelo nome de Fonte Calvo, que nasce na freguesia de Santa Leocádia do Tamel e vai juntar-se ao ribeiro do

Paço, formando ambos o rio Fontelo ou do Tamel, afluente do Cávado, e é servida pela Estrada n.º 6 de 2.ª classe que da n.º 4 de 2.ª classe, no lugar do Faial, Santa Maria de Abade do Neiva, vai a Ponte do Lima por Balugães.

É atravessada ainda, de sul a norte, pela linha Férrea do Minho e Douro, tendo ao quilómetro 54 o Apeadeiro da Silva.

As suas fontes públicas são: a de Gondomar, a de Calvos, a dos Pradinheiros, a do Vinhal, a de Moselos, a da Devesa e a da Fontainha.

Esta freguesia confronta pelo norte com a de Carapeços; pelo nascente com a de Lijó; pelo sul e poente com a de Abade do Neiva.

A sua população no século xvii era de 47 vizinhos; no século xviii era de 60 fogos; no século xix era de 328 habitantes e actualmente é de 530 habitantes, sendo 229 varões e 301 fêmeas, sabendo ler 113 homens e 64 mulheres, havendo pois 353 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Ribeira, Boucinha, Igreja, Cruzeiro, Trás o Prado, Varziela, Pena, Carreira, Devesa, Boba, Aldeia, Costinha, Gandra, Cotovia, Calvário, Corgo, Esqueiro, Mozelho, Aiufe e Carreira-Cova.

As suas casas mais importantes são: a da Silva (brasonada), a da Devesa, a dos Bernardinos — (Cruzeiro), a dos Bernardinos — (Gandra), a do Brasileiro, a da Cotovia e a da Senra.

Esta freguesia tem Escola Oficial mista que funciona em edificio próprio, dois estabelecimentos de mercearia e Caixa do Correio.

A sua indústria é apenas a da moagem em pequenos moinhos no ribeiro que atravessa esta freguesia e engenho de serrar madeira.

Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo, nasceu nesta freguesia, na casa da Silva, a 24 de Outubro de 1697.

Foi senhor da Torre da Silva em Paredes, freguesia de Lordelo, bispado do Porto, Comendador da Ordem de Cristo e faleceu em Janeiro de 1727.

Escreveu — «Vida de Soror Inez de Jesus» e — «Vida e Morte de Maria Stuart».

Francisco Filipe de Sousa da Silva Alcoforado, inspirado poeta, da casa da Silva.

No «Guimarães Agradecido», 2.^a parte, livro publicado em 1749 (1), dedicado a D. José de Bragança, arcebispo de Braga, vêm várias poesias deste poeta que pertenceu à «Academia Vimaranesense», sociedade literária florescente naquele tempo em Guimarães.

Este poeta não é o escritor a que acima nos referimos, pois aquele faleceu em 1727 e este versejava em 1749.

Será, porém, filho?

É antigo o *Praço da Cotovia* nesta freguesia e há muitos anos que anda na família do seu actual possuidor, o Snr. Miguel de Matos Graça.

Temos conhecimento que este praço pertencia no século xvii a D. Bernarda Maria da Cruz, filha de Manuel Nunes Freire e de D. Maria da Cruz, esta irmã do Tenente-coronel Manuel Nunes Freire, de Barcelos, casada com Clemente Pereira do Lago Figueiredo Leitão, senhor da Casa de Reborido, na freguesia de Midões.

Este praço entrou no século xix na posse da família Pais de Vilas Boas pelo casamento de D. Teresa Joaquina Pereira do Lago, senhora do praço, com Joaquim António Pais de Vilas Boas e nela continua no presente.

(1) A 1.^a parte fora publicada em 1747.

Tamel (Santa Leocádia)

TAMEL, orago Santa Leocádia, era uma vigararia da apresentação das freiras beneditinas do convento de Viana.

Esta freguesia foi dada às freiras beneditinas pelo abade Jorge de Miranda Henriques por lhe tomarem quatro filhas e dois lugares perpétuos, de que já não há memória, segundo diz o P.^e António Carvalho da Costa na sua Corografia Portuguesa.

Tamel vem do árabe *Thamel*, descuido, negligência, desprezo.

Nos documentos antigos aparece-nos às vezes este nome com a desinência *al* assim *Tamal* e *Tamial*.

O nosso Tamel é um fértil vale que se estende desde o monte do Tamel, o de Louzada e o de Alheira, até à margem direita do rio Cávado, querendo alguns que por este lado vá mais longe, até ao monte de Airó, ao da Saia e ao monte de Maio.

Neste vale estão situadas três freguesias do mesmo nome: Santa Leocádia, São Fins e São Veríssimo do Tamel, das quais vamos tratar.

A freguesia de Santa Leocádia do Tamel vem nas Inquirições de 1220 com a designação=«De Sancta Leocádia de Tamial» de Terra de Nevia.

Nelas se diz: «quod Rex nullum habet ibi Regalem—quod Rex non est inde patronus—quod ista ecclesia habet senarias et 5 casalia Templum 2 casalia Balneum 4 casalia Santa Maria de Gallecos 1 casale Hospitale 1 casale.

Nas Inquirições de 1258 se diz: *in parochia Sancte Locaye de Tamial—in Judicato de Nevia* = que el Rey non est padrom da ecclesia, nem li fazem nullo foro. E intra y o Mayordomo del Rey a 4 caomias. E vam ao Castello.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está situada no centro de um adro vedado por parede com uma entrada e respectivo fojo.

É este templozinho um edificio modesto, elevando-se à esquerda da sua fachada um pequeno torreão para dois sinos, o qual tem por baixo das sineiras uma pedra saliente com a inscrição «Ano 1851», seguindo-se a este a sacristia.

A capela-mor, de construção muito antiga, tem no sítio da cornija, de um lado e doutro, vários cachorros com figuras de animais exóticos.

No adro, a servirem de bancos, estão três tampas de sepultura, numa das quais se lê: «S. DE MEL A^o», que parece ser muito antiga.

Dentro, a capela-mor, muito mais baixa que o corpo da igreja, é forrada a madeira pintada, tendo ao centro um quadro alusivo ao Sacramento, ladeado aos cantos por outros com as imagens dos evangelistas. O altar é em talha singela, pintada e doirada.

O corpo da igreja, forrado a estuque liso, foi alteado provavelmente nos meados do século XIX.

Tem dois altares laterais e uma capela do lado do evangelho: a *Capela dos Passos*, fundada no século XVI pelo abade do Salvador do Campo, Jorge de Miranda.

O sanefão do arco cruzeiro tem gravado na madeira a data 1907 e o da Capela dos Passos a data 18-2-908.

o altar do lado da epístola a data 1873 e o do lado do evangelho 18-9-1876.

Estes altares, proporcionais ao edifício, devem ter sido ali colocados logo após a reconstrução desta parte do templo.

Tem coro, púlpito e baptistério com pia de granito antiga.

Existe nesta freguesia uma cruz processional, florençada, de cobre, muito antiga.

Há dois *Cruzeiros Paroquiais*: um em uma bouça ao poente da igreja e outro em um pequeno largo, junto a um caminho ao norte.

No primeiro, que deve ser o primitivo, a base e a cruz são modernos e a coluna e capitel muito antigos, tendo, porém, na base gravada em alto relevo a data 1870, com certeza a da reconstrução, e o segundo é todo moderno, mas sem data.

O *Cemitério Paroquial* foi construído ao sul da igreja, lendo-se sobre o seu portão a data 1931.

A *Residência Paroquial*, edifício antigo e modesto, fica ao sul da igreja, junto ao seu adro.

Esta freguesia, sita em planície, nas fraldas do monte da Corujeira, cabeça do do Tamel, é fertilizada pelo ribeiro do Sobra e pelo da Seara, que nascem nesta freguesia e ainda nela se juntam, formando o ribeiro de Fonte Calvo ou da Silva, afluente do Tamel ou Fontelo.

Não é servida por estrada alguma e confronta pelo norte, com a freguesia de Fragoso; pelo nascente, com a de Carapeços e a de Quintiães; pelo sul, com a da Silva e pelo poente, com a de Abade do Neiva e a de Vilar do Monte.

Os marcos divisórios de Santa Leocádia têm gravadas as letras S. B. (São Bento) por desta freguesia ser padroeiro um Convento da Ordem daquele patriarca.

A sua população no século xvi era de 39 moradores; no século xvii era de 76 vizinhos; no século xviii era de 67 fogos; no século xix era de 260 habitantes e actualmente é de 281 habitantes, sendo 112 varões e 169 fêmeas, sabendo ler 33 homens e 5 mulheres, havendo pois 243 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Varziela, Souto, Laranjal, Vinha, Fonte, Poço, Rua, Renda, Lixo, Zenha, Barreiro, Matos, Penha Longa, Igreja, Tarrío, Requião, Mórfeito, Sobrado e Escairo.

As suas casas mais importantes são: a do Rego, a da Penha Longa, a de Tarrío, a do Sobrado e a do Baptista.

Há algumas azenhas, uma loja de comércio, Caixa do Correio e Escola Oficial mista de um lugar, que funciona em casa própria.

No alto de uma pequena bouça, junto à Linha Férrea do Minho e Douro, apareceram canos, sepulturas de tijolos, etc., indicativos da passagem de povos antigos por estes sítios.

No Cimo da Corujeira houve uma capelinha dedicada a S. Tomé, da qual apenas hoje existem vagos vestígios.

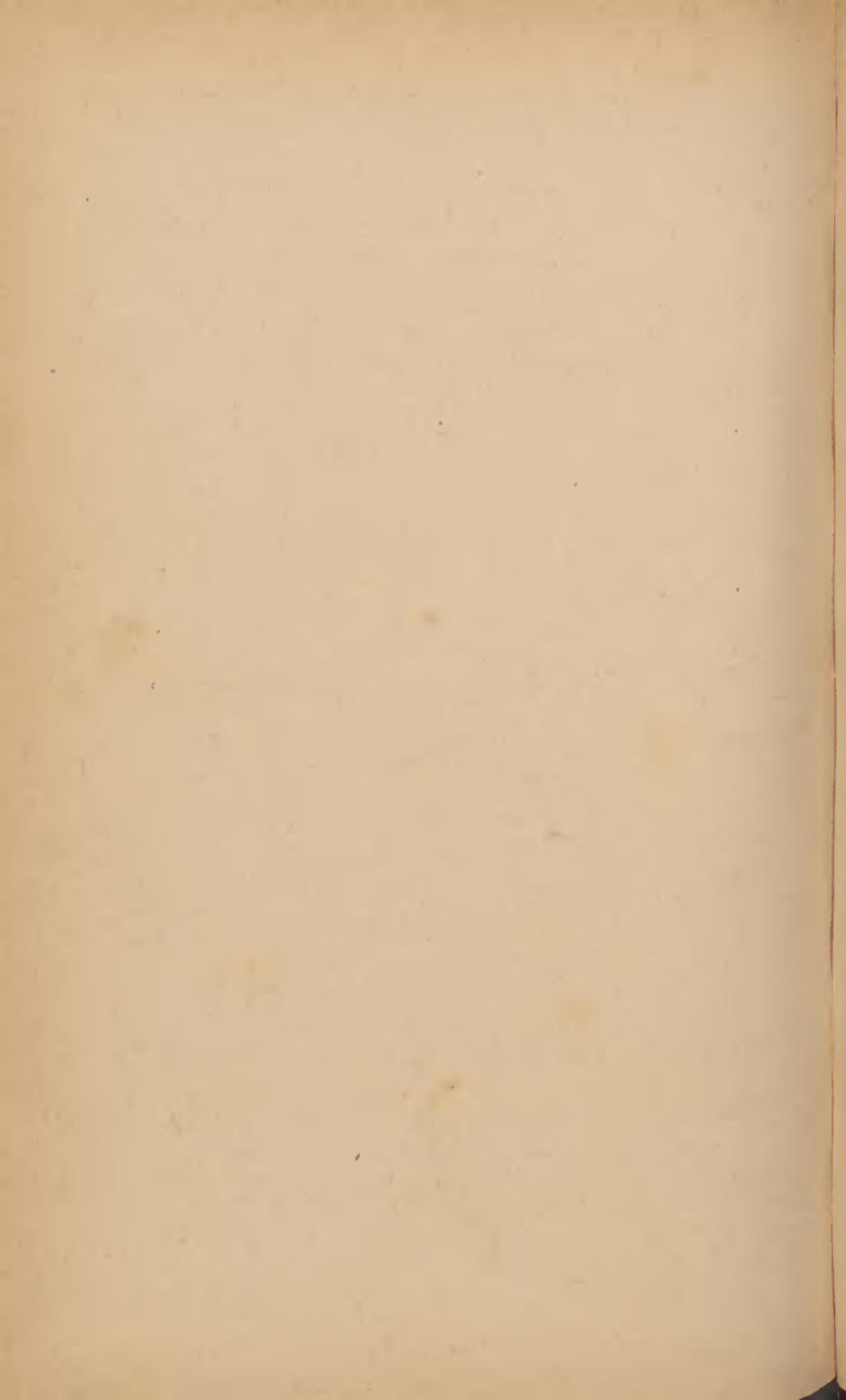
Conta-se que nesta freguesia viveram em tempos remotos, *no tempo ainda da Inquisição*, certos fidalgos, grandes caçadores, como bons fidalgos que eram, mas pouco católicos, como se vai ver do facto por eles praticado, que vamos narrar:

Um dia, andando estes fidalgos à caça no alto do monte da Corujeira, encovou-se um coelho e faltando-lhes furão meteram o santo da capelinha que ficava perto, dentro da toca do animal.

Isto soube-se e eles foram presos à ordem daquele terrível Tribunal e nunca mais apareceram nesta freguesia, sendo os seus bens repartidos por outros fidalgos seus parentes.

As velhas aldeãs contam esta mirífica história, horro-
rizadas com o sacrilégio dos fidalgos daquele tempo, ante-
passados dos marxistas espanhóis pelo seu acto, satisfei-
tas, porém, com o tremendo castigo que lhes foi infligido.

Pela minha parte ponho muito em dúvida a veracidade
desta história, pois os nossos antigos fidalgos foram sem-
pre bons católicos, incapazes de praticarem tais irreverên-
cias com os santos, e se a ela me refiro é para encher
mais alguns *linguados*, alongando assim a história desta
freguesia, tão falha dela.



Tamel (S. .Fins)

TAMEL, orago São Pedro Fins, era uma abadia da apresentação do arcebispo de Braga.

O P.^e António G. Pereira no seu livro «Tradições Populares» diz a respeito do orago desta freguesia: «S. Pedro Fins considera-se como uma derivação de *Sanctus Pectrus Felix*.

A forma intermédio é *fiéis* ou *fiis*, que depois se nasalou.

Pectrus Felix é santo que não figura no Kalendário romano, nem no lusitano; deve aparecer provavelmente no hespanhol, a não ser algum santo de canonisação popular, como *S. Pero Gonsalves*, o santo dos marinheiros portugueses e hespanhoes».

Esta freguesia era, porém, designada primitivamente pelo nome de *Sanctus Felix de Tamial* e *Sanctus Fiis do Tamial*, assim como actualmente o povo a não designa por outro nome do que *São Fins do Tamel*.

É certo que em documentos de várias épocas intermédias se encontra a designação de *S. Pedro Fins do Tamel* e é caso para notar que actualmente se venera como padroeiro na igreja matriz desta freguesia São Pedro, cuja imagem está exposta no altar-mor e em um quadro no tecto do corpo da igreja, e no púlpito se vê gravada a tiara pontifícia.

Esta freguesia era primitivamente do padroado real, passou depois para o da Casa de Bragança, por doação, e em 1459, 5 de Julho, o duque de Bragança permutou com o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, o padroado desta freguesia pelo de Santo André de Mareces (Barcelinhos), ficando desde então S. Fins do Tamel da apresentação da Mitra até 1834.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação = «De Sancto Felice de Tamial», de Terra de Nevía.

Nelas se diz: quod Rex est inde patronus, quod habet ibi dominus Rex leiras regalengas.

Et quando venit Maiordomus pausat in ecclesia; quod ista ecclesia habet senarias. Et Sancta Leocadia 5 casalia minus quartam et Sanctus Salvator do Campo 2 casalia.

Nas Inquirições de 1258 se diz: *In Judicato de Nevía* Item *in parochia Sancti Fíz de Tamial* que desta ecclesia dominus Rex est patronus, et que é pouso do Mayordomo del Rey et dam li a comer na ecclesia assi como o achar. Et intra y o Mayordomo del Rey a 4 caomias. Et vam a fazer o castelo. Et a fravega est presso de ganado.

Nestas Inquirições há os seguintes nomes de lugares nesta freguesia: Agro de Maria, Moino Zopo, Carvalia, Podami, Vina, Adauffi, Fravega e Savariz.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está situada no centro de um adro vedado por parede com duas entradas.

É um edificio alto, estilo renascença, abrindo-se uma pequena rosácea no centro da sua fachada, terminada em ângulo e encimada por cruz pontifícia.

Ao lado esquerdo ergue-se uma possante e bem proporcionada torre para os sinos e atrás desta a sacristia.

Dentro a capela-mor é forrada a madeira e o seu altar é em rica talha doirada, estilo barroco.

No pavimento, a ladearem a sepultura paroquial, existem duas sepulturas, tendo a do lado do evangelho gravada por baixo de um escudo com as armas dos Souzas, coberto por um chapéu eclesiástico, a seguinte inscrição: «HE DE FRANCISCO DE SOVSA MENEZES O MAIS INDIGNO ABADE DESTA IGREJA».

O corpo da igreja é também forrado a madeira mas com pinturas antigas, tendo ao centro o icone de São Pedro.

Tem quatro altares laterais em boa talha antiga.

Tem púlpito com guardas de madeira, ao centro das quais se acham gravadas as armas pontificiais, coro e baptistério com pia de granito, antiga.

Este templo é amplo, espaçoso e bem iluminado por rasgadas janelas laterais.

Existe nesta igreja uma cruz processional florenciada, de cobre, que denota ser muito antiga.

O *Cruzeiro Paroquial* estava em um caminho por trás da igreja, mas acha-se actualmente derrubado.

Existem nesta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de São Bento*, construção dos princípios do século XVIII, fica na quinta de São Bento, a facear com o portão armoriado daquela quinta.

Pertence hoje esta capela à família Barreto, de Lijó.

A *Capela de Nossa Senhora da Portela*, no alto da Portela, perto da estrada de Barcelos a Ponte do Lima e do travesso de estrada para o Salvador do Campo, fica ao fundo de um bom terreiro.

É baixa, fachada terminada em ângulo, encimada por uma cruz e ladeada de pirâmides, tendo em frente à porta principal um espaçoso alpendre sustentado por duas colunas, lendo-se na verga daquela porta a data—1691.

Ao lado direito desta capela, a facear com a sua fachada, eleva-se a torre para os sinos e entre esta e a

porta principal tem uma pedra com a seguinte inscrição: «POR AMOR DE DEVS HVMA AVE MARIA PELO PR.º IRMITÃO DESTA IRMIDA».

Do lado esquerdo deste tempozinho está a sacristia.

Dentro, a capela-mor, baixa e forrada a madeira, tem altar antigo, mas em talha muito singela.

O corpo da igreja é também forrado a madeira pintada, tendo ao centro a seguinte inscrição: «ESTA CAPPELLA FOI MANDADA FERRAR E PINTAR PELLO BEMFEITOR PADRE JOAQUIM JOSE BARROS NEIVA NO ANNO DE 1853».

Esta capela interiormente é cercada de uma bancada de pedra, encostada às paredes, e tem coro do lado direito, púlpito e ao meio é fechada por um alto gradil de madeira torneada.

Tem dois altares laterais pequenos com retábulos em talha singela.

É pública, fazendo-se aqui todos os anos uma importante romaria no mês de Maio.

Ao lado do terreiro que circunda a capela, está a casa da Confraria, cedida para Escola Primária.

À entrada do terreiro, junto ao travesso da estrada para o Salvador do Campo, ergue-se o cruzeiro desta capela.

É interessante: haste rectangular folheada, capitel coríntio e cruz com a imagem de Cristo em granito.

Na base vêem-se gravados nas quatro faces os mártires de Cristo e na da frente tem uma inscrição indecifrável.

Do lado esquerdo do terreiro, dentro de velhos muros, ergue-se uma velha casa que me disseram fora o Recolhimento dos Padres.

Começou este por um ermitão; juntando-se-lhe depois outros, transformou-se mais tarde em uma comunidade religiosa.

A este facto se refere o P.^e António Carvalho da Costa, no seu livro «Corografia Portugueza», publicado pela primeira vez em 1706.

Diz assim: «Aqui em Nossa Senhora da Portella, huma grande legoa ao Norte de Barcellos, vive nestes tempos hum Ermitão de boa vida, grande Latino, que ensinou a muitos sem interesse, chama-se Belchior da Graça. Ultimamente se lhe ajuntou o Reverendo Manoel Velho Conego de Barcellos e derão principio a huma Recoleta, em que se guarda o instituto de Terceiros de S. Francisco.

Estão nella cinco, ou seis Sacerdotes e Ermitas, fazendo vida exemplar, e virá a ser cousa grande com o muito que lhe acrescenta Francisco de Sousa Ferraz, que sendo muito nobre, natural de Ponte do Lima e abade de São Pedro de Esqueiros, renunciou e foy aqui meter-se aonde gasta a penção que lhe pagão».

Este recolhimento progrediu pelo andar do tempo, chegando a ter, pouco antes da sua extinção, uns vinte habitantes.

O *Cemitério Paroquial* foi construído à margem esquerda da estrada de Barcelos a Ponte do Lima, em frente ao cruzamento desta estrada com a do Salvador do Campo.

Tem sobre o seu portão a seguinte inscrição: «Cemiterio de S. Fins 1928»—e fica quase nos limites desta freguesia com a de Aborim.

No cruzamento das duas estradas, na embocadura da do Salvador, está um *Nicho de Alminhas*, em que se venera a imagem de Nossa Senhora, tendo por cima da porta a data 1891.

A *Residência Paroquial* fica ao norte da igreja, distante desta.

A freguesia de São Fins do Tamel, está situada em planície, no extremo norte do vale do seu nome, é fertilizada pelo ribeiro do Cortinhal, que nasce nesta freguesia e, correndo pela de Carapeços e Lijó, vai lançar-se no ribeiro do Tamel ou Fontelo, e é servida pela Estrada Nacional de 2.^a classe que de Barcelos vai a Ponte do Lima por Balugães, e pela Municipal que daquela, do Alto da Portela, vai por Salvador do Campo comunicar com a da Ponte de Anhel a Ponte do Lima.

As suas fontes públicas são: a do Loureiro, a da Laje, a do Sino, a da Paloça, a do Postiço e a de Covelas.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Aborim; pelo nascente com a do Salvador do Campo; pelo sul e poente com a de Carapeços.

A sua população no século xvi era de 37 moradores; no século xvii era de 70 vizinhos; no século xviii era 130 fogos; no século xix era de 332 habitantes e actualmente é de 362 habitantes, sendo 162 varões e 200 fêmeas, sabendo ler 58 homens e 13 mulheres, havendo pois 291 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Reboredo, Martinho, Laje, Sino, Poças, Estrada, Boavista, Portela, Bouças, Cabana, Poça da Vinha, Fonte, Igreja, Merouços, Romé, Sentas e Bocal.

As suas casas mais importantes são: a de São Bento (brasonada), a da Igreja, a de Reborido, a do Neco e a da Mota.

Tem Escola Oficial que funciona em edifício próprio.

Não tem Caixa do Correio (servem-se da de Carapeços), não tem lojas comerciais e quanto à sua indústria é de pouca monta, a não ser a agrícola.

Tamel (São Verissimo)

TAMEL, orago S. Verissimo, era uma abadia da apresentação do arcebispo de Braga.

O pároco era obrigado a dar de foro cada ano um jantar ao D. Abade beneditino do mosteiro de Manhente, a cujo couto pertencia parte desta freguesia.

Vem esta freguesia nas inquirições de 1220 com a designação = « De Sancto Verissimo de Cauto de Manxenti » = de Terra de Prado.

Nestas inquirições se diz: « quod Rex nullum habet ibi Regalengum » e « quod Rex nullum habet ibi forum, quod Rex non est patronus.

Pertenceu São Verissimo ao concelho de Prado até 1855, o qual se estendia até ao ribeiro Fontelo e por aí confrontava com o julgado de Neiva, termo de Barcelos.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia esteve primitivamente no lugar do Souto do Bajão, onde se encontram ainda vestígios da sua existência ali.

Como estivesse, porém, no extremo da freguesia, do outro lado do ribeiro Fontelo (margem direita), e na ocasião das cheias os seus moradores tivessem de recorrer à igreja de Santa Maria de Galegos para a administração dos sacramentos, foi a antiga matriz demolida e construído novo templo no sítio do Souto da Redonda, onde actualmente está.

O edifício desta igreja sofreu em várias épocas obras de reconstrução, sendo a última ampliação feita em 1925.

O actual templo está situado no centro de um adro, vedado por parede, com cinco portas de serventia.

De arquitectura singela, sem os arrebiques da arte, ao lado direito da sua fachada eleva-se uma alta torre para os sinos.

Esta torre foi construída em 1834, sendo mestre pedreiro André Cartogoço, natural de Ponte Vedra (Galiza), e em 1925 alteada.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira em caixotões com florões doirados.

O seu altar, em talha singela pintada e doirada, foi acrescentado em 1-7-1926, aproveitando-se grande parte do antigo, feito em 26-7-1811.

Do lado do evangelho abre-se a porta para a sacristia paroquial. Esta é ampla, forrada a madeira de castanho antigo em caixotões.

Junto a esta foi construída a da Confraria.

O corpo da igreja é também forrado a madeira no mesmo estilo do da capela-mor.

Tem três altares laterais em talha muito singela.

Tem púlpito, coro em reconstrução e baptistério com pia em granito muito antiga, por certo a da igreja velha.

O *Cruzeiro Paroquial* acha-se em um Largo ao norte da Igreja. É um monumento muito singelo e tosco.

A *Residência Paroquial* era antigamente uma casa, que ainda hoje existe, no meio de uma quinta perto da extinta matriz.

Ergue-se o actual edifício ao lado direito do adro da igreja, circundado pelo Passal.

O *Cemitério Paroquial* foi construído ao lado esquerdo do adro, tendo sobre o seu portão a data 1891.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de Santa Luzia*, que esteve ao lado sul do cruzeiro mas, caindo em ruínas, foi demolida e construída

de novo no alto do Outeiro, sendo inaugurada em 24 de Fevereiro de 1935. É pública.

A *Capela de Santa Terezinha*, junto à casa de Fraião, foi reconstruída há poucos anos, tomando nessa ocasião a nova invocação.

Há nesta freguesia os seguintes *Nichos* ou *Alminhas*: as dos Moreiros, construídas em 1790, e as do Salvação, junto à ponte, com as iniciais M. J. D. S. — 1908.

Esta freguesia, situada em planície no vale do Tamel, margem direita do rio Cávado, é banhada por este rio e pelo seu afluente ribeiro do Tamel ou Fontelo, que aqui tem a sua confluência.

É servida pela Estrada Nacional n.º 8 de 2.ª classe de Barcelos a Montalegre por Prado e pela camarária que da Estrada de Barcelos a Ponte do Lima pela ponte de Anhel vem até à igreja.

As suas fontes públicas são: a do Casal e a do Carvalho.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de S.ª Maria de Galegos, pelo nascente com a de Manhente, pelo sul com o rio Cávado e pelo poente com a de Arcozelo.

A esta freguesia pertencia, permitam-me que diga, uma pequena ilha entre a freguesia de Arcozelo e a de Santa Maria Maior de Barcelos, constituída pela casa e quinta da Granja, pertencente à família Beça e Menezes, confrontando pelo norte e poente com a freguesia de Barcelos, pelo sul com o Rio Cávado e pelo nascente com a de Arcozelo.

Porém, por decreto episcopal de D. Manuel Vieira de Matos, de 6 de Dezembro de 1926, a Granja foi desmembrada de S. Veríssimo do Tamel e incorporada na freguesia de Santa Maria Maior de Barcelos, ficando São Veríssimo a confrontar pelo poente com a freguesia de Arcozelo pelo ribeiro Fontelo.

A população desta freguesia no século XVI vem no Censo da População de 1527=O Couto de Manhente com Sam Verysymo e Sam Martinho 63 moradores; no século XVII tinha 72 vizinhos; no século XVIII tinha 97 fogos; no século XIX tinha 422 habitantes e actualmente tem 769 habitantes, sendo 351 varões e 418 fêmeas, sabendo ler 172 homens e 52 mulheres, havendo pois 545 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Casal, Ponte, Moreiros, Pontes, Fontelo, Campelo, Cachada, Cruzeiro, Telheiras, Fraião, Reboreda e Gavieira.

As suas casas mais importantes são: a dos Moreiros, a de Fraião, a do Grilo, a dos Limas, a dos Pereiras, a das Pontes, a do Martins Lima, a do Salvação, a do Monteiro, a do Arco, a da Monta e a do Casal.

Existem nesta freguesia as seguintes pontes: a das Pontes que dá passagem à Estrada Nacional e a de Arcozelo (meira) que dá passagem à estrada camarária.

Tem os seguintes açudes: um no Cávado, entre esta freguesia e a de Santa Eugénia de Rio Covo, e o da Agra, o do Sarrilha e o do Monteiro, no ribeiro de Fontelo.

Esta freguesia tem 3 lojas de comércio, duas Caixas do Correio e funciona aqui um Posto de Ensino.

Tem moagens e serração no Rio Cávado, várias aze-nhas e a Fábrica de Moagem=Sociedade Industrial Aliança, com sede no Porto=no ribeiro Fontelo.

Exerce-se aqui também a indústria de fabricação de telha e tijolo.

Dentro dos limites desta freguesia foi construída a Elevatória das Águas do Cávado para o Reservatório Camarário na freguesia de Vila Boa, donde é distribuída a água para a cidade de Barcelos.

Manuel José Luis Pereira, alferes miliciano, era desta freguesia, do lugar dos Moreiros.

Domingos Gavieira de Sousa Lette, que foi Consul do Paraguai, no Porto, era também desta freguesia.

No quintal da casa Gavieira existe, encostado a uma parede, um brasão: escudo esquartelado, no primeiro um campo verde com três flores de lis postas em santor, no segundo um campo vermelho com cruz florida aberta de campo; e assim os contrários. Timbre: elmo aberto com a cruz dos campos, ladeada por duas flores de lis.

Informaram-me que esta pedra de armas veio de Arouca, de uma casa que era dos actuais possuidores desta.

Contaram-me que à fonte do Carvalho se refere o Livro de S. Cipriano (livro que, diga-se de passagem, tive ainda a dita de ver e cuja leitura sempre desejei, desde que em criança os velhos daquele tempo dele me falavam).

Os ambiciosos para se apoderarem dos tesouros escondidos, levados por tão seguro guia, por vezes escavaram junto àquela fonte, existindo ali ainda uma cova resultante daquelas pesquisas.

As *Alminhas* dos Moreiros, abrigadas por um pequeno alpendre, suspenso em duas colunas, têm de cada lado do nicho sua pedra com inscrição.

Na do lado esquerdo lê-se:

« Ó tu que vais caminhando
De ti mesmo esquecido;
Repara, aplica o sentido
Verás quanto estou penando;
Lembra-te de mim agora
Que de ti nunca me esqueço.
Ouve: resa ou me dá esmola
Que eu sempre a Deus por ti peço.

Na do lado direito lê-se:

« Esta obra mandou-a erigir João Gomes e seu irmão Domingos em testemunho de sua gratidão e sua devoção para que todas as pessoas que passem deem esmola e rezem um Padre Nosso por sua intenção».

Tregosa

TREGOSA, orago Santa Maria, era uma abadia da apresentação da Mitra.

Tregosa foi outrora conhecida por *Trebousa*, *Tragosa* e ainda pela denominação de *Torgoosa* que assim viria de *torgo*, raiz, nome de planta espécie de urze.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação = «De Sancta Maria de Torgoosa», de Terra de Nevia.

Nelas se diz que — «dominus Rex habet ibi suum Regalengum».

«Et si opus fuerit de madeira ad castellum, debent dare isti homines de illa (vila?) et levare illam usque ad Lagoa de Madeira».

«Quod Rex non est patronus et quod ista ecclesia habet senarias. Et Sanctus Pelagius de Capareiros habet ibi testamentos. Et Hospitale de renda 2 denarios et meala, et 1 almude de pane».

Nas Inquirições de 1258 se diz: *in Judicato de Nevia*, Item *in parochia Sancte Marie de Torguosa* que: el Rey non est padrom; que pectam 4.^{or} vezes, se as fazem: et vam in anuduva: et taliam madeira de seu, et levan a á lagoa que chamam Madeira quanta mandar o Joiz de Nevia pro ad Castellum adubar.

Item, ha y el Rey seu Regaengo, scilicet; in Ribeiro, in Moleda, in Lagoa, in Prado, Agro Maior, in Barrosa, in Linares, in Veeiro, in Agrelo, in Portegada, in Mondelo, in Gondixa, in Pedrosas, in Vilares.

Há aqui, segundo estas Inquirições, algumas honras por amadigo.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia fica em sitio desafogado no centro de um adro vedado por parede com duas entradas.

É um templo baixo e de reduzidas dimensões. Ao lado esquerdo eleva-se, a facear com a sua fachada, uma forte e sólida torre, de altura proporcionada ao resto do edificio.

Atrás da torre, a meio da igreja, está uma pequena sacristia que serve de casa de arrumação e do outro lado foi construída a sacristia paroquial.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque liso pintado de azul. O seu altar é em talha antiga, estilo renascença, pintada e doirada.

O pavimento é em mosaico, abrindo-se ao centro uma sepultura com tampa de pedra em que tem gravada a seguinte inscrição: HIC JACET VERMIS IMVNDIS MICHAELCARLVS DE ABREV E SOVSA QVONDAM ISTIVS INDIGNVS PASTOR OBIT ANNO 1864 DIE VERO 30 DE DECEMBRIS».

O corpo da igreja é forrado a madeira, tem quatro altares laterais, todos em talha simples, modernos, tem coro, púlpito e baptistério com pia de granito, antiga.

Nas costas da igreja, segue desde o adro uma larga avenida calçetada e ajardinada, no alto da qual se ergue o *Cruzeiro Paroquial*, simples e modesto monumento, lendo-se na face sul da sua base a seguinte inscrição: ADORAMUSTE CHRISTI OPSO CRVMCIMTVAM REDMICI MVNDVM; na do lado nascente, a da frente,

a data 1650, e nas outras vêem-se vestígios de letras cujas inscrições se tornaram indecifráveis.

Subindo alguns degraus entra-se em um pequeno largo, erguendo-se ao seu lado sul uma cruz de pedra que tem na haste horizontal as seguintes letras: DE AN DE AZID^c . . . sendo fechado ao sul pela *Capela de São João*, de reconstrução moderna e architectura muito simples.

À face de um caminho que segue para Durrães, ao nascente desta capela, ergue-se um pequeno *Cruzeiro*, tosco, mas muito antigo.

Na encosta do monte, que fecha ao sul o horizonte desta freguesia, alcandora-se uma pequena capelinha — A *Capela do Calvário* — precedida de várias cruzes que formam o Calvário.

Junto à Casa da Torre, ao nascente desta, existe um pitoresco recanto, ensombrado por copadas árvores, para o qual se entra por uma pequena porta fechada por uma cancelinha de madeira.

Ergue-se logo à entrada um pequeno e modesto cruzeiro, elevando-se ao fundo uma interessante capela ameada e encimada, ao centro, por uma sineira.

Tem esta capela o aspecto de um bem proporcionado castelo com seu brasão ao centro e, por baixo, entre este e a porta, uma inscrição que lemos assim: ESTA SNOR MANDAO FAZER DIEGO BARBOSA PEIXOTO E CATARINA FRZ. FLORIM ANO 1577.

Ao lado esquerdo da porta, da parte de fora, existe um púlpito em granito, escabelo, um dos mais formosos que tenho visto. É todo cercado de figuras, gravadas em alto relevo na pedra, de anjos em várias atitudes e sustentado por uma figura humana que lhe serve de pilastra.

Esta é a *Capela de Nossa Senhora da Anunciação*, particular e pertence à viuva do Dr. Roberto Frias, que a obteve por compra.

Ao lado direito desta capela, em cima de um penedo, encostado à casa da Torre de Cardoso está um Nicho, para o qual se sobe por um escadório de pedra, com a imagem também de pedra de Santo António, conhecido por *Santo António do Penedo*.

Há ainda a *Capela de São José*, na quinta dos Amorins, que é particular e pertence ao Sr. Fernando Gomes de Amorim.

Junto à ponte velha vêem-se as *Alminhas da Ponte*, pequenino e velho nicho.

O *Cemitério Paroquial* fica ao norte da igreja matriz, distante desta uns cem passos, e tem sobre o seu portão a data 1887.

A *Residência Paroquial* ergue-se junto ao adro, ao lado direito da igreja.

Tregosa, situada na bacia orográfica do Neiva, parte em planície, parte na encosta norte e nordeste das ramificações do monte Aréfe, é banhada pelo rio Neiva, que a atravessa.

Existem duas pontes sobre o rio Neiva nesta freguesia, a velha reconstruída em 1905 e a nova construída há pouco tempo, para nela passar a estrada em construção de Capareiros a Durrães.

As suas fontes públicas são: a de Jusia, Verdial, Gandisse, Balsa, Cruz da Costa e Bitoto.

A estrada da Barca do Lago, Esposende, à Estação de Barroselas passa no extremo norte de Tregosa; para chegar, porém, ao centro da freguesia, à sua igreja paroquial, só por caminhos velhos, ainda que bem conservados. Está em construção uma estrada desde o Largo da Feira de Barroselas até à freguesia de Durrães e que será de futuro de grande utilidade para esta freguesia de Tregosa.

Tregosa é atravessada pela Linha Férrea do Minho e Douro, ao quilómetro 66, a qual salta o rio Neiva em uma boa ponte de ferro, (obra da Casa Eiffel) que tem 30 metros de vão e 14 de altura.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Capareiros, do concelho de Viana do Castelo, pelo nascente com a de Durrães, pelo sul com a de Santa Lucrécia de Aguiar e pelo poente com a de Fragoso.

A sua população no século xvii era de 80 vizinhos; no século xviii era de 62 fogos; no século xix era de 312 habitantes e actualmente é de 445 habitantes sendo 222 varões e 223 fêmeas, sabendo ler 59 homens e 19 mulheres, havendo pois 367 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Além do Rio, Ponte, Calçada, Campos, Casais, Sobreiros, Devesa, Torre, Balsa, Freixieiro, Montizelo e Arroteia.

As suas casas mais importantes são: a da Torre de Cardoso (brasonada), a dos Amorins e a de Vieiro.

Tem Escola Oficial, de um lugar, que funciona em edificio próprio, acabado de construir, Caixa do Correio e um estabelecimento comercial.

A sua indústria está reduzida a várias moendas e engenho de serrar madeira no rio Neiva.

Há aqui uma indústria típica, a de *torneiro*, isto é, a de fazer cabos para pás, sacholas, etc.

Dos homens mais ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, destacaremos os seguintes:

Miguel Carlos de Abreu, Doutor em Teologia e Abade desta freguesia, onde faleceu em 1864, possuindo uma boa livraria, deixou-a a seu bis-sobrinho o distinto escritor José Caldas.

P.^e Manuel José Alves Passos, Abade desta freguesia e vereador que foi da Câmara Municipal de Barcelos.

O *maestro João Carlos Pinto Ribeiro*, Capitão Chefe de Música, falecido em 7-XII-1931, jaz no Cemitério Paroquial desta freguesia.

P.º António Gomes de Amorim, natural de Tregosa, foi Reitor da freguesia de Viatodos, Abade de São José e São Lázaro de Braga, Vereador da Câmara Municipal de Barcelos, Professor de Oratória Sagrada e Concursos, e Desembargador da Relação Eclesiástica de Braga.

Diogo Barbosa Peixoto, instituiu, juntamente com sua mulher Catarina Fernandes Florim, em 19 de Janeiro de 1577, na sua quinta da Torre de Cardoso, um vínculo denominado de Cardoso, chamando à sucessão seu sobrinho Bento do Rego Barbosa, casado com D. Guiomar do Lago.

Foi senhora deste Morgado no século xvii D. Maria do Rego Fagundes, casada com *Belchior Pimenta da Silva*, Juiz da Alfândega de Viana, filho de João Jacomo do Lago e de D. Catarina Pimenta da Silva, senhores da Casa de Curutelo.

A Casa da Torre de Cardoso foi vendida já neste século por Adriano Perestrelo Marinho Pereira de Araújo ao Dr. Roberto Frias.

Pertence ao tesouro desta freguesia uma interessante custódia de prata do século xvii.

Entre Tregosa e Fragoso existiu antigamente a *freguesia de Cardoso*.

No Censo da População de 1527 não vem, talvez por lapso, a freguesia de Tregosa, vindo porém a de Cardoso.

O que é certo é que a freguesia de Cardoso já não existia nos fins do século xvii, pois a ela se não refere a Corografia Portuguesa do P.º António Carvalho da Costa.

O território por ela ocupado foi incorporado, a meu ver (não tenho em meu poder documento algum que diga respeito a este assunto), a Fragoso e a Tregosa.

Ucha

UCHA, orago São Romão, era uma abadia da apresentação da Mitra.

Ucha vem do latim *lutica* que significa caixa ou casa de guardar pão e outras vitualhas.

Em um documento do século XVI de vedoria para emprazamento das terras do passal da Ucha menciona-se uma *ucharia* com habitação para *ucheiro*, ou arrecada dos dízimos, donde talvez venha o nome de *Ucha* a esta freguesia.

A freguesia da Ucha vem já, porém, nas Inquirições de 1220 com a designação: «De Sancto Juliano de Ucha», de Terra de Prado.

Nelas se diz: «quod Rex non est patronus, quod habet ibi dominus Rex terciam unius casalis. Et habet eciam in Mazaedo unam leiram».

«Quod habet ibi ista ecclesia 1 senariam. Tiviaes 6 casalia Cervaes 8 casalia. Manenti 1 casale».

Nas Inquirições de 1258 se diz: *in Judicato de Prado, item, in parrochia Sancti Romani da Ucha* que ouviu dizer a seu avoo que intrava o Mayordomo in Ulveira et in Terroselo et in Gomariz; que o Mayordomo intrava a penorar in Mazaedo de Susão, et in Ulveira, et in Gomariz, et ora non intrava y; que in San Romao pectavam al Rey voz et caomia et omizio, et ora non la pectam;

que ouviu dizer destas sobrescritas onras que intrava y o Mayordomo, et ora non intra y.

Alguns lugares desta freguesia pertenciam ao antigo Couto e honra de Azevedo e os restantes ao extinto concelho de Prado.

A antiga *Igreja Paroquial* era no lugar do Assento, ao sul da actual, distante desta uns cem passos.

Da estrada ao Cemitério abre-se uma larga avenida, marginada em parte de árvores, ao centro da qual e no sítio mais elevado e desafogado se ergue a actual matriz desta freguesia, construída em 1900, edificio alto e espaçoso mas de arquitectura simples e sem os arrebiques da arte.

Ao lado direito da sua fachada eleva-se uma bem proporcionada torre para os sinos e atrás desta, junto à capela-mor, foi construída a sacristia.

Dentro, esta capela-mor é forrada a estuque muito bem pintado e decorado, ostentando ao centro um emblema do Sacramento.

O altar, em estilo pobre, é moderno.

O corpo da igreja é também forrado a estuque, pintado e decorado como o da capela-mor, vendo-se ao centro o ícone do padroeiro desta freguesia — S. Romão.

Tem quatro altares laterais, dois de cada lado, metidos cada um em seu arco nas paredes.

Tem coro, dois púlpitos e o baptistério, caso pouco vulgar, do lado da epístola, metido em um arco debaixo da torre.

Ao fundo desse pequeno nicho, por trás da pia baptismal de mármore, moderna, vê-se pintado um quadro representando o baptismo de Cristo.

Respira-se neste templo conforto e asseio; foi a impressão que trouxe da minha visita.

Atrás da igreja, ao lado esquerdo da avenida ao Cemitério, ergue-se a *Residência Paroquial*, de boa aparência.

A antiga matriz, um pouco desprezada, está ainda aberta ao público e serve de *Capela do Cemitério*, depois de reduzidas as suas primitivas proporções.

É um edificio baixo, desproporcionalmente largo por ter sido cortado ao comprimento.

Na sua fachada, terminada em ângulo, encimada por uma cruz, abre-se sobre a porta principal uma pequena rosácea.

Do lado direito, junto à capela-mor, está uma diminuta sacristia que serve de depósito de cereais.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira com pinturas antigas, tendo ao centro pintada a imagem do padroeiro São Romão.

O altar é em talha antiga, vendo-se ainda no pavimento desta capela três sepulturas com seus respectivos taburnos.

O corpo da igreja é forrado a madeira igualmente pintada.

No adro foi desenterrada uma sepultura de pedra (pia) que se encontra sem tampa e está encostada ao gradil do cemitério.

Dentro do antigo adro, em frente à igreja, vê-se uma tosca mesa e bancos de pedra, que era a *mesa do cabido*.

Na parede posterior da sacristia, da parte de fora, junto à capela-mor, está uma lápide em granito muito enalitrado com uma inscrição indecifrável.

Das letras que contém pudemos copiar apenas as seguintes:

S IN E DCCCL VIII HE MUH DE S FERI 99 R A.

Entenderam? Eu, não.

O *Cemitério Paroquiâl* foi construído à direita da antiga igreja, com porta virada ao adro.

Sobre esta porta lê-se a data = 1887.

O *Cruzeiro Paroquial* fica em frente à actual matriz, junto à estrada.

É moderno, sem data nem inscrição.

Sob uma forte coluna eleva-se uma cruz com uma bela imagem de Cristo em pedra.

Das capelas desta freguesia existem apenas duas.

A *Capela das Graças*, moderna, tendo apenas pouco mais de meio século, junto à casa da Eira, é particular e pertence à Sr.^a D. Rosa Martins Ribeiro.

A *Capela de Nossa Senhora da Mãe dos Homens*, junto à casa do Cabo, é antiga e particular, pertencendo ao Sr. Manuel Nogueira Coelho.

Esta freguesia, situada em planície na bacia orográfica do Cávado, é fertilizada por dois ribeiros: o da Nogueira, que nasce na freguesia de Oliveira, atravessa nesta da Ucha a estrada sob uma pequena ponte e vai desaguar ao Cávado, e o das Andorinhas, que nasce na próxima freguesia de Cervães, atravessando a estrada sob uma ponte, vai também desaguar ao Cávado.

As suas fontes públicas são: a do Forte, a da Torre, a da Quinta, a de Mozolo, a da mina do Moutinho e a da Granja.

Esta freguesia é servida pela estrada n.º 8 de 2.^a classe de Barcelos a Prado e Montalegre, e confronta pelo norte, com a de Cervães, do concelho de Vila Verde; pelo nascente, com a de Cabanelas, também daquele concelho; pelo sul, com o rio Cávado e pelo poente com as de Oliveira e da Lama.

A sua população no século xvi era de 50 moradores; no século xvii era de 90 vizinhos; no século xviii era de 113 fogos; no século xix era de 671 habitantes e actualmente é de 852 habitantes, sendo 354 do sexo masculino e 498 do sexo feminino, sabendo ler 155 varões e 80 mulheres, havendo pois 617 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Assento, Fortes, Sobreiro, Cabo, Quintão, Gandra, Torre, Marco, Rego, Gandra-chã, Bouça, Bairros, Fraião, Cruto, Medela, Macedo, Vieiros e Codracheira,

As suas casas mais importantes são: a do Cabo, a do Gomes, a da Eira, a do Sobreiro, a do Órfão, a de Carreira e a de Fraião.

Tem Escola Oficial para os dois sexos, de dois lugares, que funciona em edificio arrendado.

Tem Caixa do Correio, 2 estabelecimentos de mercearia, 2 de fazendas e uma Farmácia.

Existe nesta freguesia a indústria de torneiros (fazer torneiras de pau), mas a mais importante é a de olaria, sendo muito antigas nesta parte do concelho as olarias.

Em escavações feitas nesta freguesia têm aparecido restos de loiça, tijolos e telha, do tempo dos romanos.

O barro era extraído na grande barreira de Cruto, que se vê ao lado esquerdo da estrada de Barcelos a Prado, nos limites desta freguesia da Ucha, da de Cervães e da de Cabanelas, muito conhecida já daquele grande povo.

No monte do Castro, nesta freguesia da Ucha, havia a chamada Eira dos Mouros, que desapareceu com as obras que ali se fizeram em 1934 e onde se encontraram muitos objectos da época românica.

No documento do século xvi, ano de 1549, no principio mencionado, Diogo Gonçalves, Cónego da Sé de Braga e abade da freguesia da Ucha, fez emprazamento das terras do *Passal* (que naquele tempo ocupava grande parte desta freguesia) a Catarina Fernandes por 600 reis anuais.

Esse emprazamento foi confirmado por um Rescrito de Paulo III, de 24 de Abril de 1546, no qual diz aquele Papa: . . . «qua dicta Catarina ejusdem Didan Gundisalvi forsam femina vel concubina sit aut fuerit . . .».

Por esta passagem se vê a lassidão da disciplina eclesiástica no século dos Médicis, chegando um Papa a reconhecer num diploma oficial o empraçamento das terras do passal feito por o abade daquela freguesia a sua *mulher ou concubina*.

E já que estamos com assuntos ligeiros, que apenas servirão para amenizar a grande maçada da história e descrições de freguesias, vamo-nos referir à historieta de um usurário e de seu digno filho, sucedida nesta freguesia, como a conta Pinho Leal, ou o seu continuador, no «Portugal-Antigo e Moderno».

«É digno de nota, um facto acontecido nesta freguesia, em Fevereiro de 1876.

Tinha falecido quase de repente, em 1873, um lavrador, que tinha tanto de rico, como de avarento. Declarou poucos momentos antes da sua morte, que queria ser enterrado com sua *roupa domingueira*, o que se cumpriu.

O filho, que era tão avarento como o pai, remechendo tudo, em busca de dinheiro e títulos, deu pela falta de dous contos de reis em notas; e, lembrando-se que o pai os tivera na mão, poucos dias antes de morrer, *mandou desenterrá-lo*, no fim de três anos (!) e com efeito, encontrou as notas, no bolso do defunto!

Se fosse um desgraçado que não tivesse mais nada de seu, talvez não tornasse a ver semelhante dinheiro».

Acabou-se o conto e eu, se não tirei outro resultado, muito satisfeito fiquei por ter ampliado com ele o espaço destinado a esta freguesia.

Vila Boa

VILA BOA, orago S. João, era uma abadia da apresentação da Mitra.

A freguesia de S. João de Vila Boa era conhecida antigamente por Vila Boa do Tamel e S. João do Tamel, por estar sita neste grande e fertilíssimo vale.

Assim nas Inquirições de 1220 de D. Afonso II, vem com a designação = «De Sancto Johanne de Tamial» de Terra de Nevia.

Nelas se diz: «quod Rex nullum habet ibi Regalengum. «Vadunt ad castellum. Et de hereditate de Covelo pectabant vocem et calumpniam, et modo amparat illam Hospitale».

«Quod Rex non est patronus. Quot ista ecclesia habet senarias et 8 casalia».

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258 se diz: «*in Judicato de Nevia*, item, *in parrochia Sancti Johannis de Vila Bona de Tamial* que el Rey non est padrom desta ecclesia. E intra y o Mayordomo a 4 caomias. E vam ao castello».

A Igreja Paroquial desta freguesia fica em planície, mas em sítio desafogado, donde se disfruta um lindo panorama.

É edificio baixo, formado todo em pedra despida de qualquer reboco. Na sua silharia, principalmente na ca-

pela-mor, vêem-se algumas siglas e sinais maçônicos dos antigos pedreiros construtores de monumentos.

Na sua fachada, encimada por uma cruz e ladeada por duas pirâmides, abre-se uma pequena rosácea por baixo da qual se estende um largo alpendre, parapeiteado de pedra e sustentado por seis colunas.

Debaixo desse alpendre, junto à porta principal, vê-se uma sepultura rasa com tampa de pedra em que se lê a seguinte inscrição: «A J. DOMINGOS MANOEL DVARTE PINHEIRO ABBADE QVE FOI DESTA FRE-GVEZIA N. 13-12-2 F. 22-2-91).

Ao lado direito da fachada, a facear com esta, eleva-se um pequeno torreão para um sino e atrás, junto à capela-mor, uma pequena sacristia.

Dentro esta capela é forrada a madeira pintada e o seu altar é antigo em bela talha estilo renascença. A tribuna é fechada por um lindo painel representando o baptismo de Cristo.

O corpo da igreja é igualmente forrado a madeira pintada, tendo dois altares: o do lado do evangelho moderno e o da epístola antigo, no mesmo estilo do altar-mor.

Tem ainda dois inestéticos oratórios nas paredes, um de cada lado. Tem coro, púlpito e baptistério com pia de granito, antiga.

A *Residência Paroquial* fica ao lado esquerdo da igreja, separada desta pelo adro. Na parede virada ao templo vê-se gravado numa pedra um signo Salomão.

O *Cemitério Paroquial*, perto da Residência, foi construído em 1930.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela da Senhora da Ajuda*, ao nascente da igreja matriz, é pequena e está quase em ruína. Dela apenas existem as paredes e o telhado.

É pública, mas já há muitos anos, talvez uns setenta, que nela se não exerce o culto. A imagem da padroeira passou a ser exposta à veneração na igreja matriz desta freguesia.

Na capela da Ajuda estavam duas sepulturas, que foram recolhidas no Museu Municipal.

Na tampa de uma lê-se a seguinte inscrição: «A. S. de BELCHIOR GLZ E SVA MVLHER M. D.^a FRZ. DA QUINTA DA GRANJA Q. POS SEV F.^o BA.^m FRZ. 1640».

Na tampa da outra vê-se gravado em alto relevo um hábito de frade e por baixo uma inscrição meia apagada, lendo-se apenas: ESTA CAPELA

A *Capela do Espírito Santo*, no lugar do seu nome, fica no alto de um pequeno outeiro, donde se disfruta um panorama encantador.

É pequenina, formada em dois corpos: a capela-mor e o corpo da igreja, tudo em miniatura.

Por cima da sua porta em arco, vê-se um escudo bipartido com as armas dos Almeidas e Castros, de seis arruelas.

Este escudo não tem elmo nem paquife. Por cima vê-se uma pedra com a seguinte inscrição: «ESTA OBRA MANDOV FAZER FRANCISCO DE GOVVEA FIDALGO DA CASA DE EL-REI NOSSO SENHOR — 1558», encimando tudo isto uma caveira e por baixo desta a cabeça de um anjo, separando estas duas figuras uma fita com a seguinte inscrição: «ALEMBRA-TE».

Dentro a capela-mor, bem pequenina, é forrada a madeira em caixotões e o seu altar é muito antigo, com retábulo em estilo barroco.

O corpo da igreja é também forrado a madeira com caibros à vista e o pavimento lajeado, vendo-se nele duas sepulturas.

Na do lado do evangelho lê-se em volta da tampa a inscrição: «1567 AQVI JAZ ANINHA DE GOVVEA FILHA DE FRARCISCO DE GOVVEA» e na do lado da epístola esta outra: «AQVI ESTA SEPVLTADO MIGEL FERRAZ DE GOVVEA SEISTO ADEMINISTRADOR DESTA CAPELA DO ESPIRITO ST.º DE GOVVEA Q. FALECº NO PRº DE MCº DE 1741 ANNOS».

Esta capela foi cabeça de um Morgado — o *Morgado do Espírito Santo de Gouveia ou do Covelo*.

Actualmente pertence por compra à illustre família Vieira Borges, do Porto.

A *Capela de Nossa Senhora da Conceição* está junto à casa da quinta da Castanheira, hoje Casa de Saúde de S. João de Deus.

Nas grandiosas obras que se estão realizando junto àquela Casa de Saúde, está em construção um magnífico templo para serviço religioso daquela casa e do público, o qual segundo me informam terá por orago S. João de Deus.

Tem esta freguesia os seguintes cruzeiros:

O *Paroquial*, que ficava em frente da capela da Ajuda, foi mutilado, existindo no sítio apenas a base com a data gravada — 1775.

A coluna, o capitel e a cruz estão quebrados dentro da capela da Ajuda.

O *Cruzeiro do Espírito Santo* está no centro de um pequeno largo, formado por três caminhos ao sul da capela do Espírito Santo, à qual pertence.

É uma linda peça architectónica: base bem trabalhada, tendo na frente, virada à capela, a cabeça de um anjo; na do lado direito a inscrição: «ESTA OBRA MANDOV FAZER FRANCISCO DE GOVVEA A. 1568»; na da frente um escudete com as armas apagadas, que não se podem ler, e finalmente na do lado esquerdo uma caveira com a fita em que se lê: «ALEMBRA-TE».

A coluna deste cruzeiro é oitavada, o capitel jónico, encimado por uma cruz simples.

O *Cruzeiro do Faial*, nos limites desta freguesia e a de Santa Maria de Abade do Neiva, pertence à capela de S. Lourenço da quinta do Faial, nesta última freguesia, e ao qual já nos referimos quando tratamos de Abade do Neiva.

A freguesia de Vila Boa, situada em planície, na bacia orográfica do Cávado, é fertilizada pelo ribeiro que nasce em Santa Leocádia do Tamel e é afluente do rio Tamel ou Fontelo e é servida pela estrada de Barcelos a Ponte do Lima por Balugães.

As suas fontes públicas são: as de Corujo, a de Sandim, a da Senhora da Ajuda, a de Lavadice, a da Agra e a da Estrada.

É esta freguesia atravessada pela Linha Férrea do Miño e Douro ao quilómetro 52, e confronta pelo norte com a de Lijó e a da Silva; pelo poente com a de Abade do Neiva e pelo sul e nascente com a de Arcozelo.

A sua população no século xvii era de 50 vizinhos; no século xviii era de 66 fogos; no século xix era de 284 habitantes e actualmente é de 444 habitantes, sendo 240 do sexo masculino e 204 do sexo feminino, sabendo ler 118 varões e 26 mulheres, havendo pois 300 analfabetos.

Esta população acha-se distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Covelo, Estrada, Tornada, Cachada, Corujo, Raízes, Jordão, Serôdio, Forca Velha, Vermil, Sendim, Ribada, Vaela e Lobata.

As casas mais importantes são: a do Sol, a do Pião, a de Covelo, a do Passal, a da Santa Maria, a do Casal, a de Corujos, a do Relho, a do Lobato e a da Castanheira (hoje Casa de S. João de Deus).

Tem dois estabelecimentos comerciais, Caixa do Correio e um Posto de Ensino, que funciona em edifício arrendado.

Existem nesta freguesia dois Depósitos de águas públicas: o do Borges, empresa particular, e o da Câmara, este alimentado pelas águas de Vilar do Monte, Santa Maria de Abade do Neiva e pelas águas da Elevatória do Cávado, sita na freguesia de S. Veríssimo do Tamel.

Na casa da quinta da Castanheira foi instituída a *Casa de Saúde de S. João de Deus* para alienados, importante estabelecimento onde se acolhem para cima de cem pessoas que sofrem de doenças mentais.

Pelas importantes obras que ali se estão realizando e pelas que se projectam, ficará sendo este estabelecimento um dos melhores do País.

Barcelos foi uma das terras que teve a honra de auferir uma Força permanente e esta freguesia a escolhida para nela se levantar tão sinistro padrão.

No lugar da Força Velha desta freguesia foi construída a primitiva força, antes de ser transferida para a freguesia de Barcelinhos.

Francisco de Gouveia Sampaio, depois de ter prestado os seus serviços em África, fundou em 1568 a Capela do Espírito Santo, na sua quinta do Covelo, nesta freguesia, e em 1580 instituiu nela um vínculo, conhecido por Espírito Santo de Gouveia ou do Covelo.

D. Antónia Pinheiro, filha de D. Catarina Pinheiro e de Belchior Pinheiro Leitão, casou duas vezes: a primeira com Manuel da Fonseca Velho, Morgado de Balão, em Moure, e a segunda vez com o Licenciado Miguel Ferraz de Gouveia, filho de Francisco de Gouveia Sampaio, instituidor do vínculo do Covelo nesta freguesia.

De ambos os matrimónios houve abundante progénie.

Do segundo matrimónio, entre outros, teve a *Francisco de Gouveia Ferraz*, que foi senhor do Morgado do Covelo por herança de seus pais.

Serviu nas guerras de aclamação, passando a nado o rio Minho com alguns soldados para ir combater os galegos, que da outra margem insultavam o nosso rei (Conde de Ericeira — Portugal Restaurado, Parte 1.^a) e foi casado com D. Ursula de Vilas Boas.

Foi Morgado do Covelo ou Espírito Santo *António Gouveia Ferraz*, bisneto daquele combatente das margens do Minho, casado com D. Luíza Ventura de Almeida Castelo Branco, que foi bastante estragado, contrafu dívidas e foi para o Brasil depois de casado e de ter filhos.

Este vínculo andou, porém, na linha do seu instituidor até à sua extinção, achando-se hoje as terras que o constituíam fraccionadas por emprazamentos e a quinta do Covelo e Capela do Espírito Santo na posse de estranhos.

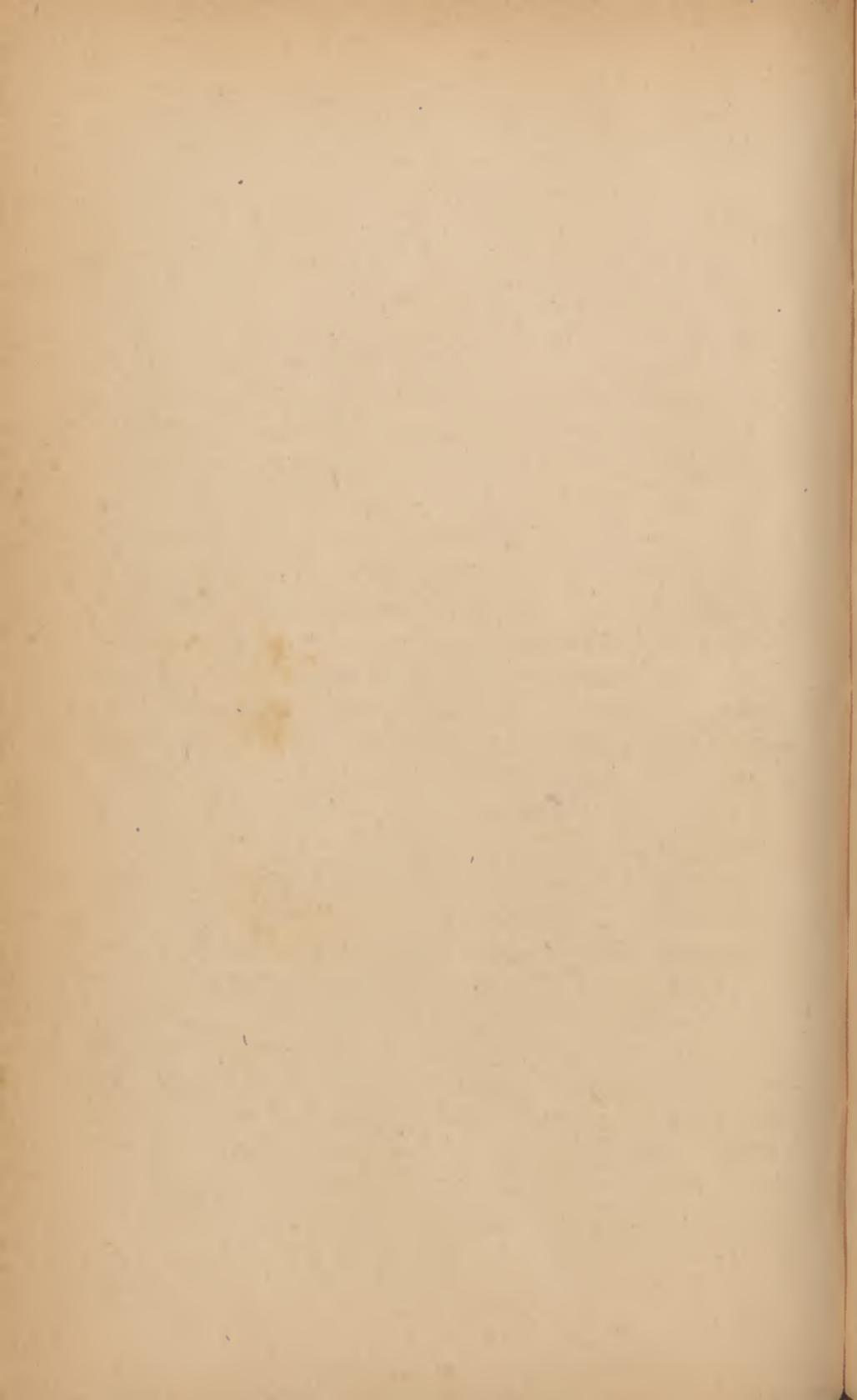
Fernão Anes foi abade desta freguesia de Vila Boa e instituiu o morgado de Adães, naquela freguesia, o qual tinha a singularidade de andar sempre na linha feminina de preferência à masculina.

A este morgado nos referiremos quando tratarmos da freguesia de Adães.

Viveu nos fins do século passado e princípios deste o *Dr. António Cardoso e Silva*, na sua quinta da Castanheira desta freguesia.

Foi Juiz de Direito aposentado e agraciado com o título de Visconde de Godim.

Na Capela da Ajuda, que era particular, pertencente à família Gomes da Costa, da Barca, havia uns legados, mas por falta do seu cumprimento a Junta de Freguesia chamou-a a si, ficando a Capela a pertencer a esta.



Vila Cova

VILA COVA, orago Santa Maria, era uma reitoria da apresentação da Mitra.

O nome *Vila Cova* denota, como diz o P.^e António Gomes Pereira, que esta freguesia está em *lugar baixo* relativamente às circunvizinhas.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação: = «De Sancta Maria de Villa Cova de Terra de Nevia» e nelas se diz que: «habet ibi dominus Rex suum Regalengum»; que «Vadunt ad castellum»; «quod Rex non est patronus» que «ista ecclesia habet senarias et quebradas. Et Palmi 11 casalia et quebradas Balneum 11 casalia et entradas, Sancta Eolalia 1 casale et medium, Varzea duas partes de uno casale».

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258 se diz: *In Judicato de Nevia, Item, in parrochia Sancte Marie de Villa Cova* que el Rey non est patronus de ecclesia; pectam 4^{or} caomias, se as fazem, et vam ao castello».

Fala-se nestas Inquirições de Marezes, Exati, Vila Cova, etc.

Gomes Pires Bisamato foi Juiz de Neiva, como destas Inquirições se depreende.

Houve nesta freguesia um mosteiro de freiras da Ordem de São Bento, sendo a apresentação dos abades de Vila Cova deste mosteiro, mas, extinguindo-se aquele mos-

teiro em época que não sei determinar, passou a apresentação do seu pároco com o título de Reitores para os arcebispos de Braga até 1834.

Corre na tradição que a primitiva *Igreja Paroquial* era em Enchate (1), onde dizem também era o convento de freiras, a que acima nos referimos, do qual porém não há vestígios.

À actual matriz de Vila Cova ergue-se ao lado esquerdo da estrada que vai a Curvos, em um pequeno largo, com as costas voltadas a esta.

Este templo foi reconstruído e ampliado nos fins do século passado.

Ao lado esquerdo da sua alta frontaria, de arquitectura simples e encimada por um nicho, ermo de seu morador, ergue-se uma torre para os sinos, a qual já serviu ao edifício anterior. Na fresta que dá luz à sua escada lê-se na padieira a inscrição: «ANNO DE 1772», data da construção desta torre.

Por trás, encostada à igreja, estão as casas da arrecadação e a seguir a estas, junto à capela-mor, a sacristia paroquial.

Por cima daquelas casas, junto à torre, está o relógio, que tem sobre o mostrador a data 1898.

Templo amplo, espaçoso e iluminado por rasgadas janelas, a sua capela-mor é forrada a estuque com altar e tribuna grandiosa. Tem gravada nesta a data 1888, a do seu douramento.

(1) *A igreja em Enchate não seria a matriz da extinta freguesia de Enchate, que existiu entre Vila Cova e os Feitos?*

Levanto esta dúvida que não posso resolver em face de documentos, pois o arquivo paroquial de Vila Cova desapareceu por completo em um grande auto de fé que os herdeiros de um abade fizeram a todos os papéis que encontraram na Residência.

Na parede do lado do evangelho lê-se em um quadro a seguinte inscrição: «ESTA IGREJA FOI CONSTRUIDA EM 1886 A 1887 REITOR ANTONIO PEREIRA DA CVNHA JVNTA DE PAROCHIA MANOEL JOSE DO VALLE ROZENDO MANOEL JOSE GOMES DOS SANTOS MANOEL SILVESTRE DA COSTA LVIZ ANTONIO DOS SANTOS PORTELA JOSE ALVES ROSA FEITA POR MANOEL JOSE DE FARIA PALMEIRA».

O corpo da igreja é forrado a madeira pintada com o icone da padroeira ao centro.

Tem quatro altares laterais, três modernos em talha belamente pintada e doirada, e um, o das Almas, antigo e de grande apreço.

No senafão que cobre o arco cruzeiro lê-se a data: ANNO 1891.

Tem púlpito, cujas guardas de madeira contêm boa pintura antiga, coro, suspenso em três arcos firmados em colunas de pedra com capitéis jônicos, e baptistério, medido sob um arco debaixo da torre em cuja arquivolta se vêem figuras de anjos, com pia em granito antiga.

Do mesmo lado esquerdo foi construído um pequeno coro para um órgão, lendo-se por cima a data 1889.

O tesouro desta igreja está bem provido, contendo muitas pratas para uso do culto, destacando-se entre elas uma bela custódia, uma cruz processional e outra mais pequena que pertenceu a Banho.

No adro encontra-se uma pia baptismal em granito, que segundo nos dizem era a da freguesia de Banho.

A *Residência Paroquial* ergue-se ao lado direito da igreja, separada desta pelo adro. No parapeito do patamar das escadas, coberto por um gracioso alpendre, lê-se a seguinte inscrição: «REEDIFICADA EM 1928 PELOS BONS PAROQVIANOS E DIGNOS PROPRIETARIOS DE VILA COVA E BANHO».

Fora do adro, mesmo em frente à porta principal da igreja, foi construído o *Cemitério*, tendo sobre o seu portão a inscrição: 1892 CEMITERIO PAROCHIAL DE VILA COVA.

O *Cruzeiro Paroquial* fica em um pequeno largo, ao nascente da igreja, formado pelo cruzamento da estrada de Curvos e a que vai à capela de S. Brás. Firma-se a cruz em um grande globo de pedra assente em uma alta coluna com capitel coríntio. Não tem data nem inscrição gravada na sua base.

Ao lado da estrada em frente a este cruzeiro foi construído um pequeno plinto de pedra com a inscrição: AVENIDA RODRIGO BROCHADO.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

A *Capela de S. Brás*, de fundação antiga, foi mudada em 1927 um pouco para poente de onde estava. É pública.

A *Capela de Nossa Senhora da Conceição*, junto à casa de Mareces, foi construída há uns 200 anos. É particular e pertence ao Snr. Carlindo dos Santos Portela.

Houve nesta freguesia, além doutras, a *Capela de S. João*, junto à casa do Abrunheiro, hoje em completa ruína, coberta de eras, e a de *São Mamede*, no monte daquele nome.

Existem ainda as seguintes *Alminhas*: as do Madeira, que têm sobre a padieira a data 1846, as de Samo, as do Beça, as das Eiras, as do Rola, as do Boaventura, as da Beça (Enchate), as do Pito e as do Aldeia.

Esta freguesia, situada em planície na bacia orográfica do Cávado, é fertilizada pelos ribeiros do Agro do Banho, que nasce em Curvos e vai lançar-se no Cávado, e de São Gonçalo, que nasce no monte de São Gonçalo, atravessa a freguesia dos Feitos e esta de Vila Cova, na qual toma diversos nomes, e é também afluente do Cávado.

Existem nesta freguesia de Vila Cova várias pontes e pontilhões, dentre as quais mencionaremos a do Giestal, a do Abrunheiro, etc.

As suas fontes públicas são: a do Paço, a de Nanquim, a do Poço, a de Pontelinha, a de Lilão, a da Lagoinha, a do Outeiro, a de Friande, a do Talho, a de Banho e a de Enchate.

É servida pela estrada que da n.º 4 de 1.ª classe de Esposende a Barcelos vai por Curvos ligar à da Barca do Lago à Estação de Barroselas e pela que desta de Curvos segue à capela de São Brás.

A actual freguesia de Vila Cova confronta pelo norte com a de Palme; pelo poente com a de Curvos, a de Palmeira de Faro e a de Gemezes, do concelho de Esposende; pelo sul com a de Perelhal e pelo nascente com a de Creixomil, a de Vilar do Monte e a dos Feitos.

A sua população no século xvi era de 102 moradores; no século xvii era de 200 vizinhos; no século xviii era de 173 fogos; no século xix era de 1.071 habitantes e actualmente, as duas freguesias Vila Cova e Banho, é de 1.388 habitantes, sendo 600 do sexo masculino e 788 do sexo feminino, sabendo ler 278 varões e 115 fêmeas, havendo pois 995 analfabetos (1).

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Samo, Banho, Portela, Enchate, Outeiro, Serra, Barreiras, Mareces e Vila Cova..

As casas mais importantes são: a do Abrunheiro, a do Ferramenta, a de Semeadela, a do Bário, a da Aldeia, a da Cachada, a da Bouça, a do Rosendo, a de Banho, a da Casada, a do Barroso, a de Enchate, a dos Novais, a do Tomás, a do Bento, a da Quelha, a do Mendes, a de Lilão,

(1) *Censo da População de 1930.*

a do Freixo, a da Ponte, a dos Assunções, a do Carvalho, a dos Regos, a do Damásio e a da Capela.

No lugar do Samo existe um portal, ostentando um escudo com o seguinte emblema (?) cinco cunhas em campo; em chefe um martelo e em contra-chefe uma estrela; sem elmo nem paquife.

Tem esta freguesia seis estabelecimentos comerciais, Caixa do Correio, Escola Oficial com três lugares (um criado recentemente), que funciona em Edifício próprio, e um Posto de Ensino, que funciona em edificio arrendado.

Na fachada do edificio escolar, virada à estrada, lê-se em uma lápide de mármore a seguinte inscrição:

«ESCOLAS VALE MANDADAS CONSTRVIR POR D. JOSEFINA MENDES DO VALE BROCHADO EM HOMENAGEM A SEV FALECIDO MARIDO JOSE JOAQUIM DO VALE E SEV FILHO JOSE GVILHERME 1909».

José Joaquim do Vale foi um grande benemérito desta freguesia, deixando à Confraria do Sacramento grandes capitais adquiridos no Brasil para com o seu rendimento sustentar um capelão, um médico, distribuir dotes a raparigas pobres, esmolas aos pobres, etc.

O M. R. P. Fr. Manuel de vila Cova, Ex-Leitor de Teologia, Qualificador do Santo Ofício, Ex-Definidor e Ex-Guardião do convento do Porto, foi eleito Provincial no Capítulo celebrado em 11 de Agosto de 1712, segundo diz a Crónica da Província da Soledade.

Pelo uso seguido nesta Religião de os seus membros tomarem o nome da freguesia da sua naturalidade, este M. R. P. franciscano devia ter nascido na freguesia de Vila Cova.

Seria natural desta freguesia?

Assim o devemos admitir em quanto outra freguesia do mesmo nome não venha reclamar a honra de ter sido o berço de tão ínclito varão.

Baltazar Ferraz Pereira, nascido nesta freguesia, foi cônego da Sé da Guarda, assistente muitos anos na Curia Romana, renunciando a conezia em seu parente Manuel Novais Machado, natural da freguesia de Quintiães, que também foi Arcediago de Celorico.

Baltazar Ferraz Pereira, voltando de Roma, veio para a sua quinta de Vila Cova e casou nela seu sobrinho Martim Ferreira da Costa com uma sobrinha do novo cônego Novais Machado, de nome D. Maria de Araújo, que sucedeu na casa.

Dr. António Emílio Mendes do Vale, médico, nasceu nesta freguesia em 25 de Julho de 1861 e faleceu em 11 de Agosto de 1928.

David Martins de Lima, filho de Miguel Martins e de Teresa Moreira de Lima, nasceu nesta freguesia aos 10-11-1884 e nela faleceu aos 23-8-1911.

Assentou praça em infantaria, foi como voluntário para a África e, fazendo parte da coluna contra os cuamatas em 1907, tão heròicamente se portou que foi condecorado com seis medalhas, sendo uma delas a Torre e Espada, com a respectiva pensão. Escreveu e publicou um livro — «A Campanha dos Cuamatas — 1918».

Segue a lista de alguns párocos desta freguesia: João Ribeiro — 1645, João Rodrigues Pereira — 1718; João José Luís Portela — 1765; António Boaventura Mendes da Costa — 1811; João Baptista dos Santos Portela — 1829; António Bento da Silva — 1839; Manuel José Gonçalves — 1878; João Evangelista de Sousa; António Pereira da Cunha — 1887; Paulino José Ribeiro e o Sr. P.^e José Francisco Rios Novais, muito digno Arcipreste deste concelho e actual pároco de Vila Cova.

Existiu nesta freguesia, no lugar de Vila Cova, uma importante vila romana, onde se vêem ainda restos desta povoação.

No Museu Municipal das Torres, em Barcelos, estão várias peças arquitectónicas desta antiga vila.

Em 1935, em uma bouça no lugar de Mareces, quando os pedreiros procediam a umas escavações encontraram duas meadas de oiro no valor superior a vinte contos.

Os franceses, quando por aqui passaram em 1809, vexaram os povos desta freguesia, fugindo muitos destes para o monte do Faro, em Palmeira do Faro, onde alguns perderam a vida.

No monte de S. Mamede há um penedo a que chamam o *Penedo dos Moiros* e outro conhecido por *Penedo do Sino*.

Perto destes há um outro penedo de enormes dimensões a que dão o nome de *Guarita*.

Por estes sítios há, como por todas essas aldeias, muita gente que crê ainda em moiras encantadas e tesouros escondidos.

Banho

Banho, orago São Salvador, era uma reitoria, depois da extinção do Convento, da apresentação dos arcebispos de Braga.

A fundação do mosteiro de S. Salvador de Banho é de data anterior à da nossa nacionalidade, pois foi fundado entre os anos de 1067 e 1073, sendo bispo de Braga D. Pedro II.

Pertenceu este Convento à Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, (frades Crúzios), passando mais tarde a ser administrado por Comendatários, até que no tempo do Cardeal rei D. Henrique, em 1566, foi reduzido a Comenda da Ordem de Cristo e Reitoria secular.

Vamos tentar reconstituir *novamente* o que foi este Convento e seu vetusto templo.

« O mosteiro de Banho foi um exemplar formosissimo de arquitetura, romanica », diz o Sr. P.^e Bernardino dos Santos Portela, muito digno Prior aposentado da Apúlia, em uma monografia publicada no Jornal « Diário do Mi-
nho », de Braga.

« Conheci-o e visitei-o algumas vezes nos anos de 1870 e 1871 », continua aquele erudito investigador.

« Conheci-o, tendo apenas abatido a abóbada da Capela-mor, o que succedeu pelos anos de 1865 ou 1866, produzindo memorável estrondo, sentido nas povoações vizinhas ».

A empena fronteira do Mosteiro era voltada para o poente e era recta na parte superior, terminada em friso liso.

A portada era formada por seis colunelos, com os seus capiteis e bases, sustentando uma arquivolta historiada; havia aqui um pouco espaçoso recinto, espécie de galilé, de abóbada de pedra, encostada a outra empena que subia a toda a altura da igreja em que estava a cruz da fronteira e desta empena descia até ao telhado para a empena recta, cobrindo a abóbada da galilé, que servia de coro, servido por uma escada intermural e recebendo a luz do corpo da igreja por uma fresta esguia, a altura do pequeno coro da frente da empena, servido pela mesma escada.

Esta abóbada, sob que estava colocada a pia baptismal, era sustentada por colunelos cujos capiteis representavam abutres, águias e feras devorando crianças; pregavam aos cristãos e infieis o dogma e a necessidade do baptismo ».

« A porta lateral do norte era também formada por colunelos com os respectivos capiteis, encontrando-se uma

cruz e outros feitos no tímpano. O corpo da igreja era coberto de madeira e tinha três ou quatro linhas de ferro».

Conta o cronista o que reteve na memória do que viu daquele velhíssimo templo.

Doutras informações colhemos que ao lado esquerdo da fachada se erguia a torre para os sinos e que esta igreja tinha três altares: o mor e dois laterais.

Na capela-mor existiam as sepulturas do Comendador *João Fernandes Pacheco*, com o escudo dos Pachecos que foi recolhido no Museu Municipal, e outra com letreiro que dizia assim: AQVI JAZ MANOEL PINTO DA FONSECA REITOR DESTA IGREJA.

Do velho cenóbio e templo de Banho apenas restam desoladoras ruínas. Aquelas pedras sagradas ficaram à mercê de quem delas se quis aproveitar, depois da extinção das Ordens religiosas.

A actual igreja de Vila Cova foi quase toda reconstruída em 1887 com pedra vinda de Banho. A Junta Paroquial daquela freguesia, reconhecendo que tinha praticado um abuso em trazer sem autorização a pedra das ruínas de Banho e temendo represálias dos seus adversários políticos, pediu para que aquelas ruínas fossem à praça, sendo então arrematadas por António José Fernandes Ribeiro, que pôs assim a coberto de responsabilidades a Junta dali e vendeu muita pedra a diversos indivíduos.

Mais tarde aquele arrematante trocou as ruínas com o possuidor da Cerca de Banho por umas leiras, mas nem assim a demolição parou, pois ainda há poucos anos veio muita pedra para a reconstrução da Igreja Matriz de Barcelos.

Das fotografias e gravuras publicadas em jornais e revistas no princípio deste século, comparando-as com o que actualmente resta, se vê quanto elas estão reduzidas.

Da ábside apenas existem restos de paredes grossíssimas, a fresta central com duas ordens de colunelos e respectivas arquivoltas na parte interior e exterior, os restos de dois gigantes, que fortaleciam a abóbada, e as duas frestas laterais também com colunelos, incompletas.

De banho foram recolhidos no Museu Municipal de Barcelos um fragmento românico de pedra, representando o cordeiro pascal, restos architectónicos do século XII e XIII, tímpano românico e o escudo dos Pachecos, antigo, século XVI.

Ao lado esquerdo deste templo, separada deste pelo adro, erguia-se a *Capelinha de Nossa Senhora da Luz*, hoje completamente desaparecida.

No monte de Banho, pequena elevação a sudoeste das ruínas, existe um *Cruzeiro* em pedra que é interessante.

Na base desse cruzeiro tem gravada uma caveira com duas tíbias em aspa.

Simple e modesta, a cruz que o encima é de hastes rectangulares.

Terminava aqui o *Calvário* que vinha da Igreja Paroquial, do qual apenas existem sete hastes verticais de cruz mutiladas, tendo desaparecido por completo as outras cruzes.

A freguesia de Banho, situada ao poente da de Vila Cova, confrontava pelo norte e nascente com a de Vila Cova, pelo poente com a de Palmeira de Faro, Esposende, pelo sul com a de Gemezes, também de Esposende, e a de Perelhal.

A sua população no século XVII era de 32 vizinhos; no século XVIII era de 14 moradores e no século XIX era de 197 habitantes.

Esta freguesia foi anexada civilmente em 1840 à de Vila Cova, ficando desde então unidas, com a denominação de Vila Cova e Banho.

Em Banho viveram homens ilustres, destacando-se dentre eles os seguintes:

D. Godinho, arcebispo de Braga, religioso de muita virtude, que foi beatificado pela Igreja.

D. Godinho era filho de João de Faria, Rico Homem do tempo do Conde D. Henrique, e de sua mulher Ana Godinho Paes de Vilar, Filha de D. Godinho Paes de Vilar, um dos padroeiros do mosteiro de Vilar de Frades.

Foi D. Godinho Cónego Regrante de Santo Agostinho no mosteiro de Banho, Prior deste mosteiro e dali levantado Arcebispo de Braga no ano de 1175, falecendo em 10 de Junho de 1188.

D. Jorge da Costa, o Cardeal de Alpedrinha, que temendo a *Justiça* de D. João II se retirou para Roma, onde morreu em 1508 com 102 anos de idade, foi conventual em Banho.

Dentre os reitores da freguesia de Banho temos conhecimento apenas dos seguintes:

Pedro Vieira — 1654; Braz Felgueiras; Lucas da Fonseca — 1754; João José Luís Portela — 1765; António Lopes da Cunha — 1784 e Bento Marques Pereira — 1838, último Reitor.

Vila Frescainha (S. Martinho)

VILA FRESCAINHA, orago S. Martinho, era uma vigararia da apresentação do Prior da Colegiada de Barcelos.

Esta igreja foi primitivamente do padroado real, passando no século XIV para o da Casa de Bragança.

O Duque de Bragança D. Fernando, 9.º Conde de Barcelos, erigiu uma colegiada na igreja matriz desta vila, doando-lhe o padroado desta freguesia na Vila Frescainha, juntamente com o de outras freguesias, passando desde então o seu pároco a ser da apresentação do Prior daquela colegiada e assim ficou até 1834.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação — «De Sancto Martino de Villa Fiscaia» de Terras de Nevía e nelas se diz: «quod habet ibi dominus Rex campos regalengos, et dant inde in locis terciam, et in locis quartam. Et istud tenet domna Stephanla».

Diz-se mais: «quod dant de ista callationis pro fossadeira et voce et calumpnia, exceptis inde quatuor, XIV morabitos. Et de ecclesia solebat dare Regi 1 lenzo, et spatulam, et dicunt quod Rex domnus Sancius fecit ei cartum quod non daret. Quod Rex est inde patronus. Quod ista ecclesia habet senarias. Balneum 1 grangiam, 9 casalia Carvoeiro 3 casalia Varzea 2 casalia, Palmi 1 casale Hospitale 1 modium de renda de una heremita».

Nas Inquirições de 1258 se diz: *In Judicato de Nevia*, item, *in parrochia Sancti Martini et Sancti Simeonis de Villa Frescaina*, que el Rey est padrom destas ecclesias.

Item, desta parrochia davam al Rey 14 maravadis; e quitou á ecclesia 2 maravadis cum na ermida de San Simeon, et dant parrochianos al Rey cada ano 12 maravedis et 2 carneiros.

Que *ha* el Rey in ista parrochia 3 casais, scilicet; in Barial et in Sancto Silvestre, et in Casal do Niqui.

Et am de poboar estes casaes et chamarem o Mayor-domo pora o pam et o vino coler, et dan li da vida assi como a ouverem, et levan li o pam e o vino a seu celeiro del Rey, scilicet, a Giizo ou a Barcelos ou a Curvus; et quando o teiver prestameiro non li levarem estes omees o vino: et am de poel-o pee das uvas 4.^{or} vezes; e am de pectar 4.^{or} caomias conoszudas; et o Ricomem non lis filar condoyto, nem pousar y o Mayordomo da voz et da caomia».

A *Igreja Paroquial* desta freguesia era antigamente no sitio onde está o Cruzeiro, chamando-se ainda àquele lugar a *Igreja velha*.

Foi aquele templo demolido e construído o actual há talvez, segundo me informaram, um século.

Situado em sitio alto e desafogado, donde se disfruta um lindo panorama, é um edificio pequeno e acanhado.

Cercado de um adro, vedado por paredes com duas entradas, eleva-se a sua modesta fachada, virada ao poente, amparada do lado esquerdo por um pequeno torreão para dois sinos.

Atrás, junto à capela-mor, foi construída a sacristia e sala de arrecadação.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo ao centro um emblema do Sacramento. É iluminada por duas rasgadas janelas viradas ao sul.

O seu altar é em talha simples pintada e doirada.

O corpo da Igreja é também forrado a madeira, tendo ao centro pintadas as insígnias de bispo, referente ao seu padroeiro São Martinho.

Tem quatro altares laterais, todos em talha simples e moderna, dois pintados e doirados e os outros dois em madeira escurecida.

Tem coro, púlpito e baptistério com pia em granito, antiga.

Há nesta freguesia as seguintes capelas:

Capela de Nossa Senhora da Oliveira, junto à casa do mesmo nome, em Casal de Nil, é pequenina. Pertence ao Snr. José Pereira da Quinta.

Por cima da sua porta de entrada ostenta um escudo onde foram esculpidas umas armas, hoje tapadas com argamassa.

Capela de Santa Ana, junto à Casa do Benfeito, da qual já tratamos na freguesia de Barcelos, pois estando dentro do âmbito da cidade é porém pertencente a esta freguesia de Vila Frescainha. Pertence à família Matos Graça, de Barcelos.

Capela de Santo André, hoje desaparecida, pertencia a esta freguesia, mas, como estava dentro da cidade de Barcelos, a ela já nos referimos quando tratamos daquela freguesia.

Capela da Senhora da Penha, junto à casa da Peneda, encontra-se hoje fora do culto. Pertence ao Snr. Dulcínio Duarte.

Capela de S. João, junto à casa do Barral, não se exerce ali também culto. Pertence ao Snr. Gastão Paula.

O *Cruzeiro Paroquial* está em um pequeno largo ao poente da igreja matriz.

Sobre uma coluna com capitel coríntio ergue-se uma cruz rectangular, não tendo na sua base nem data nem inscrição.

O *Cemitério Paroquial* foi construído junto ao adro, por trás da capela-mor da igreja paroquial. Sobre o seu portão tem a data 1891.

A *Residência Paroquial* fica ao sul da igreja, junto à estrada. É edifício novo e bem arranjado, ainda que modesto.

Tem esta freguesia duas *Alminhas*: as do Carregal e as de Casal de Nil.

Esta freguesia, situada em planície, é banhada pelo rio de Vila que nasce em Santa Maria de Abade, sendo ali conhecido por ribeiro da Laje, e vai desaguar no rio Cávado, e é servida pela estrada n.º 4 de 1.ª classe de Esposende a Barcelos, pelas camarárias desta à igreja e pela que também vai daquela até certa altura de Santa Maria de Abade.

O rio de Vila é atravessado por duas pontes: a dos Caldeirões e a de Casal de Nil.

As fontes públicas nesta freguesia são: a dos Caldeirões, a da Igreja, a de Agrela, a do Olhal, a do Poço do Cunha e a de Azaído.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Abade do Neiva, pelo nascente com a de Barcelos, S. João de Vila Boa e a de Arcozelo, pelo sul com o rio Cávado e S. Pedro de Vila Frescainha, e pelo poente com a de Creixomil.

A sua população no século xvi era de 102 moradores; no século xvii era de 42 vizinhos; no século xviii era de 51 fogos; no século xix era de 384 habitantes e actualmente é de 753 habitantes, sendo 375 varões e 378 mulheres, sabendo ler 129 homens e 89 mulheres, havendo pois 537 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Areal, Vila Meã, Bouça da Ponte, Barral, Agra, Agrela, Benfeito, Devezinha, Varziela, Ca-

pucha, Ordem, Outeiral, Aldão, Carregal, Queimado, Peneda, Gestido, Casal de Nil e Godos.

Tem esta freguesia muitas casas importantes, quer pela sua antiguidade, quer pelo valor das quintas que as rodeiam.

Mencionemos algumas: a do Benfeito (brasonada), já dentro dos limites da cidade, a da Ordem, a do Carregal, a da Peneda (brasonada), a do Queimado, a do Barral (brasonada), a do Rio de Vila, a do Olhal, a de Casal de Nil, hoje do Quintas (brasonada), a de Vila Meão, etc.

Existem 4 lojas de comércio e 3 azenhas.

Tem Caixa do Correio e Escola Oficial para os dois sexos, de 2 lugares, que funciona em casa arrendada, apesar de haver um lindo edificio escolar, acabado de construir, mas que ainda está devoluto por dificuldades burocráticas.

O Morgado de Nossa Senhora da Oliveira de Casal de Nil, constituído por várias propriedades, entre as quais duas quintas nesta freguesia, separadas por um ribeiro, foi instituído por Manuel da Costa Carvalho, Morgado de São Francisco, em Barcelos.

Como este Morgado não tivesse geração legítima, succedeu-lhe nestes dois vínculos (S. Francisco e Senhora de Oliveira) seu filho bastardo André da Costa Carvalho.

A este succedeu seu filho Manuel da Costa Carvalho, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Officio e que foi o 12.º Morgado de S. Francisco e 2.º de Nossa Senhora da Oliveira.

À morte de Aires da Costa Mendanha, senhor que foi destes dois vínculos, passou o Morgado de S. Francisco para seu sobrinho António Mendanha Arriscado, que foi seu último administrador por em sua vida se extinguirem os vínculos em Portugal, e o Morgado de Nossa Se-

nhora da Oliveira, após uma renhida questão, que terminou por transacção, passou para D. Adelaide da Costa Mendanha, filha bastarda daquele Aires da Costa Mendanha e irmã de D. Maria da Costa Mendanha casada com Cândido de Moraes Campelo.

Estes dois vínculos esfacelaram-se, achando-se as terras que os constituíam na posse de estranhos.

Dos homens mais importantes destacaremos os seguintes :

Dr. António de Matos e Silva e António de Matos Faria Barbosa, já referidos na freguesia de Barcelos.

José Ribeiro Lima da Costa Azevedo, 1.º visconde da Barrosa, nasceu nesta freguesia aos 8 de Julho de 1851 e faleceu na de Vila Franca, Viana do Castelo, em 30 de Novembro de 1925.

Casou com D. Antónia Ribeiro Lima de quem houve próle.

Foi agraciado por Carta Régia de 10 de Setembro de 1892 com o título de Visconde da Barrosa e por Alvará de 17 de Julho de 1901 foi-lhe concedido brasão (brasão novo).

P.º António Luís da Costa Azevedo, filho de António Luís da Costa Azevedo e de D. Joana Rodrigues Ribeiro Lima, senhores da casa de Vila Meão, nesta freguesia, e irmão do antecedente, nasceu aos 11 de Maio de 1840.

Foi abade da freguesia de Belinho, concelho de Esposende, durante muitos anos e depois da do Cerdal, concelho de Valença, onde faleceu.

A este abade de Belinho faço referência em «Esposende e o seu Concelho» quando me ocupo daquela freguesia.

António Maria Gomes Machado Fogaça, mais conhecido por *António Fogaça*, nasceu nesta freguesia aos 11

de Maio de 1863, e faleceu em Coimbra em Dezembro de 1888 quando cursava o 3.º ano jurídico.

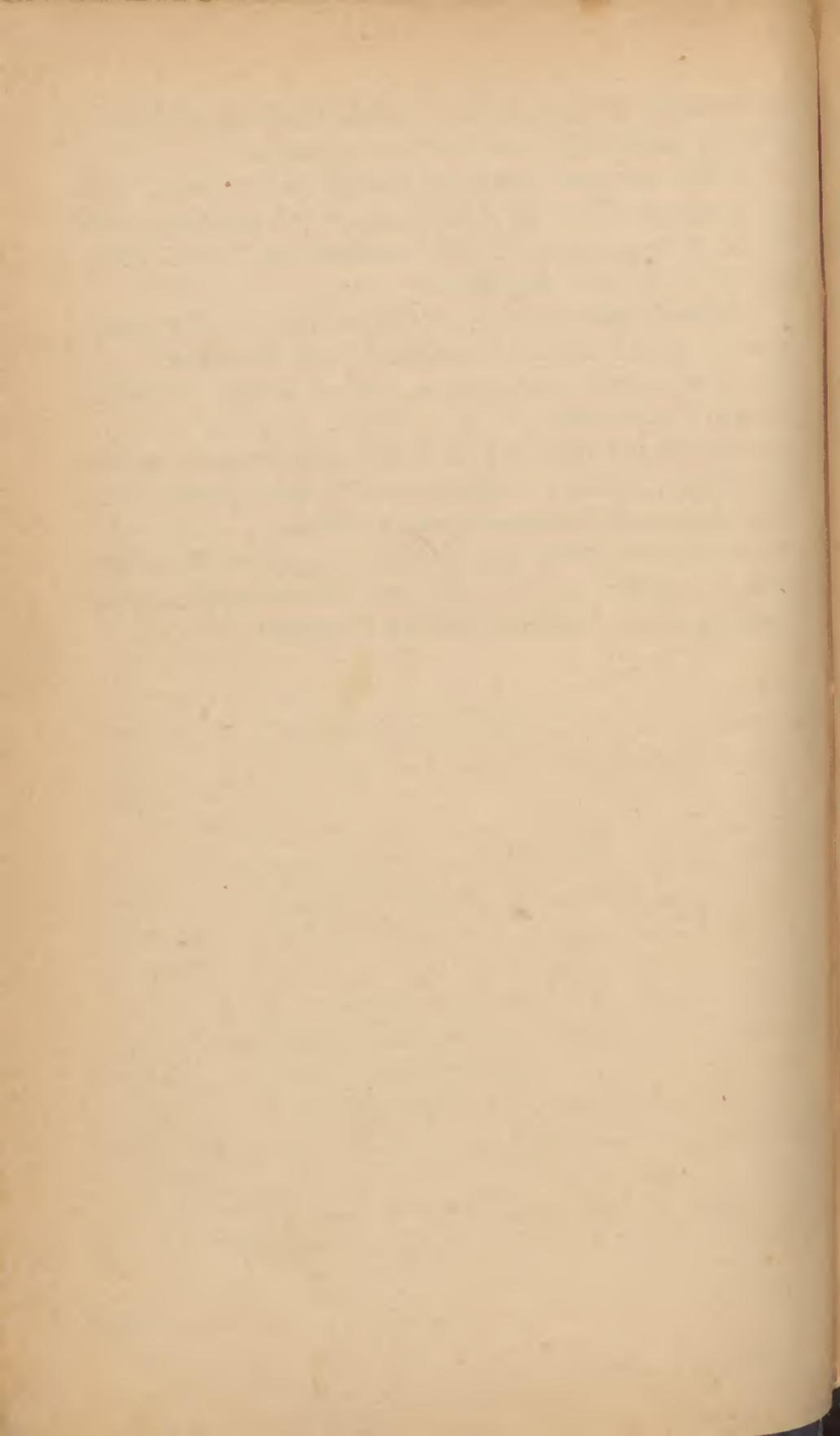
Inspirado poeta, escreveu *Versos da Mocidade*, 1887.

Joaquim Lopes de Araújo, escritor e jornalista, nasceu nesta freguesia em 25 de Novembro de 1906 e faleceu em 27 de Outubro de 1929.

Nesta freguesia de S. Martinho de Vila Frescainha existem umas minas de volfrâmio que já estiveram há poucos anos em exploração e, dizem, dentro em breve voltarão à actividade.

A meio do rio Cávado, entre esta freguesia e a de Barcelinhos, existe o «Penedo de Enxofre», numa ilhota onde brota uma fonte de águas sulfúreas.

No Museu Municipal está uma Cruz de Malta gravada em pedra, século XVI, que foi encontrada nesta freguesia de S. Martinho de Vila Frescainha.



Vila Frescainha (S. Pedro)

VILA FRESCAINHA, orago S. Pedro, era uma vigararia da apresentação do reitor de Banho.

Esta freguesia não vem nas Inquirições de 1220, nem tão pouco nas de 1258.

Nas Inquirições de 1220 referentemente à freguesia de S. Martinho de Vila Frescainha se diz: — *Bens das Ordens*, 1 modium de renda de uma hermita.

Seria esta a ermida de S. Pedro, a que alguns documentos antigos se referem, ou seria a capela de Santo André, na Fonte de Baixo, junto à quinta da Ordem?

É problema para resolver que eu, à falta de documentos, não o posso fazer.

O que parece certo é que esta freguesia não existia à data daquelas Inquirições.

Havia porém uma outra freguesia, a de S. Simão de Vila Frescainha, cuja matriz era na quinta de S. Simão, nesta freguesia de S. Pedro, transformada depois da sua extinção em capela.

Mostraram-me na igreja de S. Pedro de Vila Frescainha a imagem de S. Simão, que está no altar lateral do lado do evangelho, correndo na tradição que aquela imagem veio da capela de S. Simão, antiga matriz, quando foi demolida.

À freguesia de S. Simão de Vila Frescainha se referem as Inquirições de 1258, quando tratam da freguesia de S. Martinho de Vila Frescainha.

Assim naquelas Inquirições se diz: Item, *in parochia Sancti Martini et Sancti Simeonis de Villa Frescaina*, Item, desta parochia davam al Rey 14 maravedis; e quitou á ecclesia 2 maravedis cum na ermida de San Simeon.»

A freguesia de S. Pedro de Vila Frescainha é, pois, de criação relativamente moderna; não aparece ainda no Censo da População de 1527.

Freguesia pouco importante em população, adquiriu a sua independência eclesiástica, que usufruiu até há bem pouco tempo, estando hoje anexa à de S. Martinho de Vila Frescainha.

Dos seus poucos lugares tinha um que era meeiro, o de Paço Velho, pertencendo um ano a S. Martinho e outro a S. Pedro.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia está situada no centro de um pequeno adro vedado por parede com uma entrada.

É edifício baixo, pequeno, de architectura muito singela.

Ao lado esquerdo da sua modesta fachada ergue-se um pequeno torreão para dois sinos e a seguir a casa de arrecadação e a sacristia.

Dentro, a capela-mor é forrada a madeira escurecida em caixotões.

Iluminada por três rasgadas janelas, o seu altar é pequeno e em talha singela.

O corpo da igreja também é forrado a madeira pintada; tem dois altares laterais em talha antiga, pintada e doirada, e três inestéticos oratórios que estão a pedir vassoirada.

Tem coro, púlpito e pia baptismal em granito antiga.

Esta freguesia tem apenas uma *capela*, a de *S. João Baptista*, junto à casa de Paço Velho, onde se não exerce culto.

É particular e pertence ao Snr. Dr. Manuel Baptista de Lima Torres.

A *Residência Paroquial*, de aparência regular, está ao sul da igreja com comunicação para o adro.

O *Cemitério Paroquial* foi construído ao fundo do adro, por trás da capela-mor da igreja e sobre o seu portão lê-se a data = 1888.

O *Cruzeiro Paroquial* está em um largo, que se estende ao sul da igreja, junto a uma bouça.

Assenta em um patamar de três degraus, muito arruinado, é de haste e capitel redondo.

Simple e modesto, na sua base tem gravada a data = 1672.

Nesta freguesia há apenas umas *Alminhas*, conhecidas pelo nome de *Senhor dos Desamparados*, no lugar de Paço Velho, junto à estrada.

Em frente deste nicho cresce um alpendre sustentado em duas colunas, abrigando bancos de pedra.

Esta freguesia, situada em planície, é servida apenas pela estrada n.º 4 de 1.ª classe de Esposende a Barcelos.

As suas fontes públicas são: a do Raído, a da Igreja, a do Cano, a do Ribeiro e a do Poço do Cunha.

Confronta pelo nascente e norte com a freguesia de S. Martinho de Vila Frescainha, pelo poente com a de Mariz e pelo sul com o rio Cávado.

A sua população no século xvii era de 30 vizinhos; no século xviii era de 58 fogos; no século xix era de 375 habitantes e actualmente é de 440 habitantes, sendo 218 do sexo masculino e 222 do sexo feminino, sabendo ler 53 homens e 27 mulheres, havendo pois 360 anal-fabetos.

Esta população acha-se distribuída pelos seguintes lugares habitados: S. Simão, Paço Velho, Monte, Igreja e Gestido.

As suas casas mais importantes são: a de Paço Velho, a de Cossourado, a do Cutulo, a do Migas, a do Costa, a de S. Simão e a do Cardoso.

Tem um posto de Ensino que funciona em casa arrendada, 2 lojas de comércio e Caixa do Correio.

No rio Cávado, entre esta freguesia e a de Barcelinhos, existe o açude de Mareces, junto ao qual, nesta freguesia de S. Pedro, funcionam algumas azenhas.

Estas azenhas pertenceram antigamente à casa Solar dos Pinheiros de Barcelos e chamam-se de Mareces, porque as marés vivas chegavam até aí antes da construção dos açudes que ficam a juzante deste.

António José Barbosa de Almeida, filho de João Barbosa de Almeida, senhor das Casas do Benfeito e de Paço Velho, foi Cavaleiro de Cristo e senhor da Casa de Paço Velho por herança de seus pais, cabendo a Casa do Benfeito a sua irmã D. Rosa Maria Clara de Azevedo, casada com o Dr. António de Matos e Silva, Desembargador do Conselho do Ultramar e da Casa da Supplicação, do Conselho de El-Rei, Cavaleiro da Ordem de Cristo, etc.

António José Barbosa de Almeida, faleceu em 10 de Fevereiro de 1794.

Fernão Sá Viana, filho de Eugénio Russel de Sá Viana, Escrivão de Fazenda em Barcelos, e de D. Emília Júlia Barbosa de Faria, da casa de Paço Velho, nasceu nesta freguesia aos 31 de Julho de 1861, versejou e, indo para o Brasil, foi aí assassinado em 1891.

Florindo Gomes de Sousa, nasceu nesta freguesia aos 9 de Maio de 1851 e foi vereador da Câmara Municipal de Barcelos de 1902 a 1904.

Vilar do Monte

VILAR DO MONTE, orago S. Salvador, era uma vigararia dos Tercentenários da Sé de Braga.

Esta freguesia não vem nas inquirições de 1220 nem nas de 1258.

Aparece-nos porém no Censo da População de 1527 a freguesia de «Villar do Monte», Julgado de Neiva, com 17 moradores, que deve ser esta.

A criação pois da freguesia de Vilar do Monte deve ser posterior àquelas duas datas das Inquirições e anterior à de 1527.

A sua *Igreja Paroquial* está no centro de um pequeno adro, vedado por parede com uma só abertura e fechada esta por cancelas de ferro.

Templo pequeno, ao centro da sua fachada, terminada em ângulo, abre-se uma janela rectangular.

Ao lado esquerdo da fachada, a facear com esta, ergue-se um pequeno torreão para um sino.

A sacristia fica do outro lado, junto à capela-mor.

Dentro, esta capela é forrada a madeira, pintada, tendo ao centro um quadro que representa dois anjos incensando uma custódia — o Sacramento.

O altar é em talha muito simples, pintada e doirada.

Encerra a tribuna um quadro representando O Bom Pastor.

O corpo da igreja também é forrado a madeira pintada. Tem dois altares laterais em talha simples, um pequeno oratório, coro, púlpito e baptistério com pia de granito antiga.

Nesta freguesia existe apenas uma capela que é: *A Capela de Nossa Senhora da Boa Morte*, moderna, no lugar da Aldeia, é pública.

Existiu nesta freguesia uma antiga Capela da Senhora da Boa Morte nos montados sobre Santa Maria de Abade do Neiva.

Esta capela, caindo, porém, em ruínas, foi demolida e com os materiais construída em meados do século XIX aquela no lugar da Aldeia.

O Cruzeiro Paroquial fica ao sul da igreja em um pequeno largo em frente ao portão do Cemitério.

É pequeno e modesto. De haste redonda eleva-se uma cruz desproporcional sobre um globo de pedra.

O Cemitério Paroquial tem sobre o seu portão a data 1890.

A Residência Paroquial fica ao norte da Igreja, com uma entrada pelo adro.

Há nesta freguesia as *Alminhas* de Vilar do Monte, como são conhecidas, ao lado da estrada de 2.^a classe n.º 4 de Barcelos a Viana do Castelo. Tem pintada sobre o arco do nicho a data 1833.

Esta freguesia, situada em terreno acidentado, é fertilizada pelo ribeiro da Anta ou da Ventosa, o qual nasce nesta freguesia e vai desaguar ao Cávado, e é servida apenas pela estrada de 2.^a classe n.º 4 de Barcelos a Viana do Castelo, que a atravessa no extremo nascente.

As suas fontes públicas são: a do Paço, a da Aldeia, a da Bouça, a da Cheira e a da Feiteira.

Confronta esta freguesia pelo norte com a dos Feitos, pelo poente com a de Vila Cova, pelo sul com a de

Creixomil e pelo nascente com a de Santa Maria de Abade do Neiva e a de Santa Leocádia do Tamel.

A sua população no século xvi era de 17 moradores; no século xvii era de 47 vizinhos; no século xviii era de 56 fogos; no século xix era de 285 habitantes e actualmente é de 281 habitantes, sendo 132 do sexo masculino e 149 do sexo feminino, sabendo ler 44 homens e 10 mulheres, havendo pois 227 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Paço, Gandarela, Casa Nova, Bouça, Souto, Aldeia, Gandra ou Lagos, Outeiro, Segunda Aldeia, Feiteira, Cheira, Cotarejo e Manelo.

As suas casas mais importantes são: a do Botas, a do Silva, a do Pimenta, a do Mano, a do Linhares, a da Casa Nova, a do Carvalho e a do Palmeira.

Tem esta freguesia um Posto de Ensino, que funciona em edificio arrendado, Caixa do Correio e um estabelecimento de mercearia.

António Francisco de Campos, natural desta freguesia, falecido em 19 de Abril de 1805, foi um dos benfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, vendo-se o seu retrato na galeria daqueles seus benfeitores.

Manuel José da Silva Gomes, natural desta freguesia, foi para o Brasil onde morreu octogenário em 1927 na cidade de Belém, Estado de S. Paulo.

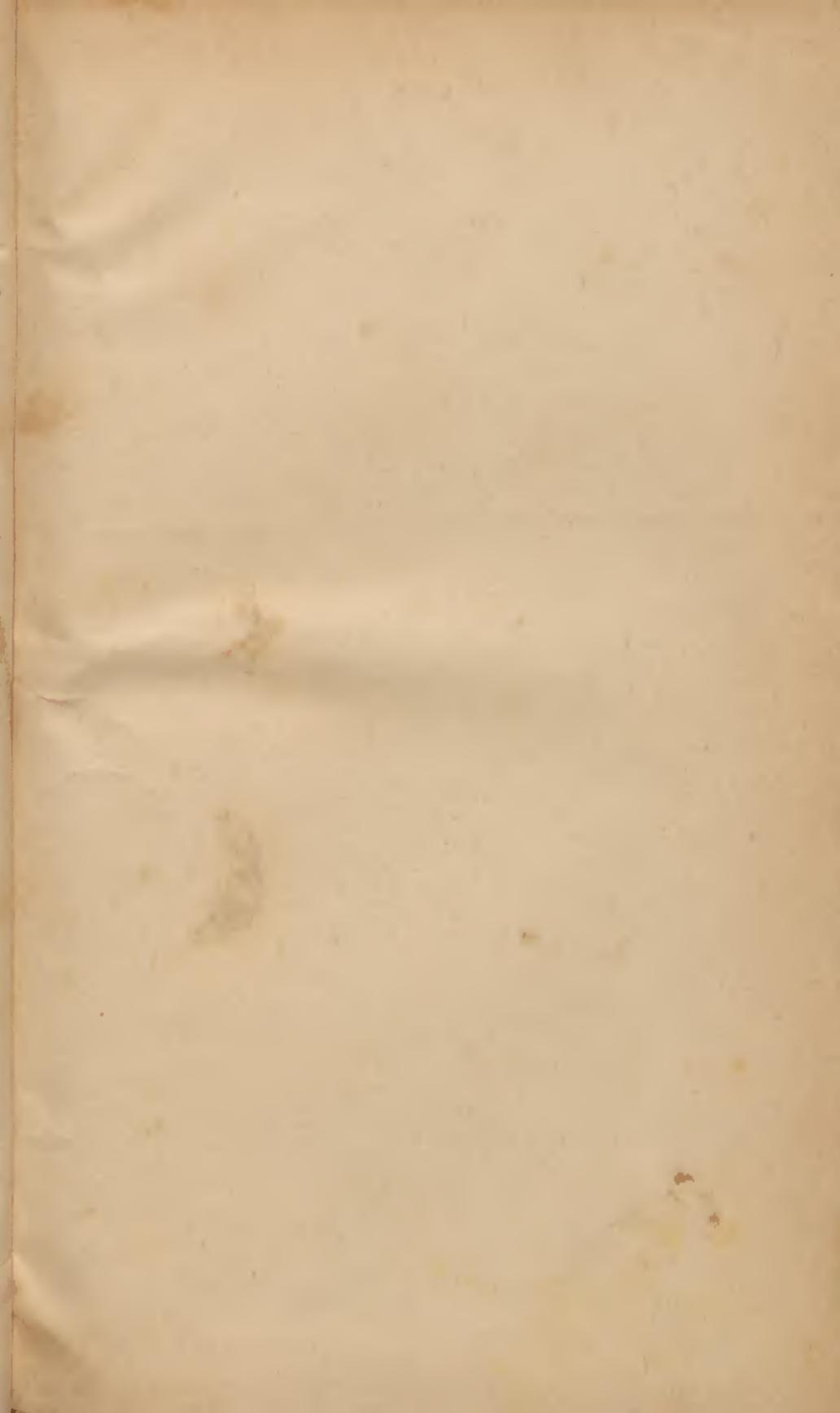
Escreveu, dizem, umas Memórias sobre a freguesia de Vilar do Monte, que não foram ainda publicadas.

É em Vilar do Monte que terminamos a 1.^a Parte deste nosso modesto trabalho — o estudo do actual concelho de Barcelos Aquém-Cávado.

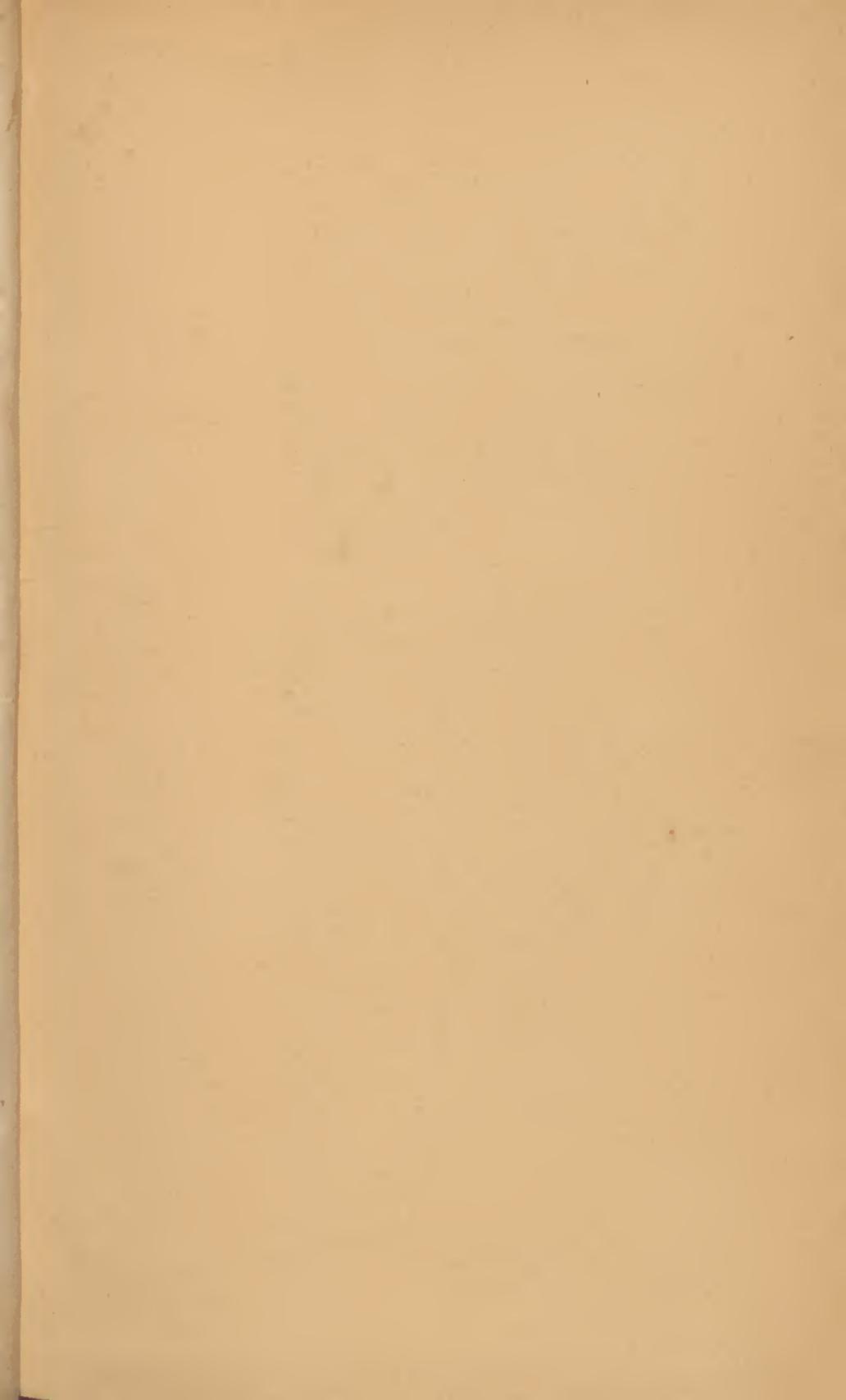
ÍNDICE

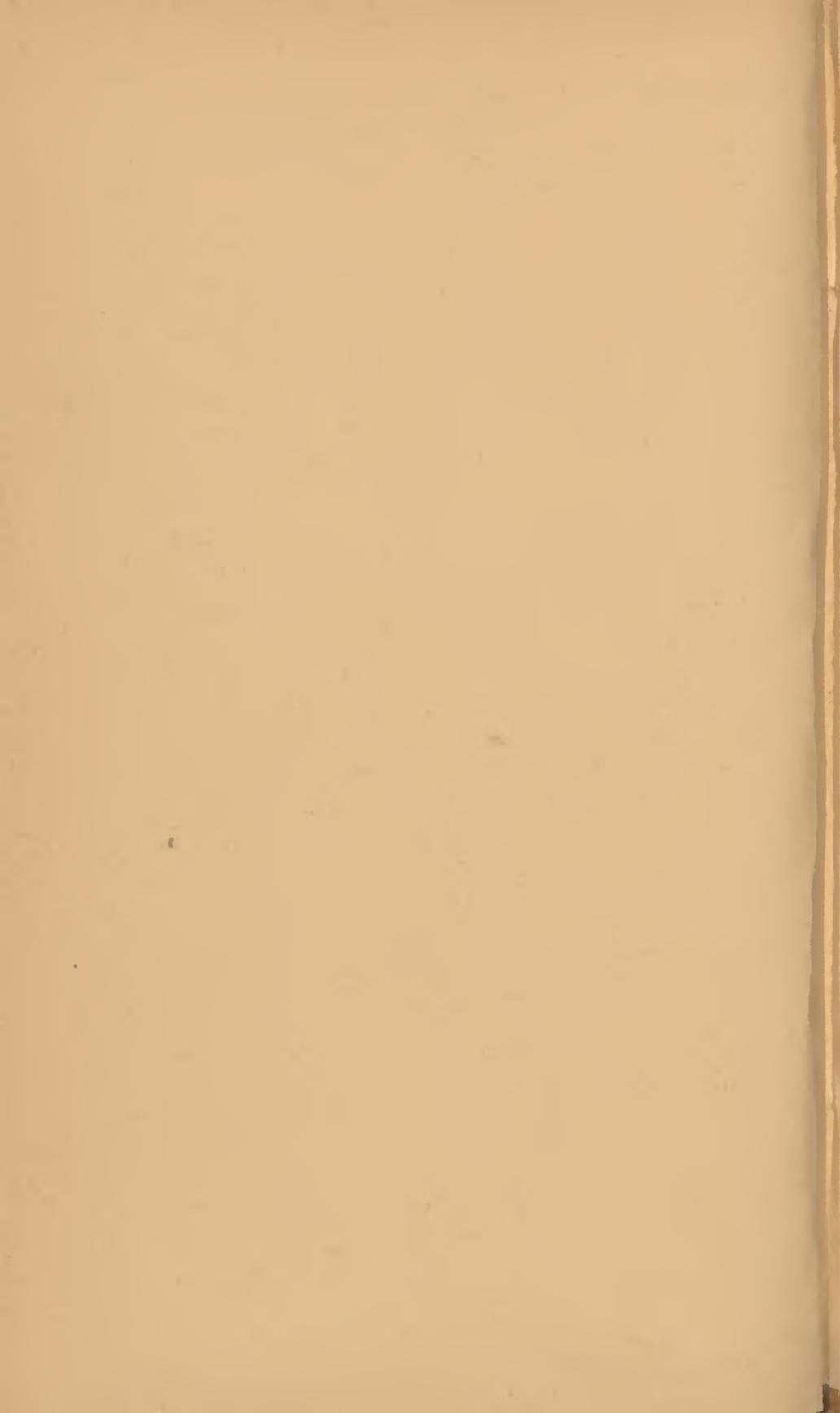
	Págs.
Prefácio	7
Prólogo	9
O Concelho de Barcelos	39
Abade do Neiva	45
Aborim	57
Aguiar.	67
Aldreu.	77
Alheira	85
Alvito (S. Martinho)	95
Alvito (S. Pedro)	99
Ginzo (anexa).	104
Arcozelo	111
Areias (S. Vicente)	121
Balugães	129
Barcelos	141
Campo	185
Carapeços.	193
Cossourado	201
Couto.	211
Creixomil	215
Durrães	223
Feitos.	229
Fragoso	237
Galegos (Santa Maria)	251
Galegos (S. Martinho).	259
Igreja Nova	265
Lama	271

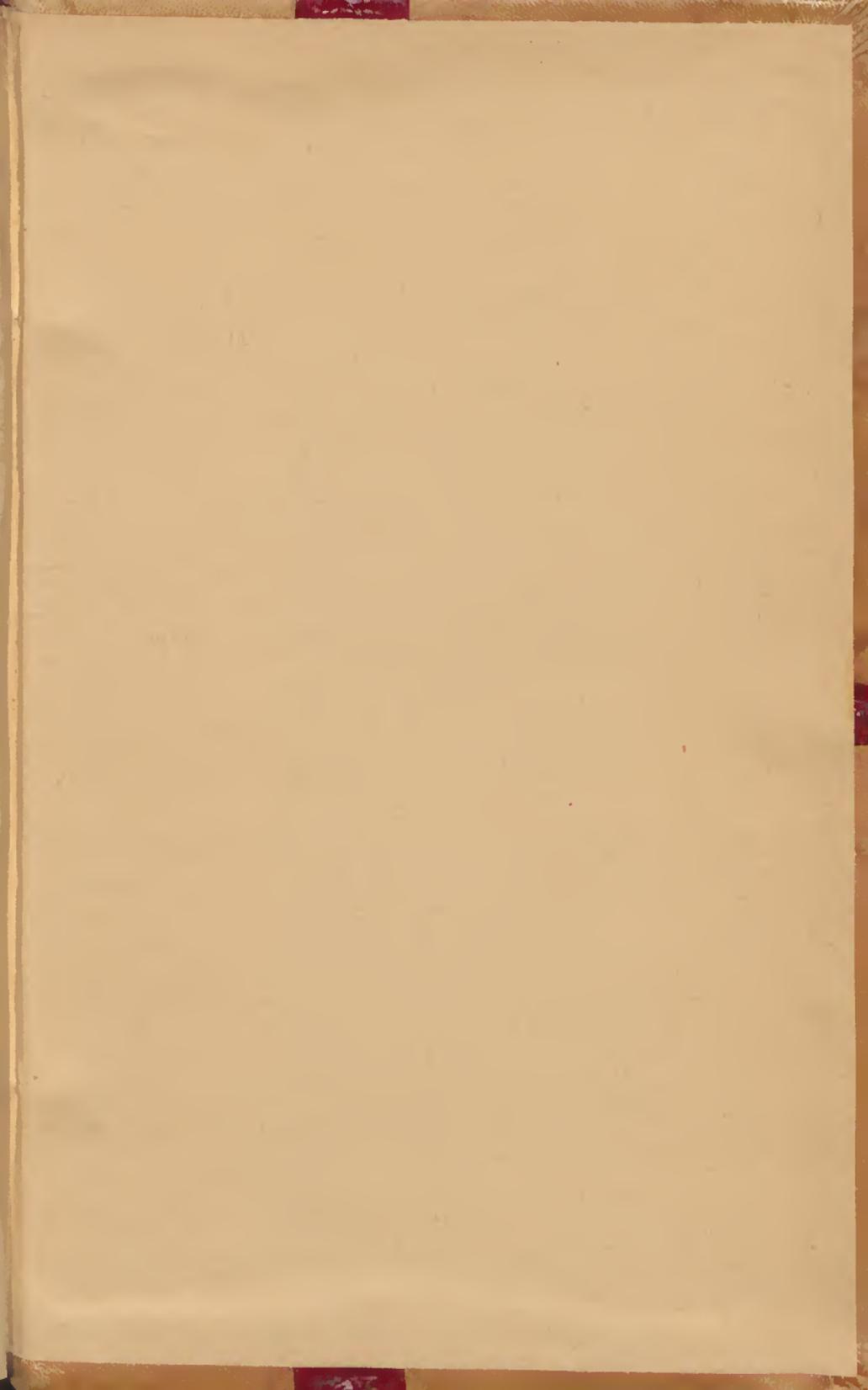
	Págs.
Lijó	281
Manhente	289
Mariz	299
Oliveira	305
Palme	311
Panque	321
Mondim (anexa)	326
Perelhal	331
Quintiães	339
Roriz	349
Quiraz (anexa).	355
Silva	363
Tamel (Santa Leocádia)	369
Tamel (S. Fins)	375
Tamel (S. Veríssimo)	381
Tregosa	387
Ucha	393
Vila Boa	399
Vila Cova.	407
Banho (anexa).	414
Vila Frescainha (S. Martinho)	419
Vila Frescainha (S. Pedro).	427
Vilar do Monte	431



NO DIA 15 DE ABRIL DE 1948,
NAS OFICINAS DA COMPANHIA
EDITORA DO MINHO—BARCELOS,
SE ACABOU DE IMPRIMIR A
PRESENTE OBRA, CUJA TIRAGEM É
DE 200 EXEMPLARES.









biblioteca
municipal
barcelonés



6352

Consell de Barcelona
de l'Almoina